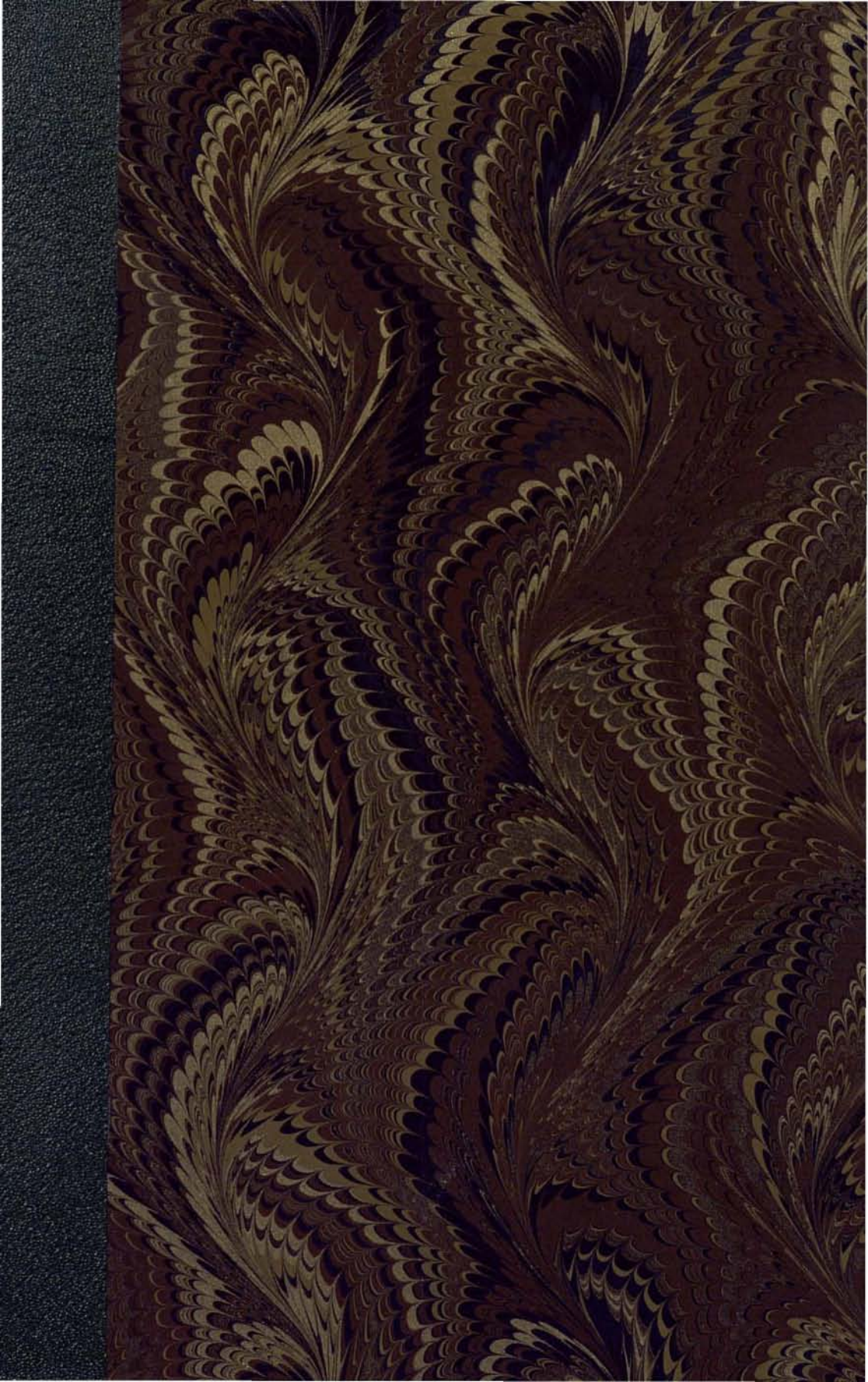


PINSONIA

PINSONIA

OU

A ELEVAÇÃO DO TERRITORIO SEPTENTRIONAL DA PROVINCIA

DO

GRÃO-PARÁ

Á

CATHEGORIA

DE

PROVINCIA

COM ESSA DENOMINAÇÃO.

PROJECTO, DEFEZA, E ESCLARECIMENTOS

CO-ORDENADOS

POR

Candido Mendes de Almeida

Com uma vista da cidade de Macapá.

RIO DE JANEIRO.
Nova Typographia de João Paulo Hildebrandt
93 Rua da Alfandega 93.

1873

A 918.113 M538 P 1873

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL
Este volume acha-se registrado
sob número 7.505
do ano de 1946

VISTA DA FORTALEZA E DA CIDADE DE MACAPÁ

Duas palavras sobre a questão.

Offereço aos dignos membros da Commissão de Estatistica da Camara dos Srs. Deputados, os esclarecimentos que pude colligir e co-ordenar em favor do projecto n. 48—de 1853, que, com outros membros, apresentei na mesma camara em o 1° de Julho d'aquelle anno. Então, como se verá do mesmo projecto, o nome lembrado para a nova provincia era o de *Oyapockia*, mas por motivos que expendi no *Atlas do Imperio do Brazil*, no artigo *Provincia de Pinsonia*, entendi que este nome devia ser preferido ao de *Oyapockia*, e pretendia na segunda discussão do projecto apresentar neste sentido emenda, por quanto julgo ainda bem fundadas as razões que produzi. Esse artigo do *Atlas*, por maior commodidade, se acha reproduzido nesta compilação.

O projecto da creação da nova provincia achou logo echo nos habitantes da cidade de Macapá e da villa de Mazagão, que não vendo solução alguma tomada pelo Corpo Legislativo, representaram em pró da medida; e taes documentos sendo presentes á Commissão de Estatistica, deram lugar ao Parecer de 13 de Agosto de 1859, que, mais adiante, vai estampado.

A illustrada Commissão foi de voto que se ouvisse o Governo Imperial tanto sobre o projecto, como sobre as representações, e neste sentido foi o parecer approvado pela augusta Camara, officiando-se ao Governo em 18 de Agosto do mesmo anno. Infelizmente não chegaram ao seu destino nem o projecto e nem as representações, ignorando-se até hoje a causa deste acontecimento!

Em 7 de Junho de 1869, á despeito da falta de esclarecimentos solicitados em 1859, foi o projecto approvado em primeira discussão pela augusta Camara, remettendo-se á Commissão de Estatistica para interpor parecer sobre a conveniencia e opportunidade da medida.

Essa illustrada Commissão em 25 de Agosto de 1870, em vista de nova representação dos habitantes da comarca e termo de Macapá, procedeu como sua antecessora, requerendo que se exigisse do Governo os necessarios esclarecimentos, afim de, a sua vista, interpôr o seu parecer.

Aqui o transcrevo:

1870.—N. 136. PARECER.—A Commissão de Estatistica a quem foi presente uma representação assignada por 387 moradores da cidade de Macapá da provincia do Pará, pedindo á esta augusta Camara a approvação do projecto n. 48—de 1853 que foi approvado em primeira discussão em sessão de 7 de Junho do anno proximo passado, e o parecer dado sobre o mesmo em 13 de Agosto de 1859, pela Commissão de

Estatistica de então, achando da mais alta transcendencia a materia de que trata o projecto, e dignas da maior consideração as razões em que apoiam os peticionarios a sua pretenção, e tendo em attenção que apezar de terem sido pedidas ao Governo desde 18 de Agosto do mesmo anno os esclarecimentos indispensaveis quer acerca da população e recursos de toda a sorte que ora possue e promette para o futuro o dito territorio, quer sobre a conveniencia e opportunidade dessa nova creação, ainda estes não lhe foram ministrados, é de parecer que de novo se solicite esses esclarecimentos para sobre elles emittir a sua opinião.

„Sala das Commissões, em 25 de Agosto de 1870.—*José Bernardino da Cunha Bittencourt.—Custodio Cardoso Fontes.—Barão de Araçagy.*"

Approvado o parecer em 26 do mesmo mez, officiou-se ao Ministerio do Imperio em 2 de Setembro seguinte, e sua resposta em data de 12 do mesmo mez, foi lida em sessão de 13. O aviso respectivo assegura haver-se feito á Presidencia do Pará requisição dos esclarecimentos necessarios, exigindo-se brevidade.

Como até o presente não tenham vindo taes esclarecimentos, e o máo fado das primeiras reclamações parece haver acompanhado as ultimas, tomei a deliberação de offerecer á nova e mui illustrada Commissão de Estatistica os dados que, sobre o assumpto, pude colher, e que já havia feito em grande parte imprimir, esperando, quando viessem as informações officiaes e entrasse o projecto em segunda discussão, redigir uma *Memoria* mais detalhada, demonstrando além da utilidade da medida, sua opportunidade, e o interesse palpitante do Imperio em olhar com dupla attenção para territorio de tanto futuro.

Mas, aquella demora sem fim que não chamarei premeditada, os trabalhos que tenho entre mãos, e me absorvem tanto tempo, impedem-me de realisar aquelle empenho, que, aliás, em grande parte se acha satisfeito no artigo do *Atlas* á que já me referi.

Em minha opinião tem sido um grande erro dos nossos Estadistas, o abandono da divisão do nosso territorio em provincias de regular extensão, segregando os territorios deshabitados, aliás mui vastos, das provincias á que estão sujeitos sem interesse algum para o Imperio, e podem no futuro constituir um perigo para a integridade desta grande communidade politica pela cubiça que excitam, maxime nesta época, em que a força está primando o direito. *Caveant Consules!*

Separados das provincias os territorios deshabitados, sem prejuizo de sua natural circumscripção, podiam estes ficar sob a direcção do Governo Geral; que, fazendo-os convenientemente dividir em areas regulares, podia mui commoda e utilmente encetar logo o povoamento dos que por sua situação e recursos, obtivessem em breve a cifra de população indispensavel para se constituirem em provincias.

E' o systema dos Estados-Unidos, e á meu ver mui sensato e proveitoso.

A objecção da inconstitucionalidade da medida, fundada no art. 2° do nosso Pacto Fundamental, não parece-me procedente em vista do art. 178, pois não se trata de limites e attribuições dos poderes politicos, e tão pouco dos direitos politicos e individuaes dos cidadãos, notando-se que as ultimas palavras do art. 2°, ainda litteral e strictamente entendidas, não impedem a reforma no sentido que opino.

Um dos agentes mais efficases para promover a prosperidade material de um paiz novo, rico em recursos naturaes, é sem duvida o commercio, industria que mais facilmente que nenhuma outra pode fazer aproveitar essas riquezas, e dar-lhes valor. Ora um dos meios porque vive e se desenvolve o commercio é pelos mercados, que são os pontos de apoio dessa grande e fructuosa industria.

Os que a ella se dedicam sabem instinctivamente creal-os, mas tambem o consegue um governo intelligente e de largas vistas.

Basta que estude bem o territorio do paiz que administra, todos os seus recursos naturaes, e os que promette o trabalho do homem, auxiliado pelas vias de communicação tanto por terra como por agua.

Os bons portos, maxime em relação com os recursos do paiz, são pontos commerciaes necessarios, que uma intelligencia, ainda que modesta, logo descortina e assignala. Um bom porto maritimo ou fluvial, assento de um mercado, póde ser, e quasi sempre tem sido, o prodromo do estabelecimento de um estado. Em nosso paiz assim succedeu.

As feitorias portuguezas de Cabo Frio, de Itamaracá e de S. Vicente foram o começo da fundação do Estado,que hoje chamamos *Imperio do Brazil*.

As nossas provincias maritimas começaram todas por um pequeno mercado no litoral do Atlantico.

He portanto admiravel a razão do esquecimento de Macapá como ponto commercial, em vista do seu magnifico porto, e em uma das melhores e mais favorecidas situações do mundo.

O Governo Portuguez assim o comprehendeu, despendendo ali grossos capitaes com a fundação da povoação, e erecção da primeira fortaleza do Imperio. Mas não teve tempo de completar sua obra.

Quando o rio Amazonas foi aberto ao commercio do mundo em 7 de Setembro de 1867 concebi esperanças de que esse deploravel erro de nossas administrações desappareceria. Illudi-me completamente!

O decreto 3920 — de 31 de Julho de 1867, além da alfandega de Manáos, creou ainda as de Cametá no rio Tocantins, de Santarém no rio Tapajós, de Borba no rio Madeira, e de S. Paulo de Olivença no Solimões, e julgou dispensavel a de Macapá na foz do Amazonas!

Basta lançar as vistas para a situação de Macapá, para logo se comprehender quão mal inspirado andou o Governo Imperial privando o Brazil daquelle beneficio. Parece que os ciumes de Belém foram a causa desse ainda reparavel descuido.

Que mal resultaria ao Imperio de haver dous grandes mercados um na foz do Amazonas (*Macapá*), e outro na do Tocantins (*Belém*)?

Macapá, queiram ou não os timidos estadistas do Brazil, hade ser no futuro um grande emporio, talvez o primeiro mercado da America Meridional; sua posição felicissima na foz do rio *mar*, seu porto lh'o asseguram. Mas nem por isso Belêm se anniquilará de tal modo, que não possa tambem representar um importante papel no mundo commercial. A vantagem que hoje leva á sua pequenina rival lhe assegurará por algum tempo a primasia, mas haverá sempre immensa differença entre o ponto terminal das duas estradas fluviaes Tocantins e Araguaya, e onde fenece a via fluvial gigante! Eis os tropeços que impedem Macapá de florecer, e de que mais uma bella estrella scintille no nosso horisonte commercial e maritimo.

Razões commerciaes, razões politicas e razões sociaes reclamam a creação da nova provincia no territorio septentrional do Imperio á margem esquerda do Amazonas, o que mui facilmente comprehenderá a illustre Commissão de Estatistica da Camara dos Srs. Deputados, não me permittindo a escassez do tempo que aqui as desenvolva.

A capital da provincia não pode, e nem convem que presentemente seja outra senão *Macapá*, porque o Governo, alli collocado, mais facilmente poderá concorrer para o desenvolvimento do progresso material da nova Provincia, e ainda do intellectual e moral prestando o seu efficaz auxilio aos que podem livre e vantajosamente realisal-os.

Era tambem meu proposito, além dos esclarecimentos estatisticos que colligi, addicionar um mappa topographico da nova Provincia, para que a illustre Commissão, ou qualquer membro da Camara, podessem commodamente apreciar os limites do territorio á desligar da Provincia do Grão-Pará, mas não me foi possivel.

Essa lacuna está preenchida no *Atlas do Imperio do Brazil*, onde esse territorio se acha convenientemente segregado em carta especial, encontrando-se na mesma duas plantas do bello porto e da cidade do Macapá.

Esse mappa do territorio da nova Provincia tambem se acha em separado em um quadro que em 1869 offereci a Camara dos Srs. deputados, á quem já havia offertado um exemplar do *Atlas*.

Estou persuadido de que, com os esclarecimentos que reuni nesta curta *Memoria*, pode a illustrada Commissão de Estatistica, á quem respeitosamente me dirijo, dar parecer para que entre em segunda discussão o projecto n. 48—de 1853, por quanto, talvez m'engane, debalde se aguardará os que ha tanto tempo se solicitaram do Pará.

A illustrada Commissão de Estatistica, procedendo assim, fará um eminente serviço ao paiz, promovendo a discussão de um projecto que, sendo approvado, como acredito, pelo Corpo Legislativo, será para o nosso Imperio mais uma fonte de prosperidade, além de satisfazer a peticionarios que debalde clamam ha quasi vinte annos.

Senador do Imperio pela Provincia do Maranhão, outro empenho não nutro na adopção deste projecto pelo Corpo Legislativo, além do ardente desejo de bem servir á nossa patria.

Rio de Janeiro, em 22 de Maio de 1873.

Candido Mendes de Almeida.

CREAÇÃO DA PROVINCIA

DE

OYAPOCKIA.

Projecto apresentado á Camara dos Srs. Deputados na Sessão de 1 de Julho de 1853 por differentes membros da mesma Camara.

« A Assembléa Geral Legislativa Resolve.

« Art. 1.° Fica elevada á cathegoria de Provincia, com a denominação de *Oyapockia*, o territorio comprehendido entre os Rios Nhamundá, Amazonas, Oceano Atlantico, e os limites septentrionaes do Imperio. O Governo designará no acto da creação quaes as Ilhas adjacentes dos Rios Amazonas e Nhamundá que ficarão pertencendo á nova Provincia.

« Art. 2.° A Capital da nova Provincia será a Villa de Macapá, em quanto a Assembléa Provincial respectiva não resolver a mudança.

« Art. 3.° A Provincia de *Oyapockia* dará hum Senador e dous Deputados á Assembléa Geral Legislativa. A Assembléa Provincial constará de 20 Membros.

« Art. 4.° O Governo fica autorisado para crear na mesma Provincia as Estações Fiscaes indispensaveis para a arrecadação e administração das Rendas Geraes, submettendo-as depois ao conhecimento da Assembléa Geral para sua definitiva approvação.

« Art. 5.° Ficão revogadas todas as Leis em contrario.

« Paço da Camara dos Deputados 1 de Julho de 1853 — *Candido Mendes de Almeida.—Barão de Maroim.—João Wilkens de Matos—João Lustosa da Cunha Paranaguá.—Silverio Fernandes de Araujo Jorge.—Aprigio Jose de Sousa.—José Antonio Saraiva.—Octaviano Cabral Rapozo da Camara. - Ignacio Joaquim Barbosa.—Dr. José de Goes Siqueira. —José Thomaz dos Santos e Almeida.—Luiz Barbalho Muniz Fiuza.— Francisco Mendes da Costa Corrêa.—João Duarte Lisbôa Serra.—Francisco de Paula Santos.—Viriato Bandeira Duarte.* »

PARECER DA COMMISSÃO DE ESTATISTICA

da Camara dos Srs. Deputados sobre a representação dos habitantes da cidade de Macapá e da villa de Mazagão, approvado na Sessão de 13 de Agosto de 1859.

Fôrão presentes a Commissão de Estatistica duas representações dos habitantes da cidade de Macapá e villa de Mazagão da Provincia do Pará solicitando do Corpo Legislativo a approvação do Projecto n. 48 apresentado em 1 de Julho de 1853 e assignado por deseseis Membros desta Camara, creando no territorio daquella Provincia á margem esquerda do rio Amazonas a Provincia de *Oyapockia* tendo por capital a cidade de Macapá; e sendo grave e importante o que reclamão os peticionarios, e dignas de consideração as razões que produzem em apoio de sua pretenção, he a Commissão de parecer que remettendo ao Governo o projecto com as representações se peção os necessarios esclarecimentos ácerca da conveniencia e opportunidade desta creação, bem como sobre a população, e recursos de toda á sorte que ora possue e promette o dito territorio.

Sala das Commissões em 13 de Agosto de 1859. — *Antonio Gonçalves Barbosa da Cunha.* -*Bernardo Avelino Gavião Peixoto.*

Officio do 1º Secretario da Camara dos Srs. Deputados de 18 de Agosto de 1859 solicitando do Governo informações sobre a creação da nova Provincia.

Rio de Janeiro.—Camara dos Deputados em 18 de Agosto de 1859.

Illm. e Exm. Sr.—Requerendo á Camara dos Deputados os habitantes da cidade de Macapá,e villa de Mazagão(1), Provincia do Pará, sobre a conveniencia d'aquella Provincia á margem esquerda do rio Amazonas sob a denominação de—*Oyapockia*—; e não convindo resolver-se este pedido, sem primeiro ser ouvido o Governo: determinou a mesma Camara que, não só se remettão a V. Ex. as inclusas representações d'aquelles habitantes e o projecto n. 48 de 1853, creando a Provincia acima citada, para dar a sua opinião á semelhante respeito, como tambem que solicite de V. Ex. todos os esclarecimentos tendentes a demonstrar a conveniencia e opportunidade de semelhante creação, e a fazer conhecer a importancia da população e dos recursos que ora possue e promette o territorio que se pretende elevar á cathegoria de Provincia. Deos Guarde a V. Ex.—*Francisco Alves da Silva Campos.*—Sr. Angelo Moniz da Silva Ferraz.

---

(1) Não nos foi possivel publicar a integra destas representações, por que não voltarão á Camara, e tão pouco as encontramos na Secretaria do Imperio, onde nem nota existe do recebimento deste officio, do que parece concluir-se, que nem chegou ao seu destino!

3.ª

REPRESENTAÇÃO

que á Camara dos Srs. Deputados dirigirão os habitantes da Comarca de Macapá.

Augustos e Dignissimos Srs. Representantes da Nação.

Os abaixo assignados habitantes do termo e comarca de Macapá da Provincia do Grão-Pará, vem á Vossa Augusta Presença lembrar a necessidade, já bem reconhecida e demonstrada, da creação de huma Provincia no territorio comprehendido na margem esquerda do rio Amazonas entre os rios Nhamundá e os limites septentrionaes do Imperio, tendo por capital esta importante cidade de S. José de *Macapá*, projecto já apresentado nesta Augusta Camara desde o anno de 1853, mas que, por circumstancias de pouco apreço até agora, ainda não mereceu acurada attenção dessa illustrada Camara, com gravissimo prejuizo dos habitantes de tão importante territorio, e quiçá mesmo do Imperio, para ser convertido em Lei e proceder-se á creação da nova Provincia.

Os abaixo assignados não se demorarão em demonstrar as conveniencias de ordem bem elevadas para crear-se no territorio de que tratão a nova Provincia, visto que está isso verificado e demonstrado desde que o Governo Portuguez mandou construir a importante Fortaleza de S. José de *Macapá* na fóz do rio Amazonas.

Calando no espirito de todos essa grande conveniencia, os abaixo assignados apenas se limitarão a impugnar a unica objecção séria com que os espiritos prevenidos costumão atacar o projecto, fundados em falsas informações e preconceitos muito adrede mantidos com o unico fim de retardar, como tem retardado, a execução de tão importante providencia, desconcertando assim os seus mais decididos defensores.

A unica objecção que se apresenta revestida de côres bem carregadas contra a creação da nova Provincia, consiste na falta de salubridade de Macapá, cujo sitio, dizem todos he horrivelmente *doentio*, hum verdadeiro *matadouro;* e accrescentão ainda, que, aqui vivem todos envenenados não so dos miasmas dos muitos pantanos, como ainda das aguas contaminadas da seiva venenosa dos *assacuseiros* que vegetão nesses pantanos, e até nos quintaes das cazas.

Os abaixo assignados lamentão seriamente quando lêem essas inexactidões, e até admirão que homens illustrados se deixem assim illaquear dando como verdadeiras, falsidades reconhecidas, e que levem a exageração ao ponto de dizer-se (como o declarou o Sr. Conselheiro Joaquim Manoel de Oliveira Figueiredo no seu Relatorio de 1854) que dentro desta cidade de Macapá a carne que se mata para o consumo deve ser morta no mesmo dia, porque a carne apodrece em menos de 8 horas ! Isto he incrivel, e os abaixo assignados não o acreditarião se não lêssem, lamen-

tando que o Sr. Conselheiro acreditasse em semelhante absurdo para o mencionar no seu importante Relatorio.

Senhores, *Macapá*, foi, he, e hade ser sempre um sitio sadio, e ousamos assegurar, que he o mais sadio de toda a Provincia do Pará, tanto he isso verdade, que em Macapá a unica molestia até hoje conhecida são sezões em certas quadras do anno, e em tempos idos nos foi importada a bexiga que fez estragos na população, unica epidemia mortifera de que temos sciencia.

Essas historias de assacuseiros, de pantanos, e de aguas envenenadas, são falsas, e sómente existe na imaginação daquelles que olhão para Macapá atravez de um prisma diverso do que elle he em si mesmo. Os abaixo assignados compenetrados do maior sentimento de verdade, passarão a expender o que sejão esses sonhados *pantanos*, *assacuseiros*, e *aguas envenenadas*; e finalmente mostrarão a causa primordial das sezões que em uma ou outra vez no curso dos annos nos accommettem com os mesmos symptomas de frio, calor ou febre e suor em sua declinação como sóe acontecer em todo o Brazil.

Não temos pantanos propriamente ditos. He geralmente sabido que em Macapá existem dous Igarapés; um corre ao Sul da cidade proximo á fortaleza pelo Norte della, o outro corre ao Norte da cidade conhecido com o nome de Igarapé da *Companhia* ou das *Mulheres*.

O primeiro igarapé, entrando um pouco para o interior em distancia de quatrocentas braças, termina por encontrar terra muito alta d'onde principião os magnificos campos de creação.

As duas margens deste igarapé são bordadas de um terreno que se chama—*varzea*—todo composto de barro maçapé, e terá a extensão de 60 braças em sua largura até a beira da terra alta onde está collocada a cidade. Nos lugares mais baixos desta bonita varzea onde o inverno fazia conter alguma agua, abrirão-se sargêtas que derão esgôto as aguas represadas; no verão porém toda a varzea sécca, e a maré quando cheia entra pelas sargêtas, e descem as aguas na vasante ficando tudo limpo. Eis o que chamão *pantanos*; se esta varzea he um pantano, nesse caso, pantano he igualmente toda a varzea do Rio Parahyba na Provincia do mesmo nome, e todas as varzeas da Provincia de Pernambuco, onde estão collocados os seus Engenhos de assucar.

Se houvessem braços em Macapá, se a cultura da cana e do algodão fosse aqui praticada como o he em Pernambuco e outras Provincias, todo esse terreno, a que chrismão de *pantano*, seria bem aproveitado para tirar-se delle a riqueza que contém, e o Estado perceberia avultadissimas sommas de sua cultura. Esta varzea está coberta de capim, de arbustos pequenos e palmeiras do Pará, nella não se encontra um só pé de assacú, arvoredo este que não existe em Macapá, como todos aqui o sabem e reconhecem. Na margem deste igarapé do lado da Fortaleza, crescerão grandes arvoredos de moratingas, assacuranas, jataúbas, e ucuhubas; essa orla de arvoredos que vista da cidade faz uma linda perspectiva, são considerados os *grandes assacuseiros* de Macapá! Custa a crêr isto, mas he a verdade pura.

O *assacurana* he o arvoredo conhecido nas outras Provincias com o nome de *mulunguseiro*, nenhuma seiva tem, e quando a tivesse, não he venenoso. Estes arvoredos, que se parecem tanto com o assacuseiro como este com a larangeira, são apontados, por um erro que não podemos justificar, em todos os relatorios que tratão de Macapá, com assacuseiros!

Não nos admiramos que assim o affirmem, quando temos igualmente o absurdo—*que a carne apodrece em menos de 8 horas!*

Parece isto um proposito, e por força de serem classificados os arvoredos de que tratamos por assacuseiros, foi sem duvida alguma o Sr. Dr. Tavares Bastos na sua vizita a Macapá, abraçando a nuvem pela deosa no seu bello estudo do *Valle do Amazonas*, declarou existir em Macapá um pantano e assacuseiros que determinavão sezões por sua seiva venenosa; donde se vê que todos dão como causa das sezões os sonhados pantanos e assacuseiros, e até ao uso da agua potavel que dizem estar envenenada pela folhagem dos assacús; engano este ainda mais lamentavel, porque as aguas potaveis de Macapá são as mais puras, as mais crystalinas que se póde conhecer e imaginar, e sobre esse ponto estamos tão bem servidos, que não desejamos ter melhor, pois que possuimos, com o favor de Deos, a melhor agua potavel de toda a Provincia do Pará; mas, apezar disto, he tal o panico de que todos se deixão apoderar, que, os hospedes que por aqui temos a honra de receber, com bem poucas excepções, por mais sêde que sintão não querem beber a nossa bôa agua por suppô-la envenenada da seiva dos sonhados assacuseiros de que tanto tratão os relatorios!

O segundo igarapé chamado da *Companhia*, a que tambem chamão das *Mulheres*, corre tambem entre duas varzeas que bordão suas margens em tudo iguaes á que fica descripta. Estas varzeas em toda a sua extensão não tem um só pé de assacuseiro, todas ellas estão cobertas de capim, pequenos arbustos, e muito tabocal a que ahi na Provincia do Rio de Janeiro chamão—*bambú*. Nestas varzeas cultivão-se roças de milho, arroz, feijão, algodão, melancias, melões, etc., etc.; são por assim dizer o celeiro do povo, e tão abundantes são ellas, que aproveitadas todas bastavão para abastecer a Provincia, tal he sua extraordinaria fertilidade, assim tivessemos braços que as cultivassem.

He geralmente sabido que em Macapá estão os melhores campos de creação de gado vaccum e cavallar, campos que se perdem a muitas leguas sempre cobertos de ricas pastagens, os gados das fazendas são os mais gordos da Provincia; todos que conhecem Marajó quando vêm a Macapá admirão, e assegurão que o nosso gado he superior, não só por seu tamanho, como ainda por sua gordura; pois bem, será crivel que a carne de hum boi, assim creado, cheio de vida e força apodreça em menos de 8 horas?! Isto repugna ao simples bom senso.

Em Macapá são os proprios Fazendeiros que matão o gado para o açougue, torna-se-lhes mais commodo matarem logo de manhã, e venderem ao povo, do que o fazerem de vespera; não só porque não ha nisso o menor inconveniente, como mesmo porque ha uma especulação de lucros que todos almejão, pois, sabe-se que a carne morta, e vendida logo, peza muito mais do que sendo de vespera, e estão tão avesados a esse costume que he huma tortura obrigal-os a fazer o contrario.

Em uma época mais anterior forão os Fazendeiros obrigados a matarem os seus gados de vespera para o consumo do dia seguinte abespinharão-se com isto, não só não mandavão os bois das fazendas, como ainda espalharão por entre o povo ignorante, que a carne morta de vespera amanhecia podre. Acreditamos que chegando isso aos ouvidos do Sr. Conselheiro Joaquim Manoel de Oliveira Figueiredo, deixou-se enganar como uma creança, effeito sem duvida do panico que

já o dominava, e para logo dando o facto gracioso, como verdadeiro, era natural que tambem buscasse, como buscou, sua causa nos sonhados *pántanos* e *assacuseiros*.

Os abaixo assignados reconhecem e declarão que ha sezões em Macapá, assim como se desenvolvem todos os annos em Belem, capital da Provincia, e em muitos outros lugares do Brazil, com os mesmos symptomas de frio, febre e suor, e considerão como causa primordial della (além das geraes que as motivarão em todas as partes) a grande humidade das casas, as quaes sendo quasi todas de taipa, destituidas de condições hygienicas, collocadas em terreno que muito se humedece pelo inverno, motivando evaporações humidas não pódem deixar de influir de modo muito pernicioso na saude de seus habitantes, principalmente sabendo-se, como he certo, que em Macapá todos dormem em rêdes, nellas adoecem e nellas morrem.

Este uzo que he peculiar ao Pará, em Macapá o he igualmente: rara he a pessôa que dorme em cama. Esse habito que como se sabe he nocivo á saude, ainda mais nocivo se torna quando a humidade está muito proxima, como sóe acontecer em Macapá nas estações do inverno.

Observa-se, porém, que os que morão em cazas bem construidas, arejadas e assoalhadas não soffrem sezões, vivem sadios e aptos para o livre exercicio de sua actividade.

A's cauzas apontadas accrescente-se ainda, a falta de limpeza já nas mesmas cazas em cujos quintaes se accumulão o lixo com a lama, e já nas ruas e praças; e tudo isso não será bastante para pôr em perigo a saude dos habitantes?

Ainda assim as sezões só se desenvolvem no principio das Estações; os que se curão convenientemente restabelecem-se, os que deixão de curar-se, e, zombando com a saude nenhuma dieta observão, ficão sujeitos á repetição dos accessos, e nestas circumstancias, como he sabido, adquirem inflammações de baço e figado que os prostrão, ainda mais pela carencia de recursos para se tratarem.

Eis portanto explicada a verdadeira causa das sezões em Macapá, e esta illustrada Camara bem comprehende que nenhuma outra causa póde actuar. Não temos em Macapá nas proximidades da cidade, nem *pantanos* propriamente ditos, nem tão pouco *assacuzeiros*, arvoredo este que ainda não achamos dentro da cidade, e nem em parte alguma dos seus limites, as aguas potaveis são muito limpidas e sadias, livres de toda e qualquer immundice, são as melhores aguas que conhemos na Provincia, e o actual Dr. Juiz de Direito da Comarca que o declare, porquanto nos tem assegurado que em parte alguma do Pará, onde tem estado, ainda não encontrou agua mais fina e mais crystallina, o que certamente he uma verdade que os abaixo assignados piamente acreditão.

Senhores, os abaixo assignados reconhecem que um máo fado peza sobre os habitantes de Macapá desde que se tratou de crear uma Provincia na foz do Amazonas, porque desde esse tempo que os homens da Capital da Provincia nos votarão ao maior desprezo, e não só isso como ainda ao descredito do lugar, antecipando ou prevenindo com historias fabulosas não só os Presidentes que succedem na administração da Provincia, como ainda ás pessoas notaveis que de fóra nella aportão; e he tal o panico de que se deixão apoderar que tremem

quando sabem que demandão as aguas pertencentes á Comarca de Macapá; os arvoredos se lhes apresentão assacuseiros, e presumem que todo o ambiente está impregnado de veneno dos assacús, isto he tão verdadeiro, quanto he igualmente certo que muitos matão a sêde com cerveja por supporem nossas aguas envenenadas; he até onde póde o descredito á que nos vôtarão! ! !

Deixarão cahir os nossos melhores edificios publicos como fosse a grande caza destinada para a Alfandega, Cadêa, Caza da Camara, a mesma Matriz já teria desapparecido se os nossos esforços não a aguentassem; a Fortaleza que representa um grande capital tende a desmoronar-se, se o Governo não se apressar em garantil-a contra a queda de ribanceira do rio.

A Assembléa Legislativa da Provincia em seus orçamentos annuaes nunca decretou obra alguma ou quantia equivalente para as obras de que necessitamos. He sabido que a cidade de Macapá, onde tem um commercio não pequeno, pela especialidade do seu porto, necessita de uma ponte, e calando no espirito de todos essa grande necessidade, apenas decretarão quantia de cinco contos de réis por saberem que não chegava nem para acquisição das madeiras, no emtanto que por mero luxo decretarão-se sommas fabulosas para pontes em Santarem e Cametá onde nenhuma necessidade se tem dellas por possuirem porto tranquillo e seguro, ficarem os vapores muito perto de terra, facilitando assim o embarque de cargas e passageiros.

Finalmente, os abaixo assignados votados ao despreso, considerão-se muito prejudicados nos seus interesses, vendo com amargura desapparecer uma cidade tão importante como a de Macapá na foz do magestoso Amazonas, e he por isso que desejão, e solicitão desta Augusta Camara, a creação da nova Provincia como quer o projecto apresentado por grande numero de Deputados desde o anno de 1853, que nos consta já ter passado para segunda discussão.

Os abaixo assignados, estão convencidos que creada a Provincia na fóz do Amazonas, e estabelecido um Governo em Macapá para de prompto curar das necessidades publicas, desapparecerão todos os soffrimentos, communicando a este lugar uma nova vida, para onde convergirá não só a população dispersa pelas Ilhas, como ainda de outras muitas partes, e Macapá com os elementos de grandeza que em si tem em todo o seu municipio, prosperará em pouco tempo; a nova Provincia se ostentará fulgurante como a mais bella estrella na extremidade septentrional deste vasto Imperio do Brazil.

Confião, pois, que em vossa sabedoria e solicitude pelo bem estar ainda dos pontos mais longiquos do Imperio, vos digneis decretar a creação da Provincia projectada como indispensavel á segurança publica, e que já tem sido mais que muito retardada

P. P. a Vós, Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação, vos digneis de assim haver por bem.

E. R. M.

Macapá 8 de Junho de 1870.

O Coronel Procopio Antonio Rôlla Sobrinho, Presidente da Camara, Fazendeiro e Proprietario.

O Capitão João Alves Correia, Vereador da Camara, Negociante e Fazendeiro.
Joaquim Alves Rodrigues da Costa, Vereador e Fazendeiro.
Antonio José de Seixas, Vereador da Camara, e Fazendeiro.
José Francisco Coimbra Junior, Vereador da Camara, Artista.
Paulino Antonio Rôlla, Vereador da Camara, e Proprietario.
Sotéro José de Miranda, Vereador e Fazendeiro.
Amandio Mendes de Oliveira, Vereador da Camara e Fazendeiro.
João Gregorio de Oliveira, Vereador da Camara e Fazendeiro.
Hilario Alvares da Costa, Secretario da Camara Municipal.
Adrião Ferreira do Nascimento, Fiscal Procurador da Camara.
José Lauriano Bentes, Capitão Commandante interino da Praça de S. José de Macapá.
João Paulo da Silva Porto, Ajudante da Praça de Macapá.
O Coronel Commandante Superior, José Julio Tavares, Negociante, Proprietario, e Fazendeiro.
Elizeu Antonio Martins, Lavrador,
José Martins Jeronimo, dito.
Antero da Silva Borges, Subdelegado do 2.° districto e Negociante.
Manoel Vital dos Anjos, Subdelegado do 3.° districto, Negociante.
Januario Americo da Silva, Lavrador.
Joaquim Maciel, Fazendeiro.
Luiz Antonio Brandão, Fazendeiro.
Victor Antonio da Silva Vasconcellos, Lavrador.
Felisberto Teixeira, Lavrador.
Domingos José Pedro da Silva, Agricultor.
Zeferino Jose da Silveira.
Antonio dos Passos, Carapina.
Francisco José Picanço, Ourives.
A rogo de Manoel Nunes da Cunha, *Francisco José Picanço.*
José Martins Duarte.
Emiliano Pereira Tiburcio.
Eugenio Manoel Orta.
José Libanio de Miranda, Fazendeiro.
Joril Pereira da Rocha, Lavrador.
Laurindo Banha, Sapateiro.
Justino José Pedro, Fazendeiro.
João Maria Tetis, Lavrador.
José Manoel do Nascimento, Agricultor.
Gabriel Antonio da Cruz, Fazendeiro.
Casimiro Constantino Pereira Junior, Lavrador.
Domingos Antonio de Avila Gafanhoto.
Francisco de Paula do Nascimento Pinto, Fazendeiro.
João Narcizo Bispo da Europa, Fazendeiro.
Theodoro José Nunes, Lavrador.
Antonio João Guedes, Commerciante.
Manoel João Bosque, idem.
Ricardino Rodrigues Guedes, idem.
Izidro Martins de Braga, Lavrador.
João da Rocha Lima, idem.

Avelino José Ferreira de Moraes, Lavrador.
Bernardo Baptista Ferreira Longra, Lavrador.
Miguel Archangelo de Andrade, Lavrador.
Jesuino José Alves, Lavrador.
Manoel Rodrigues da Fonseca, idem.
Ezequiel Antonio Valente, idem.
Theodoro Rodrigues Valente, idem.
Manoel Guedes de Campos, Commerciante.
Jacintho da Cruz Dias, idem.
Luiz da Rocha Areias, idem.
João de Villas Bôas, idem.
Guardiano Ferreira Bentes, idem.
Julio de Souza Brandão, Lavrador.
Manoel Francisco Fernandes, idem.
Zeferino de Moraes Leite, idem.
Manoel Vieira de Freitas, Lavrador.
José de Lemos, Commerciante.
Graciano Manoel dos Santos, idem.
Raymundo Manoel Monteiro, Lavrador.
Geraldo do Carmo Madureira, idem.
José João Francisco, idem.
José Maria da Fonseca, Negociante.
José Joaquim dos Reys, idem.
José Joaquim Benjamin, idem.
João Marinho Figueiros Menezes, idem.
Joaquim José Campello, Commerciante.
Aureliano Farias de Souza, Lavrador.
Antonio Sotéro de Miranda, Fazendeiro.
Manoel Joaquim dos Santos, Commerciante.
José Antonio de Macedo, Lavrador.
Felix José de Souza, Fazendeiro.
Felisberto Calandrino, idem.
Sisenando Ricardo de Almeida.
João Barbosa de Freitas.
Raymundo Nonato Gedo.
João Pedro Ordacio, Lavrador.
João Pedro Ratis, Commerciante.
Antonio Pereira da Cunha, Fazendeiro.
A rogo de Manoel Americo Vaz, Procopio de Marcos Leal e Procopio de Sant'Anna Ferreira, Lavradores, *Francisco Manoel Diniz.*
Vicente Placido da Silva, Lavrador.
Pedro José Pereira, Carapina.
Raymundo José Florindo.
Silverio Antonio da Silva.
Antonio Pedro Corrêa, Sapateiro.
Antonio de Souza e Silva, Alfaiate.
A rogo de Alexandre Pereira de Brites, Lavrador, *Francisco Manoel Diniz.*
Izidoro Pereira de Almeida, Official de Justiça.
O Tenente Matheus Gonçalves de Azevedo, Proprietario.
Venancio Antonio de Carvalho, idem.

José Francisco Botelho, idem.
O Tenente João de Azevedo Coutinho, idem.
Firmino Antonio Balieiro, Escrivão interino de Orphãos e Proprietario.

Manoel Gonçalves da Silva, Proprietario.
Antonio da Silva Serilla, Fazendeiro.
Nabor Antonio Pereira, Proprietario.
Aureliano Ramos de Farias, Ourives.
Manoel Francisco Coimbra, Artista.
Antonio Banha de Almeida, Fazendeiro.
O Tenente-Coronel Leonardo José Picanço, Proprietario.
João Baptista Picanço, idem.
José Moraes Tavares do Rego, idem.
Domingos José de Mattos, Commerciante.
A rogo de Pedro Antonio Valente, Lavrador, *Domingos José de Mattos.*

Tenente Alexandre Antonio Rôlla, Fazendeiro.
Raymundo Saturnino Cardoso, 2º Tabellião de Notas e Escrivão privativo do Jury.
Manoel Boente de Ribas, Caixeiro.
Alexandre Teixeira Gama, Lavrador.
Antonio Maria da Cunha de Loureiro, Proprietario.
Simão Pereira Cardoso, Lavrador.
João Baptista de Oliveira, idem.
Capitão Lindolpho de Basto Barca, Fazendeiro.
A rogo do Fazendeiro Florentino do Rosario, o Capitão *Lindolpho Bastos Barca.*

Antonio Sotéro de Miranda.
Manoel Barbosa de Freitas.
Manoel Marques Valente de Miranda, Proprietario.
Pedro Antonio Banha.
Jacintho Antonio Xavier.
Raymundo de Freitas Feio, Lavrador.
Rufino Antonio dos Santos, idem.
Sebastião Antonio de Carvalho, Fazendeiro.
Pedro José de Barros, idem.
Silvano Antonio Prudente, idem.
Fermiliano Antonio Lobato, Lavrador.
Olympio Ferreira Rôlla.
João Felippe de Aves.
Fabricio Rodrigues Botelho.
João Corrêa do Couto.
Manoel José da Silva.
Cecilio Lagarena, Fazendeiro.
Balbino Antonio da Silva Mellendoc, Agricultor.
Alvaro Francisco de Castro, Fazendeiro.
Avelino Antonio de Nazareth.
Manoel Antonio de Souza Coelho.
Leopoldino Antonio Gomes, Lavrador.
Lucio Pereira da Rosa, idem.
Lourenço Pantoja, idem.

Conego Estulano Alexandre Gonçalves Baião, Coadjutor encarregado da Parochia.
Fernando Alves da Costa, Capitão da Guarda Nacional, Juiz de Paz do 1° Districto, Proprietario e Fazendeiro.
Florentino Banha de Almeida, 1° Tenente da Guarda Nacional, Juiz de Paz mais votado, Proprietario e Fazendeiro.
José Estevão Picanço, Fazendeiro.
João José Rodrigues, Proprietario.
Antonio João de Oliveira.
Francisco Antonio de Loureiro.
Manoel Barbosa de Freitas.
Manoel Tavares de Menezes, Fazendeiro.
Gerinaldo Pinheiro dos Santos.
José Moreira da Silva.
A rogo de Antonio do Carmo, Fazendeiro, *Fernando Alves da Costa.*
A rogo do Fazendeiro Luiz Antonio Pereira, *José Lauriano Bentes.*
Estevão José Picanço, Fazendeiro.
Francisco da Trindade Maciel, Lavrador.
João Manoel Maciel, Lavrador.
A rogo do Fazendeiro Gregorio Francisco, *Antonio Banha.*
Francisco Manoel Diniz.
Antonio da Silva Sessilho, Fazendeiro,
Vicente Ferreira de Jezus, Proprietario e Escrivão das Collectorias.
João Maria da Conceição, Lavrador.
Honorato Pantoja, Lavrador e Fazendeiro.
Antonio Gil da Costa.
Hermenegildo dos Santos Borges, Lavrador.
Paschoal da Cruz, idem.
Valente Antonio Corrêa, idem.
Sebastião Nunes de Nogueira, Agricultor.
Antonio Romualdo Perdigão, Fazendeiro.
Hortencio Francisco Pessoa, Lavrador.
Francisco Luiz da Cunha.
Gilberto José Rodrigues.
Balthazar Baptista dos Santos.
Florencio Antonio do Espirito Santo.
Cyriaco Francisco.
João da Cruz Tavares, Ferreiro.
Theodoro Pereira Monteiro.
A rogo de Theophilo José Picanço, Lavrador, *Domingos José de Mattos.*
A rogo de Pedro Ramos de Faria, Lavrador, *Domingos José de Mattos.*
Romualdo Pereira da Silva, Escrivão.
Antonio da Silva Borges, Negociante.
Manoel Martins Corrêa, Lavrador.
Albino José Dias da Cunha, Commerciante.
Manoel José dos Santos Botta, idem.
Marcolino Pedro Gomes, Carapina.

Candido José Ferreira, Lavrador.
Manoel de Lemos, idem.
José Carneiro da Costa, Caixeiro.
Leocadio Pereira Souza, Sapateiro.
Manoel José de Magalhães, Caixeiro.
João Vaz de Freitas, Lavrador.
Vicente Ferreira do Couto, Ferreiro.
Manoel Calisto de Moraes, Lavrador.
José Antonio da Silva, idem.
João Pereira dos Santos, idem.
Angelo Nicoláo Forte, idem.
Sebastião Carlos de Freitas, idem.
Joaquim Pereira dos Santos, idem.
João da Costa Rodrigues, idem.
Manoel Raymundo da Costa, idem.
Antonio Miguel dos Santos, idem.
João Paulino Pereira, idem.
Pedro Portilho, idem.
André Leoncio Pereira dos Santos, idem.
Raymundo Antonio Valente, idem.
Manoel Antonio dos Santos, idem.
Sebastião Antonio Palhêta, Lavrador.
Manoel Izidoro da Silva Barreiro, idem.
João Pinheiro Guedes de Barros, idem.
Caetano José Brandão, Inspector de Quarteirão.
Manoel de Souza Brandão, Lavrador.
José de Souza Brandão, idem.
Torquato Antonio da Silva, idem.
Francisco Pereira da Silva, idem.
Candido José Antonio, idem.
Mariano José Gomes, idem.
Victorino Antonio da Silva, idem.
Prudencio José Cardoso, idem.
Paulino José Cardoso, idem.
Raymundo de Azevedo Meirelles, idem.
José Sabino Ramos, Idem.
Francisco Raymundo da Cruz, idem.
Paulo Ovidio da Cruz, idem.
Jesuino Manoel de Oliveira, Commerciante.
Manoel Pantoja de Barros, Lavrador.
Manoel Antonio Gonçalves, idem.
Luiz Martins de Barros, idem.
Raymundo Castello, idem.
José Gomes de Souza, idem.
Augusto Oliveira França, idem.
Belisario Antonio da Silva, idem.
Manoel Jacob dos Santos, idem.
João Ignacio de Moraes, idem.
José Miguel de Souza.
Manoel da Costa.
João Alberto de Freitas.
Francisco Antonio Sales, Lavrador.

Celso Antonio de Nazareth, idem.
Francisco Gonçalves Vaz, Proprietario.
Gaudencio Gonçalves Vaz.
Bartholomeu dos Santos Pereira, Negociante.
Horacio dos Reys de Jezus, Proprietario.
Aristides Xavier Pereira de Moraes, idem.
Manoel Lindolpho da Costa, idem.
Antonio Mariano Marinho Junior, Tenente-Coronel, Proprietario e Collector das Rendas Provinciaes.
Manoel Valente Flexa, Subdelegado de Policia, Proprietario e Juiz de Paz, Fazendeiro e Commerciante.
Luiz Valente Barreto, Tenente, Proprietario e Presidente da Camara, e Agente da Companhia.
Pedro da Silva Barreto, Juiz de Paz e Supplente do Subdelegado de Policia.
Matheus Valente Flexa, Vereador da Camara Municipal, Negociante e Proprietario.
Francisco Fernandes Pedroso, Vereador da Camara Municipal, Proprietario e Lavrador.
Manoel Pinto Pereira Valente, Negociante e Proprietario.
José Francisco Pereira Dias, Subdelegado da Instrucção, Escrivão das Collectorias da Renda Geral e Provincial.
Francisco Ferreira Netto, 2° Tenente e Proprietario.
José Antonio da Fonsêca e Silva, Proprietario.
Custodio Duarte da Silva, 2° Tenente, Negociante e Proprietario.
Manoel José Pacheco, Negociante e Proprietario.
João Antonio de Siqueira, Proprietario e Lavrador.
Antonio Gil Lobato, Proprietario e Lavrador.
Manoel da Cruz Ferreira Portuguez, Proprietario e Official de officio.
Manoel Valente Cordeiro, Proprietario e Lavrador.
Antonio José Affonso Portuguez, Negociante e Proprietario.
João Pereira Caldas Zuzarte, Vereador da Camara, Supplente do Subdelegado, Proprietario e Fazendeiro.
José Peixoto Costa, Proprietario e Negociante.
João Luiz de Andrade, Inspector de Quarteirão.
Salvador Rodrigues Flexa, Proprietario e Lavrador.
João Lopes da Cunha, Vereador da Camara e Negociante.
Antonio de Loureiro Barreto, Collector das Rendas Provinciaes e Fazendeiro.
O Vigario João Rodrigues de Carvalho.
Jeronymo da Silva Lougo, Proprietario, Supplente do Subdelegado de Policia, Juiz de Paz e Commerciante.
Miguel de Azevedo Affonso, Secretario da Camara e Proprietario.
Lazaro da Silveira Barreto, Proprietario e Lavrador.
Antonio Loureiro Flexa, Fazendeiro e Proprietario.
André do Nascimento Affonso, Negociante e Proprietario.
Josué da Pureza Bello, Proprietario e Lavrador.
Jose Martins de Pinho Ferreira, Escrivão do Subdelegado de Policia.
Pedro da Maia Barreto, Escrivão interino.

Belchior Medina da Cruz, Fiscal e Procurador da Camara, Supplente do Subdelegado de Policia e Proprietario.
Vicente da Silveira Bello, Inspector de Quarteirão, Proprietario e Lavrador.
Manoel Gomes Ferreira, Lavrador.
A rogo de Manoel Barboza, Lavrador, *Lourenço Alves Porguez.*
Amaro José Coelho, Lavrador.
José Carneiro da Silva, Negociante e Proprietario.
Manoel Antonio da Fonseca e Silva, Negociante.
Luiz Valente Cordeiro Flexa, Lavrador e Proprietario.
Manoel Bentes, Commerciante.
José Alves Leite, Negociante.
José Antonio de Sequeira, Droguista.
Joaquim da Silva Lopes, Negociante e Proprietario.
Avelino Rodrigues da Siva, idem.
José Antonio da Costa, Negociante.
Antonio da Gama Lobo de Almada, idem.
Francisco Antonio de Sequeira Pinto, Negociante e Proprietario.
Francisco Tavares de Oliveira, Lavrador.
Antonio José Picanço, Lavrador e Proprietario.
Manoel Machado da Silva de Loureiro, Commerciante.
José Maria da Silva, Lavrador.
João Baptista da Silva Junior, Lavrador.
Manoel José de Pinho, Professor.
Albino Teixeira Leite, Negociante.
Antonio Constantino Balse, Commerciante.
Francisco Antonio de Sequeira.
O Tenente Francisco Manoel Diniz, 1° Tabellião interino.
Manoel José Alves Leite, Agricultor.
Antonio Alves Leite, idem.
Carlos José Rodrigues, Caixeiro.
Estacio José Picanço, Proprietario,
Pacifico Marciano da Silva, Lavrador.
João Corrêa de Atayde, idem.
João Raymundo de Carvalho, Alfaiate.
João Pedro de Queiroz.
Carlos Rodrigues da Silva, Negociante.
José Narcizo da Silva, Alfaiate.
Antonio de Azevedo Tavares, Commerciante.
Joaquim Antonio Vaz, Lavrador.
Sabino Luiz do Nascimento, Proprietario.
Laurindo Antonio de Jesus, Carpinteiro.
José Antonio Vaz, Lavrador.
Vicente Pereira de Menezes, Lavrador.
Lourenço Alves Portuguez, idem.
Francisco Rodrigues do Couto, Carapina.
Custodio Claudio da Silva, Lavrador.
Eduardo Antonio Gomes.
Bartholomeu Florentino Picanço, Artista.
Heleodoro Pereira de Abreu, Marceneiro.

Bibiano Pereira Pontes, Lavrador e Proprietario.
João Paulo de Lima, Official do Exercito, Collector das Rendas Geraes, e Negociante.
Feliciano de Souza Gil Vaz, Proprietario e Fazendeiro.
Jacob Azancott, Negociante.
Augusto Paulo Barboza, Negociante.
José Augusto de Castro Junior, idem.
João da Silva Mendes, Commerciante e Proprietario.
Cazimiro José Dias, Commerciante.
A rogo de Manoel Duarte Monteiro, Proprietario, e de Eufrasio de N. S. da Gaia, Proprietario e Cobrador, *Casimiro José Dias da Cunha.*
Clarimundo da Silva Coelho.
Raymundo Clarindo das Neves, Proprietario.
José Corrêa de Oliveira Pinto, Agencia.
Francisco Gil Vaz.
Antonio Felix de Souza, Artista.
Jeronymo José da Silva, Negociante, Proprietario e Lavrador.
Francisco Paulo do Nascimento.
Eugenio José Barboza de Oliveira.
Antonio Vaz Moura de Carvalho, Proprietario.
Joaquim José Rodrigues.
Antonio Primo dos Santos.
Lauriano José Rodrigues, Proprietario.
A rogo do Fazendeiro Antonio Tavares Rego Sobrinho, *Sabino Luiz do Nascimento.*
A rogo do Fazendeiro Florentino Antonio Marinho, *Manoel Rodrigues da Silva.*
Joaquim Rodrigues de Carvalho, Fazendeiro.
Francisco de Siqueira Montorozo, Artista.
Thomaz da Silva Netto, Artista e Carcereiro.
A rogo de Antonio Felippe Alves, Ourives, e Agapito Antonio Marinho, Fazendeiro, *Sabino Luiz do Nascimento.*
José Alves Portuguez da Costa, Proprietario.
Alexandre Ferreira da Gama, Proprietario.
Manoel Pinheiro de Almeida.
A rogo do Fazendeiro Manoel Carrol de Sant'Anna, *Jeronymo José da Silva.*
José Vasques de Mello, Proprietario e Delegado de Policia.
Pedro Vicente de Sequeira.
Manoel de Azevedo Coutinho, Lavrador.
Manoel Lourenço Pereira da Serra, Fazendeiro.
Ludgero Paulino Pereira da Serra, Fazendeiro.
João José Ramos, Lavrador.
Leonardo Antonio do Carmo, Fazendeiro.
Pedro de Sequeira, Negociante.
Clarindo João Florencio de Almeida, Proprietario e Fazendeiro.
Francisco Corrêa da Fonseca Gama, Proprietario e Fazendeiro.
Francisco Xavier de Moraes Pereira, Cirurgião desta Cidade e Proprietario.
José Francisco Coimbra Junior, Artista.

Faustino Pereira Cardozo, Proprietario.
Manoel Lourenço de Souza, idem.
Ludgero Gonsalves Picanço, Fazendeiro.
O Capitão Fernando Valente Barreto, idem.
Cassiano José Barboza, Proprietario.
Antonio José Barboza, Proprietario.
Manoel da Silva Mendes, Commerciante.
A rogo de João Barboza de Moraes Lacerda, *Lourenço Alves Portuguez.*
Martiniano José Lopes, Negociante.
Geraldo Antonio dos Santos.
Eliezer Pereira Picanço.
Manoel Alves da Costa.
Zefirino Joaquim Arrelia, Inspector do 1° Quarteirão, 2° Sargento da Guarda Nacional e Proprietario.
Antonio Augusto Pereira, Negociante.
Boaventura Pereira Nobrega, Vereador da Camara, Proprietario e Lavrador.
Manoel de Abreu, idem.
João Portuguez Romeiro da Fonseca, Vereador e Proprietario.
Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, Juiz de Direito da Comarca de Macapá.

TOTAL—387

PROVINCIA DE PINSONIA.

PROJECTO

(EXTRAHIDO DO *ATLAS DO IMPERIO DO BRAZIL*).

Os materiaes a que nos soccorremos para o mappa deste territorio, são em parte os da Provincia do Grão-Pará, e outros que aqui registramos :

1.°—Carta da costa da Guyana Portugueza e Franceza desde o forte de Macapá até Cayena, formada por ordem do Governador e Capitão General do Estado do Pará no anno de 1808, por Antonio Pinto de Siqueira (*lithographia do Archivo Militar*).

2.°—Carta de parte do porto de Macapá por ordem do Illm e Exm. Sr. D. Francisco de Sousa Coutinho; por Pedro Alexandrino Pinto de Sousa, Tenente Coronel de Engenheiros: 1800 (*copia do Archivo Militar*).

Nesta Carta vem as seguintes observações:

« Na margem austral do Oyapock defronte do forte S. Luiz, e no primeiro braço do rio Cassipuré á esquerda vão notados uns destacamentos Portuguezes, que ahi houve. Parecêo conveniente notal-os para se tornarem e estabelecer quando poder ter lugar esta providencia.

« A linha illuminada de encarnado foi extrahida de uma Carta que não declara quem levantou-a, ou formou, nota porém que o terreno comprehendido entre o mar, e a dita linha foi examinado e reconhecido.

« As sondas desde Macapá até o rio Oyapock vão notadas com numeros que indicão braças maritimas, e as do Oyapock até o rio Macuriá com numeros que indicão pés francezes.

« Os Francezes occupavão o terreno notado pela linha amarella, e durante a sua Revolução forão evacuados por ordem do Exm. D. Francisco de Sousa Coutinho. »

3.°—Mappa ichnographico da Villa de S. José de Macapá com a sua situação: 1761 (*sem nome do autor*).

4.°—Planta da praça e Villa de S. José de Macapá: 1764 (*sem nome do author*).

5.°—Planta do porto e Villa de Chaves na ilha de Marajó, Provincia do Grão-Pará, levantada em Maio de 1854 pelo 2.° Tenente da Armada Ignacio Agostinho Jauffret, auxiliado pelo 2.° Tenente Vicente Ferreira de Amorim e Pratico Pedro Francisco Pereira, debaixo das ordens e direcção do Capitão de Fragata Joaquim Manoel de Oliveira Figueiredo, Commandante da Divisão Naval do Maranhão (*manuscripta*: propriedade do Conselheiro J. M. de Oliveira Figueiredo).

6.°—Planta do porto da extincta povoação de Rebordello na ilha de Caviana, levantada em Maio de 1854 pelo 2.° Tenente da Armada Ignacio Agostinho Jauffret, auxiliado pelo 2.° Tenente Vicente Ferreira de Amorim e Pratico Pedro Francisco Pereira, debaixo das ordens e direcção do Capitão de Fragata Joaquim Manoel de Oliveira Figuerêdo, Commandante da Divisão Naval do Maranhão (*Idem*).

7.°—Planta do porto, praça e Villa de Macapá na Provincia do Grão-Pará levantada em Abril de 1854 pelo 2.° Tenente da Armada Ignacio Agostinho Jauffret, auxiliado pelo 2.° tenente Vicente Ferreira de Amorim, e Pratico Pedro Francisco Pereira, debaixo das ordens e direcção do Capitão de Fragata Joaquim Manoel de Oliveira Figuerêdo, Commandante da Divisão Naval do Maranhão (*Idem*).

8.°—Os mappas ns. 2, 3, 4, 8, 9, 10, 13, 14, 15 e 17 do artigo da Provincia do Grão-Pará.

9.°—Carta topographica da Provincia da Oyapockia, organisada por E. de la Martiniere, Engenheiro da Escola de Minas de Paris, a 7 de Julho de 1853. Rio de Janeiro, 1853 (*lithographia de Heaton & Rensburg*).

Além deste material, consultamos as seguintes obras, posto que algumas já se achem contempladas no artigo da Provincia do Grão-Pará :

1.° — *Annaes historicos do Estado do Maranhão*, por Bernardo Pereira de Berredo.

2.°—*Compendio das eras do Pará*, por Antonio Ladislau Monteiro Baêna.

3.°—*Esboço corographico sobre o Pará* (Idem).

4.°—*Discurso* ou *memoria sobre a in-*

trusão dos Francezes de Cayena nas terras do Cabo do Norte (Idem).

5.°—*Corographia Paraense*, por Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.

6.°—*Propriedade e posse das terras de Cabo do Norte pela Corôa de Portugal*, pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (*Revisto do Instituto Historico* to. 3, e *Corographia da Brazil* do Dr. A. J. de Mello Moraes to. 2)o

7.°—*Diario roteiro do arrayal do Pesqueiro do Araguary até o rio Oyapock*, por Manoel Joaquim de Abreu.

8.°—*Corographia do Brazil, etc.*, pelo Dr. A. J. de Mello Moraes, nos arts.—*Dos titulos do Brazil e de seus limites austraes septentrionaes até o anno de 1765: Limites do Norte, e questão de limites.*

9.° *Memoria sobre os limites do Brazil com a Guyana Franceza, conforme o sentido exacto do art. 8.° do Tratado de Utrecht*, pelo Dr. Joaquim Caetano da Silva (*Revista do Instituto historico, etc. to. 13*).

10.—*O Oyapock e o Amazonas*, pelo mesmo Dr. J. Caetano da Silva (*em Francez*).

11.—*Limites com a Guyana Franceza.* Protocollo sobre a respectiva negociação em 1856 (*annexo* ao Relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de 1857).

Representou o Brazil o finado Visconde do Uruguay, e a França o Sr. His de Butenval.

12.—*Nota sobre a negociação pendente para se fazer effectivo o Tratado de limites do Imperio do Brazil com a Guyana Franceza*, pelo Conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond (na *Corographia do Brazil*, do Dr. Mello Moraes, to. 1).

Deducção dos Direitos do Brazil á propriedade e posse da actual linha da fronteira do Norte do Imperio do Brazil, pelo Conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond (*Idem*, to. 2).

14.—*Compendio historico do occorrido na demarcação dos limites pelo lado da Guyana*, pelo conselheiro Manoel José Maria da Costa e Sá (*Idem* to 2).

15.—*Corographia Brazilica*, pelo Padre Manoel Ayres do Casal, art. *Guyana.*

16.—*Colonisação da Guyana Franceza*, publicação da *Sociedade de Estudos*, fundada e dirigida por Mr. Julio Chevalier.

Extractos de authores e viajantes que escrevêrão sobre a Guyana, acompanhados do catalogo bibliographico da Guyana, por Victor Nouvion, Secretario da *Sociedade de Estudos*, etc. Pariz, 1847.

17.—*Idéa do que he a villa de S. José de Macapá, dada ao Illm. e Exm. Sr. Dez. Rodrigo de Souza da Silva Pontes, Presidente da Provincia do Grão-Pará*, pelo Tenente Coronel de Artilharia Antonio Ladisláu Monteiro Baena, mandado em commissão á mesma Villa pelo dito Sr. Presidente em 18[illegible] (*manuscripto*).

18.—*Informação sobre as vallas da villa de S. José de Macapá, dada* etc., pelo mesmo Baena em 1842 (*manuscripto*).

19.—*Breve descripção da villa de Mazagão, e parecer sobre o aningal da sua entrada, dada*, etc., pelo mesmo Baena em 1842 (*manuscripto*).

20.—*Informação sobre a villa de S. Antonio de Gurupá*, dada etc., pelo mesmo Baena em 1842 (*manuscripto*).

Comquanto a villa de Gurupá esteja situada na margem direita do Amazonas, não sob sua dependencia [illegible] o esquecido, e sobre estes tambem [illegible] muitos esclarecimentos.

21.—*Manuscripto sobre os limites do Brazil*, offerecido ao Instituto historico e geographico Brazileiro, por S. M. o Imperador (*Revista do Instituto historico*, etc. to. 24).

Limites e organisação do territorio.—No anno de 1853, depois que se levou a effeito a idéa de abrir a navegação do rio Amazonas ás nações ribeirinhas, idéa precursora da abertura desa navegação á todas nações do Mundo; entendemos que uma das primeiras necessidadas era o olharmos com o mais serio interesse para o territorio septentrional que possuimos banhado pelo Amazonas, terreno importante pela magnifica posição que occupa, de que o ponto mais notavel he por sem duvida o da cidade de Macapá, seja em relação ao commercio, seja aos futuros destinos do nosso Paiz.

Sabemos quaes os erros que commetteu Martim Affonso de Souza quando deixou de occupar a margem esquerda do rio da Prata em 1531, e o erro mais palmar de desprezar a bahia do Rio de Janeiro, onde recebeu dos naturaes não espontaneo e benevolo agazalho, para ir estabelecer-se em S. Vicente, porque já havia ali um começo de colonia.

Tambem não nos he desconhecido outro erro que commettemos no principio da nossa emancipação politica, o sacrificio que se fez da Capitania do Rio Negro ás ambições da Junta Provisoria de Belem; sacrificio que além de outros inconvenientes, trouxe-nos o conflicto de 1843 com a Grã-Bretanha, por causa da missão do Pirára, neutralisando-se um territorio incontestavelmente nosso; conflicto que por certo não teria existido, se no Rio-Negro houvesse um Governo que por certo olharia com mais zelo para o territorio do Rio-Branco, como nunca o fez, nem poderia fazer o do Grão-Pará.

Estes motivos tambem actuão no territorio á margem esquerda do Amazonas, e que, em quanto não fôr desligado da Provincia do Grão Pará, não terá a vida que precisa ter, e que demandão os interesses do Imperio.

A estolida vaidade dos Capitães-Generaes foi sempre um embaraço para a elevação daquelle territorio em Capitania; pois se o houvera sido, o Tratado de Utrecht, assim como os de Vienna e de Paris, não serião para nós uma inutilidade.

Sempre que lançavamos os olhos para aquelle lado do Imperio, quando estudavamos a sua Carta, não podiamos comprehender a razão do abandono de tão importante territorio, cujas vantagens são tão manifestas, tendo-se em consideração a posição, e os recursos que em si concentra, especialmente o artigo—*gomma elastica*.

Baseados nestas razões, quando occupavamos um assento na Camara dos Deputados, offerecemos o projecto que abaixo copiamos, em que fomos auxiliados por outros Membros, á quem nossas idéas parecerão aceitaveis:

« A Assembléa Geral Legislativa resolve:

« art. 1.º—Fica elevada á cathegoria de Provincia, com a denominação de *Oyapockia*, o territorio comprehendido entre os rios Nhamundá, Amazonas, Oceano Atlantico, e os limites septentrionaes do Imperio. O Governo designará no acto da creação quaes as ilhas adjacentes dos rios Amazonas e Nhamundá que ficarão pertencendo á nova Provincia.

« art. 2.º—A capital da nova Provincia será a villa de Macapá, em quanto a Assembléa Provincial respectiva não resolver a mudança.

« art. 3.º—A Provincia de *Oyapockia* dará um Senador e dous Deputados á Assembléa Geral Legislativa. A Assembléa Provincial constará de vinte membros.

« art. 4.º—O Governo fica autorisado para crear na mesma Provincia as estações fiscaes indispensaveis para a arrecadação e administração das Rendas Geraes, submettendo-as depois ao conhecimento da Assembléa Geral para sua definitiva approvação.

» art. 5.º—Ficão revogadas todas as Leis em contrario.

« Paço da Camara dos Deputados, 1º de Julho de 1853.—*Candido Mendes de Almeida.—Barão de Maroim.—João Wilkens de Mattos.—João Lustosa da Cunha Paranaguá.—S. F. de Araujo Jorge.—Aprigio José de Souza.—José Antonio Saraiva.—Octaviano Cabral Rapozo da Camara.—Ignacio Joaquim Barbosa.—Dr. José de Góes Siqueira.—J. T. dos Santos e Almeida.—L. B. M. Fiuza.—F. Mendes da C. Corrêa.—João Duarte Lisboa Serra.—Francisco de Paula Santos.—Viriato Bandeira Duarte.* »

Neste projecto que fizemos acompanhar da respectiva Carta, demos ao territorio o nome de *Oyapockia*, que á algumas pessoas pareceu inconveniente, tendo em mira as pretenções da França ao dominio completo do rio Oyapock, não obstante o nosso direito á sua margem direita.

Achando rasoavel a objecção, tanto mais quanto a denominação desta Provincia devêra ser a de *Amazonas*, nome que sem grande fundamento foi dado á antiga *Capitania do Rio Negro*, entendemos que deveriamos procurar uma denominação que satisfizesse ao territorio que não nos he disputado.

He por isso que hoje designamos esse territorio pelo titulo de *Pinsonia*; afim de se honrar a memoria do seu descobridor, o celebrado navegante hespanhol Vicente Yanes Pinson, um dos mais intrepidos companheiros de Colombo, Commandante da veleira caravella *Niña*. Preferimos esta denominação á de *Cabo do Norte*, da antiga Capitania de Bento Maciel Parente, ou de *Guyana Portugueza* ou *Brázileira* como pretendião Ayres do Casal e outros.

Mas a noticia deste projecto abalou muito os espiritos na cidade de Belém, capital da Provincia do Grão-Pará, que lobrigará nessa creação, uma diminuição de interesses e de importancia para a cidade que se julga a rainha do Amazonas, no momento em que a navegação do rio se ia fazer á vapor por meio da creação de uma forte Companhia.

O correspondente do *Correio Mercantil* daquella cidade em carta de 16 de Setembro de 1853, impressa no n. 284 do mesmo jornal, dêo logo uma idéa desse desgosto, expressando-se por esta forma:

« Não obstante, eu sempre quizera que o Governo antes da experiencia dos espelhos ustorios nos mandasse alguns bons vapores e tropa, em vez de deixar-nos somente entregues á mercê da Divina Providencia, e cuidar na Provincia *Oyapockica*, que he *por em quanto* uma extravagancia,se he que não convenha ceder antes por bem o que talvez não possamos denegar á força. »

Mas o pesar se manifestou com dupla força na Assembléa Legislativa da Provincia, como se vê da carta que no 1º de Novembro de 1853 dirigio o correspondente do *Jornal do Commercio*, impressa no n. 324 da referidá folha, e que tambem aqu registramos:

« Ainda tratarei de outra questão que tem toda a relação com esta navegação (*a do Amazonas*).

« Lembrado estará de um projecto que foi apresentado este anno na Assembléa Geral assignado por trinta e tantos Deputados, *menos os desta Provincia*, no qual se propõe a necessidade e conveniencia da creação de uma *nova Provincia* na Comarca de Macapá, desde esta Villa até Obidos, isto he, naquella parte do Imperio á que outr'ora os geographos chamarão *Guyana Portugueza*, e que hoje com toda a propriedade poderemos continuar a chamar *Guyana Brazileira*. Pois bem.

« Esse projecto que mereceu a *geral desapprovação* dos habitantes desta Provincia, foi *um verdadeiro cartel* dirigido ao patriotismo dos Paraenses, e levantado da arena pela Assembléa Legislativa Provincial, cuja resposta lá vai em breve apparecer no seio da Representação Nacional, demonstrando a *extemporaneidade*, a *inconveniencia*, a *improficuidade* de uma tal medida.

« A moção feita para este fim foi *unanimemente* approvada, e se eu tivera a honra de ter assento entre os Legisladores da Provincia, ajudaria á estygmatisar o tal projecto, votando pela representação; *mas havia de me esforçar* para que tambem ao Governo se lembrasse a *necessidade palpitante e instantanea* de crear na villa de Macapá uma alfandega filial da desta Capital, exorando ao mesmo tempo a liberdade da permissão do commercio de transito pelo Amazonas.

« He questão entre iguaes, e por tanto appellamos para o tempo, afim de nos informar quem vence, se a razão, se o capricho.

« Sobre a necessidade da creação desta Alfandega ali, quer se affecte a idéa do commercio de transito, quer se permitta a livre navegação, alongar-me-hei em outra occasião. »

Não obstante o que diz este correspondente sobre a *extemporaneidade*, *inconveniencia*, e *improficuidade* do projecto, nessa epocha já se achava *necessaria* a creação de uma Alfandega em Macapá, e são decorridos quinze annos, sem que tal neces-

sidade fosse satisfeita. Vimos com pesar o porto de Macapá privado desse beneficio ainda no Decreto n. 3920—de 31 de Julho de 1867, que regulou a navegação do grande rio, franqueada á todas as nações do Globo. Apenas foi considerado registro, e porto de deposito de combustivel, para os vapores que demandarem o rio por aquelle lado.

A despeito da repulsão que teve em Belém o nosso projecto, o Gabinete de 6 de Setembro prestou-lhe alguma attenção, visto como por Aviso da Repartição do Imperio de 26 de Outubro desse anno, se exigio do Ministerio da Marinha informações acerca da verdadeira situação, importancia, recursos dos portos das villas de Condeixa, Chaves na ilha de Marajó, da povoação de Rebordello na ilha de Caviana, e da villa de Macapá na margem esquerda do rio Amazonas, afim de se fundar ali uma importante Colonia.

Eis os termos por que se exprimia o Ministro daquella Repartição:

« Illm e Exm. Sr.—Convindo que o Governo Imperial tenha uma exacta informação ácerca da verdadeira situação, importancia e recursos dos portos das Villas de Condeixa e Chaves na ilha de Marajó, da Povoação de Rebordello, na de Caviana, e da Villa de Macapá na margem esquerda do rio Amazonas na Provincia do Grão-Pará, e de qualquer porto com profundo e seguro ancoradouro proximo á embocadura do mesmo rio, onde se possa fundar uma importante Colonia; rogo a V. Ex. que se sirva mandar examinar esses portos pelo Commandante da Estação Naval do Norte, recommendando-lhe todo o zelo; e a remessa, o mais breve que poder de um Relatorio circumstanciado de suas investigações, acompanhado das plantas dos portos e respectivas povoações; cumprindo-me prevenir a V. Ex. que nesta data se expede Aviso ao Presidente daquella Provincia para pôr á disposição do mesmo Chefe os meios que para esse fim requisitar, e em que accordarem.

« Deos Guarde a V. Ex.—*Luiz Pedreira do Couto Ferraz.*—Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha. »

Havendo decorrido quinze annos depois de offerecido o nosso projecto, parece que as rasões de extemporaneidade e de inconveniencia devem ter enfraquecido, senão cessado; tanto mais quanto a cidade de Belem deve estar hoje mais segura e tranquilla acerca do seu futuro, que não pode deixar de ser brilhante, cumprindo ser agora mais generosa acerca de territorios que reclamão do paiz attenção mais cuidada.

O Ministro da Marinha de então o Conselheiro José Maria da Silva Paranhos, encarregou do desempenho daquella Commissão ao commandante da Divisão Naval do Norte, que na epocha era o actual Conselheiro Joaquim Manoel de Oliveira Figueiredo, que plenamente satisfez as vistas do Governo.

Apresentou um interessante e luminoso relatorio, acompanhado de differentes mappas e plantas, de muito merecimento; de que nenhum uso se fez. Desse trabalho colhemos alguns dados para a justificação do nosso projecto; que sujeitamos ao estudo de todo o paiz, já que fóra do Parlamento, não podemos ali advogar a opportunidade e conveniencia dessa medida.

A posição astronomica deste territorio he a seguinte:

Latitude boreal 4° 8', e austral 2° 40'.

A longitude toda occidental comprehende o espaço entre 6° 15' e 15° 40'.

A sua maior distancia de Norte a Sul he de 90 leguas desde as nascentes do rio Gurupatuba na serra Tumucuraque á margem esquerda do rio Amazonas, pouco abaixo da foz do rio Tapajóz; e de Leste á Oeste 170 leguas do Cabo do Norte na ilha de Maracá á margem esquerda do rio Nhamundá. Calculamos a sua superficie em 8 a 9.000 leguas quadradas.

Confina ao Norte com as Guyanas Ingleza, Hollandeza e Franceza pelo cubatão da serra Tumucuraque e *thalweg* do rio Oyapock ou de Vicente Pinson, ou Pinçon; ao Sul com a Provincia do Grão-Pará pelo *thalweg* do rio Amazonas, e canal austral da fóz do mesmo rio e com as ilhas que lhe ficarem sob sua dependencia; á Leste com o Occeano Atlantico: e a Oeste com a Provincia do Amazonas pelo *thalweg* do rio Nhamundá pela fóz occidental do mesmo rio. O littoral maritimo, comprehendendo o das ilhas, excede a sessenta leguas; e o fluvial mais de trezentas, não contemplando os rios de inferior importancia.

Este territorio descoberto ha mais de trez seculos, ainda hoje se acha quasi que abandonado. A nação que o conquistou não lhe deu todo o apreço a que elle tinha jús, como succedeu com outros pontos do Brazil mais afortunados.

Parece que na distribuição em doze Capitanias da terra de Santa Cruz que fez D. João III, coube á João de Barros a mais septentrional, e como não temos presente a integra de sua doação, não sabemos os limites que lhe forão traçados. Nessa doação devêra estar comprehendido este territorio, por isso que a Hespanha nunca recusou-o á Portugal.

A primeira expedição com destino a colonisação do territorio doado foi ter á ilha *Upaon-assú*, hoje do Maranhão, mas que antes teve differentes denominações; depois de um tremendo naufragio, a que se seguio outro em nova expedição, tão infructuosa como a primeira.

Tendo estas doações caducado, a Corôa encarregou-se de conquistar e colonisar o territorio septentrional da mesma terra de *Santa Cruz*, vulgarmente chamada *Brazil*.

A occupação da fóz do *Paraná-guassú*, que os Portuguezes traduzirão por *Grão-Pará*, e da fundação de Belem em 1616, habilitou-os a explorarem a fóz do grande rio, e os paizes situados na margem esquerda.

Seis a sete annos depois deste estabelecimento os Portuguezes commandados por Bento Maciel Parente tiverão de expellir de Gurupá e de outros pontos da foz do Amazo-

nas os Hollandezes, que se havião ali fortificado, protegidos pelos indigenas *Nheengaybas*, com quem muito negociavão.

Em 1629 o Capitão Pedro da Costa Favella depois de renhidos combates com os Hollandezes e Inglezes na ilha de Tucujús (hoje *Gurupá*) tomou-lhes o forte *Torrego*, capitulando o seu chefe o Irlandez James Porcel.

No anno seguinte, e em 1631, Jacome Raymundo de Noronha toma aos mesmos adversarios outro forte de nome *Philipps*, que na mesma ilha tinha fundado o seu chefe Thomaz, guerreiro em quem muito confiavão, pela celebridade adquirida nas guerras de Flandres.

Mas depois da derrota de um inimigo, seguia-se logo a luta com outro: tal era o empenho que mostravão em apossarem-se destas posições, de que aliás tão pouco sabemos apreciar a importancia.

Desta vez o adversario que tivemos em frente erão Inglezes, que havião levantado com o auxilio dos indigenas Nheengaybas, Aruans e Tucujús o imponente forte de *Camaú*, bem guarnecido e artilhado, um pouco ao Sul da presente cidade de Macapá, nas visinhanças da ponta da Cascalheira.

A noticia do estabelecimento de tão respeitavel adversario forçou o Governador do *Estado do Maranhão* a ordenar á seu filho Feliciano Coelho de Carvalho, que havia succedido á Noronha na administração do Pará, que sem detença fosse desalojar de *Camaú*, e escarmentar os novos invasores.

Pondo á sua disposição os recursos da Colonia, mandou o Governador Francisco Coelho de Carvalho, para guia-lo na empreza e como seu immediato o Sargento-mór do Estado Antonio Teixeira de Mello, que dez annos depois (1642) se constituio o *libertador do Maranhão* do jugo Hollandez.

Pode-se avaliar a importancia de *Camaú* pelos apestos que fez Feliciano Coelho em Camutá, onde assistido da flôr dos mais destemidos cabos que contava o Estado, levou para o ponto occupado pelos Inglezes em 19 de Junho de 1632, em 127 canôas 240 soldados e 5.000 indigenas frecheiros.

Camaú foi assediado e rendido por assalto, na noite de 9 de Julho desse anno, concorrendo muito para este resultado a intrepidez do Capitão Pedro Bayão de Abreu.

O commandante Rogero Fray, Inglez, que tinha ido esperar na fóz do Amazonas os reforços que lhe promettera de Londres o Conde de Brechier, além de outros dos Estados da Hollanda, hé morto em combate pelo Capitão Ayres de Souza Chichorro, rendida a guarnição do navio em que se achava.

Foi por estas proezas que conquistamos este territorio. A Côrte de Madrid que então governava Portugal julgando conveniente crear ali uma Capitania, fez doação do territorio a Bento Maciel Parente, um dos que mais ajudarão a expellir os estrangeiros, e que na Côrte Hespanhola, se apresentára como o promotor da descoberta da navegação do Amazonas, que realisou o Capitão Pedro Teixeira.

A Carta Regia que consagra a doação tem a data de 14 de Junho de 1637, e della copiamos aqui os seguintes trechos:

« D. Felippe, por graça de Deos, etc.

« Faço saber aos que esta minha Carta de Doação virem que tendo consideração aos serviços que o Conde de Basto, sendo Governador deste Reino, me representou em uma consulta no anno de 1631, que havia feito Bento Maciel Parente, fidalgo de minha Casa, e aos mais que até o anno de 1634 fez em Pernambuco, cujos papeis apresentou na Côrte de Madrid: houve por bem por cartas minhas de 18 de Maio de 1634 e 13 de Agosto de 1636, de lhe fazer mercê de algumas terras no rio de Amazonas, além do fôro de fidalgo com dous mil réis de moradia de que se lhe passou portaria na Côrte de Madrid; tudo com obrigação de ir servir a Pernambuco trez annos, por quanto seria alli de proveito pela muita pratica que tinha daquella guerra; e que a Senhora Princeza Margarida, minha muito amada e prezada senhora prima, remetteu ao Conselho da Fazenda com ordem que se lhe nomeasse a dita Capitania, não sendo nenhuma das que tenho escolhido para minha Corôa, nem das terras que estão dadas a terceiro. E porque no Conselho da Fazenda, tomadas as informações necessarias, sendo ouvido o Procurador della, se lhe nomeou ao dito Bento Maciel, a Capitania do *Cabo do Norte*, que tem pela costa do mar trinta até quarenta leguas de districto, que se contão do dito Cabo até o rio de Vicente Pinçon, onde entra a repartição das Indias do Reino de Castella, e pela terra dentro Rio das Amazonas arriba, da parte do canal que vai sahir ao mar oitenta para cem leguas, até o rio dos Tupuyosus (*desaguadouro do lago Surubiú.*)

. . . . . .

« E visto por mim seu requerimento e a fórma da Portaria relatada, porque lhe fiz esta mercê ao dito Bento Maciel, com a mesma qualidade, jurisdicção e obrigação, com que foi concedida a outra Capitania ao dito Alvaro de Souza, e as mais do Estado do Brazil, e considerando eu quanto serviço de Deos e meu, e bem commum de meus Reinos e Senhorios, dos naturaes subditos delles, e ser a minha costa e terra do Brazil, Maranhão e Pará mais povoada do que até agora foi, assim para se nella haver de celebrar o culto divino e se exaltar a nossa Santa Fé Catholica, como trazer e provocar a ella os naturaes da dita terra infieis e idolatras, como pelo muito proveito que se seguirá a meus Reinos e Senhorios.

« E aos naturaes e subditos delles em se a dita terra povoar e aproveitar, houve por bem de mandar repartir e ordenar as Capitanias de certas em certas leguas para dellas prover as primeiras que bem me parecesse, pelo qual havendo respeito aos serviços que me fez e espero me faça o dito Bento Maciel Parente, e por folgar de lhe fazer mercê em satisfação delles, usando de meu poder Real e absoluto, certa sciencia, hei por bem e me praz de lhe fazer mercê como em effeito faço por esta Carta irrevogavel doação entre vivos, valedoura deste dia para todo sempre de juro e herdade para elle e todos seus filhos, netos e herdeiros, e successores, que apoz elle vierem assim descendentes como transversaes e collateraes, segundo ao diante irá declarado das terras que jazem no *Cabo do Norte* com os rios que dentro nellas estiverem, que tem pela costa do mar, trinta até quarenta leguas de districto que se contão do dito Cabo até o rio de Vicente Pinçon, aonde entra a repartição das Indias do Reino de Castella, e pela terra dentro do rio das Amazonas arriba, da parte do canal que vai sahir ao mar oitenta para cem leguas até o Rio dos Tapuyosus, com declaração que nas partes referidas por onde acabarem as trinta e cinco até quarenta leguas de costa de sua Capitania se porão marcos de pedra, e estes marcos correrão via recta pelo sertão dentro.

« E bem assim, mais será do dito Bento Maciel Parente e seus successores as ilhas que houver até dez leguas ao mar na fronteira e demarcação das ditas trinta e cinco até quarenta leguas de costa de sua Capitania, as quaes se entenderão medidas via recta, e

entrarão pelo sertão e terra firme a dentro pela maneira refe[rida] até o rio Tapayosús, e d'ahi por diante tanto quanto poderem entrar e fôr de minha conquista, da qual terra, ilhas e rios pelas sobreditas demarcações lhe faço doação e mercê de juro e herdade para todo sempre, como dito he. E quero e me praz que o dito Bento Maciel e todos seus herdeiros e successores, que as ditas terras herdarem, e nellas succederem, se possão chamar, e se chamem Capitães Generaes, e Governadores dellas. »

Bento Maciel Parente nada pôde fazer em beneficio de sua Capitania, por que tendo ido administrar todo o *Estado do Maranhão*, a sua má fortuna o acolheu em S. Luiz em 1641.

O Almirante Hollandez Lichthardt com 18 vasos de guerra, levando a seu bordo uma força respeitavel commandada pelo Coronel Koin, apossou-se da ilha do Maranhão e cidade de S. Luiz á falsa fé, estando em paz a Republica das Provincias-Unidas com Portugal.

Bento Maciel que tinha ordens da Metropole para receber todos os estrangeiros como amigos, menos os Mouros e Castelhanos, não pôde fazer resistencia alguma; tanto mais quanto, dispondo tão sómente de poucas praças, apresentavão-se os Hollandezes como amigos.

O resultado da aleivosia hollandeza combinada com o fraco esforço que fez Maciel, foi, além da tomada da ilha, a sua prisão e deportação na fortaleza dos Reys Magos no Rio Grande do Norte, onde pouco durou; acabando em Fevereiro de 1642, coberto de desgostos, e em poder daquelles que tantas vezes vencêo e humilhou.

Este acontecimento fez com que não vingasse a colonisação da *Capitania do Cabo do Norte*, que revertêo á Corôa, e assim se conservou até o presente.

Essa Capitania apenas contou um Governador ou Capitão-mór João Velho do Valle, que não teve successor.

Entretanto o mesmo Bento Maciel não se esquecêo de encetar a colonisação da sua conquista antes de succumbir no Maranhão; porquanto para começa-la mandou daquelle ponto em uma caravella sessenta soldados e doze casaes de Colonos ás ordens de Manoel Madeira, que por odio ao mesmo Maciel fez o piloto errar o rumo, e seguir para as Antilhas Hespanholas. Este ensaio ficou perdido.

Cumpre notar que a despeito de tantos mallogros, os Hollandezes não perdião de vista este territorio; e em 1639, um patacho armado em guerra renovou ali as hostilidades subindo o rio, e indo attacar a fortaleza de Gurupá. Mas teve má sorte, por que foi rendido por abordagem pelo Commandante da fortaleza João Pedro de Caceres.

Em 1647 nova invasão Hollandeza dirigida por Bandergús se apossa das ilhas da *Capitania do Cabo do Norte* na fóz do Amazonas, fortificando-se no ponto de *Maricary*, onde pela ultima vez os foi desalojar o Capitão-mór do Pará Sebastião de Lucena de Azevedo, auxiliado pelo intrepido Alferes Antonio da Costa.

Cessando as incursões Hollandezas e Inglezas, auxiliadas pelos indigenas Nheengaybas, Aruans e Tucujús, que os nossos Colonos exterminarão, começarão as Francezas de 1674 em diante.

Foi por essa epocha que a França tendo-se apossado de Cayena começou suas incursões no nosso territorio, guiada pelos Padres da Companhia de Jesus de sua nacionalidade Grillet e Bechamel, que atravessando com os indigenas de suas Missões o rio Oyapock alcançavão nossas possessões.

Em 1679 os Francezes penetrão no rio Amazonas, e dirigem-se até Gurupá, onde a passagem lhes foi tolhida pelo respectivo Capitão-mór.

Em 1682 e 1685 essas invasões se repetem pelo interior, não obstante as reclamações dos Missionarios Portuguezes, tanto Jesuitas como Capuchos da Piedade, á quem definitivamente ficarão pertencendo estas Missões; e dos Capitães-Generaes do Maranhão, que fazião reconduzir os invasores aos Governadores de Cayena.

Em 1686 o Capitão-General Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho resolveu fortificar a margem septentrional do Amazonas para pôr termo á essas incursões. Para este fim ali se apresentou com o Jesuita Aloisio Corrado, Italiano, distincto Mathematico: e depois de examinar as posições dos antigos fortes *Torrego*, *Camaú* e *Maricary* tomados aos Inglezes e Hollandezes, funda em Abril de 1688 sobre as ruinas do segundo, a fortaleza de S. Antonio de Macapá, pouco acima da actual.

Esta providencia mais significativa exasperou o governo de Cayena que contava com o nosso descuido naquella fronteira; e um dos Chefes mais audaciosos o Marquez de Ferolles, dirigio em 1691 um officio ao mesmo Capitão-General para que evacuasse os territorios da margem septentrional do Amazonas, por que era esse o limite da Guyana Franceza.

Repellida como mereceu ser tão impertinente reclamação em 31 de Maio de 1697, foi a fortaleza de S. Antonio de Macapá sorprehendida e tomada pelo mesmo Marquez de Ferolles, fundando-se para este commettimento no alludido pretexto.

O Commandante da fortaleza, Manoel Pestana de Vasconcellos rendeu-se com toda a sua guarnição sem dar um tiro!

Este desastre accendeu os brios do Capitão-General, e passados quarenta dias Francisco de Souza Fundão auxiliado de João Muniz de Mendonça, tomarão de assalto a fortaleza, depois de um renhido combate.

Em 4 de Março de 1700 celebrou a França com Portugal um Tratado provisional; pelo qual obrigava-se a primeira a não invadir o

nosso territorio até final solução da questão, demolindo os Portuguezes as fortificações que tinhão na fóz do Amazonas.

A este Tratado seguio-se o de Utrecht em 1713, que fixou definitivamente os nossos limites com a Guyana Franceza. Esse celebre tratado foi posteriormente reforçado pelo de Vienna em 1815, e Convenção de Pariz de 1817, cujas disposições consignamos no artigo relativo ao Mappa n. II.

Aquelles Tratados não fizerão mais do que renovarem a doutrina consagrada pelos ajustes dos Reys de Hespanha e de Portugal em execução da Bulla do Papa Alexandre VI, fixando no rio Oyapock o limite do dominio das duas Coroas, para o que firmou-se no cabeço da montanha, hoje denominada *d'Argent*, ao Occidente do cabo de Orange, outr'ora de *S. Vicente*, um padrão com as armas de Portugal, que ainda em 1724 e em 1727 foi visto e examinado pelo Capitão João Pedro do Amaral e Sargento-mór Francisco de Mello Palheta, authorisado pelo Capitão-General do Estado do Maranhão João da Maia da Gama. E outro tanto fez em 10 de Junho de 1628 o Capitão Diogo Pinto da Gaya, em obediencia ao Governador Alexandre de Sousa Freire.

Depois do Tratado de Utrecht, cuja execução quanto a demarcação não se levou a effeito, por interesse da França que nenhum desejo tinha de realisa-la; propozerão os Francezes em 1720 ao Governador Bernardo Pereira de Berredo a abertura de communicações e commercio reciprocos, e venda de Indios para os seus estabelecimentos de Cayena.

Esta proposta não podendo ser acolhida, excitou os Francezes a renovarem suas incursões no nosso territorio; o que se houvera impedido com estabelecimentos nossos na margem direita do Oyapock e o governo creado em Macapá vigiaria melhor do que o de Belém.

O Tratado de 13 de Fevereiro de 1761, annullando o de 13 de Janeiro de 1750, e as suspeitas que já existião de uma luta com a França e Hespanha, em consequencia do Pacto de Familia, arrancou de sua somnolencia a Côrte de Lisboa, até então muito atarefada em descobrir, e exterminar Jesuitas.

Nesse momento lembrou-se o Marquez de Pombal de fortificar a fóz do Amazonas.

Com tal proposito foi o Governador do Pará no anno de 1761, ou principios do seguinte, a Macapá, em companhia do Major allemão Gaspar João Gerardo Gronfelts, Henrique Galluzzi e outros Engenheiros para se começar uma importante fortificação, cujo commando fôra confiado ao Coronel Nuno da Cunha de Athayde Teive, que para ali se dirigio nesse anno; assim como em outros até a conclusão da obra, que, diz Accioli, importara em trez milhões de cruzados. A artilharia que a guarnece, hoje sem grande importancia pelos novos inventos, excede a oitenta peças de ferro e bronze de differentes calibres.

Tentar uma obra tão dispendiosa para defensa destes vastos dominios de Portugal na fóz de um rio como o Amazonas, sem organisar o territorio escolhido em Capitania, como os governos transactos tinhão feito no Sul e centro do Brazil, he inacreditavel; tratando-se de um Estadista como Pombal, cuja habilidade tanto se preconisa, principalmente pelos que nunca a demorarão-se em examinar a sua administração.

A historia do territorio de que nos occupamos, dessa epocha por diante he conhecida. Foi sepultado na agglomeração de territorios chamada *Capitania hoje Provincia de Grão Pará*; tratando-se uma ou outra vez incidentemente da posição de Macapá. A Provisão de 4 de Novembro de 1816, he um exemplo: nella apenas se aventura a idéa de constituir Macapá cabeça de uma Comarca; que se pretendia crear naquella Capitania, e que o interesse historico aqui exaramos:

«D. João, por graça de Deos, Rey do Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves, etc.

« Mando a vós Governador e Capitão General da Capitania do Pará, me informeis com o vosso parecer se em lugar dos Juizes de Fóra que no officio de 15 de Julho do anno passado propuzestes para as Villas de Souzarém e de Cametá, convirá antes a creação de uma nova Comarca e Ouvidoria, como já propuzera o precedente Governador e Capitão General, D. Francisco de Souza Coutinho, em officio de 29 de Julho de 1800, declarando qual das Villas deve ser a cabeça da Comarca, quaes villas deverão ser comarcães della e da antiga Comarca do Pará, a distancia em que cada uma das Villas fica de sua respectiva cabeça de Comarca, e finalmente se convirá que nesta divisão fique sendo cabeça da nova Comarca a *Villa de Macapá*, apezar de ser tão doentia, que a sua população se diminue successivamente, arruinando-se em consequencia muitas casas della; remettendo-me tambem se possivel fôr um mappa da Comarca actual do Pará, no estado actual em que se acha.

«El-Rey Nosso Senhor o mandou pelos Ministros abaixo assignados do seu Conselho, e seus Dezembargadores do Paço. João Pedro Maynard da Fonseca e Sá a fez no Rio de Janeiro, a 4 de Novembro de 1816.—Bernardo José de Souza Lobato a fez escrever.—Monsenhor *Almeida*.—Monsenhor *Miranda*. »

A Capitania de Bento Maciel Parente era ao Oeste limitada pelo rio dos *Tapuyusús* actualmente o desagoadouro do lago Surubiú. O territorio que ora demandamos para a nova Provincia alcança a margem esquerda do rio Nhamundá ou Jamundá, tão celebre pela aventura do combate de guerreiras indigenas com *Orellana*, o primeiro Europêo que descêo o rio, hoje por tal acontecimento denominado *Amazonas*.

Este territorio concentra uma população não inferior a cento e sessenta mil almas, exclusive as tribus fronteiras, que são numerosas, e occupão o espaço entre as primeiras vinte leguas, além da margem esquerda do Amazonas, e as vertentes da serra Tumucumaque.

Taes são os nossos calculos visto a deficiencia de censo que ha da população da Provincia do Grão-Pará.

E parece que ha fundamento para assim acreditarmos, visto como a Guarda Nacional deste territorio, aliás superior a da Provincia do Amazonas, comprehende nove a dez Batalhões, com dous Commandos Superiores, por isso que estes no Grão-Pará correspondem ao numero de Comarcas.

Posto que o corpo eleitoral seja inferior ao da Provincia do Amazonas, porque não excederá talvez de 80 eleitores, deve-se attender a que nestes ultimos quinze annos, o commercio do grande rio tem dado não pequeno incremento aos povoados ribeirinhos, de que dá testemunho a cifra de sua grande exportação; que sendo em 1861, segundo o *Relatorio da Presidencia* do anno immediato, de 880.528$200, nos municipios de Macapá (184.449$000), Mazagão (67.000$000), Alemquer (149.600$000), Obidos (425.640$000), Monte Alegre (38.000$000), e Faro (15.839$300), sem contemplar Almeirim, Arrayolos, Esposende, e Jary, dependentes do municipio de Gurupá; hoje deve exceder de 1.000,000$000.

E nenhum receio poderiamos ter desse resultado, porquanto a Provincia do Amazonas começando em 1853 com uma exportação de 250 contos de réis, em 1863 alcançou á cifra de 1.200 contos; o que não faria a Provincia cuja creação sustentamos em igual espaço de tempo? E o que não teria feito, se em 1853 fosse creada?

A cifra da importação deverá ir além de mil e quinhentos contos ou dous mil contos.

O territorio em questão tem presentemente duas Comarcas: a de Macapá e a de Obidos, além de vastos terrenos sob a dependencia das Comarcas de Santarem e de Gurupá, cujas cabeças estão situadas á margem direita do rio.

Todos os povoados estão em geral á margem do rio Amazonas, ou proximos. Entre estes notão-se duas cidades: Macapá e Obidos. Quatro villas importantes Alemquer, Mazagão, Monte Alegre e Faro. As parochias da Prainha, Almeirim, Arrayollos, Esposende, S. Anna do Cajary, Jary, etc. que na marcha que seguem, em vista dos productos que exportão, brevemente serão villas, como já forão outr'ora.

Podemos apontar ainda a Colonia militar de Pedro II, Matapy, Desterro, Rebordello, Terapixum, Tujujú-maity, etc., que sem duvida crescerão ao bafo animador do Governo, que seria e desveladamente concentrasse suas vistas neste riquissimo territorio, digno por certo de todos os cuidados de uma energica e intelligente administração.

Parece portanto que, em vista do que temos expendido, o territorio da antiga *Guyana Portugueza* está em condições de constituir uma das Provincias do nosso Imperio; e que tem proporções de vida e de progresso mui superiores as de algumas das actuaes Provincias.

Bem que as Assembléas Provinciaes tenhão o encargo de escolher as respectivas capitaes, o voto do Governo não póde ser despresado pelos interesses geraes que estão sob sua guarda.

Lançando as vistas sobre o mappa do territorio, os dous povoados que mais se recommendão para esse posto, são as cidades de Macapá e de Obidos. Aquella por sua magnifica posição para o commercio, que lhe augura no mundo os mais altos destinos, como emporio do mais poderoso e opulento manancial do Universo, além dos ricos productos de todo o genero que encerra o seu territorio.

Obidos occupa tambem no rio uma posição excepcional, menos como ponto commercial, do que bellico; mas presentemente gosa da vantagem de ser ali o mais rico e o mais povoado dos Municipios, como attesta a cifra de sua exportação em que o cacáo dá o maior contingente (410.640$000).

Mas estas vantagens não podem excluir as que tanto distinguem Macapá, maxime attendendo-se a que este Municipio contém em si 471 estabelecimentos industriaes de maior variedade, a saber: oito engenhos de assucar, 400 sitios de fazer farinha, uma olaria, dous cortumes e sessenta fabricas de sabão; a que convém addicionar-se 62 fazendas de creação de gado vacum e cavallar com 22 mil cabeças, e 40 de cultura de cacáo, feijão, milho, arroz, café, algodão fumo, urucú, etc.

São dados officiaes extrahidos do *Relatorio* da Presidencia de 1862.

Pelo que respeita á salubridade do clima, estas duas cidades, como em geral os povoados das margens do Amazonas, são sujeitas ás febres intermittentes paludosas, que attacão em certas quadras do anno com mais ou menos intensidade, conforme os estorvos ou facilidades que lhes offerece o homem que as habita.

Eis o que sobre este objecto dizem os *Relatorios* da Presidencia do Grão-Pará dos annos de 1862 e 1863:

« As febres intermittentes paludosas com a entrada do verão, reapparecerão na Comarca de Santarem, com indole menos grave e funesta, e affectando os Indios em menor escala. »

E mais adiante:

« As tendencias das mesmas febres em Macapá, Gurupá, Almeirim, Porto de Mós conservão o seu antigo caracter maligno e rebelde. »

Tratando do Facultativo contractado para visitar as localidades attacadas de taes *endemias*, diz:

« Tendo visitado Breves, Gurupá, Prainha, Santarém e Obidos, com especial recommendação de estudar o estado sanitario destas localidades, aguardo o seu relatorio para vos ser presente. »

Referindo-se com particularidade a Santarem, diz:

« A humanidade, dando as mãos á industria, e a vida daquelle bello Municipio, que definha sob a pressão do flagello pestilencial, que *todos os annos supporta a sua população*, reclama a continuação de nossos desvelos em prol de seus mais caros interesses »

« Em quasi identicas circumstancias, se acha a *importante* cidade de Macapá. «

Em 1863 diz a mesma Presidencia, referindo-se a Obidos:

« A cidade de Obidos assentada sobre um outeiro bastante elevado, exposta a livre corrente das brisas em todas as dimensões, parece que devia ser um dos pontos de mais salubridade em todo o valle do Amazonas

« Que assim fôra em tempos idos asseverão os mais antigos moradores daquella localidade. A obstrucção porém, dos grandes lagos *Caraná e Juncal*, que lhe ficão do lado do nascente, deu lugar a que em certas occasiões do anno soffrão seus habitantes as febres intermittentes e outras enfermidades resultantes dos miasmas paludosos, produzidos pelos vegetaes em putrefacção; que se agglomerão no seio das aguas estagnadas.

« A limpeza destes lagos, e a desobstrucção de sua communicação natural com o Amazonas arredarião daquella cidade, os perigos constantes á que estão sujeitas pela visinhança de um tão grande foco de infecção.

« A freguezia da Prainha está exposta aos mesmos males pela proximidade em que está de um grande pantano, que corta as aguas do igarapé, que desagua no Amazonas pouco acima do porto.

« Circumdando quasi toda a povoação, recebe em seu seio as folhas e fructos de diversas arvores que por elle crescem. Estes focos miasmaticos encerrão certamente as febres de mau caracter, que ali quasi todos os annos se observão. »

« Nas mesmas condições se achão os habitantes da Villa de Gurupá rodeada de grandes pantanos, a insalubridade daquella localidade he geralmente sentida. »

Continuando, e referindo-se á Macapá, diz:

« Pelas *mesmas* causas soffre Macapá o flagello das intermittentes paludosas, que variando mais ou menos de symptomas, não respeitão idade, constituição e temperamento.

« Ali, Senhores, a abertura das vallas, cuja limpeza fosse regularmente mantida, darião o necessario escoamento das aguas estagnadas dos immensos charcos, que confinão com os limites urbanos.

« A destruição dos assacuseiros, que ali vegetão em grande quantidade no seio desses terrenos alagados, he de indeclinavel necessidade, para evitar o maior desprendimento de miasmas que exhalão as folhas cahidas e em putrefacção.

« *Pretendi começar este melhoramento*: mas para logo encontrei embaraços, que entorpecerão a sua execução, e apenas consegui fazer alguns beneficios nas proximidades da fortaleza, por falta de recursos para as despezas, que estes serviços requerem. »

E mais abaixo, tratando de Santarem:

« A cidade de Santarem não he assim mesmo insalubre como parece. Todavia he de summa conveniencia melhorar as condições do abastecimento da agua potavel. A agua de que se faz uso constante naquella cidade he tirada do rio Tapajóz (*que em certa epocha do anno, he um agente deleterio*). »

E em seguida no mesmo artigo:

« Nas immediações daquella cidade lugares ha, onde as intermittentes fazem horrorosos estragos. *Maicá, Urumanduba, Diamantina, Retiro, Tiningú, e Murumurutuba* são as localidades habitadas, onde a morte parece que assentou seu grande laboratorio. »

Como se vê as febres intermittentes paludosas são o mal das margens do rio Amazonas, e de todos os grandes rios; e que Macapá, mais que nenhuma dessas povoações, está em condições de se poder libertar desse flagello, tendo uma policia vigilante, e uma administração zelosa, que ou faça enxugar os pantanos, que não tem a grandeza inculcada, ou cava-los, maxime o do Sul da cidade, como outr'ora existia, podendo-se tornar além de uma doca commoda e segura, um ornamento da cidade.

O Dr. Tavares Bastos no bello estudo que fez sobre o *Valle do Amazonas*, emitte a respeito do clima desta cidade um juizo, que não nos podemos escusar de aqui consignar, visto como a sua apreciação nos parece baseada em solidos fundamentos.

O que porém sentimos he que o illustrado Alagoano não appreciasse o territorio da Guyana do mesmo modo por que o temos feito, e em relação á defeza de nossos interesses na fóz do rio mar.

Eis suas palavras:

« A boca septentrional, a verdadeira entrada do Amazonas, que he caminho mais curto para as povoações do interior, e mais favoravel á navegação a vela pelo maior auxilio dos ventos de Léste, essa já está desde o seculo passado destinada a ser frequentada pelos navios de alto-mar. Ahi fundou o governo da metropole *Macapá*, e a sua fortaleza. Das obras da metropole he uma das mais notaveis do Brazil.

« A fortaleza de Macapá, olhando para as extensões do Oceano e as aguas immensas do Amasonas, está bem situada. Cercam-na as casas de uma pequena cidade, e os campos uberrimos que vão ao Araguary, ao Amapá e a Guyana Franceza. A abundancia de gado e de viveres facilitará a sustentação do forte. Possue elle 4 baluartes com 86 bôcas de fogo.

« Cada baluarte tem 2 canhões de 36, que dominam o canal proximo: não fallo da velha artilharia, sem utilidade alguma, havendo ali até peças de bronze de calibre 3, fundidas no reinado de Pedro II de Portugal, curiosidades de museo. Conservado com ligeira despeza, o forte prestará serviço real. Tem no interior os edificios necessarios. No augmento destes, no restabelecimento dos fossos e pontes, e na reparação da muralha á beira do rio, não se consumiria grande cabedal, por quanto, não he necessario reparar todos os baluartes, e a metade delles, que defende o assalto por terra, não carece por agora de obra nenhuma, pois que urgente só he a defeza pelo lado do rio.

« *Macapá não he um sitio doentio*; um pantano visinho onde abundam os assacuseiros, cuja seiva reputa-se venenosa, infecciona o lugar determinando sezões. Entretanto os prezos da fortaleza (cerca de 30) limpariam o pantano em trez semanas. Já se tentou igual expediente e com proveito. Reina em Macapá uma viração constante, que refresca a atmosphera; quasi debaixo da linha (0º 2' 15" Lat. N. obs. do Sr. J. da Costa), o calor he toleravel á sombra. Verdade seja que por si só o forte de Macapá, não dominando o canal mais meridional, nem possuindo artilharia de maximo alcance, tornar-se-hia inutil para perseguir o navio que, conhecedor das passagens ainda hoje quasi ignoradas que offerecem as grandes ilhas da fóz, fugisse do caminho frequentado.

« Para completar, pois, o systema de defeza, tem-se indicado a fundação de uma bateria em uma das ilhas fronteiras á fortaleza, o que aliás não seria dispendioso. Sem pretender decidir de um assumpto especial, seja-me licito manifestar que parece preferivel a quaesquer baterias fixas um navio a vapor bastante rapido, com dous fortes rodizios o qual estacionasse na boca se ptentrional, e acudisse aonde o chamasse o aviso de um telegrapho eletrico lançado do Pará a Macapá, atravez da ilha de Marajó e das outras que lhe ficão visinhas ao norte (a Mixiana, a Caviana, etc.). »

Baêna que em 1842 fôra a Macapá em commissão, por ordem do Presidente o Dez. Rodrigo de Sousa da Silva Pontes, e que aliás já bem a conhecia do tempo em que commandara a fortaleza; emittindo sua op

nião quanto a causa da recrudescencia das febre naquella epocha,o que attribue a um contagio vindo da Colonia de Pedro II, explica-se nestes termos:

« Tal o entendem os respectivos moradores, se bem ou mal, não me assistem principios para o decidir.

« Porém tenho-os bastantes para asseverar que a mortandade superior, como se suppõe a 422 pessoas dada p. Reverendo Vigario, não he *puramente devida* á malignidade do contagio, tambem para ella concorrêo e concorre o modo peculiar, a que estão avesados, de tratarem as sesões: *mui poucos* se sujeitão ao curativo methodico prescripto pelo Cirurgião mandado por V. Ex. em seu soccorro: passeão de dia e de noite, e comem como no tempo da saude, durante a folga das febres, as quaes fazem mais horror a nós do que a elles, que vivem com ellas como familiarisados.

« Desta arte a uns se lhes extingue a vida, porque falhão á natureza forças para superar o mal: e outros e são os mais, porque não se dão do seu bruto costume em curar-se. »

Mas sobre a cidade de Macapá convem que ouçamos o Conselheiro J. M. de Oliveira Figueiredo no seu importante *Relatorio de* 1854, o mais amplo e detalhado que conhecemos sobre esta localidade, por tanto mais digno de ser apreciado.

Referindo-se a cidade, que descreve, fixando-lhe a sua verdadeira posição astronomica, diz o seguinte:

« *Macapá.*—Esta Villa cuja fundação data do anno de 1752, está edificada na margem esquerda do Amazonas, cerca de 39 leguas distante do Cabo do Norte, em linha recta, e 44 da boca do lago Amapá.

« A posição geographica desta Villa, em todos os mappas, e outros documentos que consultei, apresenta notaveis differenças.

« Segundo o *Ensaio Corographico* de Baiena he ella de Latitude Norte 00° 03' 05" e Longitude oriental da ilha de Ferro 326°, ou 8° 40' 10" Oeste do Rio de Janeiro.

« Conforme a Carta levantada de 1800 a 1807 pela Commissão de demarcadores nomeada pelo Governo Portuguez he de Latitude Norte 00° 01' 00", e Longitude Oeste do Rio de Janeiro 7° 41' 40".

« Segundo Mouravel he de Latitude Norte 00° 10' 50" e Longitude Oeste do Rio de Janeiro 7° 43' 34".

« Na Carta Corographica do Imperio, se lhe dá Latitude Sul 00° 01' 00", e Longitude Oeste do Rio de Janeiro 7° 54' 00".

« E até em um documento existente na Secretaria deste commando em chefe, e que servio a um de meus respeitaveis antecessores para organisar a estatistica da Estação do Norte se lhe dá Latitude Norte 00° 7' 00", e Longitude Oeste do Rio de Janeiro 7° 57' 00".

« Pelas repetidas observações que agora se fizerão resultou de seu termo médio, Latitude Norte 00° 1' 4", e Longitude Oeste do Rio de Janeiro 7° 49' 40".

« He esta pois a posição geographica que dou á Villa de Macapá, conforme se deixa v. desenho n. 1 aonde tambem se declara que a v. ão magnetica observada he de 1° 20' NE.

« A Villa está assentada em terreno desigual, e elevado de 15 a 24 pés sobre a superficie das aguas na sua baixa mar.

« Tem ella, como se deixa vêr na respectiva planta, desenho n. 1, dous espaçosos largos de figura retangular, oito ruas e dez travessas todas ellas lançadas de Norte a Sul, e de Leste a Oeste, cortando-se consequentemente em angulos rectos.

« As casas são na totalidade feitas de tabique, e na maior parte cobertas de palmeira Bussu, havendo apenas em toda ella 42 casas cobertas de telha, incluindo neste numero a Igreja, o Hospital, e dous unicos sobrados particulares.

« A Igreja cuja invocação he S. José, he de grossas paredes de taipa, e suas dimensões se não podem chamar acanhadas.

Está ella, porém, carecendo de fabrico, que se se he não fizer de prompto, maior virá a ser a despeza.

Fui informado que o Exm. Sr. Presidente da Provincia dera ordens para se lhe fazer a obra de que carecesse, e que os habitantes da Villa auxiliavão isso com uma subscripção.

« No desenho n. 2 eu apresento a vista do frontespicio da mesma igreja, e bem assim a planta de seu interior.

« A casa da Municipalidade está em completa ruina, tanto que della se vêm as paredes do primeiro pavimento, as quaes são de forte alvenaria.

« O Hospital, que he proprio Nacional, he pequeno e está em parte arruinado.

« Na planta da Villa, desenho n. 1 se deixa vêr o lugar de sua collocação, e no de n. 2 se encontrará a planta de seu interior, e o desenho de seu frontespicio.

« Este hospital, dizem os velhos moradores da Villa, fôra edificado para alfandega.

« Ao pé delle havia um telheiro cujos restos ainda existem, e que se chamava a *ribeira*, nome que ainda o lugar conserva, e aonde se concertavão as canôas do serviço da praça, e ali se construio em 1818 uma escuna de guerra que se chamou *Conde de Villa Flôr*.

« Ao Sul da Villa, o espaço comprehendido entre as suas ultimas casas lançadas de Este a Oeste, e o igarapé que corre proximo á fortaleza,e pelo Norte della, he pantanoso e coberto de matto curto, entre o qual se elevão algumas arvores de pequeno assacú.

« Na orla de Este deste espaço, um pouco mais elevado do que elle, se permittio a edificação das casas que formão o renque que no desenho se vê, com a condição porém de serem demolidas ao primeiro aviso, visto ser aquelle lugar pertencente á esplanada da praça.

« Em todo o contorno da povoação ha muito arvoredo, pela maior parte da mesma especie do assacuseiro, que tanto aquella paragem abunda que até em alguns quintaes o deixão livremente progredir.

« A distancia pouco mais ou menos de 200 braças que o dito arvoredo occupa em volta da Villa, principião então a ver-se bellos campos aonde se divisão algumas casas ou fazendolas de criação em pequena escala.

« Pouco além dos campos, e em distancia de 1 1/2, a 2 milhas existem differentes lagos ou mais propriamente pantanos ou *igapós*, segundo a phrase do paiz, por meio dos quaes reverdescem ilhotas de arbustos aquaticos.

« Ao Norte da Villa, e no lugar indicado na respectiva planta desenho n. 1, existe um pequeno *igarapé* ou valla, chamado *das mulheres*, do qual mais ao diante terei de fazer particular menção.

« Ao Sul da fortaleza existe um outro igarapé, na actualidade cheio de ramagens cahidas, dentro do qual se vêm dous arruinados fornos, de fazer tijolo e telha, que pertencentes á Fazenda Nacional fizerão estes objectos não só para o serviço da mesma fortaleza, como para venderem aos particulares.

« Os lagos não têem communicação, nem com estes igarapés, nem com o que corre junto á praça, pelo Norte della; mas deste ultimo algumas vallêtas existem que parece forão abertas com o fim de esgotar e renovar as aguas do acima dito espaço pantanoso do Sul da Villa; mas de presente taes vallêtas se acháo obstruidas pela accumulação do tujuco, ramagens cahidas, etc. »

Descrevendo o porto, indispensavel para uma cidade que no futuro deverá ter collossaes proporções, exprime-se desta sorte:

« No desenho n. 1 se póde bem contemplar sobre a extensão e proporções do porto da Villa de Macapá, que considero excellente e apropriado para ter em si os maiores navios.

« Está elle representado em baixa mar de aguas vivas.

« O melhor fundeadouro he defronte da fortaleza, projectando as duas guaritas dos baluartes Conceição e S. Pedro, aonde na distancia de 150 a 160 braças de terra se encontra fundo de 4 e 5 braças.

« A corveta a vapor *Paraense* esteve fundeada no ponto V em 9 braças.

« Por fóra do lugar aonde ella esteve, o fundo diminue até 6 braças, mas logo augmenta até 18.

« A qualidade do fundo conforme no desenho se nota, varia entre area fina, area grossa, lama, tabatinga, etc.

« A velocidade da correnteza neste ancoradouro he de 2 a 3 milhas por hora em occasião d'aguas vivas ordinarias, e as aguas nessa mesma occasião se elevão de 10 a 11 pés.

« Os ancoradouros são espaçosos, e seguros, por que apezar de que no tempo das ventanias e particularmente nas occasiões que o vento se encontra com a vasante, as aguas se agitão alguma cousa, não he com tudo em grão tal que faça correr risco a segurança dos navios, nem tão pouco estorvar o serviço das suas embarcações miudas; que todavia he prudente evitar nas occasiões da maior força da correnteza.

« No verão soprão ventos rijos do quadrante do Noroeste: no inverno são variaveis.

« A pedra que existe em frente da Villa, quasi na pancada da baixa mar é que chamão *guindaste*, me disserão algumas pessoas que era outr'ora unida ao terreno aonde se acha edificada a fortaleza.

« Eu porém não posso admittir semelhante cousa por que sendo ella da mesma flexibilidade que o dito terreno, não concebo como as agoas a respeitassem, ao passo que derrubarão toda a extensão existente entre ella e a mesma fortaleza.

« A opinião mais cordata que ha a semelhante respeito, he que seja ella resto d'uma ilhota que existia em frente da Villa, e que o mar tem destruido circularmente, devendo ella mesma desapparecer por seu turno.

« Ali existia o guindaste que lhe deu o nome, e no qual foi guindada a artilharia da praça, e depois conduzida para ella por sobre um caminho que se fez da cantaria que servio na edificação. »

Em seguida descreve a fortaleza de S. José de Macapá, a melhor do Imperio, e que pode ser no futuro o nosso maior ponto de apoio para a defeza do Paiz por aquelle lado:

« Ao rumo de 31º Sudoeste da Villa, em distancia contada da igreja de 268 braças, existe a praça de guerra que tomando da villa o nome se chama de S. José de Macapá. Esta praça, cuja planta se acha no desenho n. 1, he um quadrado de fortificação rasante edificada sobre terreno elevado 20 pés acima do desnivelamento das aguas, e composto de terra vermelha e argila branca, mistura a que os naturaes chamão *Cury*, sendo sua propriedade o amollecer dentro d'agua e encijar ao calor do Sol.

« Nos angulos do quadrado estão quatro baluartes de figura pentagonal, em cada um dos quaes se achão praticadas 14 canhoneiras lançantes.

« A artilheria que as guarnece nada deve aos melhoramentos que tem soffrido a construcção destas armas.

« Está ella toda montada em reparos mais ou menos perfeitos, á Onofre, mas notei que são estes tão altos que para dirigir as pontarias se precisarião de artilheiros de mais que regular estatura.

« Os reparos trabalhão sobre o terrapleno, por isso que nenhum delles tem plataformas.

« As grossas muralhas da praça são de cantaria escura habilmente trabalhada, e extrahida das rochas que existem duas marés acima da embocadura do Rio da Pedreira, que desagua 20 1/2 milhas ao Noroeste da Villa de Macapá, e aonde me informarão que ainda existem algumas pedras já lavradas, que se destinavão para as obras exteriores da praça.

« No centro de cada uma das cortinas do Norte, Leste e Sul, ha uma porterna solidamente trabalhada e ajudada por um xadrez interno; e no centro da cortina do Oeste, está o grande portão solidamente construido e ornado.

« O recinto da praça he um quadrado perfeito, aonde se achão oito edificios apropriados para os differentes misteres de uma praça de guerra, como seja paiol de polvora, hospital, capella, praça d'armas, armazens etc., sendo de construcção á prova de bomba.

No centro da praça ha uma cisterna abobadada para esgoto das aguas, e encostada á rampa transversal que dá serventia para o baluarte da Conceição. Existia a que suppria a praça d'agua potavel, mas que actualmente está entupida; pena a que a condemnou um dos Commandantes da mesma praça, por ter descuidosamente ali cahido um soldado que esteve em risco de vida. Salutar providencia!...

« Por baixo do terrapleno ficão as cazernas com solidas abobadas para aquartelamento da tropa, cozinhas, prisões, etc.

« A praça he circumdada de um fosso pelo lado do Sul e Oeste; e das obras externas apenas tem o revelim da parte de Oeste circumdado tambem de um fosso.

« Este revelim está arruinado, abandonado e cheio de crescido mato.

« Não existe a ponte levadiça que devia servir de communicar o revelim com a porta principal da praça, nem a que o revelim servia de communicação com a esplanada.

« Em seu lugar ha uma pequena ponte descançada sobre columnas de tijolos, que dá apoio a uma escada que do fosso dá serventia para a fortaleza.

« Segundo a opinião dos entendedores, no plano desta edificação se patenteião todos os preceitos da sciencia.

« Quem désse tal plano não pude reconhecer nos documentos que existem no archivo da praça, cujo exame me franqueou o seu Commandante interino, podendo-se apenas saber que seu primeiro Engenheiro foi o Sargento-mór Henrique Antonio Galuzzi, e que deu principio á edificação em 1764 quando alli foi o Capitão General do Pará Fernando da Costa de Atayde Teive, e approvou os ultimos planos da fortaleza.

« Os velhos moradores de Macapá, declararão-me que sempre ouvirão dizer que fôra o proprio Galuzzi o autor do plano.

« Fosse porém quem fosse, o que he certo he que a Praça de S. José de Macapá he mui solidamente edificada, e he para lastimar que se lhes não tenhão acabado ainda as suas obras exteriores, e que tivesse estado por tantas vezes completamente abandonada, a ponto de que até uma dellas servio de curral ao gado dos moradores da Villa.

« As obras exteriores que faltão são, um revelim ao Norte, duas baterias baixas a Leste, e um redente ao Sul.

« Segundo observei, e conforme as minuciosas indagações feitas pelo 2º Tenente da Armada Manoel Pereira de Figueiredo, de muitas e importantes obras precisa a praça, e disso deu parte ao Exm. Sr. Presidente do Pará o seu actual Commandante interino; mas sobre todas as obras que ha a fazer, a de maior urgencia he a construcção de uma muralha que ampare o terreno onde ella está edificada, e evite que as aguas do Amazonas nas suas correntesas lhe continuem a cavar a esplanada, e que minando-lhe os alicerces desabe a melhor fortaleza do Imperio, duplicadamente interessante não so por ser a segurança da Guyana Brazileira, como por se poder reputar a chave do melhor dos canaes que conduz para o tão cubiçado Amazonas.

« No baluarte da Conceição já as aguas tem destruido tanto da esplanada, que batem á so trez braças de distancia da muralha.

« O Capitão de Fragata Boldt quando ali esteve estacionado, e segundo as instrucções, que recebeu conforme as ordens dos Exms. Srs. Presidentes, Conselheiro Jeronymo Francisco Coelho, e Dr. Fausto Augusto de Aguiar, principiou a fazer, estacada que no plano desenho n. 1 se deixa ver, para que sendo aterrado e empedrado o espaço entre ella e a barreira, evitasse nesta, a acção destruidora das aguas.

« Esse trabalho, porém não teve a precisa conclusão, a estacada ficou em meio, e o aterro nunca se fez; razão por que persistem os mesmos elementos de destruição.

« Ainda mesmo que fosse concluida essa obra, ella não passaria de medida provisoria; por isso que sem um paredão se não conseguirão os convenientes fins.

« Qualquer despeza que com isso se fizer, he uma verdadeira economia; pois se vai dar estabilidade a um proprio Nacional excellente, que está representando na actualidade um grande capital, e cuja importancia militar não he pequena. »

Tratando da população da cidade, outr'ora *villa de Macapá*, pronuncia-se desta maneira:

« Para me não limitar a dizer simplesmente a população da Villa na actualidade, e para se reconhecer o seu movimento estatistico de mais longe, eu diligenciei o obter documentos a tal respeito, mas só os pude conseguir dos annos de 1790, 1822, 1832, 1848 e 1853.

« Com os dados que elles me fornecerão organisei o quadro estatistico que remetto sobre a marca (A), no qual se observa que no primeiro dos referidos annos

erão os habitantes da Villa, e freguezes de sua unica freguezia 1:973, no segundo 2:549, no terceiro 2:558, no quarto 3:867, e finalmente no quinto 2:867.

« Conforme o digo em observação do dito quadro estatistico, não me merece confiança o algarismo do ultimo anno; porque não posso encontrar a justificação dessa diminuição de 1:000 pessoas em 5 annos em que o Pará tem gosado de tranquillidade, e em que o commercio por aquelle districto tem augmentado muito com a extracção da gomma elastica; e tanto mais persisto na minha idéa quando observo que em 1848 havião 259 casas habitadas, e agora apezar da diminuição das 1:000 pessoas ha 322, como tudo se deixa vêr no dito quadro estatistico.

« Segundo penso a população de Macapá, quando não tenha augmentado, como aliás he razoavel suppôr, ella por certo não tem diminuido do que era em 1848. »

Passando a descrever o territorio desse Municipio, e os seus recursos naturaes, os da industria agricola, entra em curiosos detalhes, que fazem realçar o valor desta interessante parte do nosso paiz :

« O districto da Villa de Macapá, ou mais propriamente o de sua Municipalidade, occupa um terreno firme, intermediado de campos, que pelo Norte se estende até o rio Araguary, ou antes até aos limites com a Guyana Franceza, e até o rio Matapy para o lado do Sul.

« Ao Norte lhe correm os rios Araguary, Guarijuba, Macacuary, Arapecú ou Pedreira, etc. e ao Sul o Matapy, Anauarapucú ou Villa nova, etc.

« Todo este terreno he fertilissimo e proprio para a lavoura, e seus campos excellentes para criação de gado em grande escala; tendo sobre os de Marajó a vantagem de se não alagarem, ou *irão fundo*, na phrase ali usada, na estação chuvosa.

« Produz o districto no seu muito extenso territorio, cacáo, cravo, cumarú, oleo de cupaiba, breu, castanha doce, salsa, estopa, algodão, baunilha, etc. e diversas e superiores madeiras de construcção e de marceneria.

« As ilhas adjacentes pertencentes ao Municipio de Macapá têem por linha divisoria a Bahia do Vieira.

« Ellas são, postoque varzeas, proprias para a cultura da mandioca, arroz, feijão, algodão, milho e canna.

« Tambem encerrão em si bôas madeiras, e sobre tudo ali abundão as arvores das quaes se extrahe a lucrativa gomma elastica, arvores estas que tambem ha em grande copia na terra firme, ou continental de Macapá.

« He riquissimo o districto em caça tanto volatil como rasteira, e os rios produzem muito e saboroso peixe.

« Ha tambem tartarugas em abundancia, e se fabrica a manteiga dellas.

« Nos lagos do braço do rio Araguary, chamado Aporema; no Gurujuba, e em Villa Nova, ou rio Anauarapucú ha muito pirarucú; peixe este que salgado semelha ao bacalhau, e serve de sustento quotidiano á classe menos abastada e á escravatura, não se desprezando os de mais elevada posição em lhe dar as honras da meza, por isso que não he desgostoso.

« Offerecendo a naturesa expontaneamente aos habitantes dessa localidade apreciaveis productos, com accumulação dos quaes, adquirem os objectos que carecem para suas necessidades; pequeno he o desenvolvimento da industria.

« Contão-se com tudo no districto 9 engenhos, ou mais propriamente engenhocas, que com quanto alguns já anteriormente manufacturassem assucar, na actualidade se limitão á factura da cachaça e mel.

« Muito maior que o numero de engenhocas, he o das pequenas fazendolas de gado que o districto conta.

« A manufactura do azeite de andiroba podia ser em muito grande escala; por isso que he o districto abundante das arvores cujas castanhas o produzem; todavia pouco se fabrica, por isso que a lucrativa extracção da gomma elastica tem absorvido todas as attenções, a ponto que os proprios generos de lavoura de primeira necessidade apenas chegão para o consumo, ao passo que d'antes se fazia delles exportação.

« Fabrição em Macapá pannos de algodão grosso e fino que exportão, em muito menor escala, porém, que dantes.

Tambem se fazem toalhas, guardanapos e redes do mesmo tecido.

« De alguns documentos truncados que encontrei no archivo da Fortaleza organisei o quadro que remetto sob marca B, demonstrativo da exportação de Macapá desde o anno de 1807 alternadamente até 1816.

« Hoje a exportação faz muito maior vulto.

« Eu não tive dados officiaes para a reconhecer exactamente, por isso que ali só se manifestão os generos que se gastão por consumo, e os demais vão para a cidade sem guia, e são nas repartições fiscaes despachados sem declaração da procedencia; todavia por minuciosas indagações que fiz, posso dizer, sem que me afaste muito da verdade, que a exportação de Macapá em 1853 andou por 400:000$000 réis talvez para mais, sendo representada pelos seguintes artigos commerciaes.

« Seringa ou gomma elastica 6:000 arrobas, castanha 4:000 alqueires, couros de gado 1:000, azeite de andiroba 150 potes, bois em pé 250, rôlos de panno 200, cacáo 100 arrobas, taboas de cedro 50 duzias, etc.

« O taboado de cedro he tirado dos grossos madeiros desta especie que descem pelo Amazonas, e que em grande quantidade se vão perder no Oceano por não haverem montadas serrarias em grande pé, que até mui facilmente podião ser movidas por agua, e servirem para um ramo de lucrativa industria, e até para abastecerem o Arsenal de Marinha do Pará, que outr'ora fez náos e fragatas, que hoje está reduzido á expressão mais simples; mas que he de crer que se rehabilite e tome aquelle grão de actividade que convém, por isso que tendo ao pé de si as mais apreciaveis madeiras de construcção, lhe pertence ser o nosso mais activo fornecedor de bons navios. Assim se queira. »

Na exposição do clima e salubridade de Macapá faz o illustre Conselheiro apreciações mui dignas de ser estudadas :

« Para aquelles que nunca forão á Villa de Macapá e só têem della conhecimento pelas desfavoraveis, e exageradas informações que della se lhes faz; e mesmo para os que tendo lá ido encarão os factos unicamente pelo resultado que elles lhes apresentão, sem indagar das causas que os produzem, e meios de as remover; he aquella localidade a mais pestifera que se póde imaginar, e como que impossivel têem o poder de resistir por muito tempo a acção destruidora do seu inhospito, e envenenado clima.

« Não he porém tanto quanto se diz.

« Com effeito na Villa, e particularmente no tempo das suspensões da chuva, e no da sua primeira quéda, grassão febres intermittentes ou sesões que accommettem grande parte de seus moradores; mas que sendo convenientemente tratadas cedem facilmente, e neu deixão vestigios morbidos; salvo o caso de se complicarem com outras molestias existentes no individuo que acommettem.

« Na pobreza fazem comtudo maior estrago, deixando-lhe inflammações que só a muito custo se desvanecem, mas não he porque aos dessa desfavorecida classe ellas accommettão de differente fórma que aos abastados, mas sim por falta de tratamento, e por que na Villa qualquer individuo se julga um insigne medico, e a seu talante faz applicações, ás vezes barbaras, que mais do que a propria molestia causão damnos terriveis.

« He opinião geral que esta epidemia provém das evaporações putridas das aguas estagnadas nos lagos que existem proximos á Villa, dos quaes já acima fiz menção.

« Deste sentir foi o Capitão General Francisco Xavier de Mendonça Furtado que mandou abrir ao Norte da Villa uma valla para se communicar e esgotar os lagos; trabalho porém que sendo principiado com grande actividade se não levou á devida conclusão, permanecendo porém a dita valla, hoje conhecida como acima digo, pelo nome de *igarapé das mulheres*.

« Apezar que, á primeira vista não parece razoavel esta opinião, por isso que os lagos existem a sotavento da Villa, comtudo considerando que quasi todas as madrugadas sopra um brando terral na direcção delles para a Villa, creio que com razão os considerão como uma das causas do mal; mas do que eu não posso dar demonstração, por isso que não concebo, he o como nos campos, e em proximidade de taes lagos se não soffrão as febres, antes se goze a melhor saude, como fui informado por pessoas de credito.

« He aqui digno de notar-se que dentro da Villa de Macapá o gado que se mata para a consumo, deve

ser morto no mesmo dia, porque a carne apodrece em menos de 8 horas ; o que porém se não dá nos campos e mesmo em proximidades dos lagos aonde se faz a matança de vespera, e a carne se conserva sem o menor signal de putrefação.

« A' causa acima dita, aos muitos assacuzeiros que estão em derredor da povoação, e mesmo dentro della, ao pantano de que já fallei existente ao Sul da Villa ; ao uso d'agua potavel de poços sujos e abertos em lugares aonde ha assacuzeiros e outras substancias venenosas ; ao completo desprezo de todas as regras de hygiene, e a immundicia que cobre as praças, ruas, e mesmo a maior parte dos quintaes da villa, se deve por certo attribuir a insalubridade do clima, devendo notar-se que essa insalubridade só se faz sentir dentro do povoado, por que fóra delle, e em todo o districto, com excepção de um ou dous pontos no rio Araguary, e de outro no Matapy, tudo o mais he sadio.

« No tempo dos antigos Governadores da praça, cuja jurisdicção se estendia ao districto, alguns houverão, que esforçando-se pela limpeza e policia territorial, conseguirão por muito tempo extinguir as febres, particularmente um delles que até mandou derrubar as arvores venenosas.

« Posso pois dizer, e sem medo de errar, que a insalubridade da Villa de Macapá não he irremediavel, antes ella desapparecerá.

« 1.º—Communicando os trez igarapés que existem na Villa, com os lagos, afim de lhes ser a agua renovada, evitando assim sua prejudicial estagnação.

« 2.º—Destruindo todo o arvoredo venenoso que circula a Villa, e que em seu recinto existe.

« 3.º—Seccando o pequeno pantano existente ao Sul da mesma Villa, ou conservando limpos as actuaes valetas, e mesmo abrindo outras.

« Consta-me que o actual Exm. Sr. Presidente do Pará tem dado ordens neste sentido.

« 4.º—Ter o maior cuidado na limpeza dos poços que ministrão agua potavel, e não consentir que qualquer os abra aonde lhe parecer, mas sendo isso cousa em que intervenha a autoridade, mediante os precisos exames.

« 5.º—Conservar as praças e ruas sempre limpas, e descapinadas, afim de na occasião das chuvas não ficarem encharcadas.

« 6.º—Ter a maior inspecção possivel para que os quintaes das casas particulares se conservem limpos, e desenvolver o gosto de assoalhar as casas de madeira para as tornar menos humidas; e de as cobrirem de telha para as fazer mais arejadas.

« Removidos estes elementos de insalubridade ficará por certo a Villa de Macapá restituida ao estado de excellentes ares, e iguaes aguas que lhe dá Baena no seu *Ensaio Corographico*, e della se poderá dizer, com o illustrado author da *Corographia Brazilica*, que he a Villa formosa, e das mais consideraveis da Provincia do Grão-Pará. »

Se a myopia do Governo Colonial não se tivesse alargado tanto do seculo decimo setimo para o decimo oitavo na guerra sem tregoas feita à Igreja, de ha muito que os pantanaes de Macapá estarião esquecidos.

Se em vez de uma fortalesa tivessem fundado ali um mosteiro de Trappistas, Macapá figuraria hoje como outra *Staoueli*, embora os que fizessem o beneficio fossem amanhã despedidos com desdem, e expropriados do fructo de seus trabalhos.

Quem ignora o que as Ordens Religiosas praticarão de util e proveitoso sob este ponto de vista na Europa? Quantos pantanos não enchugarão, que são actualmente occupados por florescentes cidades, o ornamento daquella parte do mundo?

Além do que fica expendido cumpre ouvir a opinião do mesmo Conselheiro sobre a melhor posição para o estabelecimento de uma Colonia na fóz do Amazonas, por quanto he este ponto o mais importante da sua missão :

« Entendendo eu da doutrina do Aviso de 3 de Novembro, que me cumpre em vista das investigações feitas dar a minha opinião ácerca de qual dos lugares examinados *julgo mais apropriado para o estabelecimento de uma importante Colonia*, vou concluir o presente Relatorio com a manifestação dessa opinião.

« Depois do que venho de dizer sobre os exames levados a effeito, creio que sou consequente e razoavel declarando, que o lugar que acho, já não digo preferivel em concurso com os demais, mas sim *o unico bom e mesmo excellente* para se estabelecer uma importante colonia, he *a propria villa de Macapá*.

« Nenhum dos outros lugares, reune como aquelle tão vantajosos recursos, quer pela sua posição geographica, quer pela sua constituição physica, quer pela sua importancia commercial, e militar.

« Removidos pois os elementos que lhe tornão insalubre o clima, o que entendo não será de difficil execução, tanto que isto já se conseguio quando um dos seus antigos Governadores o quiz, entendo que deve ser ali que se estabeleça a importante Colonia, de que falla o já citado Aviso de 3 de Novembro.

« Tem o districto de Macapá em si, e com abundancia todas as producções do alto e baixo Amazonas ; tem excellentes campinas para a creação de gado em grande escala, tem as melhores proporções para estabelecer em grande, e movidas por agua, serrarias de cedros que o Amazonas lhe traz ás praias, e vendo o desprezo que na actualidade delles fazem pela maior parte, os retoma e vai entregar ao Occeano ; tem meios para fazer em grande escala o excellente azeite de andiroba, a ponto de até o exportar para as outras Provincias ; tem a facilidade da salga do peixe pirarucú, da manufacturação da manteiga da tartaruga, da extracção do oleo de cupahyba, etc., e além disso, he neste districto que existem os mais productivos e abundantes *seringaes* da Provincia.

« Accrescentando a tudo isto a bondade do seu porto, e a franqueza com que a elle se póde chegar, maxime procedendo-se aos melhoramentos, e de que fiz menção quando tratei do canal das Flexas, he inquestionavel que promovendo-se a emigração para aquella Villa, e povoando-se convenientemente o seu fertil districto, ella virá em poucos annos a ser opulenta cidade, e elle a mais opulenta tambem, e importante parte da Provincia do Grão-Pará, assim como, para aquelles que a conhecem, já he a mais rica, e mais cheia de recursos naturaes. »

Não obstante tudo quanto acima fica transcripto, que revela o merito do trabalho e a consciencia com que foi elaborado, não se olvidou o seu digno author de uma *descripção hydrographica* da fóz do grande rio, de que tanto nos hemos esquecido.

Se a Côrte estivesse mais visinha do Norte, por certo nos recordariamos com outro empenho do grande thesouro que possuimos, do que das margens do Rio da Prata, onde nossos interesses não avultão tanto.

A fóz do rio mar sem cidades e outras povoações importantes, com ilhas de grande extensão perfeitamente desertas, he o maior documento que podemos dar de que não somos dignos de possuir um tal thesouro ; e todos os dias o nosso patriotismo se sobresalta com o presentimento de que pelo abandono sem justificação de tão brilhante joia do Imperio, possa esta passar a outras mãos, onde por certo lhe darião o verdadeiro merecimento.

Então, e tarde, se infelizmente isto succeder, lastimaremos o tempo inutilmente perdido, o dinheiro e sangue que temos despendido em uma guerra que se podia ter evitado, e cujos resultados, permitta o Céo,

que ainda sejão beneficos á nossa Patria.

Copiando a *descripção hydrographica* á que acima alludimos, começa o author por fixar com muito criterio a fóz do Amazonas, distinguindo-a da do rio Tocantins, outr'ora *Paraná-guassú*, e hoje *Grão-Pará*.

« *Descripção hydrographica.*— Ha opiniões que a foz do rio Amazonas deve ser considerada desde o Cabo do Norte (*Raso*),até a ponta da Tijoca; sendo dividida pela grande ilha de Marajó em duas entradas, ou fóz de barlavento, pela qual se vai para a cidade de Santa Maria de Belem do Grão-Pará, e costeando a ilha de Marajó pelo Sul, se entra no Amazonas pelos furos do Bujaru, Tajapurú, Limão, etc.; e a outra de Sotavento, que directamente conduz ao rio Amazonas, propriamente dito pelo fraaco canal, que passa fronteiro á villa de Macapá, e segue pela parte occidental da ilha de Gurupá, ou pelo, cuja derrota encaminha pela bahia do Vieira,que he cheia de baixos, e faz passar em frente da villa de Gurupá, collocada na margem direita do Amazonas,

« Outras ha,porém,que somente a esta he que chamão a verdadeira fóz do Amazonas, dando áquella outra o nome de *Guajará*, por ser a continuação do rio que corre junto a Cidade; ou *Pará* (e este he o nome vulgar) por conduzir para a capital dessa Provincia; ou finalmente, e com mais propriedade, *Tocantins ?* por ser este rio, que engrossado por outros de menor vulto, se junta na altura da ilha da Tatuoca com o Guajará em muito maior cabedal do que elle, e que seguindo assim confundidos, até transporem os baixos de Tijóca e Bragança, se misturão nas aguas do Oceano; perdendo todos ali o nome, mas até onde só devera de prevalecer o do mais poderoso—o *Tocantins*.

Continuando, faz a descripção das trez entradas da embocadura do rio mar, e começa por descrever o 1º canal, entrando em largos, curiosos e mui importantes detalhes:

« Seguindo eu esta ultima opinião por me parecer a mais conforme, e considerando a fóz do Amazonas propriamente dito aquella, que os da primeira opinião chamão de sotavento, direi que apresenta ella trez entradas a 1ª entre a costa do Cabo do Norte (*Raso*),e a ilha Caviana; a 2ª entre esta ilha, e a Mixiana; e a 3ª entre a ilha das Flexas, e a costa boreal de Marajó.

« O primeiro destes canaes, seria certamente o melhor pela sua profundesa, que nunca he ménor do que 6 braças, e em muitos lugares 20; se não fosse o inconveniente de ser cheio de baixos; pela maior parte mudaveis que o acompanhão desde a embocadura do rio Araguary, até a ponta Jupaty ou Jupatituba, como outras cartas, e os Praticos lhe chamão; e particularmente na altura da ilha do Bailique, aonde taes baixos se tornão frequentes e variaveis, devendo-se accrescentar que á esquerda de quem por ali tentasse investir a entrada do Amazonas, lhe ficarião os muito esparcelados baixos que da ilha de Caviana se estendem ao mar, cerca de cinco milhas, baixos estes que a carta de Montravel não apresenta.

« Além deste não pequeno inconveniente, outro existe de differente naturesa; mas muito mais perigoso que elle, e que ainda mais lhe augmenta o risco.

« As aguas que banhão as terras desde o Cabo do Norte(*Raso*)até as ilhas do Bailique,Marinheiros,Brigue, Curuá, ponta do Jupaty, e bem assim as que por sobre o esparcellado se vão encontrar com a contra costa de Caviana em face ao Norte; são inhospitas nas conjuncções e opposições da lua, pelo impetuoso arrebatamento da velocidade que adquirem, e medonhos escarcéos em que se elevão nas occasiões que assim formão a destruidora *pororoca*; sendo nestas mesmas occasiões que se faz sentir em Rebordello, posto que distante destas paragens, o rapido crescimento das aguas, como em lugar proprio mencionei.

« A carta dos mercadores Portuguezes dá quasi no meio da embocadura do lugar mais estreito entre a ponta da Caviana e terra firmes do Jupatituba, uma pequena ilha chamada de Bragança,na qual já em outro tempo esteve montada uma bateria com grossas peças de artilharia.

« O fallecido Capitão de Fragata Boldt quando foi examinar por ordem da Presidencia do Pará em 1849 a Colonia de Pedro II, ali aportou, e encontrou oito peças que servirão nessa antiga bateria; sendo duas de calibre 36, duas de calibre 24 que estavão em bom estado, e quatro de calibre 18 muito arruinadas.

« Montravel não faz menção desta ilha, ou para melhor dizer lá a colloca, mas não lhe dá nome.

« Em vista pois do que fica dito, vê-se que se outro canal não houvesse que désse entrada para o Amazonas, este só poderia funccionar com muito risco, e sendo preciso um estudo continuo sobre a collocação de seus baixos; e ai d'aquelle que errando-lhe o rumo encalhasse e fosse assim sorprendido pela *pororoca*,que em si o envolveria.

« Vencidas porem as dificuldades e riscos deste canal, o navegante que incolume o passasse, e se achasse em frente á ponta occidental da ilha de Caviana,que he chamada Espirito Santo, deverá dirigir a sua navegação inclinando-se para a costa de Macapá podendo mesmo soltar rumo directo para as ilhas da Pedreira, que tomão a dianteira da boca do rio do mesmo nome.

« Continuando a singrar em direcção parallela á terra, e passada a ponta da Pedreira subiria francamente por grandes e variados fundos de 15 a 7 braças até o ancoradouro do porto da Villa de Macapá, o qual já ficou descripto quando da mesma villa se fallou. »

Passa depois á descripção do 2º canal, por esta fórma :

« O 2º canal, ou canal perigoso conforme lhe chama Montravel, he como acima se diz. formado pelas duas ilhas Caviana e Mixiana.

« He elle com effeito muito arriscado, porque os baixos que das duas ilhas se estendem para o mar, se cruzão por tal forma, e nelles arrebenta. tão fortemente o mar impellido pelo vento, que difficeis e até desconhecidos são os tortuosos canaletes que entre si os mesmos baixos formão.

« A não ser esta difficil e muito perigosa passagem do Oceano até Rebordello, seria este um bom canal,porque desde Rebordello até a ponta da Caridade e Chaves, ha excellente, e profundo caminho, mas para a banda da ilha de Mixiana; por que da de Caviana existem alguns baixos.

« O lado oriental da ponta da Caridade que he a mais saliente da ilha de Caviana no angulo Sudoeste he guarnecido por um extenso baixo de areia chamado da Conceição, aonde naufragou outr'ora a escuna da nossa marinha de guerra *Bella Americana*. »

Termina o seu interessante trabalho com a descripção compendiosa do 3º canal, o melhor que possue o Amazonas :

« O 3º canal, conhecido pelo nome de canal das Flexas, he formado pelos esparcelados das ilhas dos Navios e das Flexas : e com quanto seu curso não seja muito amplo he o unico e melhor, que mais convenientemente pode servir para entrarem as embarcações que pretendão subir o Amazonas.

« Este canal que na actualidade, e apezar da sua superioridade aos outros não gosa com tudo da fama de facil accesso, talvez devido isso aos poucos bons Praticos que delle ha, e aos nenhuns recursos que os navegadores,que o demandão ali encontrão,ficará habilitado para bem se prestar á navegação, se se construir um pharol na ilha das Flexas,e se estabelecer ali mesmo uma companhia de Praticos que apenas avistarem qualquer navio lhe preste seus serviços.

« As pequenas embarcações, e particularmente as gabarras que conduzem gado para a Cidade, navegão sempre costeando a ilha de Marajó, e dobrando o cabo de Maguary passão por dentro dos baixos de S. Rosa e seguem caminho da mesma cidade.

« Entre a Mixiana e ilha das Flexas não se pode passar por causa dos baixos que ali existem.

« Vencido o passo das Flexas, navega-se por algum tempo somente á vista da costa da ilha de Marajó, que deve ficar á esquerda dos que forem para o Amazonas, e tendo assim navegado até se avistar a ilha de Mixiana; se deve a derrota dirigir um poucomais encostado á costa dessa ilha, consultando sempre o prumo o qual hade dar nunca menos de 9 braças.

« Apenas se entrar no canal formado pela costa da ilha de Marajó e da de Mixiana, se continuará a navegar conveniente mente sempre com grande fundo, que será indicado pela sonda.

« Das pontas do Carmo e Anjos em Marajó, partem dous baixos que nem descobrem nem avanção muito ao canal, no qual mesmo em frente dos taes baixos eu prumei em 17 braças, e não achei fundo.

« Na carta dos marcadores Portuguezes se menciona um baixo em frente a Chaves, que se ia unir com a ilha de Cajetuba.

« Esse baixo que era visivel então, e ainda por algum tempo o foi em occasiões de baixa mar de aguas vivas ordinarias; póde-se dizer que já não existe; porque por sobre elle passei eu agora em 6 e 7 braças.

« Os baixos acima ditos das pontas do Carmo e Anjos, segundo fui informado, principiarão a apparecer quando este de que venho de fallar se foi desmanchando.

« Tambem me disserão, e he razoavel acreditar que eu quanto em frente a Chaves existia o tal baixo, a barreira da villa não sofria tanta destruição, como depois que elle se foi desfazendo.

« Entre a villa de Chaves e o mencionado baixo que hoje tem 7 braças d'agua sobre si, ha um canal que he propriamente o porto da villa que tem 8, 9, 10, 11, e mais braças de fundo, e pela parte de fóra do baixo igualmente o fundo he grande.

« Nas proximidades da já dita ilha de Cajetuba o baixo ainda se conserva quasi como na primitiva, e com o que despede da ponta de S. Joaquim em Marajó, forma uma estreita garganta entre a dita ponta, e a mencionada ilha, a qual pela parte de fóra apresenta bom canal, e entre ella e a ponta da Caridade, o ha espaçoso e profundo.

« Além da ilha da Cajetuba ha aquellas immediações mais outras duas que são Camaliões, e Pacas.

« A Cajetuba liga a sua raiz com a dos Camaliões por um baixo de lôdo de pouco fundo, d'esta ultima, parte um outro baixo que com o da ilha das Pacas forma estreitissimo canal, e entre esta e a de Jurupary, de que já fiz menção, ha um largo e profundo canal, como para compensar a escassez dos que são formados pelas suas visinhas.

« A passagem mais franca para se subir o Amazonas he sem contradicção costeando a ilha Caviana até a ponta da Bussutuba.

« Na ponta da Caridade se pruma em 36 braças, e vai diminuindo progressivamente até chegar a 8, que he o fundo que ha no ancoradouro de que já fallei, ao abrigo das ilhas das Marrecas; e desse lugar torna de novamente a crescer até a ponta da Bussutuba, que he de 36 e mais braças; sendo toda esta costa muito limpa.

« A Bussutuba he o ponto de partida para os differentes lugares do Amazonas; podendo-se tomar d'ali o caminho entre as ilhas das Pacas e Jurupary para o subir pela Bahia do Vieira, ou navegar entre a Caviana e Jurupary para demandar Macapá, e rio acima seguir tambem para o Amazonas.

« Não ha ainda muitos annos, que nesta ultima derrota se continuava a costear a Caviana até a já mencionada ponta do Espirito Santo, e d'ali se seguia para Macapá, como disse quando tratei do primeiro dos tres canaes: Montravel assim traça a derrota que fez; agora porém a navegação he differente, porque tendo-se formado baixos na embocadura do furo Guajurú, pelo motivo já dito da *pororoca*; os Praticos se não querem arriscar a levar os navios grandes para ali, e por isso he mister da Ponta da Bussutuba fazer rumo á ponta mais proxima da ilha do Jurupary, e costeando-a ir sahir em frente da Pedreira, seguindo-se então o caminho já sabido.

« A travessia da Bussutuba para Jurupary he franca porque o seu menor fundo são 6 braças; mas no costear aquella ilha he mister muito cuidado, porque assim como se encontrão fundos maiores de 13 braças, tambem se achão 4 em alguns lugares na occasião da baixa mar.

« Chegando-se á ponta de Oeste da Jurupary se seguirá em rumo directo para a ponta da Pedreira, que demora ao de Oesnoroeste, e assim se irá achando maior fundo até 18 braças.

« Nessa travessia da Jurupary para a Pedreira, e depois rio acima até Macapá, se notão á esquerda varias ilhas como Cutia, Jaruana, Carás, Maruim, Saracura, Remedios, etc., as quaes nem todas são mencionadas por Montravel, porém não devem ellas servir de baliza, porque da de Saracura apenas existe uma circumscripta base que em breve tempo será destruida pela correnteza das aguas, ao passo que talvez novas ilhotas se formarão sobre os baixos existentes.

« O navegador deve sempre procurar o maior fundo mais para o lado da terra firme.

« Os baixos chamados dos Remedios que o navegador deixa á sua esquerda, principião da perpendicular da ilha Jaruana com bastante largura, e diminuindo-a progressivamente, vão-se unir á ilha que lhes dá o nome, seguindo porém ainda algum espaço até as ilhas da Coróa Grande quasi em frente á villa de Macapá.

« A carta de Montravel supposto seja exacta em muitas das partes que representa, tem comtudo em outras, notaveis differenças, não só nas sondas como nos canaes.

« Talvez que estes tivessem soffrido alteração depois que ella foi levantada.

« A ilha de Jurupary na sua costa opposta á que fórma o canal de que venho de fallar, offerece tambem um profundo canal que vem sahir entre a ponta da mesma ilha e a ilha das Cutias, para d'ali seguir para a Pedreira.

« Foi a bordo da corveta a vapor *Paraense* que eu segui da cidade do Pará pelos Breves, e Tajapurú para a villa de Macapá, afim de cumprir as ordens que tinha recebido ácerca das observações cujo relatorio apresento, e como calculei que nem a todos os lugares poderia a mesma corveta chegar, deixei de Gurupá, aonde se achava cruzando, o brigue-escuna que eu fui aos lugares abaixo de Macapá, não só por não depositar, então, muita confiança no Pratico que tinha; como para evitar a maior despeza com o combustivel, e mesmo por me dizerem que em alguns dos canaes difficil seria a corveta passar.

« Verifiquei, porem, o contrario, não só elles, que demandão 13 pés, como maiores navios, poderão por ali livremente navegar.

« Da cidade até Macapá a navegação he feita por profundos canaes, e a descida do Amazonas, desde a ponta superior da ilha do Gurupá, aonde foi para evitar os baixos da Bahia do Vieira, até Macapá he excellente, quer pelo canal traçado por Montravel na sua carta, quer pelo que eu segui entre a ilha chamada do Pará, e a costa de Mazagão. »

Não concluiremos este longo artigo, sem que arrisquemos algumas reflexões sobre a ilha de *Maracá*, onde se acha situado esse *Cabo do Norte*, ponto de partida de nossas questões com a França, visto como os geographos dessa nação para limitar a nossa fronteira dão essa designação ao *Cabo Raso*, onde parece terminar a costa que banha o rio Amazonas.

A ilha de *Maracá* de que nenhum caso temos feito, deveria tambem ter occupado nossa attenção, ainda que fosse com uma Colonia militar, permittindo-se que fosse deposito de carvão para os vapores que fizessem a navegação, communicando nosso paiz com a outra America.

A posição excepcional dessa ilha dar-lhe-ha no futuro um grande merecimento, seja em relação as necessidades de commercio, seja as provenientes das lutas dos Estados. Um Governo previdente e patriotico já teria lançado as vistas para aquelle ponto com zelosa attenção.

Copiaremos aqui o que diz Mr. Walckenaer nos *Annaes das Viagens* de 1837, to. 3, pag. 11:

« Desde o cabo de Orange até o cabo do Norte (...) que se considera do nosso dominio (*attenda-se porem á retenção*), a costa he cortada de numerosos rios desaguando em lagos, onde se encontra grande quantidade de peixes proprios para o oleo procurado no commercio e onde se póde fazer salgas de facil venda.

19

« Era destes lagos que se provia o Pará de peixe salgado; os indigenas pescadores estando perto dos nossos estabelecimentos, gozaria a Guyana deste novo ramo de industria. Já os habitantes de Cayena mandarão estabelecer pescarias, e o lucro das primeiras animará a creação de novas.

« A ilha de *Maracá* ou do *Cabo do Norte* não está separada da fóz do Mapá (*Amapá*) senão por um canal de duas leguas. Tendo quinze ou dezoito leguas de circonferencia são suas terras de extrema fertilidade.

« En todas as Cartas dá-se esta ilha como composta de terras alagadas ; he um erro.

« Em verdade outr'ora he provavel que as marés a cobrissem, porém hoje o sólo não he inundado senão em cinco ou seis dias no anno, e sómente nas syzigias (*conjuncções da lua*) na epocha das chuvas copiosas, e cheias de rios. Cumprindo notar que nunca as aguas em taes condições passarão de uma a duas polliegadas ; e haveria mui pouco trabalho em resguarda-la das rarissimas invasões do mar.

« A ilha se acha coberta de grande e basto arvoredo; e he percorrida por grande quantidade de veados e outras caças, além de onças, o que bem prova que as aguas nunca a cobrem inteiramente.

« No centro existe um grande lago de agua dôce onde se pesca o peixe boi (*lamentin*), que dá um precioso oleo para as artes, e ainda para o sustento dos Indigenas. »

Estabeleça-se um Governo em Macapá, que garanta o viver nessa e em outras ilhas da fóz do Amazonas, e em breve ellas se povoarão, e pagarão ao paiz com juros onzeneiros essa simples protecção.

N. B. Nos primeiros exemplares do nosso mappa em falta de uma planta da cidade de Macapá, nos utilisamos de uma mal esboçada que encontramos nos mappas de Mr. Montravel: mas este defeito foi reparado nos outros exemplares, depois que conseguimos plantas de 1761, e 1764, e a de 1854 do Conselheiro J. M. de Oliveira Figueiredo.

A nova planta de Macapá contem a cidade como actualmente existe ou existia em 1854, porque pouco terá progredido, comprehendendo o desenho do *lago de Macapá*, hoje o pantano ao sul da cidade como era em 1761. Sòmente não reproduzimos o terreno entre a cidade e a fortaleza que á corrente do rio foi arrebatando durante o espaço de um seculo.

Esse lago, o pantano actual, não tinha mais de 500 braças. Se fôr restabelecido o lago formando uma doca, e portanto um porto seguro, onde possa ancorar a esquadra da Divisão do Norte, e ainda os navios do commercio, como he mais natural ; seria maior beneficio do que o proprio aterro do pantano, completamente, ou conservadas as respectivas vallas ou escoadouros.

Mas de qualquer destas fórmas o clima de Macapá perderá a reputação de que gosa, principalmente tornando-se aquelle ponto commercial, e consequentemente mais habitado, e sanificado por muitas outras medidas hygienicas que a apreciação local deverá por sem duvida lembrar.

Typ. do *Instituto Philomathico*, Rua Sete de Setembro n. 68.

DETALHES HISTORICOS

SOBRE

OS POVOADOS DO TERRITORIO DA PROVINCIA EM PROJECTO.

EXCERPTOS DA OBRA — COROGRAPHIA BRAZILICA, —

DO

PADRE MANOEL AYRES DE CAZAL.

EPOCHA—1816.

Macapá, villa famosa e das mais consideraveis da Provincia, situada na margem do Amazonas junto á fóz de huma ribeira, huma legoa ao Norte da equinocial, n'hum terreno levantado duas até trez braças sobre o nivel do rio, com huma magnifica Fortaleza, huma igreja parochial dedicada a S. José, hum hospital, bôas ruas, e cazas de telha. Teve principio quatro legoas mais ao Poente sobre a embocadura do rio Matapy.

Seus habitantes recolhem milho, farinha, arroz, algum cacáu, algodão, e diversidades de fructas.

Entre outras arvores de madeira estimada que se crião no seu districto, nota-se a chamada *quatiára*, cujo páo he amarello raiado de preto, e tambem o páo *macaco*.

Rebordello. Vinte legoas a Leste de Macapá está a chamada *villa de Rebordêllo*, reduzida a pouca cousa com a deserção dos Indios, que a habitavão, na margem meridional da ilha Caviana, que tem onze legoas de comprimento, e seis de largura, terreno razo e fertil, com huma bôa fazenda de gado vaccum, pertencente ao hospital da Santa Caza da Mizericordia do Pará: *Fazenda da Caridade* he o nome que lhe dão.

Cria páo macaco.

Em todo o seu circulo ha abundancia de peixe.

Villanova, ou *Villa Vistosa da Madre de Deos*, situada na margem oriental, e sete legoas acima da embocadura do rio consideravel Anauirapucú, que principia nas terras dos Armabutos, e desagua quatro milhas ao Poente do Matapy, tendo sido fundada para estabelecimento de gente branca, vai em decadencia com a deserção do povo, apezar da fertilidade do territorio, apropriado para a cultura da mandioca, milho e arroz, riqueza dos que se conservão.

Tem bôas campinas para criar gado.

No seu contorno crião-se as arvores do páo macaco, que he pesado: o que se cria nas terras sêccas he todo vermelho, e o das varzeas veiado de preto.

Os habitadores desta Villa vão fazer pescarias nos canaes das ilhas do Croá.

Mazagão principiou em huma Ilha fronteira á fóz do Matapy, d'onde se mudou para a margem esquerda, e dez legoas acima da embocadura do rio Maracapucú; e daqui para a margem occidental, e obra de cinco milhas acima da barra do rio Mutuacá, que desagua no Amazonas quatro leguas ao Poente do Anauirapucú.

Povoação de Santa Anna foi o seu primeiro nome, o qual perdeu quando nella se estabeleceu a gente da *Praça de Mazagão*, no reino de Marrocos, á qual se ajuntarão depois varios casaes Açoritas.

Algodão e arroz fazem a riqueza dos seus moradores, que diminuem por causa das febres.

No seu districto ha tabatinga, e outros bons barros; porém os Oleiros são máos.

Fragozo. Obra de doze legoas ao Sudoeste de Mazagão, e perto de sete affastada do Amazonas, está a freguezia de *Fragozo*, na margem direita do rio Jary, que vem de mui longe, ornada com huma igreja parochial de Santo Antonio.

Principiou mais acima, d'onde se mudou por ser doentio o sitio.

Seus habitantes recolhem cravo, cacáo, algodão, salsaparrilha, e diversidade de mantimentos; e sobem pelo Amazonas em busca das tartarugas.

Cajary. Entre Fragozo e Mazagão fica a freguezia de *Santa Anna*, na margem do aprazivel rio Cajary.

Seus habitantes cultivão mandioca, arroz e algodão, e recolhem tambem algum cacáo.

Arrayollos, villa pequena e vistosa, sobre huma collina junto á margem oriental, e cinco legoas acima da embocadura do rio Aramucú: tem dous grandes terreiros com alguma fórma de Praças, e huma grande Matriz dedicada a Nossa Senhora do Rosario.

Seus habitantes são agricultores e pescadores.

A agua do rio he fria e crystallina.

Espozende, villota bem situada na falda de huma lomba sobranceira ao rio Tu-

baré, aliás *Tucré*, com apraziveis vistas de campinas, outeiros e arvoredo, ornada como huma igreja parochial de Nossa Senhora do Rosario, fica trez legoas ao Noroeste de Arrayollos.

O povo que a habita, recolhe algodão, milho, arroz e farinha, e frequenta a pescaria e a caça.

O rio, que a lava, he hum ramo do ameno e tortuoso Aramucú, que sahe ao Amazonas por duas bocas.

Almeirim, villa mediocre e vistosamente situada sobre a fóz do rio Parú, do qual teve n'outro tempo o nome.

Seu principio foi hum Fórte Hollandez que se conserva melhorado.

Nossa Senhora da Conceição he a padroeira da igreja parochial que a orna.

Seus habitantes são lavradores de mandioca, milho, arroz, legumes e algodão, e frequentão a pescaria.

No seu contorno ha diversidades de bôas madeiras.

Pouco mais de seis leguas acima de Almeyrim está a freguezia de *Nossa Senhora do Desterro*, situada sobre a embocadura do rio Uacarapy, que he consideravel.

Seus habitadores cultivão algodão com os mantimentos, que melhor se dão no territorio, e frequentão a caça e a pescaria.

Outeiro, villa mediocre e abastada de pescado, situada sobre huma collina no lado oriental do lago Urubuquára, formado pelo rio do mesmo nome, obra de cinco leguas longe do Amazonas, e pouco mais de vinte ao Poente de Almeyrim.

A Matriz, que orna, he dedicada a Nossa Senhora da Graça; o povo que a habita, lavrador de mantimentos e algodão.

Montalegre, villa consideravel e abastada de peixe, situada no mais alto de huma ilhéta junto a margem oriental do rio Gurupatúba, que a fórma, e do qual tomava o nome a principio: fica obra de dez legoas acima da do Outeiro, e duas legoas longe do Amazonas.

Foi huma das principaes missões dos Jezuitas, cujo hospicio he hoje a residencia do Vigario.

A sua igreja matriz he dedicada a S. Francisco Xavier.

Seus habitantes são lavradores de mandioca, feijão, algodão, cacáo e café.

No seu districto criáo-se as arvores do cravo, e as do brêo do sertão.

Tem, ou teve huma serraria por conta da Fazenda Real, para serrar os troncos dos cedros, que com as cheias do Amazonas encalhão em huma ilha vizinha.

Prado (1), villa ainda pequena sobre o braço oriental do rio Surubiú, seis leguas arredada do Amazonas, e quatorze ao Poente de Montalegre.

Seus habitadores são Indigenas, que vivem de agricultura, de caça e da pesca.

Alemquer, villa consideravel, abastada e bem situada sobre o desaguadouro central do lago Surubiú, quatro legoas longe do Amazonas, e treze ao Norte de Santarém.

He terra infestada do mosquito *carapaná*: a sua Matriz dedicada a Santo Antonio.

Seus habitantes cultivão mandioca, milho, arroz, tabaco, e optimo cacáo, sua principal riqueza.

A carne do gado, que se cria no seu contorno, he deliciosa.

Curuámanêma he o nome do terceiro e occidental desaguadouro do lago Surubiú.

Obidos, n'outro tempo *Pauxis*, nome dos Indios para cujo estabelecimento teve principio: villa consideravel, situada em huma collina com alguma regularidade, e huma grande Praça no centro, junto á embocadura oriental do rio das Trombétas, com espaçosa vista para o Amazonas, cujas aguas nesta paragem correm todas por hum canal de 869 braças de largura; mas de tal profundeza, que tendo sido por vezes sondado, não se lhe achou fundo.

Tem huma magnifica igreja parochial dedicada a Santa Anna.

Fica dezeseis legoas ao Poente de Alemquer.

Seus habitadores recolhem diversidade de viveres, algodão, e grande quantidade de cacáo, que he hum dos mais bem reputados na capital.

Faro, villa mediocre, em hum sitio escolhido sobre hum grande lago atravessado pelo rio Jamundá, obra de doze leguas a Oesnoroeste de Obidos, e sete longe do Amazonas. tem huma igreja matriz dedicada a S. João Baptista.

O seu territorio he apropriado para cacáo, principal riqueza de seus habitadores, que recolhem tambem algodão, e diversidade de comestiveis.

(1) Cazal he o unico author que menciona esta por elle intitulada—*Villa*, que suppomos ser a antiga povoação de *Arcozello*, hoje restabelecida sob a denominação de *Curuá*.

EXCERPTOS DA OBRA —COROGRAPHIA PARAENSE,—

DO

CORONEL IGNACIO ACCIOLI DE CERQUEIRA E SILVA.

EPOCHA—1828.

Alemquer.—Villa mediana com 800 habitantes, assentada em terreno aprazivel junto á fóz do lago Surubiú, 4 leguas ao Norte do Amazonas, e 13 de Santarem pelo Norte, com Vigario e Igreja Parochial dedicada á Santo Antonio. Seus habitantes são cultivadores; e prospera o cacáo, mandioca, arroz e tabaco, tendo famosas campinas que a abastecem de gado vacum.

Almeirim.— Villa mediocre, distante da Capital 122 legoas, assentada em terreno elevado sobre á fóz do rio Parú, cujo nome outr'ora teve. Foi fundada pelos Hollandezes, levantando aqui hum forte, do qual ainda se conservão vestigios.

Os seus habitántes que não excedem de 350, cultivão mandioca, cacáo, arroz e algodão.

Tem Vigario, e sua Matriz dedicada a N. S. da Conceição acha-se em bom estado. Seguindo desta paragem se dilata a vista pelas altas serras, que em pequena distancia pela terra dentro formão a cordilheira da Guyana, na direcção de Oeste a Leste até as visinhanças do Orinoco.

Arrayollos.—Villa mediana, e vistosamente situada junto á huma collina, 5 legoas acima da fóz inferior do lago Tuberé, e na margem oriental do mesmo lago, cuja fóz dista 9 leguas do Gurupá pela direcção de Oeste, correndo a costa do Amazonas sempre ao Nordeste até Macapá.

Esta Villa consta de 436 habitantes pela maior parte Indios, e a Igreja Matriz tem por orago a N. S. do Rosario. Arroz, algodão, mandioca e cacáo, são os seus generos de industria agricola. As margens desse lago, a que tambem chamão rio Aramucú, apresentão bellas campinas porêm desertas: as agoas são claras e frias, e a frondosidade das arvores, nos intervallos que deixão ver as campinas, fórma huma vista pittoresca.

Espozende.—Pequena Villa de 600 habitantes, assentada na fralda de huma collina, sobranceira ao Tuberé, e na sua margem occidental, com Igreja Parochial dedicada a N. S. da Conceição, e distante 3 leguas de Arrayollos pelo Norte: tem famosas campinas para criação de gado vaccum, do qual já algumas pequenas fazendas se achão estabelecidas. Cultiva-se algodão, arroz, mandioca e outros generos leguminosos, além da salsa em que traficão os habitantes.

Dista esta Villa da precedente 3 1/2 leguas, seguindo pelo pequeno rio chamado—Tocré—ramo do Aramucú, e bastante sinuoso.

Faro. — Villa mediana, com Igreja Parochial, cujo orago he S. João Baptista, e Vigario. Está assentada em terreno arenoso acima do lago Jamundá 6 leguas, e nella existe huma olaria e pesqueiro por conta da Fazenda publica, para cujo serviço erão os Indios obrigados mediante o ridiculo estipendio de 30 réis diarios.

Em 1824 pretenderão os moradores se mudasse a Villa pára a fóz do desaguadouro. Dista de Obidos 13 leguas pelo Oesnoroeste, e seu terreno he susceptivel de toda a cultura. Pelo meio deste lago dividem as comarcas do Pará e Rio Negro pelo Norte, servindo de limite para o Sul a primeira boca do furo dos Tupinambaranas.

Fragozo.—Lugar situado á 9 leguas acima da fóz do rio Jary á margem direita.

Este rio desemboca no Amazonas, á margem esquerda, distando 13 leguas de Gurupá, sendo mui proximas das do rio Oyapock as suas vertentes.

Começou este lugar por hum aldeamento de Indios fundado hum pouco mais acima á margem do rio Jary; local que foi abandonado por sua insalubridade; mal que, infelizmente, tambem acompanhou o segundo estabelecimento, arruinando-se a

sua Igreja parochial, sob a invocação de S. Antonio (1).

Seus habitantes commercião em cravo e salsaparrilha; e as margens do rio Jary, além de serem assás aprasiveis, offerecem optimas campinas para a creação do gado.

Macapá.—Villa, e, a mais consideravel de Guyana meridional, distante 86 legoas da Capital, e 20 pelo Norte da fóz superior do Tagipurú: está na latitude de 3° ao norte do Equador, sobre a costa septentrional do Amazonas, com huma bella fortaleza levantada em 1686 pelo Governador Antonio d'Albuquerque, sobre as ruinas do forte de *Camaú*, que Feliciano Coelho de Carvalho demolira, depois de tomado aos Inglezes.

Foi reedificada pelo Governador Fernando da Costa de Athayde Teive, durante o Ministerio do Marquez de Pombal, dispendendo-se na occasião trez milhões de cruzados.

Consta de 4 baluartes além do revelim, cada hum guarnecido de 28 peças de grosso calibre, achando-se por acabar o baluarte que faz frente para a Villa.

A situação desta Praça, a melhor por certo do Brazil, torna-se pouco vantajosa á defeza da entrada do Amazonas.

He lavada dos ventos, e suas casas são bôas, com hum hospital militar, ruas direitas e Igreja parochial dedicada a S. José.

Teve principio 4 leguas mais para o Occidente do lugar em que se acha, em terreno elevado.

Seus habitantes, que actualmente chegão a 4100, são pela maior parte brancos e descendentes dos Açoritas. Cultivão mandioca, arroz, café, tabaco, algodão, do qual fabricão optimos tecidos.

Tem nas immediações campinas onde o gado vaccum prospera muito, e á introducção deste se deve o melhoramento do clima, que até antes não era saudavel. Hum official com a patente de Governador regia esta Praça.

Daqui ao Cabo do Norte corre a costa do Amazonas ao Nordeste quarta norte; e para se chegar á Villa se atravessa a bahia chamada de Macapá, com 8 leguas de largura, ficando antes desta a do Vieira, e Vieirinha depois do furo do Salvador.

Mazagão.— Villa, antigamente povoação de S. Anna, nome que perdeu com com a sua creação em villa, depois que para ella passarão os habitantes da praça de Mazagão em Marrocos: foi mudada de huma ilha fronteira á fóz do rio Matapy, para dentro do rio Maracápucú, 10 leguas por elle acima na margem esquerda, e desta paragem para a margem occidental do rio Mutuacá, 5 milhas por elle acima.

Fabrição-se aqui bons tecidos de algodão; o clima he pouco saudavel, e os habitantes em numero de 2153 são pela maior parte descendentes dos Açoritas, e dos que evacuarão a praça de Mazagão, depois de tomada em 1769: sua Igreja parochial he dedicada á Assumpção de Nossa Senhora.

Mont'Alegre.—Villa com 2000 habitantes, e Igreja parochial dedicada a S. Francisco Xavier, fundada pelos Jesuitas que formarão aqui uma de suas principaes missões, edificando hum Collegio, que serve de residencia aos Vigarios, o qual se acha, bem como a Igreja, summamente arruinados.

Dista 160 legoas da Capital, e 2 da fóz do Urubú-quára: está assentada na summidade de huma elevada collina; do meio da qual sahe crystallina agua.

Os habitantes são polidos, affaveis, e goza a Villa de famosos passeios, entre os quaes se nota os *Surubiús*.

Abunda em pescado e gado vaccum, cuja producção seria extraordinaria a não ser infestado dos morcegos; e prospera a cultura dos cereaes e cacáo.

A Fazenda publica tem aqui cinco fabricas de serrar madeiras, occupando-se os trabalhadores sómente a recolher e serrar os grandes cedros que descem pelo Amazonas, vindos quasi todos das margens do rio Madeira; com tudo muitos escapão, que se tornão summamente perigosos ás embarcações que sobem o Amazonas.

Com a Revolução de 1823, os povos de Cametá se apoderarão desta Villa, e se fortificarão de sorte, que rebaterão os de Santarem em todas as sortidas que fizerão, distinguindo-se nessa occasião hum Francez pelo violento fogo que fez com huma peça de madeira, que elle mesmo arranjou.

Daqui á distancia de 13 legoas sahe o rio Curuá, seguindo-se a costa esquerda até a fóz do rio.

Desta mesma Villa se desfructa huma paysagem encantadora, formada pelo extenso campo, que se dilata ao longo do Amazonas, intercortado de arvoredo e lagos.

Obidos.—Villa, outr'ora *Pauxis*, nome da nação dos Indios seus primeiros habitadores. Está assentada em terreno eminente, e os seus habitantes, que passão pelos mais civilisados, chegão a 1321, alguns dos quaes vêm annualmente frequentar os estudos na Capital.

Fica 2 leguas abaixo do rio das Trombetas, e nella havia antigamente hum bom forte, hoje arruinado, pelo qual erão registadas as embarcações, e em sua Igreja parochial, que he famosa e consagrada á

(1) No mesmo local de Fragozo estabeleceu-se depois á *Missão do Jary*, onde forão aldeados 80 Indios, segundo se lê no *Relatorio* do Presidente Fausto Augusto de Aguiar.

Sant'Anna, ha huma solemne festividade annual, em desaggravo ao sacrilegio commettido por trez refractarios do Vigario, que para o accusarem se apoderarão da ambula, arrojando-a com as sagradas formumulas que encerrava, pela imminencia abaixo.

Pertencia a esta Igreja hum grande cacoal assás rendoso, e os habitantes pescão abundancia de pirarucú. Nas campinas se cria famoso gado vaccum, e communica-se por terra com Mont'Alegre.

Entre o Piracatuba e Obidos, se acha a boca do *lago das Campinas*, 4 leguas acima do primeiro pela margem esquerda, pelo qual entrão algumas embarcações de menor lote, sahindo no desaguadouro acima de Pauxis trez dias. Por este atalho seguio em 1755, o Provincial dos Jesuitas, indo ao rio Madeira sem ser visto da Fortaleza.

Na distancia que medeia entre a boca do rio Tapajóz e a villa de Obidos, sahe o lago de Surubiú por trez desaguadouros, dos quaes o mais oriental fica fronteiro ao mesmo Tapajóz, o outro ao Piracatuba, e o terceiro, o mais occidental, denominado Curuçá-mirema, 2 legoas abaixo de Obidos, 6 leguas acima deste ultimo havia antigamente huma Aldêa denominada *Arcozello*.

De Obidos se costêa o Amazonas pela margem direita, até o rio das Trombetas, acima do qual 6 legoas está a fóz do lago Jamundá.

Outeiro.— Freguezia, cujo orago he N. S. da Graça, e assentada sobre huma collina na margem occidental do lago Urubú-quára. Consta de 700 habitantes que cultivão algodão, e dista da Capital 140 legoas, sendo abundante de pescado.

O Amazonas desde Almeirim até esta parochia he despido de ilhas, apresentando huma largura consideravel, a ponto de em partes mal se divisar a margem opposta.

Acima da fóz do Haiquiques, subindo a costa esquerda do Amazonas em distancia de 7 1/2 leguas, descobre-se pela margem opposta ou septentrional o rio Uacarapy, abundante de salsa parrilha e cacáo silvestae. Dentro deste rio existia a povoação de *Val de Fontes*, já extincta.

EXCERPTOS DA OBRA —ENSAIO COROGRAPHICO SOBRE O PARÁ,—

PELO

TENENTE CORONEL ANTONIO LADISLÁU MONTEIRO BAENA.

EPOCHA—1839.

Arrayollos.—Villa fundada na margem oriental do rio Tocré sobre huma collina jacente cinco leguas acima da boca do mesmo rio, o qual deflue na aba septentrional do Amazonas.

Elle he estreito: mas alarga-se em diversas partes: o arvoredo das suas margens he ora expesso, ora aberto; dá grata sombra aos viandantes de quando em quando, e na mesma alternativa deixa ver campos, lagos, varzeas e collinas abastadas em arvores de vistosa grenha.

Defronte da sua boca existe huma ilha chamada do *Commandahy* cortada de oito igarapés, que pertence ao districto da Villa; e na proximidade da mesma boca estão duas ilhêtas razas e alagadiças, entre as quaes ha dous baixos de vasa, e pelo meio delles corre hum canal de trez braças de fundo, que estende-se pelo rio Tocré, a quem vulgarmente appellidão de Arrayollos.

A Villa não tem ruas: consta de huma unica Praça orlada de 28 moradas, que são todas humildes, e frageis as paredes: e fóra deste contorno aqui e alli tem mais cinco tambem de tecto de folhagem.

No centro desta Praça está fincado hum esteio de Acapú, a que chamão Pelourinho.

A Igreja tem tecto de telha: e foi edificada em louvor da Santissima Virgem do Rosario.

Antes de ser Villa era *Aldêa de Tocré*: nome do rio que derão aquella terra quando os Religiosos Capuchos instituirão no Cathecismo os Sylvicolas, que quizerão entrar na nossa Santa Fé.

Foi criada Villa em 20 de Fevereiro de 1758 a cujo acto assistio o Governador e Capitão-General Francisco Xavier de Mendonça Furtado com o Dezembargador Corregedor Pascoal de Abranches Madeira Fernandes.

O seu districto começa da Ilha das Velhas, e acaba nas vertentes do rio Tocré.

A população he composta de 425 viziuhos, a saber: 203 Brancos, 20 Escravos, 182 Indios, e 20 Mamalucos; cujos numeros distinctos comprehendem ambos os sexos.

Dentro do districto da Villa, fóra do rio Tocré, não ha moradores, nem roças delles.

As terras são aptas para a vegetação do café, da mandioca e do arroz: porém o trabalho da cultura he assás pequeno.

Plantão mandioca sómente a necessaria para o seu proprio alimento: o café pouco cuidado lhes merece, e o arroz, ainda menos.

Desta planta no tempo do *Directorio* dos Indigenas cuidava-se tanto que ainda hoje denominão *Igarapé do Arrozal*, o igarapé que sahe na costa do Amazonas acima do igarapé *Tupanaquêra*, e que então servia para essa plantação.

O trabalho agrario destes Indios nunca transcende a plantação dos generos de primeira necessidade no gráo de abundancia sufficiente para sua sustentação; e por isso a maior extensão de mato que queimão, não passa de cem braças de comprimento e setenta de largura, e a menor de treze braças de comprido e doze de largura.

Além desta tal qual lavoura elles tambem colhem das florestas do seu districto castanha doce e estôpa, e buscão a salsaparrilha nas serras do rio Jary, acima das cachoeiras: e remão as canôas dos mercadejantes com quem se ajustão.

Não ha muito tempo que esta Villa cessou de ministrar Indios para os trabalhos da Ribeira da Praça de Macapá, os quaes para isso erão designados revezadamente pelo Juizo Ordinario.

A' esta Villa costumão ir comprar os generos silvestres alguns moradores das Villas de Macapá, Mazagão e Gurupá.

Da fóz do rio Tocré até á Praça de Macapá estira-se a costa septentrional do Amazonas ao Nordeste.

Almeyrim.—Villa plantada na margem esquerda ou septentrional do Amazonas sobre terra alta, e limpa.

Deu-se esta graduação em 1758 á *Aldêa do Parú*, a qual denominarão assim por demorarem detrás della as serras do Parú em disposição de cordilheira: cuja denominação toma aquella costa até a perder na de Macapá.

Hum semicirculo de palhoças, e no centro huma pequena Igreja de pedra e cal coberta de telha, que dedicarão a Nossa Senhora da Conceição, formão esta Villa, cuja população he Indiana e composta de 305 individuos de ambos os sexos.

Numero pouco apparente, e assás desconfórme daquelle que verosimilhante hoje deveria existir em consequencia do supplemento de população, que recebêra nos tempos passados com os Indios transferidos do rio Uacarapy, onde em distancia de duas leguas da sua fóz elles tinhão feito assento.

Estes Indios de Almeyrim são fartos de peixe, de bôa farinha e de caça: tem cacáo sem cultivo, e nas serras bastante producção de salsa, cravo e brêo.

Junto do porto, e á borda d'agua houve hum Fórte de pedra e barro, que mandou fabricar a despezas suas o Governador da Fortaleza de Tapajós Manoel da Motta e Siqueira para dar ao Paiz a maior protecção possivel, segurar aquella parte da navegação interna, e facilitar os movimentos defensivos dos moradores.

As ruinas deste Fórte que se achão debaixo de arvoretas emmaranhadas, que a propria terra brotou de si, ainda mostrão a situação delle, e indicão ter sido desenhado e construido por pessôa, que da arte de fortificar tinha alguma luz por uso.

Alemquér.—Villa fundada em 1758, e situada sobre terra plana da margem oriental do lago Surubiú mui semelhante ao de Gurupatuba: o Amazonas lhe mette hum braço, e por outro recolhe as aguas, que descem das serras á planicie.

Neste lago ha bastantes ilhas e muito peixe: a sua entrada geral defronta com o sitio de *Parycátiba* na margem direita do Amazonas oito leguas distante de Santarem.

O lago Surubiú communica-se com o rio Curuá-manêma, que despeja no Amazonas duas leguas abaixo da Villa de Obidos, e com outro rio, que tambem diffunde as suas agoas no Amazonas quasi defronte da fóz do Tapajós.

Estas communicações são por canaes que a natureza abrio.

Quando este Lago está de vasio apresenta huma amplidão coberta de herva rasteira que parece huma alcatifa verde e bella.

A população consta de mil duzentos e oito (1208) vizinhos de ambos os sexos, e de quatrocentos e quarenta escravos (440).

Foi antigamente *Aldêa de Surubiú*: e então missionada pelos Capuchos da Provincia da Piedade.

A Igreja he dedicada a Santo Antonio, e telhada: todas as cazas dos moradores, a Cadêa e a Caza da Camara, são cobertas de folhagem, dispostas com regularidade, e aceiadas, em trez ruas.

Os moradores cultivão mandioca e cacáo, e tem maior numero de Fazendas de criação do que os moradores da Villa Franca.

Foi no anno de 1744 que pozerão gado vaccum naquellas grandes e bôas campinas da sua vizinhança.

Espozende.—Villa de Indianos, que foi *Aldêa de Aramucú* missionada pelos Religiosos de Santo Antonio: ella está assentada em distancia de pouco mais de trez leguas da Villa de Arrayollos na adjacencia de huma collina jacente na margem direita do rio Aramucú, braço do rio Tocré.

Este rio Aramucú he mui tortuoso, pouco largo, e pouco fundo: igapós e perizaes constituem o caracter das suas margens.

Tanto elle como os seus igarapés são no inverno mui pouco abundosos de peixe: só no verão ha fartura de pescado.

Humas 25 cazas palhaças, postas em renque, aos dous lados da Igreja tambem coberta de palha, e na face de tudo isto hum páo a prumo, a que chamão pelourinho, eis a Villa de Espozende: e he de notar, que este pelourinho, sendo o mesmo que levantarão no anno de 1758 quando se lhe deu predicamento de Villa, ainda tinha existencia a despeito de todos os inconvenientes das sensiveis alterações que o tempo e o estado da atmosphera produzem em todo o genero de madeiras.

Outeiros, campinas e arvoredos, formão o prospecto agradavel, de que gozão os moradores.

O Termo desta Villa começa da boca do rio Aramucú, e acaba em huns Caranazeiros e igapós proximos ás cabeceiras do mesmo rio.

O numero dos moradores não passa de 363: elles plantão maniva, para a qual são mui idoneas aquellas terras, vão ás matas do districto extrahir castanha doce e estôpa: quanto á salsaparrilha buscão-na entranhando-se pelas serras do rio Jary além das cachoeiras, no que são mais activos que os de Arrayollos, e ajustão-se com os que vivem de commercio ambulante para lhes remarem as canôas.

O Orago da sua Igreja he Nossa Senhora da Conceição.

Faro.—Villa erecta em 1758, e situada sobre huma margem arenosa e septentrional do lago, a que dirige o rio Nhamundá, oito

leguas para dentro da sua fóz, a qual jaz na aba esquerda do Amazonas com duas entradas, a inferior seis leguas acima da boca do *rio das Trombetas*, e a superior pouco acima da montanha dos Parintins.

Adjacente a esta boca superior do Nhamundá demóra no Amazonas hum *rilheiro*, que os naturaes chamão *caldeirão*, e que he objecto de cautela para os navegadores.

São habitantes desta Villa 1980 individuos brancos, Indianos e Mamalucos, e 93 escravos.

Todas as cazas desta gente são palhaças.

A Cadêa, a Caza da Camara e a Igreja são telhadas.

S. João Baptista he o Orago da Matriz.

Foi antigamente *Aldêa de Nhamundá*, a qual missionárão os Padres Capuchos da Piedade.

Cultiva-se cacáo, café e maniva: e ha algumas mediocres Fazendas de criação.

Os lagos do districto são fartos de peixe-boi, pirarucú e tartarugas.

Teve nos dias do *Directorio* huma Olaria do Commum.

Esta Villa he a derradeira povoação da Comarca no Amazonas: e a margem septentrional do rio Nhamundá he o limite que a sepára da Comarca do Rio Negro.

Foi junto á garganta do referido Nhamundá que humas Indianas com as suas frechas ajudarão os seus maridos em 1539 a insultar a Francisco de Orelhana: o qual por causa desta varonil intrepidez deu ao rio o nome das Amazonas.

A posição geographica da boca do rio Nhamundá veja-se na breve noção da topographia da Comarca.

Macapá.—Villa erecta em 1752, e assentada na ourela esquerda do Amazonas em distancia de quarenta e huma legoas do Cabo do Norte sobre o sólo pouco eminente de huma estendida planicie com larguissima vista, excellentes ares e iguaes aguas.

A posição geographica desta Villa he o parallelo boreal trez minutos cruzado pelo meridiano 326°.

A população compõe-se de 1238 brancos, 242 indianos, 341 pardos e 737 pretos escravos e livres, cujos numeros reunidos constituem a totalidade de 2558 moradores.

A igreja he dedicada a S. José. Ella foi edificada á custa da Fazenda Real, e os seus primeiros ornamentos vierão de Lisboa por Aviso de 12 de Abril de 1760.

A caza da Camara e a do Vigario tambem forão levantadas a despesas da mesma Fazenda Real.

A fim de evitar que nesta Villa se perpetuasse o uso de telhar as cazas com folhagem, houve antigamente huma olaria emque se fabricava telha, ladrilho, louça de cosinha, potes para agua e potes chamados de manteiga, para favorecer os habitantes, os quaes se vião obrigados a comprar estes effeitos na Cidade por excessivo preço, fazendo assim uma despeza sem lucro.

Foi sempre mui dominante o gosto de telhar as cazas com folhagem; ainda hoje tendo a Villa 348 cazas que formão dez ruas pequenas e duas praças de mediana grandeza, tudo delineado pelo Dezembargador Corregedor João da Cruz Diniz Pinheiro, contão-se 24 cazas telhadas e 324 colmadas de Bossú.

Ha nesta Villa 13 lojas de mercador de retalho e 18 tavernas.

Os effeitos agronomicos, os sacados do matto e os manufacturados que exportão, são cacáo, cravo, algodão, arroz, sabão, panno grosso e fino de algodão, boas toalhas e guardanapos do mesmo panno, azeite de andiroba, milho, couros de boi, de veado e de cutia, solla, tóros de Macacaúba, castanha doce, gallinhas, patos, tartarugas, manteiga de tartaruga, aguardente de cana, gado vacum e cabrum.

Em distancia do alcance do ponto em branco natural de huma arma de infantaria está apartada da Villa, e á direita della sobre a borda d'agua a Praça de S. José de Macapá.

Ella he hum quadrado de fortificação razante pelo systema de Vauban: das obras exteriores tem aquella que cobre a cortina fronteira ao campo; na qual está a porta cuja fachada indica que a solidez e a força constituem o seu caracter architectonico; e quanto ás outras nunca mandarão vir os materiaes com que ellas galgassem a seu remate.

Está espinhada de oitenta e seis pecas de artilharia de bronze e de ferro dos calibres de 36, de 24, de 12, de 9, de 8, de 6, de 4, de 3 e de 2.

Os edificios militares, as cazernas, os armazens de viveres e da polvora, o hospital, a Capella e o Trem, todos estes accessorios essenciaes têm huma excellente distribuição e conservação.

O cuidado na conservação desta Praça he nenhum: ha mais de dez annos que ella se acha ameaçada de grave ruina, que lhe promove o Amazonas solapando o plano natural do sitio do baluárte da Conceição, de modo que pouco tardará que não arruine de todo.

He de recente data a extincção da Provedoria desta Praça: a sua criação havia sido regulada pela Junta da Fazenda á vista da Carta Regia de 6 de Julho de 1771 e approvada pela Provisão do Erario de 9 de Julho de 1773.

Ella constava de hum Provedor Commissario que percebia o ordenado de 100$000 annuaes, de hum Almoxarife dos Armazens que vencia 80$000, e de hum Fiel dos Armazens que vencia 60$000.

A receita desta Provedoria derivava-se

da decima dos predios urbanos, da Siza e Meia Siza, do Sello do papel, do Sello do panno de algodão, do Contracto da aguardente de cana, da Marchanteria, do Dizimo do gado vacum e cavallar, do subsidio Litterario e do curativo dos escravos dos moradores no Hospital, que a Praça tem fóra do seu recinto ao pé da Ribeira sua annexa, a qual he hum longo Telheiro na aba do rio, onde estava o Açougue do gado do Dizimo da Villa de Chaves, e onde havião Officiaes de carpinteiros e ferreiros, e se construião canôas.

Todas as rendas publicas que fazião a receita da Provedoria, andavão em Administração, excepto o contracto da aguardente; a despeza da arrecadação não passava de oito por cento.

Estas rendas erão applicadas ás pequenas obras da Praça, á manutenção do Hospital, e a varias providencias que a urgencia do serviço requeresse como necessarias.

Todas as terras que circumdão a Villa, são pela natureza liberalmente dotadas.

Os rios que despejão na sua costa, são piscosos em demasia: e os matos, que vestem as margens desses rios e as ilhas, são abastados de cacáo, cravo, salsa, estopa, breu, oleo, castanha, baunilha, castanha de andiroba, madeiras finas e de toda a sorte de volateria e monteria.

Estendem-se até ao rio Calçoéne, e até ás serranias do Paru, campinas perfeitamente planas á vista, fendidas de rios e de lagos amplissimos e semeados de ilhetas de matto, das quaes em algumas fazem plantações.

Os moradores tem as suas roças e fazendas de criação e engenhos de moer canas para aguardente e mel, nos rios Macaquary, Matapy, Frechal, Maruanù, Anauarápucú, Camihipy, e nos igarapés do Curiaú, Bacuré, Mumguba, Ponte, Piritua e nas ilhas jacentes em face da Villa.

O mesmo primitivo deleixamento dos habitantes que até ao tempo de agora tem impedido o augmento de huma Villa tão favorecida pelo antigo Governo, e cujo territorio possue todos os elementos naturaes sufficientes para constituir huma Cidade rica e prosperada, he quem a despeito da reconhecida bondade das campinas para o pascigo do gado tem igualmente obstado ao adiantamento das fazendas de criação.

Tanto he verdade que sendo a introducção do gado vacum e cavallar coetanea com a fundação da Villa sómente apparecem hoje 52 fazendas; e estas com tão diminuto gado que a ferra de 1821 só comprehendia 1039 cabeças de gado vacum, e 90 do cavallar.

Mazagão.—Villa fundada em 1770 sobre a margem septentrional do rio Mutuacá, cuja foz existe na margem boreal do Amazonas nove legoas ao Sul de Macapá.

Os seus primeiros moradores forão 114 familias das que evacuárão a Praça de Mazagão levantada nas fronteiras de Duquela na costa occidental de Africa ao Sul do estreito de Gibraltar, e forão transferidas para o Pará, onde devião formar huma Villa com o mesmo nome da dita Praça na beira do Amazonas perto da Villa de Macapá, na qual se achava erguida de pouco a principal ou para melhor dizer a unica Fortaleza da Provincia, afim de poderem acudir-lhe promptamente quando o exigisse a urgencia da situação defensiva da sua Guarnição.

Providencia esta tão acertada como designativa da confiança que merecião ao Governo huns homens que á vista da ordem de evacuação sentindo e respeitando a força moral do juramento de fieldade e obediencia que a seu Rey tinhão prestado, não poderão continuar a defender huma Praça, onde por tantos annos fizerão tremular nos seus altos baluartes as sagradas quinas sem nunca serem conculcadas pelos rudes africanos bravos.

Tem prseentemente esta Villa 498 brancos de ambos os sexos, 325 escravos, 181 mestiços e 148 indianos, cujos nomeros unidos assomão á totalidade de 1152 moradores.

Elles vendem arroz, algodão, cacáo silvestre das ilhas visinhas e outros effeitos que vão sacar dos matos dos rios Anauarapucú, Maracá, Jary e Cajary.

Ha nesta terra o costume de sangrarem-se os homens e as mulheres todos os annos na vespera de S. João Baptista, com o fito de dar estabilidade á saude.

Não ha na Villa Igreja alguma; a primeira acha-se desmantellada ha mais de trinta annos: e desde então tem supprido huma caza particular em cuja frente levantarão hum alpendre para acolher maior concurso de povo.

O orago da Igreja he Nossa Senhora da Assumpção.

Os vasos sagrados e alfaias são os mesmos que forão da Igreja de Mazagão em Africa; entre elles alguns são ricos, e a banqueta he bellissima.

Depende da jurisdicção desta Villa o lugar de Santa Anna do Cajary assentado na margem do rio Cajary, duas legoas acima da embocadura que jaz na margem septentrional do Amazonas acima do rio Mutuacá.

Nella habitão 84 Indianos de ambos os sexos.

A Igreja he pequena e pauperrima.

Detráz do mato que cinge esta pequenina povoação, e perto della correm boas campinas.

Os moradores são fartos de peixe e caça, plantão maniva e algodão, e extrahem cravo.

Monte-Alegre. — Villa creada em 1758, e assentada sobre a planicie do viso de uma montanha que jaz na esquerda do rio Gurupátuba em distancia de duas leguas da sua garganta, a qual está na margem esquerda do Amazonas.

Aldêa de Gurupátuba era o nome com que se qualificava esta povoação antes do referido anno.

Ella era missionada pelos Padres da Piedade.

Compõe-se a população de 1780 visinhos brancos e indigenas, e de 290 escravos.

Os principaes moradores são proprietarios de fazendas de criação e de grandes plantios de cacâoseiros: os quaes elles principiárão no anno de 1784.

Só a criação do gado vacum não ha tido augmento, porque ás vezes soffre a perseguição dos morcegos.

Os Indianos são de prestimo na extracção da salsa e do cravo, na pesca, e outros trabalhos.

As mulheres são laboriosas na costura, fião algodão, fazem redes, fabricão e pintão com graça e delicadeza bacias e gomis de argilla branca, cuias e tacuarys.

Quasi todas as cazas são telhadas com folhagem.

A Matriz he dedicada a S. Francisco de Assis; ella foi hum bom edificio limpo e decente, actualmente trata-se da sua reedificação.

Ha mais duas pequenas Igrejas, das quaes huma serve de Matriz.

Nas partes da Villa que entestão com o Nascente, offerece-se á vista a perspectiva de altas serras: e nas partes fronteiras ao Sul vê-se numerosos e amplos lagos formados pelo Amazonas, e as coleadas voltas que ao longe vai fazendo o mesmo rio, realçando vistosamente aquelle alegrissimo paiz.

Pertence á jurisdicção desta Villa a fronteira margem austral do Amazonas; nella ha hum sitio chamado *Barreiras de Cuçary* perto da boca do rio Curuá; cujo sitio tem moradores Indianos, e as suas mulheres são dotadas do mesmo curioso engenho das da Villa para fabricar e pintar louça, cuias, tacuarys.

Houve na fralda do sitio da Villa huma fabrica de serrar cedros para o Arsenal de Marinha, a qual durou mais de trinta annos.

Obidos. — Villa criada em 1758, e situada na latitude meridional de 1° 51' e na longitude de 322° 21' 30" sobre a lomba de huma não muito elevada montanha, que na margem do Amazonas corre pelo espaço de trez leguas até á fóz do rio Trombetas.

Formão a população desta Villa e seu Termo 2987 pessôas livres, e 1294 escravos.

Os moradores da Villa habitão cazas arruadas; e supposto que algumas sejão colmadas de folhagem, comtudo tem seu alinho, o que tudo com huma bôa Praça, que tem, faz huma vivenda agradavel.

A Matriz he consagrada á Senhora Santa Anna.

Além desta Igreja ha outra de menor extensão: ambas são telhadas, e com igual material tambem se achão cobertas quasi todas as cazas dos habitantes.

A maioria dos lavradores cuida muito do cultivo das cacâoseiras: esta planta apparece em muitas partes do Termo.

Tambem fazem plantações de café, maniva, algodão, milho e feijão, porém tudo em quantidade mediocre.

Outros ha que possuem terras de lavoura e de gado vaccum e cavallar.

Na terra da mesma elevação, em que está a Villa, e na distancia de 180 braças, existio antigamente huma Fortaleza appellidada de Santo Antonio de *Pauxis*, que foi edificada de taipa de pilão e com alguma irregularidade á custa de Manoel da Motta e Siqueira, Governador da Fortaleza do Tapajós.

Ella era guarnecida de hum Destacamento do Pará commandado por hum Capitão e hum Tenente.

Foi 1749 que começou a mostrar ruinas nos angulos e na cortina da parte do rio.

A mesma Fortaleza posto que pela elevação do sitio dominasse a passagem do rio não podia atalhar nella a navegação prohibida, porque o systema de canhoneiras não permittio ás peças de artilheria fazer os tiros por baixo do horizonte pelos angulos que o declive da montanha exigia: e deste modo aquella Fortaleza não era chave capaz de fechar aquelle estreito do Amazonas não só a todo o arrojo interno, perturbador da ordem, mas ainda a qualquer projecto de invasão estrangeira.

A Villa antes de o ser tinha sido huma *Aldêa* nominada *de Pauxis*: nella missionarão os Padres Capuchos da Provincia da Piedade; e ás vezes se aggregavão a ella alguns descimentos de Sylvicolas, que dos mesmos Padres recebião a doutrina.

Hum destes descimentos em 1747 praticou enormidades e delictos, a cujo castigo se evadio transfugindo para a expessura do Trombetas.

E no anno de 1787 para aqui vierão morar todos os individuos que tinhão assentado pousada e contubernio debaixo da denominação de *Lugar de Arcozello* na margem direita do rio Curuâmanêma, seis leguas acima da sua fóz, a qual existe na margem esquerda do Amazonas, duas leguas abaixo da Villa.

No ponto, em que está fundada a Villa, e em que a natureza dispoz o terreno para hum alveo differente, tem o Amazonas hum passo estreito de mil braças de largura de margem a margem, e de fundo mais de trezentas no espaço de quasi huma legua de correnteza.

Até este ponto he sensivel o fluxo do mar: elle se dá a conhecer meramente pelo estufamento das aguas hum pouco acima do ordinario olivel do rio.

Ora discorrendo o dito fluxo pelo espaço de 248 leguas, que medeia entre esta Villa e a fóz do Amazonas, he isto hum phenomeno talvez unico no mundo conhecido.

Fazem assás precioso o Termo da Villa o Caxioiry, os lagos e os dous *paranás-mirins*: elles são fontes de riqueza, das quaes podem resultar immensos beneficios.

Do modo porque se olha para as dadivas da natureza he que se deriva a fortuna ou a desgraça do commercio interno.

Outeiro.— Lugar criado em 1758, e assentado na planura do visto de huma montanha com ladeira de molesta subida, que jaz na margem direita do rio Urubucuára sete leguas acima da sua garganta, a qual está sita na margem esquerda do Amazonas acima do rio Parú.

Aldêa de Urubúcuára era o antigo nome deste lugar, que he dependente da jurisdicção da villa de Monte Alegre.

Quando tinha a primitiva denominação os Padres de Santo Antonio da Provincia da Extremadura a missionavão.

Ella extrahio o nome do rio, em que foi plantada: rio, que he hum braço do Amazonas lançado pela terra dentro ao Noroeste, e na distancia de seis horas de voga derramado em varios lagos sobre huma vasta planice jacente nas abas de humas serras pertencentes á cordilheira do Parú: cujos lagos em os periodos pluviosos se convertem em hum, sobremaneira amplo, profundo, e habitado de jacarés, de cobras enormes, e de copioso peixe de toda a variedade, que o Amazonas produz.

Em meia ladeira da montanha ha hum penhasco, do qual jorra huma fonte d'agua mui diafana e saborosa, e mui diuretica segundo affirmão.

Do viso, em que está a povoação, esta tem para a banda do Norte e Leste a vista de varias serras, e para a banda do Sul a de bosques, lagos e planicies, cujo complexo faz hum prospecto deleitavel.

A população consta de 194 pessôas livres e de 20 escravos.

A Igreja he inaugurada a Nossa Senhora da Graça: abrange breve espaço, e tem tecto de telha.

As cazas dos moradores são todas caiadas, collocadas em terreno limpo, e telhadas com folhagem: e não obstante o incendio, que 1649 quasi destitue de cazas a povoação, continúa a mesma construcção de madeira e palhá.

As matas são fartas de cacáo, de salsaparrilha, de caça volatil e quadrupede.

Pedro II. — Colonia militar situada á margem esquerda do rio Araguary, distante de Macapá 14 legoas. Foi fundada em 1840 pelo ex-Presidente João Antonio de Miranda, mandada inspeccionar em 1849 pelo ex-Presidente Jeronymo Francisco Coelho, que achou-a em deploravel situação, foi melhorada pelo ex-Presidente Fausto Augusto de Aguiar, que mandou abrir huma estrada communicando-a— com Macapá.

O Ministro do Imperio no *Relatorio* de 1862, diz o seguinte :

« Passando a tratar das Colonias militares cumpre-me informar-vos que na de Pedro II, na Provincia do Pará, situada á margem do rio Araguary, ha por ora apenas 8 colonos, todos soldados de 1ª linha, com suas familias além dos empregados na administração da Colonia, e nos obreiros empregados na construcção da Capella.

« Apezar do diminuto numero dos habitantes da Colonia, medrão os trabalhos desta, achando-se já fundadas suas fazendas de crear á margem do Aporema, bem situadas e com pastos abundantes ».

Rebordello.—Lugar situado na costa oriental da ilha da Cavina, e distante da Villa de Chaves oito leguas.

A dita Ilha tem 15 leguas e 2/3 de comprimento, e de maior largura 12 leguas e 2/3; e está afastada duas leguas da contra-costa da Ilha Grande de Joanes.

Segue-se em grandura á Caviana a Mixiana, que tem 14 leguas de comprimento e 5 1/3 de largura, e dista duas leguas e 2/3 da mesma contra-costa.

Havia sido precedentemente este lugar *Aldêa de Piyé*: hoje depende da jurisdicção da Villa de Chaves.

Os moradores são todos Indigenas: e o seu numero assoma a 279.

Elles são tão indigentes que não podem restabelecer a sua pequena Igreja dedicada a S. Joaquim, a qual se vê desconstruida porque mais não podia resistir á destruição, que lhe fazia o tempo auxiliado pelo deleixo.

Todavia cumpre notar que a sua indigencia he toda voluntaria: porquanto elles não curão da lavoura do cacáo, mandioca, arroz e algodão, para que são optissimas as terras daquella Ilha, nem tirão proveito da pesca, em cuja arte tem destreza nativa.

Nesta Ilha tem huma Fazenda de gado o Hospital da Caridade da Cidade.

26

S. Anna de Cajary. — Lugar da Provincia do Pará, na Guyana Brazileira entre a povoação de Fragoso e a villa de Mazagão, nas margens do rio Cajary, 2 leguas acima de sua fóz. Este rio lança-se no Amazonas acima do rio Mutuacá. Sua Igreja que he parochia, tem por orago a Santa do mesmo nome, e seus habitantes lavrão mandioca, algodão e arroz, e apanhão cacáo.

População 84 Indios. — Além do mato que cinge a povoação, correm bôas campinas.

Villa Vistosa da Madre de Deos. —Pequena Villa, quasi abandonada dos habitantes brancos, para os quaes foi erecta.

Está assentada em terreno elevado na margem oriental do rio Anauará-pucú, e 7 leguas por elle acima. He falta de peixe, que apenas se recolhe na foz do rio: e a cultura principal consiste em arroz milho e mandioca, abundando os seus arredores de madeira de macacaúba; mas he infestada de mosquitos, e tem optimas campinas para a creação de gado.

Seus primeiros moradores em numero de 300 fogos, erão pessôas tiradas da Caza da Estopa, e degradados além de alguns Ilhéos.

RELATORIO

apresentado ao Dezembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes, Presidente da Provincia do Grão-Pará, pelo Tenente Coronel de Artilheria reformado Antonio Ladisláu Monteiro Baêna, sobre as villas de Macapá, Mazagão e Gurupá, mandado em commissão por ordem do mesmo Presidente no anno de 1848, em consequencia de hum contagio que lavrava naquellas localidades (1).

IDÉA DO QUE HE A VILLA DE S. JOSÉ DE MACAPÁ.

EPOCHA—1848.

Na margem septentrional do Amazonas, 32 legoas acima da sua fóz, entre a ponta do Pacoval e a praça de S. José de Macapá, existe a villa do mesmo titulo da praça sobre hum terreno superior 26 palmos á superficie do rio; em cujo terreno fenecem os campos que se estendem da margem direita do rio Arauary para esta parte do Amazonas: a qual dista 21 legoas da dita margem segundo o calculo do tenente-coronel de engenheiros Pedro Alexandrino Pinto de Souza, quando em 1798, guiado por José Antonio de Souza, soldado do Regimento de Macapá, e natural da villa do mesmo nome, explorou o rio Arauary, e regressou para esta villa pelos campos, desde o ponto em que na mesma margem se collocárão as farinhas e mais viveres que da Villa para alli forão transportados em carros para soccorro da indicada exploração.

Depois de estabelecida a *Colonia de Pedro II* no rio Arauary o indio Francisco de tal, chamado o —*Chico Curto*— por ser pequeno em corpo, foi a ella pelos campos seguindo o mesmo caminho, isto he, buscou as cabeceiras do Frechal, braço do rio Matapy, e dellas dirigio-se pelos campos á margem direita do Arauary, da qual embarcado em huma canoinha, que achou prompta, desceu o rio até á nova Colonia jacente na margem esquerda delle: no que gastou 8 horas, e na jornada de terra trez dias.

Este mesmo indio referio que vira *Quina* no rio Arauary: e disse que a Colonia ficava bem por detraz da Matriz da Villa, em cuja direcção, a não obstarem os muitos pantanos, se poderia abrir caminho direito á Colonia.

Lava a ribeira desta villa huma enseada, que o Amazonas formou, conquistando mais de duzentas braças segundo demonstra hum pequeno resto do espaço usurpado, que na enchente representa hum ilhéo de pedra *cury vermelho* com trez arvorêtas em cima, e que ao tempo da construcção da Praça tinha o nome de *guindaste*, porque alli se collocára aquelle que descarregava os batelões da pedra para a dita construcção.

Esta enseada chega quasi á raiz da ribanceira da Villa, cinge-a bem perto até o hospital, onde faz huma ponta, que he de pedra identica com a do local da Praça; e desta ponta encurva-se para a banda do igarapé do lado do Sul, que jaz entre a Villa e a Praça; e mete aguas no mesmo *igarapé* vulgarmente dito *da Fortaleza*.

Todo este espaço, que he areoso, e de lodo rijo semeado de pedragulho, fica enxuto na vazante, e com a baixa mar afastada da Villa mais das duzentas braças sobreditas.

Na enchente emquanto ella não toca a linha da preamar crepitão muito as aguas. De meia enchente em diante só ha fundo

(1) Devemos estes trabalhos á obsequiosidade do fallecido Conselheiro Jeronymo Francisco Coelho, desde o anno de 1853, por occasião da publicação do Projecto n. 48—do 1º de Julho do mesmo anno, creando a Provincia de *Oyapochic*.

para canôas e barcos: e defronte do supra referido guindaste, ao mar delle, ha ancoradouro de trez braças de fundo. O canal corre mais ao largo.

He portanto desabrigado o porto; e não tem mais de dous lugares seguros para as canôas, hum da parte do Norte no *igarapé das Mulheres* que antigamente chamavão *da Companhia*, porque nelle se fazia regularmente o embarque do arroz para a *Companhia de Commercio*, e o outro da parte do Sul no já referido *igarapé da Fortaleza*; o qual he atravessado de duas pontes: a primeira que dirige á Poterna, de que actualmente se servem em lugar da porta para entrar na Praça, e a segunda que guia para o sitio chamado Trem, ao Occidente della, onde ha algumas palhoças com a frente ao Sul.

A erecção desta villa data de 4 de Fevereiro de 1758: nesse dia o Dezembargador Ouvidor-Geral, e Corregedor Paschoal de Abranches Madeira Fernandes, annunciou erecto em Villa o *Lugar* de S. José de Macapá, e alçou logo o pelourinho, estando presente o Capitão General Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

E no dia 6 do mesmo mez e anno o dito General Governador em carta dirigida á Camara Municipal designou que o Termo da Villa começava da parte do Norte até onde chegão os dominios de Sua Magestade Fidelissima: e pela parte do Nascente até a bahia chamada do Vieira, correndo por ella acima contra o Sul até o furo, que fica defronte do *igarapé* nomeado *do Curussá*, cuja margem oriental ficava pertencendo ao territorio da Villa.

Duas praças, nove ruas e dez travessas, formão esta povoação. Das duas praças huma chama-se de S. João, e vulgarmente praça debaixo: della o lado occidental, em que está a Matriz, e a casa da Camara tem 84 braças de extensão, e o lado austral 71, e 7 palmos: a outra denominada de S. Sebastião, e praça de cima pelo vulgo, cujo centro o pelourinho occupa, comprehende 84 braças e 2 palmos no lado occidental, e 72 e 4 palmos no lado boreal.

Por estas duas Praças corre a linha Norte-Sul parallelamente ao rio, ficando o Norte da parte debaixo, e como sobre aquella linha cahe a de Leste-Oeste, tem a Villa o rosto ao Nascente.

Das nove ruas, a de S. José passa pela frente da Matriz, tendo principio no lago da banda do Sul e termo na rua das Febres: a das Mercês principia no dito lago, passa demidiando as duas praças, e termina na rua das Flôres; a Formosa começa tambem do mesmo lago, fórma o lado oriental das duas praças, e fenece na rua das Flôres; a do Sol desemboca na praça de S. João defronte da porta da Matriz; a das Flôres principia no lago do mar da parte do Norte, e finda na campina da banda do Ponente; a da Ponte começa no lago da parte do Norte e acaba no da parte do Sul; a Direita parte da Travessa do Valverde, e pára na rua do Sol; a dos Santos principia da rua do Sol e ultima na rua das Febres; e a das Febres he a derradeira da banda do Norte, que se dirige ao campo.

Das dez travessas a do Fogo está á direita da caza adjacente á da Camara; a de Santo Antonio passa pelo lado direito da Matriz; a do Espirito-Santo vai pelo lado esquerdo da mesma igreja; a da Estrella fica no canto da praça de S. João ao Norte da Matriz; a da Espera está defronte do pelourinho da banda do Occidente; a do Arvoredo corre pela espalda da Matriz e da caza da Camara; a do Valverde começa na rua Formosa e acaba na da Ponte; a da Atalaia principia no canto da praça de S. João fronteiro ao da Travessa da Estrella, e termina na ribanceira; a da Vigia vai do Nascente sahir no canto da praça de S. Sebastião; e a da Guarda está fronteira ao pelourinho da parte do Nascente.

Tem a villa 325 braças de frente na linha Norte-Sul, entre o começo da rua Formosa e a rua das Febres; e 263 braças e 3 palmos de fundo na linha Leste-Oeste, entre a rua da Ponte e o fim da Travessa do Fogo.

Todas as denominações das referidas ruas, travessas e praças forão dadas em 6 de Março de 1761 pelo Capitão-General Manoel Bernardo de Mello e Castro.

Cazaes Açorianos por ordem da Côrte de Portugal vierão povoar esta villa.

Duas cazas terreas de pedra e cal, e quatrocentas e dezeseis de páo e barro, e trez de sobrado do mesmo material organizão as mencionadas ruas, travessas e praças: só 32 tem tecto de telha, as mais de palha Ubussú: algumas estão assás arruinadas, e todas com os seus quintaes fechados de cêrcas de juçára e metades de tabocas, ou de paxiuba, e de muruty, e tambem de acariúbas, ou de acapú.

Tanto nas ruas e travessas, como nas duas Praças, que estão vestidas de bastantes arbustos a contento da impolicia da Camara, são muitas as cazas cahidas, e os vacuos de outras, cujos remanescentes já desapparecêrão.

Hombreia nas ruinas com os domicilios dos moradores a caza da Camara Municipal. Ella he de dous pavimentos, e feita de alvenaria á custa da antiga Fazenda Real, com 5 janellas de sacada no segundo pavimento, e de 4 peitoris no primeiro com a porta no centro, que correspondem ás duas enxovias. Metade deste edificio está sem telha, e sem armação que a supportava: a outra metade aproxima-se a igual sorte. A incuria deixou apparecer a precisão de maior custo em repara-lo do que o primor-

dial em construi-lo, attenta a grande differença actual do valor dos materiaes e dos braços, que os devem laborar.

Em huma caza de palha com huma porta e huma janella no lado meridional da praça de S. João fazem presentemente as suas sessões os membros da Camara Municipal. A receita desta corporação provêm das licenças de 17 lojas de venda, do imposto das bebidas, do imposto dos Regatões e do Matadouro do gado vaccum: ella no primeiro semestre do anno de 1841 a 1842 foi de 258$934, e dentro do mesmo periodo a despeza consistio em 212$842.

A Matriz, que tambem custou dinheiro á sobredita Fazenda, carece de reparação. Ella nada tem que a faça distincta na construcção: he huma obra mui ordinaria, e todavia melhor que muitas outras do mesmo genero na Provincia.

Além do altar-mór com hum throno soffrivel, tem de hum e outro lado do arco da Capella-mór hum altar, e outro em cada lado da nave circuitada de grades até as portas lateraes do vestibulo, onde fronteiro á porta principal está hum guarda-vento, o qual he indispensavel, porque sem elle não podião as vélas dos altares manter a luz em virtude dos ventos do quadrante de Leste, com quem a igreja defronta.

Tem duas sachristias aos lados da Capella-mór, e no alto dellas cazas com janella para a mesma Capella: na esquerda da frontaria huma torre igual em altura á igreja, em cujos campanarios dous pequenos sinos não molestão os ouvidos quando soão: e na direita da mesma frontaria apparece ha longo tempo sobre a flôr da torre o alicerce de outra torre, que assim permanece.

Inaugurou-se esta Matriz a S. José.

As familias que habitão as supra referidas cazas, assomão ao numero 437, e todas ellas com as pessôas que lhe dizem respeito simultaneamente com os seus escravos, formão o numero 3,555 individuos.

Esta gente tem para a administração da sua justiça hum Juiz de Direito, hum Juiz Municipal, hum Juiz dos Orphãos, hum Promotor Publico, hum Delegado de Policia e dous Juizes de Paz, hum do 1º districto, que parte da Travessa da Atalaia para o Sul, e outro do 2º districto, que vai da mesma Travessa para o Norte.

Ha dous Presbyteros: hum incumbido provisoriamente de vigariar, e outro natural da Villa, que o ajuda nessas funcções; as quaes elles exercem em certos casos com pobres vestes e com alguma indecencia tal como aquella, com que levão o Sacramento aos enfermos não allumiado de tochas ou vélas, e debaixo de hum pequeno pallio assás velho.

Na instrucção da mocidade estão empregados dous Mestres Publicos: hum de primeiras letras, e outro de Grammatica Latina.

He pouco o proveito destas escólas, e não me foi possivel em tão curto tempo deprehender se elle se deriva da pouca habilidade intellectual dos alumnos, ou das suas interrupções de frequencia, ou de não terem os Mestres o dom do Magisterio.

A Força armada consiste em seis companhias de Guardas Policiaes, trez formadas na villa de Mazagão, e trez nesta villa, compostas de 192 homens debaixo do mando de hum Major, cujo posto se acha conferido a hum homem nativo da villa, mui pouco digno delle pela pobreza, grosseria e extrema indecencia do seu meneio de vida.

As rendas geraes e as rendas provinciaes tem huma Collectoria, pela qual se opera a percepção de humas, e de outras.

As primeiras derivão-se das seguintes fontes: sêllo do papel, novo imposto sobre lojas e tavernas, sizas de bens de raiz, e taxa dos escravos; todas ellas no anno economico de 1841 a 1842, formarão a somma de 396$660.

As segundas procedem da decima dos predios urbanos, do dizimo das miunças, do dizimo do gado vaccum, e de dous e meio por cento pelo gado posto no talho, e de 320 rs. por arroba de carne secca e salgada, de vinte por cento do consumo de aguardentes fabricadas nos engenhos da Villa; de 100 rs. por frasqueira de caxaça pago pelos fabricantes, de 10$ sobre cada caza de venda de bebidas espirituosas, de heranças legatarias, da meia siza dos escravos ladinos, e de 50$ por loja ambulante, e canôa de Regatão; a liga de todas ellas apresenta a somma de 1:456$770, a qual unida com a das rendas geraes constitue a quantia de 1:853$410, dentro do supra mencionado anno economico.

Ella poderia ser mais avultada se, o contagio das febres, não tivera dado ao segundo semestre hum apoucamento tal que reduzio a Collectoria a não ter com que alimentar as despezas ordinarias.

Tambem concorrem para a pouca grossura do total dos rendimentos as seguintes faltas: a de recepção dos dez por cento de direitos de empregos civis, porque ainda não fez a lotação quem a deve fazer, a de recepção do dizimo do gado vaccum, porque os fazendeiros desde o anno de 1836 até hoje não tem dado listas das ferras, e nem produzido pagamento algum de dizimo, e finalmente a de recepção da taxa dos escravos, porque os senhores reprimem a consecução da relação delles com a affirmativa de que todos trabalhão nas suas roças, fazendas e engenhos.

Estes moradores não se descuidão de imaginar pretextos para baldarem a cobrança de direitos, pois avezados até o anno de

1838 a não pagarem cousa alguma, custa-lhes por extremo effeituar o pagamento de qualquer direito.

O trabalho dos moradores abrange artigos de negocio, generos de lavoura, e uso de artes fabris; tudo em pouca quantidade, segundo a Estrella desta villa: a qual desde a sua fundação patenteou sempre pouco amôr aos seus verdadeiros interesses; e por isso rodeada de tantos auxilios naturaes offerecidos nos campos, nos rios e nas ilhas, está dentro do regaço de huma pobreza, qual a que manifestão as suas moradias de humildes palhoças, e o desluzido trato domestico e publico.

Veja-se em prova disto o cadastro das terras aqui appenso; compare-se o numero dos seus possessores com o resto da população, e note-se qual he a força de braços empregados nellas, resultará a noção do grão da negligencia dominante.

Grão, que ainda mais o augmenta a noticia certa de que em 1828 todos os fazendeiros possuindo 7,954 cabeças de gado vaccum, e 958 do cavallar, presentemente pouco mais contão dos dous terços daquelle numero, sendo a causa desta differença e das anteriores o maior cuidado em vender e matar, do que em criar, como sempre praticarão em despeito de ordens positivas e saudaveis admoestações.

Outra desordem acontece e vem a ser, que elles se estabelecem arbitrariamente sem concessão de terras, nem de ferro e signal, e deixão de dar listas de ferra como acima se disse, com o fim de não satisfazerem o dizimo.

Os que não são fazendeiros, nem exercem officio mecanico algum, ou algum outro emprego, occupão-se em caçar e pescar quando precisão para applacar a fome, e em fazer huma breve horta, na qual plantão jurumú, taqueira, melancia, melão, pepino, machicho, batatas, carás, ariás, repolho, couve, mostarda, alface, jambú, beldroega, bringelas, e tomates.

Hortaliças todavia que algumas não são sujeitas a hum cultivo regular: e só apparecem quando este ou aquelle se delibera a tê-las.

Tambem plantão em curtos roçados feijão, milho, mandioca, algodão, arroz e tabaco, o qual com tudo chega para o consumo da villa.

Entre os que se dão a officios mecanicos numerão-se 2 marcineiros, 15 carpinteiros, 2 alfaiates, 14 sapateiros, 12 ferreiros, 4 ourives, 6 calafates e 5 pedreiros.

O trabalho das mulheres consiste em tecer panno de algodão grosso e fino, fazer mediocres atoalhados, fabricar azeite de andiroba, e criar gallinhas, patos, perús, porcos, cabras e ovelhas.

Dos moradores que offendêrão a moral publica no tempo volvido de 1834 a 1839, forão pronunciados a prisão e livramento, e absolvidos no jury o seguinte:

Um cafuz pelo crime de rapto, um branco por ladrão, outro por crime de ferimento, hum Indio por crime de morte, um branco pelo crime de furto, oito homens por crime de sedição, o Escrivão de Paz do 2º districto pelo crime de tentativa de morte, hum Hespanhol pelo crime de injuria, hum branco pelo crime de ferimento, outro por crime de morte, e hum Juiz de Orphãos sentenciado a hum anno de suspensão por haver insultado a authoridade do Juiz de Paz.

Da agua de quatro fontes bebem os moradores; trez são na baixa de hum e outro lago ao Norte e ao Sul da Villa, e huma que he a melhor, está junto á Praça da banda do Sul na praia, onde de huma pedra rasteira engastada na areia brota a agua, que só na vazante do rio póde ser tomada.

Nos campos ha muitas em uso dos Fazendeiros.

Como até aqui se não ha relatado o que se sabe haver de riqueza natural no districo da Villa, vou fechar este meu escripto com as seguintes relações:

PRIMEIRA.

Dos lugares em que se achão páos reaes.

Nas cabeceiras do rio do Termo da Villa— Murâpinima, Murâpiranga, Páo Rôxo, Castanheiros.

Em todas as ilhas e matas geraes — *Páo preto*, pão macaco, este pão sendo das matas, he mais encarnado que o das ilhas: maúba, andiroba, cedro, todos trez em abundancia.

No rio Anauarapucú — *Páo macaco* de veias rôxas e brancas, e por isso chamão-lhe *Qualiára*, tem de grossura sómente dous palmos.

No mesmo rio Anauarapucú — Acapú, acariúba, massaranduba, angelim, piquiá, pão d'arco, cumarú, pão amarello, louro preto, louro amarello cheiroso.

No rio Arapucú ha igualmente parte das precedentes madeiras, e nas ilhas achão-se tambem acariúbas, que são de melhor duração, as palmeiras mucajazeiro, tucumanzeiro, bacabeira, patauá, assahyzeiro, caranazeiro, murutyzeiro (1).

SEGUNDA.

Dos lugares em que se achão os melhores generos do mato.

Nas cabeceiras do Camaipy, braço do rio

(1) *Murutyzeiro* he a palmeira que em outros pontos do Brazil chama-se *Burityzeiro*, e *Miritysseiro*.

Anauarapucú da parte direita — Arvores de Puxiry.

No rio Arauary, no seu braço Arapary e no rio Anauarapucú—Oleo de cupaúba, salsa parrilha, cravo, abuta, mururé, murapuama.

Nos campos e nas ilhas a ella adjacentes —Marapaúba, jutahy, barbatimão, sucuba, ananim, paricá, que he bòa arvore para carvão de forja, e a casca para cortume, piquiarana, mapá, cujo leite applicão ao curativo de bôbas, umiry, parreira, herva de chumbo, sorveira, mangabeira, puruhy, arvore parecida á goiabeira, e á fruta á goiaba no feitio: he agridoce.

Ha tambem nos campos huma planta semelhante ao ananaz, que deita hum caixo de frutas redondas e amarellas, iguaes na grandura á hum tucuman, as quaes tem hum miolo no caroço, que he doce, e hum excellente remedio para lombrigas: disso lhe proveio ser conhecida pelo nome de fruta lombrigueira.

TERCEIRA.

Das arvores e plantas menores domesticas.

Laranjeira da China, dita da terra, cidreira, limeira, limoeiro, jaqueira, ateira, biribazeiro, araticú amarello, dito branco, bananeira de varias qualidades, tamarinzeiro, mangueira rôxa, dita amarella, abieiro, maracujá de varias qualidades, bacateiro, cutiti[illegible]bazeiro, ananaz de trez qualidades, cafezeiro, cacoeiro, genipapeiro, figueira, jambra, saputilha, goiabeira, cajueiro, gingeira, coqueiro, popunheira.

N. B. De todas as arvores e plantas menores que ficão mencionadas não ha fartura alguma: esta só se observa nas bananeiras, porque o seu fruto he usado com excesso em mingáos, e outros comeres.

QUARTA.

Dos Passaros.

Tujujú, cananá, jaburú, mauary, colhereira, guará, mergulhão, carará, carão, arapapá, garça, socó de varias qualidades, pato, marrecão, marreca, massarico real [illegible]tum, jacamim, cujuby, jacú de varias qualidades, saracura, inambú, curicaca, corvo chamado *tinga*, outro *gerés* por ter cabeça encarnada, e outro preto, gavião de muitas qualidades, papagaio moleiro, dito curica, arara de peito encarnado, outra de peito amarello, maracaná, piriquito.

N. B. Dos referidos passaros uns são das lagôas, outros dos campos e outros da mata.

QUINTA.

Dos animaes silvestres.

Anta, porco, tatitú, veado, paca, cotia, cuandú ou porco espinho, capivára, onça de muitas qualidades, tamanduá bandeira, raposa, birára, cão do mato, guariba de duas qualidades, preta e amarella, macaco de diversas qualidades, jabutim, tatú-assú, tatú-tinga, tatú-péoa.

N. B. Todos estes são communs a outras partes da provincia.

SEXTA.

Dos peixes e dos mariscos.

Nos rios, nos lagos e no mar—peixe-boi, pi[illegible]cú, pirahiba, suruby, dourada, pirapema, [illegible]y-assú, tarihira-assú, tambaquy-assú, tam[illegible]quy pequeno, espadarte, cação, bagre, pirarára, savelha, pirapetinga, pacutinga, pescada branca e preta, tainha, mapará, piramutaba, mandubé.

Nos lagos e igarapés—Arauaná, tucumaré, acará-assú, acará-punga, tarihira, juju de duas qualidades, piranha, tamuatá de duas qualidades, jacundá, aracú, jandiá preto e amarello, carangueijo, lagostim, camarão, caramujo.

SETIMA.

Dos mineraes.

Nas cabeceiras do rio Camaipy, braço do rio Anauarapucú, ha malacacheta.

Villa de S. José de Macapá, 15 de [illegible]etembro de 1842.

Antonio Ladisláu Monteiro Baena.

26

INFORMAÇÃO SOBRE AS VALLAS DA VILLA DE S. JOSE' DE MACAPÁ.

Ao Sul da villa de S. José de Macapá entre ella e praça ha hum pequeno pantano, que começa na contiguidade da rua da Ponte, e vai terminar da banda do Occidente em hum lago, no qual dimana hum igarapé que desagua no Amazonas junto á Praça, ao Norte della.

Neste pantano principião as ruas Formoza, das Mercês e de S. José, que passão pela praça de S. João e de S. Sebastião: da primeira destas ruas abrirão pelo pantano huma estrada de 25 palmos de largura até onde elle fenece na adjacencia da explanada da Praça, em cuja direcção abraça 108 braças de comprimento, e huma valla de esgôto corre parallelamente a ella de hum e outro lado na distancia de 2 braças até perto do sobredito igarapé, onde tem huma ponte de madeira defronte de outra antiga de igual qualidade, que se construio para a passagem do igarapé.

Por baixo da nova ponte continúa a valla da esquerda da estrada, indo da Villa para a Praça, faz juncção com a da direita, e ambas unidas desembocão no igarapé ao Occidente da ponte.

Tal he o lugar, a direcção e a disposição da estrada, e das duas vallas de esgôto que a acompanhão.

Ella foi bem lembrada: e conveniente he a sua conservação, por que do centro da Villa não hávia hum caminho directo á Praça e ao campo, que dalli se estende para o Occidente.

A dita estrada ainda está bôa para o transito: as suas vallas achão-se cheias de aningas, e de outras plantas da classe das palustres, e quasi desvanecidas: o que procede das enchentes do Amazonas, o qual se intromette no igarapé, e nas vallas que nelle acabão, e que sem o córte praticado na margem do igarapé, jámais poderia a enchente entrar e subir até onde cessão as vallas da parte da Villa.

O terreno, que a estrada fende, sendo medianamente pantanoso, e na direcção della sem contacto com o igarapé, nem com o Amazonas; e as vallas não podendo conservar o seu perfil pela acção diaria do rio, o qual não a teria se não abrissem a margem do Norte do igarapé para o supposto despejo das mesmas vallas, tornão-se estas tão desnecessarias, como o erão antes da construcção da estrada, nem terião existencia se quem effeituou esta obra tivesse conhecido, ou soubesse conhecer a natureza do pantano, o seu olivel a respeito do sólo que circuita a Praça, pelo qual se deslisa o igarapé ao Norte della, e que o Amazonas penetrando até perto do lago não se communica para o sitio, em que se construio a estrada.

Por tanto he preciso aproveitar a lição, que dá o Amazonas, indicando o seu intento pelos estragos que faz na estrada do igarapé, e mostrando a desnecessidade das vallas por meio do implemento que nellas opera: e para isso desfaça-se a ponte, alargue-se a estrada até 6 braças, seja orlada de renques de arvores fructiferas interpoladas com as de ornato, e encha-se de terra a escavação, que se faz para dar ingresso ao Amazonas nas vallas, e o resto venha a ser aterrado pelo andar do gado vaccum, como antigamente se praticou por ordem do General Manoel Bernardo de Mello e Castro em o pantano do Norte, do qual hoje a maxima parte está solida, e he onde fazem horta os moradores.

Quanto ao dizer-se que estas vallas são *origem das sesões* nenhuma probabilidade favonêa este pensamento.

O pantano, e o lago existem desde antes da erecção da Villa: e não ha tradição oral de que os periodos sazonaticos fossem attribuidos á este pantano, e á este lago, nem tambem á outro lago que jaz da parte do Norte junto á Villa, do qual corre para o Amazonas hum *igarapé* denominado *das Mulheres*, por que he onde ellas vão gozar do banho em razão de ser a isso accommodado.

Tanto deste lago do Norte, como do do Sul sempre beberão os moradores a agua.

O estado, em que estão as vallas quasi terraplenadas pelo Amazonas na parte do seu começo na supradita rua, o que faz deprehender que a enchente do rio conduz nateiros, que a vasante não leva comsigo, e que assim procederá até que fiquem completamente ao olivel do pantano, não me induz a julgar que ellas fossem a causa do con-

tagio, nem posso definitivamente expressa-la, por que não atino com ella.

Ha quem opine, que dos muitos lagos jacentes nos campos ao Poente da Villa, dos quaes do mez de Setembro em diante ficão seccos, se exhalão vapores, que promovem as sesões; porém he de observar que não deixando de permanecer esses lagos, nem de seccarem todos os annos no tempo apontado, não sejão as sezões perennaes, mas antes pelo contrario tem havido longos intervallos, em que raros moradores são invadidos das sesões.

A origem do presente contagio esteve na *Colonia de Pedro* 2.º, da qual transitou a ilha do Bailique pela communicação dos Guardas Policiaes do destacamento desta ilha com a gente daquella Colonia, e da dita ilha se propagou para as villas de de Chaves, de Macapá, de Mazagão, e de Gurupá: assim o ouvi em todas as referidas Villas, excepto a de Chaves.

Tal o entendem os respectivos moradores, se bem ou mal não me assistem principios para o decidir.

Porém tenho-os bastantes para asseverar que a mortandade superior, como se suppõe, á de 422 pessôas dada pelo Reverendo Vigario, não he purâmente devida a malignidade do contagio, tambem para ella concorreu e concorre o modo peculiar, a que estão avesados, de tratarem as sesões: mui poucos se sujeitão ao curativo methodico prescripto pelo Cirurgião mandado por V. Ex. em seu soccorro: passeião de dia e de noite, e comem no tempo da saude durante a folga das febres, as quaes fazem mais horror a nós do que á elles, que vivem com ellas como familiarisados.

Desta arte a huns se lhes extingue a vida, porque falhão á natureza forças para superar o mal: e a outros, e são os mais, por que não se arredão de seu bruto costume em curar-se.

Villa de S. José de Macapá, 17 de Setembro de 1842.

Antonio Ladisláu Monteiro Baena.
Tenente-Coronel de Artilharia reformado,

BREVE DESCRIPÇÃO DA VILLA DE MAZAGÃO;

E PARECER SOBRE O ANINGAL DA SUA ENTRADA.

Quatro legoas acima da boca do rio Mutuacá jaz na margem esquerda com o rosto para o Oriente a villa de Mazagão aonde o mesmo rio tem trez braças de largura, e margens de lodo atoladiço.

O assento desta Villa he alto duas braças, pedragoso algum tanto, e dividido da banda do rio em hum pequeno valle que corre até á beira do mesmo rio, em cujo espaço tudo he atoleiro.

Na extremidade esquerda da Villa he o ponto do desembarque geral: alli ha huma escada de pão de largura de huma braça com assentos na parte superior, que dá ingresso na terra.

Perto do cimo desta escada está huma caza palhoça quasi toda dezemparedada, em que se acha postada huma pequena guarda fornecida pelo corpo de Guardas Policiaes.

Desta caza, pela espaida da qual passa e vai cingir a Villa hum pequeno *igarapé* denominado *da Aldêa*, segue-se huma ala de palhoças perpendicular ao rio: e parallelamente a ella caminha outra pela direita da Villa: entre estas duas alas está a primeira rua que chamão da Praia, e que comprehende a parte, em que principia o sobredito valle, onde por isso ella padece um vacuo desse lado.

Por detraz desta estendem-se mais duas das quaes a ultima patentêa bastantes espaços destituidos de cazas.

Communicão-se estas trez ruas por quatro travessas.

Todas as cazas são caiadas, e de tecto de palha, menos uma, que o tem de têlha: bem como todas não existem em contacto umas com as outras: um estreito intervallo as arreda.

Na sua edificação empregão pão-mulato e acariúbas: estas para esteios, e aquella para enchimento.

Na maior parte dos quintaes ha poços de agua salôbre, de que bebem os moradores.

Na rua do meio, nomeada — *Augusta*, onde ella he cortada por huma travessa tem assento a Matriz com a frontaria para a mesma rua, e hum dos lados maiores no alinhamento da travessa: ella he huma caza palhoça de 60 palmos de comprido e de 30 de largo, inaugurada a Nossa Senhora da Assumpção: o pavimento he terreo e tapizado de esteiras de muruty chamadas *Tupés*: tem hum alpendre de comprimento quasi identico com o da mesma caza todo circuitado de grosseiras grades de pão.

He notavel, que dentro de tão pobre caza, intitulada *Igreja*, se veja sobre hum tosco altar imagens enfeitadas de ouro e pedras, e huma excellente banqueta de prata, a qual comtudo não foi comprada pelos moradores actuaes, os seus maiores a trouxerão da Praça de Mazagão em Africa, quando a despejárão.

As sobreditas ruas, e travessas compoem-se de 206 cazas, que erão habitadas em 1841 de 1961 pessôas livres e de 317 escravos, huns e outros de ambos os sexos: e que hoje em razão do andaço febril conta de menos 150 individuos do sexo masculino e feminino, sendo meninos e Indios os que compozerão a maior parte deste numero.

Dizem os moradores, que deste andaço fôra contagiada a villa de Macapá, e a sua pelos Guardas Policiaes vindos da ilha do Bailique, cuja communicação com a *Colonia de Pedro II* lhe adquirira o mal, e que nos tempos remotos sempre houverão sezões, mas que não invadião tantas pessôas, nem erão de tão fatal qualidade.

O horizonte de que goza esta Villa, he extremamente curto, porque huma espessa mata a contornêa por toda a parte em grande propinquidade.

Entra-se neste saco por hum estreito igarapé, o qual he ao que se reduz o rio Mutuacá já na visinhança da Villa.

Em huma localidade tal não ha graça, não ha amendade, não ha ar correntio; he hum apertado e melancolico recesso, que só póde agradar aos que vivem habituados á elle, e sem reflexão ao menos para avaliar a desgraça da sua vivenda.

Não foi assim na funação da Villa, em cujo momento contra ella muito clámarão os Mazaganistas vindos de Portugal, e na Capital da Provincia os noticiozos do paiz reprovarão ao Governador Fernando da

Costa de Athayde Teive a má escolhá da localidade, e até porque elle obrou de encontro á Ordem Regia, que mandava aquella gente para a nova villa de Macapá, onde como aguerrida, que tinha sido em Africa, podesse subsidiar a defensa da Praça alli então ha pouco construida.

Dentro do districto da Villa tem moradores o rio Preto, o rio Maracá ; no qual estão trez fazendas de gado vacum e cavallar, pouco importantes em razão da incapacidade do pasto. O lago Juruxy e o rio Cajari onde ha huma fazenda em melhores circumstancias que as precedentes, por ser mais apto o campo, e comtudo o numero das cabeças não transcende de cem.

Entre o rio Jary e o rio Anauarápucú vulgarmente nomeado da Villa Nova, por haver-se extinguido em virtude das sezões huma que ali teve, fundação coetanea com a de Mazagão, se comprehende o districto desta, abrangendo tambem no Amazonas as ilhas Paracuúba, da Cinza, do Caldeirão, do Cajari, parte do Vieira e do Vieirinha, e as ilhas Pequena e Pará, estantes perante a boca do rio Mutuacá.

Do qual para o Sul tem barra os rios seguintes : o rio Preto, que he paludoso e tolhido de cachoeiras, o rio Maracá impedido de cachoeiras, o lago Juruxy, cujo centro occupão ilhas, o rio Cajary tambem empecilhado de cachoeiras, e o rio Jary termo austral do districto.

E dentro do mesmo rio Mutuacá antes de se vêr a Villa jazem na margem direita as bocas dos igarapés Espinhel e Grande, e na margem esquerda as dos igarapés Mutuacámiry, e do Ajudante, além de outros de menor vulto, todos elles na vazante ficão estanques de agua, menos em certos lugares baixos, nos quaes costumão gapuiar peixe.

Os moradores plantão algodão na ilha Pará, e he este o unico genero de lavoura, que exportão.

Quanto aos da floresta costumão colhelos nas terras dos rios Maracá e Cajary nos quaes achão oleo de copaúba, salsa, castanha doce, estoupa e breu.

O cacáo pela costa e pelas ilhas. Elles fabricão farinhas de mandioca para seu consummo nos rios Preto e Maracá, cultivão pouco arroz, milho, feijão e algumas frutas : abrangem na sua acanhada agricultura a canna doce, da qual fazem mel em seis engenhocas que possuem no rio Mutuacá, crião gallinhas, patos e porcos em abundancia, fabricão azeite de andiroba e sabão para seu gasto, e as mulheres fião e tecem panno de algodão grosso e redes com pouco esmero.

As madeiras, Itaúba, Macacaúba, Acapú, Castanheiro, Acariúba, Páo-mulato e mais outros páos ditos reaes achão-se nos rios Preto, Maracá e Cajary.

Numerão-se nesta Villa 2 ourives, 3 alfaiates, 4 sapateiros, 2 ferreiros, e carpinteiros, alguns, por curiosidade.

Para instruir a mocidade, ha hum só Mestre de primeiras lettras ; elle prezentemente por contagiado das sezões não dá lições, nem ha quem o substitua.

Não dou mais amplitude a esta descripção, porque não me consentio adquirir maior numero de noticias a breve estada, que tive em Mazagão, pelo motivo de achar todas as authoridades locaes attribuladas do contagio febril, e toda a povoação quasi victima da fome, por não haverem os viveres necessarios.

Vou tratar da materia seguinte :

Aningal da entrada da Villa.

Todo o rio que conduz á Villa de Mazagão, tem as suas margens desde pouco acima da sua garganta desfiguradas pelas enchentes do Amazonas, o qual diariamente as augmenta com nateiros, que ali intromette.

Sobre elles brotão Aningas, Aturiás e outros vegetaes proprios dos lugares que as enchentes opprimem.

A' proporção que se vai encurtando o apartamento da Villa, mais adiantados se patenteão pelo rio dentro estes *Aningaes*, e de huma e outra parte, ora alternos, ora fronteiros, e como o leito do rio se estreita nessa passagem, não lhe permitte mais que a escassa largura, e pouco fundo que tem.

He este o *Aningal*, de que se lastimão os moradores, e que dezejão vêr desvanecido, sem saberem conhecer a causa do obstaculo, a grandeza delle e a impossibilidade de seu desapparecimento, tanto considerada pelas suas circumstancias physicas como pela avultada despeza que seria necessaria.

O dito *Aningal* tem mais de cem braças de comprimento e de altura sobre a meia vazante oito palmos, e sobre o resto do leito do rio dezeseis, e deixa entre si e a margem fronteira a largura de daus braças.

O rio em todo o seu curso opera os diversos *Aningaes* que ficão apontados, e como elle he puramente hum braço do Amazonas não ha aguas quando vaza, que restem até á vinda da enchente, desde certa paragem até acima da Villa. Na frente desta só no inverno he que apparecem aguas do monte durante a vazante do Amazonas, porém ellas são em tal abundancia, que não podem servir para nenhuma obra hydraulica, applicada a destruir o impedimento de que se trata.

Nestes termos não he possivel abrir o *Aningal* da entrada da Villa, em direcção parallela á parte do leito não usurpada pelo mesmo aningal, e mórmente suppondo-se como he de suppôr, á vista do Amazonas

tender incessante a criar *Aningaes*, que elle jamais deixe de frustar a ingreme e perigoza empreza da abertura do *Aningal*: ingreme pelo dispendio, e perigoza pelo vapor lethal que exhala o tejuco quando o surribão, e o expoem á acção immediata do Sol.

Outro meio se offerece para dar communicação externa aos moradores, que he o rio Preto, o qual discorre pela banda do Sul arredado trez a quatro legoas.

Não visitei este intervallo, e por tanto ignoro a verdadeira distancia entre elle e a Villa, a indole topographica do terreno, e a relação em que se acha o seu curso com o do rio da mesma Villa.

Todavia supponha-se que cabe na força monetaria da Administração da Provincia, a despeza da mudança da direcção do indicado rio Preto, e do seu encanamento, ou para o fazer seguir a carreira do rio estorvado, ou para haver por elle a precisa communicação (caso melhor que o primeiro), estará a villa de Mazagão na attitude de provocar o Governo para um tão desmedido gasto em mudar a natureza das cousas?

Todos os povos têm direito a privilegios e vantagens em proporção da sua importancia relativa ao interesse da sociedade em universal.

Vejamos se está neste ponto de vista a Villa de que trato.

Ella tem 80 annos de existencia civil, neste periodo a sua população não ha tido incremento sensivel, a sua lavoura he escassa, a sua exportação mui circumscripta, os seus predios umas palhoças branqueadas. Homens dinheirozos apenas hum, que se lhe prezume o cabedal ocioso de 5.000$000, e que se sabe não estar na classe dos devedores.

Entre os mais ha alguns que em seus testamentos manumittem os escravos em damno dos seus herdeiros, os quaes ficão a pedir esmola, e tambem os mesmos manumittidos; não se sabe o que he educação, existem sem costumes e sem conhecimentos, até ignorão o que lhes convém para a manutenção da saude, o mesmo contagio das febres, faria menos estragos, se nelles não estivesse implantado o costume de beber aguardente, e usar de comeres que roborão a molestia.

Ora hum povo neste estado moral não póde aspirar a que o Governo se abalance a praticar enormes despezas na abertura de um canal de communicação, ou seja pelo aningal ou pelo rio Preto: se tal se reduzisse a effeito seria sem proveito publico, e só em mera satisfação de hum punhado de homens, que desconhecem o seu triste encerro em mattas de tal bondade que lhes he preciso irem ao Amazonas caçar e plantar na ilha Pará o unico genero de lavoura, que exportão.

Mattas onde não tem agua salubre para beber, e onde presistindo en cafuados ainda não cuidarão de fabricar huma igreja decorosa e accommodada ao culto catholico, ou porque não têm dinheiro, ou porque não os agita o dezejo.

Emfim talvez hoje estivessem sem a supramencionada escada do porto, se o Major Monteroso, Commandante militar de Macapá, não a tivesse mandado fazer: assim he de julgar-se diante da falta actual de trez degráos alternos que nella ha sem que ainda a tenhão feito desapparecer com outros novos.

Igual incuria se nota na passagem, que frequentão no ja dito *igarapé da Aldêa*, que devendo-a praticar por meio de huma pequenina ponte, he o contrario, pois empregão nisso dous páos dentados em fórma de serra postos na escarpa de huma e de outra margem, de sorte que os extremos inferiores se tocão no meio do leito do igarapé.

O meu parecer he, que se transplante a Villa para outro sitio mais proficuo a ella e á causa publica: ou que passe a encorporar-se com a Villa de Macapá, onde uns e outros moradores reunidos constituirão uma Villa mais apparente, e não dous esqueletos de povoação.

A despeza que o Governo nisto tiver, será menor que a dos canaes, e dará lugar a hum estabelecimento mais acompanhado de boas probabilidades de futura prosperidade, postos em actividade os meios conspiradores para isso, tanto da parte da Administração publica, como da do trabalho bem dirigido dos moradores.

Embora os Mazaganistas estranhem, ou se queixem da mudança de localidade, a que os condusem; o seu juizo neste caso não he regulado, pelo exemplo da transmigração da Villa Vistosa da Madre de Deos, para á de Macapá em consequencia da estavel actividade das sezões, he sim dirigido unicamente pelo amor do costume.

Bem sabido he, que o costume, Rey do mundo, reina imperiosamente sobre os espiritos limitados: porém não ha estranhesa que o tempo não acabe, fazendo-a subsistir com idéas gratas, que esvaecem a mesma lembrança d'ella.

Sem duvida hão de estranhar, mas com o volver dos dias apparecerá uma nova ordem de cousas.

Assim se me figura na mente: e se outro tanto acontecer a quem menêa o leme do Estado terão os Mazaganistas de abençôar no porvir a mão que tão providente lhe franqueou nova situação em que as suas faculdades moraes, e physicas melhor podem cooperar para uma fortuna dobradamente conveniente á si, e á Provincia, de que são parte.

Se eu me afastasse dos principios, debaixo dos quaes tenho considerado a pretenção de um Canal de communicação, poderia conceber, e propôr uma qualquer obra hydraulica, mais, ou menos dispendioza, pois sei que pouco custa a traçar um plano, e lança-lo sobre o papel: he isso producção de gabinete, onde se não acha contradictores, mas na execução he, que apparecem as difficuldades.

Eu contrastei o assumpto com a experiencia dos outros homens, que he a verdadeira pedra de toque nas couzas humanas: he por ella que se póde saber, o que será praticavel, e o que se não poderá conseguir: e por isso expedi o que fica escripto.

Villa de Mazagão 21 de Agosto de 1842.

Antonio Ladislau Monteiro Baena.— Tenente-Coronel de Artilheria reformado.

INFORMAÇÕES SOBRE A VILLA DE SANTO ANTONIO DE GURUPÁ.

Topographia (1).

A villa de Santo Antonio de Gurupá, acha-se assentada na margem austral do Amazonas, com o rosto quazi para o Occidente, sobre hum terreno plano e elevado trez braças acima da preamar; o qual na quadra das chuvas toma a fórma de peninsula, porque o igarapé *Guajará*, vulgarmente denominado *da Fortaleza*, por defluir junto a elle, e os igarapés Hiumacy e Jacupy da parte de cima da Villa inundão a parte baixa da sua espalda chamada *Piry do Jacupy*, deixando huma lingoeta de terra de trez braças de largura, e pouco mais de comprimento, a qual não fica mergulhada e da qual começa a alçar-se o sólo para o interior.

Duas ruas parallelas ao rio, e duas travessas compostas de sessenta e quatro cazas palhaças, e quatro telhadas formão a Villa: a largura das ruas he de quatro braças e hum palmo, e o comprimento de trezentas e vinte braças, desde a Matriz ao Porto Real que he o da parte de cima, porém nem todo o referido comprimento he occupado de cazas, muitos espaços vazios nelle se achão.

A primeira das ruas que principia do indicado porto, passa pela frente da Matriz e termina na Fortaleza, chama-se de Santo Antonio e a segunda de S. José, que começa no resto da antiga *Aldêa de Mariocay*, e acaba no largo adjacente á Fortaleza, no qual se acha o Pelourinho de páo, que no seu genero he talvez o melhor da Provincia.

A rua de Santo Antonio, tendo do lado do rio as suas cazas com os fundos para elle, dá lugar a que não tenha a Villa bom prospecto.

Da Villa pela parte de cima do Amazonas se desce por huma rampa natural e pouco alongada a huma praia de areia branca e vermelha e de pedragulho e piçarra, que tem a fórma de hum hemiciclo com quarenta braças de diametro na baixamar, e hum declive de quatro pollegadas por braça sobre a lingua d'agua a cuja praia dão o nome de Porto Real.

Defronte delle para cima até certa distancia he o ancoradouro melhor por ser abrigado dos ventos, que soprão da banda da Fortaleza, e porque do mesmo ponto para a parte da dita Fortaleza he o maritimo todo espinhado de penedos, uns mergulhados e outros desmergulhados na vazante, sómente neste intervallo junto á terra, e mormente no ilhéo de Mato, que jaz quasi no centro da frente da Villa.

Ha outro porto dentro da boca do igarapé Guajurá, junto ao sitio da Fortaleza.

Contorno jurisdiccional.

A divisão jurisdiccional que prezentemente toca á esta Villa, começa pela margem meridional do Amazonas do furo Tujupurú e acaba no rio Mayary; entre o qual e a Villa estão as Freguezias de Villarinho do Monte e Carrazedo, e pela margem septentrional começa do rio Cajary e acaba no rio Parauárâcuaba, em cujo espaço se comprehendem, á *Missão do rio Jary* (1) e as Freguezias de Arrayollos, Espozende e Almeirim, *antigas Villas*, hoje degraduadas (2).

Jazem dentro desta divisão muitas ilhas e rios; os de nome conhecido são a ilha e o rio Guajará, a ilha *Jauáriuba* ou ilha grande de Gurupá, como lhe chamão commumente, a qual demora fronteira á Villa no apartamento de duas folgadas leguas, a sua ponta da parte de cima do rio defronta com o sitio da Freguezia de S. José de Carrazedo, e a da parte de baixo com a ilha Paracuúba, que lhe encobre a ilha dos Porcos pela parte de cima.

Tem no lado que olha para a Villa principiando da parte de cima o igarapé Jauáriúba, o furo de Serapuhy, o rio Taissuhy, o rio Uruahy, o rio Mojú, o rio Maraniny, o rio Murúmurúpucú (*espinho comprido*); o rio

(1) Posto que a villa de Gurupá esteja situada na margem direita do Amazonas, dependem do seu termo as povoações do Jary, Arrayollos, Esposende e Almeirim, que devem fazer parte da nova Provincia.

(1) A antiga *Fragoso*.
(2) Vide *supra* a nota primeira a este artigo.

Mararú, o rio Taparicuéra, o rio Baquiá, o rio Mutity-pucú (*cortiça comprida*), o rio Mandioca-cuéca-assú (*mandioca grande*), o rio Guarijuba (*guariba vermelha*), o rio Mururmutuba (*muito espinhoso*), o rio Uarápetò (*penna de Guará*) : na extremidade desta ilha está o furo Uuariúba, cuja boca olha para a ilha Arananúhy, estante a Leste, e por este furo se passa para a banda do Norte do Amazonas, isto he para a margem em que desemboca o rio Mutuacá da villa de Mazagão.

Todos os rios supramencionados nascem dentro da ilha, e do mesmo centro se derivão outros, que dezaguão no lado opposto; jazem entre esta mesma ilha e o continente septentrional muitas ilhas de diversa grandeza e posição.

Entre a dita ilha e a Fortaleza até na distancia de huma legua, a ponta da ilha appellidada Membuassú (*buzina grande*), mas vulgarmente chamão-lhe *ilha pequena de Gurupá*, della a ponta de baixo corresponde a boca do rio Pucuruhy.

No lado desta mesma ilha fronteiro ao espaço que medeia entre o dito rio e a Fortaleza, tem barra os seguintes rios :

1° o Igarapé-assú, 2° o furo do Sanhiá (*furo do rato*), 3° o igarapé Pinanduba (*muita palha miuda*), 4° o igarapé Tujúcagica (*tujuco apegadiço*), 5° o igarapé Inajá-miry, 6° o igarapé Sanhia-pucáua (*assento do rato*), 7° o rio Membú-assú, 8° o rio Janipapo, 9° o rio Urutanhy (*passaro deste nome*).

Defronte da ponta superior da ilha grande de Gurupá, jaz a ilha nomeada *Cujuba*, cuja ponta superior ou de cima está vizinha da entrada do furo Urucuricaya (*urucury-queimado*) ; na mesma ilha Cujuba, ha um furo que extrahe della o nome, e no meio do qual deflue o igarapé Uirahy (*agua de passaro*).

O territorio da Freguezia da Villa principia do furo Tajupurú, e fenece no igarapé Cariá, cuja boca dista da Villa oito leguas : entre o Tajupurú e a Villa ha o rio Pucuruhy remoto della seis leguas, no qual dezagua o igarapé Bacá e tambem o rio Tapereira: e entre a Villa e o igarapé Cariá, o igarapé Jacupy proximo a ella, o igarapé Marinhoá, o igarapé Macaco, o igarapé Gurupá-miry, o igarapé Maria Ribeiro, que nos mappas tem o nome de *Guajará-assú* o rio Jocojó, o igarapé da Prainha, o igarapé Pacoval, o igarapé Sentenciado, o igarapé Sincantantuba (*lugar de muito breu*), o igarapé Caranátátúba, e finalmente o igarapé Cariá, termo da Freguezia da Villa.

Matriz.

Esta igreja he inaugurada a Santo Antonio; foi construida de taipa de pilão, seu pé direito he baixo, tem tecto de telha sem forro, menos na Capella-mór, o seu frontispicio nada deve á architectura, assim como tudo o mais, tem á direita e á esquerda do arco da Capella-mór hum altar : são toleraveis as imagens que nelles se achão, tem còro sobre o vestibulo e do lado do Evangelho hum pulpito na p[illegible] de da nave, tudo obrado sem gosto. O seu estado material por dentro e por fóra exige reparação e o mesmo pede em ornamentos ou vestes do uso ordinario.

Não tem torre : em dous páos curtos se achão suspendidas duas sinetas.

Este templo carece muito de que lhe melhorem o seu actual estado.

População.

Contém a Villa 162 fogos em 68 cazas, porque ellas tem divisão para isso ; nestes fogos se incluem 482 moradores brancos e mestiços de ambos os sexos e 233 escravos de ambos os sexos, vindo a ser o total 715.

Na Freguezia de Carrazedo ha 23 cazas com 53 fogos e 157 moradores.

Na Freguezia de Villarinho do Monte 19 cazas, 153 fogos e 455 moradores.

Não se menciona a população das Freguezias de Arrayollos, Espozende e Almeirim, por inexistirem as relações respectivas no momento da minha investigação.

A população acha-se dispersa pelo sitio da Villa, pela ilha e rio Guajará, pelo furo Serapuhy, pelo rio Unahy, pelo rio Mojú, pelo Maraniny, pelo rio Murúmurúpucú, pelo rio Mararú, pelo rio Tapary-cuéra, pelo rio Buquiá, pelo Igarapé-assú, pelo rio Membú-assú, pelo furo Cujuba, pelo igarapé Uirahy, pelo rio Pucuruhy, pelo igarapé Bacá, pelo rio Tapereira, pelo igarapé Guajará-miry, pelo igarapé Maria Ribeiro, pelo igarapé Sincantantuba, pelo igarapé Caranatatuba e pelo igarapé Cariá.

Cadastro das terras.

Exceptos o Vigario, Commandante Militar e Mestre de primeiras letras, todos os moradores da Villa e do seu Termo possuem roças de mandioca, e de outras plantas em mais ou menos quantidade em terras dentro do mesmo termo, adquiridas arbitrariamente; menos o Capitão do Batalhão de Guardas policiaes Luiz Carlos Vieira, que possue por sesmaria de huma legua em quadra no Gurupá-miry, com 25 escravos grandes e pequenos, e tambem Felix Antonio dos Santos, que tem huma legua quadrada em o sitio de Mambituba, e Florencio Albino do Rosario que he senhor de huma legua em quadro no sitio Curata[illegible]ba; nestas trez terras de sesmaria lavra-se constantemente mandioca e café.

Trabalho rural.

Cultiva-se mandioca que não basta para o consumo da Villa e do seu districto, porque nas Freguezias de Villarinho do Monte e Carrazedo, onde se fabricão muitas farinhas se exporta para outras partes, resultando disto a precisão de as comprarem do Xingú.

Plantão, café, arroz, milho, feijão e alguma canna para mel e cachaça, sómente em quantidade proporcionada ao uzo domestico, e para o mesmo uzo apanhão a castanha andiróba, de que fazem azeite para alumiar.

Officios mecanicos.

Hum alfaiate com hum discipulo.
Hum sapateiro sem loja aberta.
Hum ferreiro indio que trabalha pelas cazas dos moradores que têm officina.
Outro na Freguezia de Carrazedo, que trabalha como o precedente.
Outro na Freguezia de Arrayollos, que tem officina aberta.
Hum carpinteiro sem aprendizes.
Dous pedreiros curiosos.

Mestres consagrados á educação da Mocidade.

Existe huma só escóla em que o Mestre ensina primeiras letras, Grammatica Portugueza, Geographia e Francez.

Estão matriculados como discipulos neste anno 84 meninos e 7 meninas; destas, trez escrevem bastardo e cursivo, e duas sabem as quatro operações fundamentaes da Arithmetica e os principios de Geometria linear; e daquelles, quatro estudão Grammatica Portugueza e Geographia, hum a lingua Franceza e o resto lêr e escrever.

A frequencia dos meninos he interrupta muitas vezes pelos pais, e por isso não se póde expressar o tempo que de ordinario gastão em se habilitarem na instrucção.

Comtudo alguns tem adquirido saber em onze mezes, e outros nem em quatro annos.

Força militar.

Hum batalhão de Guardas Policiaes composto de seis companhias, cada huma com Capitão, Tenente, Alferes, e de hum Estado Maior, que comprehende além do Major commandante, hum Alferes Ajudante, hum dito Quartel-Mestre, hum Cirurgião-Mór, hum Alferes porta-bandeira, hum dito secretario, hum Sargento Ajudante, hum dito Vago-mestre e hum Tambor-Mór.

A força numerica he de 574 homens.

Neste numero estão 436 soldados desprovidos de armas e fardamento.

Este batalhão abraça tambem a Villa de Porto de Móz.

Nelle não tem havido dezerções.

Actos criminosos.

Nenhuns roubos, ferimentos, mortes, espancamentos, se hão commettido no presente anno, nem no precedente.

Forão processados unicamente 3 homens, e remettidos para a Villa de Porto de Móz, cabeça do termo, onde existem detidos em custodia por terem amarrado a huma arvore da margem do furo Tajupurú, e neste estado alli deixado, segundo declararão em seu interrogatorio, a hum individuo que se ingora o fim que teve.

Casamentos, nascimentos, baptismos e fallecimentos.

Desde o dia 5 de Julho de 1841, até 17 de Agosto de 1842, forão baptisados 22 meninos e 19 meninas.

Dentro do mesmo tempo, morrerão 18 pessôas do sexo masculino e 15 do feminino, e deste sexo morrerão 2 ao nascer.

Na classe dos escravos baptisarão-se 11 homens e 8 mulheres, morrerão 7 do sexo masculino e 5 do feminino.

No rio Jary fallecerão 4 homens livres.

Casarão-se na Villa 8 pessôas mestiças: e dos escravos, 1.

Desde o anno de 1832 até o presente, descontinuarão os casamentos na classe branca: e não obstante ha tido incremento a dita classe com a prole a que tem dado vida, huma mancebia tão geral, escandalosa e prejudicial, a qual em alguns individuos he até em despeito das relações que os ligão com os mais conjunctos em parentesco.

He tambem de expressar no presente lugar, que os habitantes fora de certos dias de festa não assistem ao culto religioso na Matriz; e omittem muitos deveres catholicos, que são da direcção espiritual do Parocho.

Poços d'agua para beber.

Os moradores não tem esses poços: bebem a agua do igarapé Guajará, que não he a melhor, por estar sujeita a viciar-se com vegetaes de má qualidade, que nella cahem.

PRODUCTOS NATURAES.

Drogas.

No Jary e no Parú, castanha doce, oleo de cupahyba, estoupa, fava de cumarú, breu, baunilha, jutaicica e seringa excellente.

Madeiras.

Itaùba e pão de roza, no igarapé Pacoval, em que pouca ha quantidade, por que se ha abatido muita para a construcção de canôas.

No igarapé Pexuna dentro do districto da freguezia de Carrazedo, pertencente ao termo da Villa, ha alguma abundancia do itaúba, e páo de roza, desde o dito igarapé pelo centro até o rio Majary.

Na ilha grande e pequena de Gurupá ha copia de Macacaúba, páo de macaco e alguns cedros.

No rio Marajó ha acariúba em pouca porção, por que dalli se ha extrahido muita para edificar cazas e construir canôas.

No Jary, murapinima, e outros páos reaes de todas as qualidades em abundancia.

Aves.

No Jary e no Parú, mutuns, jacamins brancos e alguns gallos da Serra.

Na ilha grande e pequena de Gurupá, araras, papagaiose periquitos, em notavel numero.

Animaes silvestres.

Na ilha grande e pequena de Gurupá, achão antas, Veados vermelhos, porcos em pequeno numero, pacas, cutias em grande abundancia, alguns tatús, guaribas vermelhos, e macacos de prego.

Abelheiras.

Nos lagos defronte de Almeirim, e na fralda da collina, denominada *Velha Pobre*, com especial cópia,

Peixes.

Jujú, de que fazem o Pirácuhy, com que se alimenta a maior parte da gente.

Ha em todo anno pescados, pirahybas, surubins, piramotabas e piratingas: no verão, jujú, tarahira, acará, jundiá, acaxy, e no inverno, acary, tambaquy, pacutinga e aracú.

Mineraes.

No rio Parú ha minas de talco amarello.

No Jary, enxofre: e modernamente appareceu no sitio chamado da Pedreira na freguezia de Santa Cruz de Villarinho do Monte, em Maio do presente anno, enxofre impregnado em pedras pretas pequenas.

O dono do sitio, Carlos Antonio do Espirito Santo, colheu huma pequena porção de huma das ditas pedras.

Não ha noticia alguma sobre a existencia de pedreiras: mas ha pedras de banco na margem da Villa, e em outras paragens maritimas.

Estado de prosperidade.

A humildade dos edificios, a pobreza dos adornos e o trato muito abaixo do mediano dos habitantes, tudo manifesta huma miseria incompativel com os meios naturaes proprios do districto, com a antiguidade da fundação da Villa, que orça pela Capital da Provincia, e com a feliz localidade na passagem certa do principal commercio interior.

Parece que não querem achar para todas as suas precisões o recurso no trabalho bem dirigido, que he a primeira, a mais sagrada, e a mais imprescriptivel de todas as propriedades.

O mesmo systema de trabalhadores em Corpos regulares por Lei Provincial, para auxilio da força productiva não ha sido util até para seus respectivos Commandantes, que os monopolisão em seu serviço particular, como remar canôas, sacar as drogas silvestres e construir canôas, que vendem ou destinão para seu uso: assim os pune a occulta mão da Providencia por vedarem que os outros homens engagem em seu proveito os ditos trabalhadores, que devião ser livres totalmente em ajuntarem-se com quem quizessem, e não constrangidos pelo poder dos seus Commandantes a servi-los, só tendo por pagamento o privilegio de trabalharem para elles.

Villa de S. Antonio de Gurupá, 16 de Agosto de 1842.

Antonio Ladislau Monteiro Baêna, Tenente-Coronel de Artilharia reformado.

EXCERPTOS DO RELATORIO DA PRESIDENCIA DO GRÃO-PARÁ

DO ANNO DE 1860 (1).

FORTALEZAS.

Fortaleza de Obidos. — Em minha viagem pelo Amazonas visitei esta Fortaleza que se acha ainda em construcção.

He de fórma circular com baterias a barbêta; está situada no cume do morro da cidade de Obidos sobre a margem esquerda do Amazonas.

Estão já montadas 12 peças, sendo 8 á Paixhans, de calibre 80, e 4 de calibre 32, sendo estas em reparos á Onofre, e aquellas em carrêtas de marinha; todas achão-se collocadas nas baterias.

Existem feitas as seguintes obras: o muro de revestimento da muralha; a barbêta, a joelheira, o respectivo parapeito; os orelhões e banquetas lateraes, os tanques dos ditos orelhões e respectivos ladrilhos, o aquartelamento, a caza do Commandante, os armazens de artigos bellicos, o xadrez e a cozinha.

Resta ainda a fazer: o encanamento das aguas interiores e exteriores, obra de grande difficuldade por causa da má qualidade do terreno, o levantamento do muro e do fosso ao lado d'Este, a continuação do desmoronamento da parte d'Oeste até a altura da bateria, a abobada do paiol da polvora, a conclusão da pintura da caza do Commandante, o emboço e reboco da joelheira e do respectivo parapeito, o reboco e ladrilho do armazem de artigos bellicos; do aquartellamento do xadrez, do corpo da guarda e da cozinha, e finalmente a demolição das cazas que forão desapropriadas por se acharem na linha de fogo da Fortaleza.

Segundo o parecer do Tenente-Coronel graduado d'Artilharia Hilario Maximiano Antunes Gurjão que acompanhou-me, e ao qual encarreguei o exame desta Fortaleza, a despeza cum as obras a fazer-se póde subir a 10:000$.

Convindo collocar na Fortaleza a necessaria guarnição, afim de tomar conta dos objectos bellicos nella existentes e velar na sua conservação, nomeei em data de 7 do corrente Commandante interino da Fortaleza ao alferes do Estado-Maior de 2ª classe do exercito Filinto Elizio de Queiroz Coutinho, e determinei que a guarnição fosse composta de 10 praças do 3º batalhão de Artilharia.

A caza da polvora deve ser quanto antes acabada, afim de ser para ella removida a polvora que pertence á Fortaleza, e que se acha recolhida no corpo de huma pequena Capella situada no largo da Matriz, e abandonada pelo seu estado de ruina.

Além do perigo de hum tal deposito convém guardar e proteger 53:825 libras de polvora contra a humidade e outros inconvenientes.

O Engenheiro que organisou o plano de defeza do Amazonas, nessa garganta em que o rio tem apenas cerca de 1,000 braças de largura, julgou ainda necessaria a construcção de dous fortes, hum abaixo do primeiro para atirar ao lume d'agua, e o outro na margem opposta a fim de cruzar o fogo, operando assim o maior damno possivel ás embarcações que tentassem forçar essa passagem.

Se o complemento destas obras de defeza fosse capaz só por si de trancar a passagem do Alto Amazonas, quando conviesse, eu poderia desculpar a autorisação que fosse dada para a dispendiosa construcção desses novos Fortes.

Sendo, porém, certo que se póde subir o Amazonas evitando-se Obidos, estas novas obras tornar-se-iáo inuteis e não justificadas.

Na margem direita do Amazonas e defronte da cidade de Obidos está situado o *Lago Grande* com duas bocas, huma 20 legoas abaixo de Obidos e outra 8 legoas acima.

Este Lago póde ser navegado por embarcações que demandem pouca agua.

A existencia de hum tal desvio dispensa-me do desenvolvimento de quaesquer outras razões contra a continuação das obras

(1) Era Presidente o fallecido conselheiro Antonio Coelho de Sá e Albuquerque.

de fortificação, e de defeza na garganta de Obidos.

Fortaleza de Macapá. — Esta Praça que se acha situada na margem esquerda do Amazonas 50 legoas ao Sudoeste do Cabo do Norte e 45 legoas ao Nordeste desta Capital, he, senão a primeira, ao menos a segunda do Imperio.

Visitei esta Fortaleza e fiquei maravilhado de vêr a força de vontade e a constancia com que os nossos antepassados superavão todas as difficuldades que naturalmente apparecem, quando se trata de construcções cyclopeanas em lugares desertos, onde tudo falta.

A Praça de S. José de Macapá he hum quadrado, tendo em cada hum dos seus angulos huma fronte em fórma de baluarte pelo systema de Vauban, sob as denominações de baluarte da Conceição, S. Pedro, Madre de Deus e S. José.

Rasões de alta administração devem aconselhar a conservação deste monumento, embora na actualidade muito poucas sejão as vantagens que elle presta.

As muralhas exteriores precisão de poucos reparos; mas a acção das aguas do Amazonas naquella localidade he tão violenta e impetuosa, que pouco a pouco vai alluindo e derribando a margem do rio, principalmente pela parte do Nordeste na qual está assentado o baluarte Conceição, de fórma que o angulo flanqueado deste baluarte apenas dista hoje da borda do rio cerca de 2 1/2 braças.

Em 1848 o Governo mandou collocar huma estacada no terreno sobre o qual era maior o embate das aguas.

Esta ligeira obra de protecção tem retardado a acção das aguas; mas arruinada como se acha, não será sufficiente para obstar o desabamento do mencionado baluarte dentro de poucos annos.

Hum muro para impedir a continuação desse estrago he huma obra de absoluta necessidade, podendo ser feito, se a economia assim o aconselhar, de pedra secca, com 10 palmos de altura, 5 de largura e 95 de comprimento.

Esta obra não será muito dispendiosa e apoiada por algumas outras de pouca importancia, poderá proteger a Praça contra huma ruina certa e proxima, sendo abandonada á acção do tempo.

O relatorio que do estado desta Fortaleza fez o Tenente-Coronel Hilario Maximiano Antunes Gurjão he muito minucioso e exacto.

V. Ex. encontrará cópia delle na sua Secretaria, e verá sob a luz da verdade o estado em que se acha essa vastissima Praça.

Como era meu dever enviei cópia deste trabalho ao Exm. Sr. Ministro da Guerra, e confio que os reparos urgentemente reclamados hão de ser autorisados.

COLONIAS MILITARES.

Obidos.—Despezas não pequenas tem sido feitas pelo Governo no intuito de levar esta Colonia a hum estado florescente.

Este resultado não tem sido attingido.

Na época em que a fundação deste estabelecimento militar foi reclamada pelo Governo da Provincia havião motivos especiaes para esta fundação.

Forão os mesmos que aconselharão a construcção das fortificações de Obidos.

Tendo cessado porém, esses motivos, eu não sei se he hoje conveniente a continuação dos auxilios que o Governo dá para a conservação e desenvolvimento material desta Colonia.

Ao menos estou persuadido de que a utilidade por ella prestada será insignificante diante das despezas do seu costeamento.

Em geral as Colonias Militares são estabelecidas em lugares pouco populosos, nos quaes a segurança dos viandantes, ou dos habitantes exige protecção e soccorro contra malfeitores ou bandidos.

Algumas vezes tambem razões de ordem militar aconselhão a fundação de taes estabelecimentos.

Quanto a mim nenhuma dessas razões prevalece hoje em favor da Colonia Militar de Obidos.

Fundada sobre a margem esquerda do rio Amazonas a huma legua de distancia da cidade de Obidos, este estabelecimento militar não he reclamado pela segurança dos navegantes, e nem por conveniencias estrategicas.

A Colonia Militar de Obidos acha-se, pois em relação á utilidade que póde prestar á Provincia na mesma situação em que se acha qualquer povoação estabelecida sobre as margens do Amazonas: não passará ao menos durante muitos annos de hum pequeno povoado.

Crer que individuos do paiz ou estrangeiros procurarão estabelecer-se nella será huma illusão.

A grande proximidade em que se acha da cidade de Obidos, aonde a actividade, o commercio e a industria podem encontrar emprego mais facil e productivo, aonde os recursos ás autoridades são promptos para as necessidades sociaes do homem, he hum grande obstaculo para o desenvolvimento da Colonia.

A perspectiva de possuir terras para a cultura he pouco seductora nesta Provincia, na qual os terrenos desoccupados abundão por toda a parte.

Assim não vejo razão plausivel pela qual o Governo deva continuar a fazer grandes despezas com esta Colonia.

Quanto a mim o pessoal deste estabele-

cimento devera ser transportado para as cabeceiras do rio Trombetas, Madeira ou qualquer outro, e lá fundar hum prezidio militar de utilidade para os Indios pacificos, e para os individuos que se internão por esses rios no intuito de fazer com os habiantes do lugar algum commercio.

Esta Provincia pela sua rara população, pelo grande numero de tribus indianas que a habitão, e, pela sua posição geographica, exige o estabelecimento de Colonias Militares em differentes localidades.

A meu ver em algumas das grandes ilhas da fóz do Amazonas essas agglomerações de individuos civilisados, industriosos e disciciplinados, podem ser de grande utilidade.

V. Ex. reconhecerá sem duvida que razões de huma ordem muito elevada aconselhão a fundação de taes estabelecimentos no Norte da Provincia.

Eis hum outro destino que poderia ter o pessoal da Colonia Militar de Obidos com muitá vantagem para o Imperio.

Colonia Militar de Pedro II. — Esta Colonia fundada 36 leguas acima da fóz do rio Amazonas pouco se tem prevalecido da protecção e favores de que o Governo ha liberalisado com ella.

O seu estado actual não he prospero. Entretanto, attenta a conveniencia de termos estabelecimentos militares nos territorios desertos do Norte da Provincia, não julgo perdidas as despezas feitas com esse presidio de reconhecida utilidade para os individuos que negocião com os habitantes daquellas paragens, e para as tribus que desejão pôr-se em contacto com a civilisação.

VIAGEM AO INTERIOR DA PROVINCIA

A Colonia Militar de Obidos mereceu attenção e estudo de minha parte.

Já tratei deste assumpo em outro lugar.

Na cidade de Macapá não pude deixar de reconhecer a conveniencia de promover-se a abertura de vallas que ponhão em communicação entre si e com o rio os *pantanos* que circumdão a cidade.

A salubridade publica exige esta providencia, e adial-o seria huma crueldade.

Autorisei neste cáso a despeza de 500$, encarregando este serviço ao Commandante da Praça, o qual pode-o fazer com economia empregando os presos militares e civis que se achão sob sua guarda.

As obras devem começar pela communicação do *Pantano da Ponte com o Piry das Manivas*.

Os habitantes do lugar, fazendo-me sentir a necessidade da collocação de huma luz fixa sobre alguma posição elevada, afim de serem evitados os naufragios que em noites tempestuosas e escuras costumão ter lugar nas approximações do porto, pareceu-me de grande vantagem esta providencia para a navegação e commercio, e adoptei-a.

Este melhoramento foi feito com economia.

Mandei adaptar a hum dos lampeões que de sobresalente existião na Fortaleza, hum recipiente para gaz liquido, e determinei que fosse collocada essa luz sobre a muralha mais ostensiva da Fortaleza.

O serviço da illuminação ficará ao cuidado da Praça, a despeza a cargo do Thesouro Provincial.

O dispendio de 300 réis por noite póde poupar vidas e riquezas.

A Matriz, unico templo da cidade, acha-se em grande estado de ruina.

Na visita que fiz a esse edificio reconheci a necessidade de reparal-o, sob pena de desabar dentro de pouco tempo.

Fiz hum appello para os sentimentos religiosos dos mais eminentes cidadãos da localidade, e convidei-os para coadjuvarem ao Governo na realisação deste beneficio. Prometterão auxiliar com as suas bolsas particulares os cofres publicos, e com effeito cumprirão a promessa subscrevendo a quantia de 723$000.

Os reparos indispensaveis forão orçados em 4:498$000.

Autorisei, pois, pelos cofres provinciaes a despeza de 3:775$000.

Nomêei para promover e administrar a obra huma commissão composta dos cidadãos Pedro da Silva da Cunha de Loureiro, Vigario Joaquim Manoel de Jesus, Tenente Estacio José Picanço, Tenente Leonardo José Picanço, Capitão José Julio Tavares, Capitão Florentino José Picanço, proprietario Manoel Caetano Borges e Major Hilario Pedro da Costa.

Espero que o patriotismo desses cidadãos hade demonstrar o acerto da escolha que fiz das suas pessôas.

Examinei com attenção a importante Praça de S. José de Macapá, obra admiravel pela solidez, regularidade e grandes linhas de sua construcção.

Em outro lugar expendi largamente a minha opinião acerca da conveniencia e necessidade de ser essa vasta Fortalêza protegida contra os assaltos com que a ameaça o embate das ondas que todos os dias della se approximão.

Fiz outras considerações em relação a esta admiravel obra, e nada mais julgo necessario dizer a tal respeito.

EXCERPTOS DO RELATORIO

DA

PRESIDENCIA DA PROVINCIA DO GRÃO-PARÁ

DO ANNO DE 1862.

COLONIAS MILITARES.

Existem trez pequenos estabelecimentos com a denominação de *Colonias Militares*; a de Obidos, a de S. João de Araguaya, e a de Pedro II.

Obidos.—Esta Colonia situada a huma legua de distancia da cidade deste nome, e na margem direita do Amazonas, em vez de progredir, tem definhado consideravelmente.

A sua população compõe-se sómente dos respectivos empregados, e suas familias, e das praças ali destacadas.

Dos 224 colonos, que para ali forão enviados no anno de 1855, nem hum existe, nem outros se tem estabelecido.

Assim a encontrei, quando a visitei, reconhecendo por mim mesmo o atrazo, em que se acha, e o pouco proveito, que resultou das enormes despezas, que se tem feito com sua criação e conservação.

Ali não ha cultura alguma, e nem o soldado se emprega na lavoura; porque, fazendo parte de hum destacamento, e contando cedo ou tarde ser substituido, foge mesmo de empregar o seu trabalho no solo, receiando perde-lo pela forçada mudança, a que póde ser obrigado.

Os edificios da Colonia forão ligeiramente construidos, sem arte nem esmero na obra; estão porisso já reclamando grandes reparos.

O estado desta Colonia em geral he desanimador.

Pedro II.—Esta Colonia acha-se collocada na margem direita do rio Araguary, a 36 leguas distante de sua fóz, em huma localidade, que possue excellentes condições de desenvolvimento pela uberdade do solo.

Ali produz bem a mandioca, milho, arroz, feijão, canna, cacáo, e em geral he sempre abundante a colheita.

Está porém nas mesmas condições da sua companheira, de que acima fallamos.

Tem hum destacamento de 23 praças do batalhão 11, não tem colonos militares propriamente ditos, nem paisanos.

A sua população consta apenas de 18 familias pertencentes aos empregados e praças destacadas na Colonia, prefazendo o total de 126 almas.

Não tem ainda edificios regulares, e todas as construcções que possue são passageiras, e não prestão o conveniente agazalho á seus habitantes.

Ainda não tem hum Medico, a quem incumba o tratamento dos enfermos, e que tão necessario se faz naquella remota paragem, não obstante suas boas condições de salubridade.

Sendo possivel estabelecer huma curta communicação por terra entre esta Colonia e a cidade de Macapá, o que por huma vez já se tentou, convém realiza-la, porque trará a grande vantagem de diminuir a longa distancia que a separa daquelle centro de população, e os riscos da navegação pela costa, aggravados ainda pelos perigos das tremendas *pororocas*, que são mais perigosas na fóz do Araguary, do que em qualquer outro ponto da Provincia.

Realizada esta estrada, seria ainda facil chamar novos habitantes, não só para o territorio da Colonia, como tambem para os importantes campos, que existem nas suas immediações, e se achão desertos, aproveitando a Colonia em todo o caso com os novos povoadores.

Já ali existem alguns pequenos estabelecimentos de creação de gados, que não medrão, principalmente pela distancia que os separa de hum mercado regular; sendo de esperar que se desenvolvão, logo que possão transportar os seus productos para Macapá.

Conto mandar proceder aos necessarios exames, afim de emprehender este trabalho, que considero de subido merecimento para aquella parte desta Provincia.

---

(1) Administrava a Provincia o Conselheiro Francisco Carlos de Araujo Brusque.

INDIOS SELVAGENS.

Municipio de Obidos.— Não ha aldeas de Indios neste municipio, nem consta a existencia de malócas em lugar sabido.

Assegurão-me, porém, algumas informações recebidas, que existe no rio *Trombetas* grande numero de Indios selvagens, que vagueião nas mattas acima das cachoeiras daquelle rio.

Segundo o testemunho de hum explorador de nome Thomaz Antonio de Aquino, que na supposição de encontrar riquezas naquelle rio, subiu pelo seu principal ramo denominado *Camiu* até encontrar as cachoeiras, e deste ponto em diante seguiu caminho por terra por espaço de 13 dias consecutivos; encontrou nesta paragem huma grande tribu selvagem de côr quasi branca, e semelhante ao typo que nesta Provincia se chama vulgarmente *mameluco*.

Refere este individuo, que os homens desta tribu usavão apenas hum cinto de embira trançada, e compridos os cabellos do meio da cabeça para traz, tendo por adorno huma delicada trança de palha nos delgados dos braços e das pernas.

As mulheres estavão semi-nuas, tendo apenas huma grossa faxa pendente da cintura, adornada de missangas e pequenos guisos, enfeites estes que denotão ter tido seguramente esta tribu alguma communicação com homens civilisados, que lhes fornecerão esses adornos, e são por certo os Hollandezes.

Affirma ainda aquelle explorador ter conseguido saber destes Indigenas, que naquelles desertos outras tribus existem,— para nós desconhecidas.

Tendo por verdadeiras estas noticias, confirmadas tambem por alguns escravos, que tendo fugido da companhia de seus senhores, forão encontrados daquella longiqua localidade, onde forão occultar-se, pelas hordas selvagens, que ali apparecerão, referindo em seu regresso á Obidos estes mesmos factos.

Municipio de Gurupá.—As tribus existentes neste Municipio achão-se situadas do lado da margem septentrional do Amazonas nos rios *Jary* e *Parú* (1).

No rio Parú existem as tribus denominadas *Aparay* e *Urucú-ianá*, as primeiras permanecem em o lugar chamado *Arimatápurú*, as outras distão d'ahi 30 dias de viagem.

Não he possivel formar hum calculo exacto da existencia, que o separa dos centros da população deste Municipio; porém se calcular-se á razão de trez leguas por dia, tempo que se gasta em pequeno transporte pelo rio por causa de suas correntes, póde-se julgar estarem ellas não muito longe do rio Oyapock.

O rio *Parú* he de grande curso, e navegavel na distancia de 30 leguas pouco mais ou menos.

D'ahi para cima está obstruido de grandes cachoeiras, e destas até a sua vertente recebe as aguas de muitos tributarios, tornando-se porisso de huma largura extraordinaria.

Contém grandes ilhas, onde se encontra huma variada quantidade de madeiras de construcção.

A perspectiva do terreno nestas immediações he montanhosa, mas as margens do rio são planas

Pelo pouco que cultivão os Indios ali existentes, se póde concluir ser o terreno muito productivo.

Os trabalhos ruraes, á que se dedicão he a cultura do algodão, tabaco, milho, mandioca, alguns legumes e fructos.

A *salsa* he o unico genero de commercio que offerecem a permuta de mercadorias, para satisfazerem as suas pequenas necessidades.

Os seus costumes revelão algumas idéas da vida civilisada

Não são nomades, possuem habitações fixas, e crião alguns animaes domesticos, como sejão a gallinha, e o cão.

Parece que em algum tempo, do qual não nos restão tradições á semelhante respeito, esta horda conhecia os habitos da sociedade civilisada.

A sua população avalia-se em 6,000 almas.

A freguezia de Almeirim, hoje decadente, foi povoada pela tribu denominada *Apáma*, que os antigos Portuguezes fizerão descer do alto deste mesmo rio.

Esta tribu extinguiu-se, ou, como alguns asseverão, retirou-se para o rio *Maicurú*, no districto de Monte-Alegre.

No mesmo rio Parú ha outra pequena tribu chamada *Upuruhy*, cujos costumes e indole são pacificos.

No rio Jary ha huma pequena povoação no lugar denominado *Tujujú-maity*, que o general Andréas mandou crear, e que foi povoada pela tribu *Aiapy*.

Seu estado de anniquilação he ainda devido á voracidade do regatão, que ali tem penetrado, e arrancado do seu domicilio alguns desses Indios, que olhão com amor o lugar, em que lhes apraz viver.

Para o centro das matas ha ainda duas grandes tribus, *Atamancum* e *Arinahiu*, das quaes não existem noticias circumstanciadas.

As tribus do Parú communicão-se com as do Jary.

(1) Vide para nota (1) á pag. 42.

Municipio de Macapá.— Existe neste municipio 471 estabelecimentos industriaes com 1.409 braços empregados no serviço, á saber.

Engenhos de fazer assucar 8 movidos por animaes.
Sitios de fazer farinha 400.
Olaria de fazer tijolos e telhas 1.
Cortumes 2.
Fabricas de fazer sabão 60.

Estes estabelecimentos produzirão :

Potes de mel	8:000	
Farinha	20:000	alqueires.
Couros curtidos	150	
Sabão	220	arrobas.

Os principaes artigos de producção agricola e industrial exportados do municipio forão :

Azeite	100	potes	700$000
Baunilha	20	libras	80$000
Cacáo	400	arrobas	2:000$000
Castanha	2.500	alqueires	7:500$000
Cumarú	3	arrobas	19$000
Farinha	10:000	alqueires	$
Feijão	20	«	$
Gomma elastica	10:000	arrobas	160:000$000
Madeira	1:000	duzias	14:000$000
Urucu	50	arrobas	150$000

Tambem existem no municipio 62 fazendas de creação de gado vaccum e cavallar e 40 de cultura de cacáo, feijão, milho, arroz, café, algodão, fumo e urucú, nas quaes se empregão 134 braços livres, e 141 escravos, contendo aquellas 22.000 cabeças de gado vaccum e cavallar (1).

Municipio de Mazagão.—Existem 5 engenhos de fazer mel que produzirão 400 potes.

Dos principaes artigos de producção agricola do municipio foi exportado o seguinte:

Cacáo	400	arrobas	3:000$000
Castanha	4.000	alqueires	10:000$000
Gomma elastica	4.500	arrobas	54:000$000

Existem no municipio 9 pequenas fazendas de gado vaccum com 13 braços livres e 4 ditos escravos empregados no serviço, e 993 cabeças de gado, sendo 940 vaccum e 53 cavallar.

Municipio de Gurupá.— Existem 5 engenhocas movidas por animaes, as quaes deixão muitas vezes de trabalhar por falta de braços (2).

Dos principaes artigos de suas producções forão exportados :

Cacáo	3.000	arrobas.
Castanha	8.000	alqueires.
Gomma elastica	20.000	arrobas.

Não consta o valor dos generos exportados.
Existem tambem 12 fazendas de creação de gado vaccum e cavallar com 39 braços livres e 7 escravos em pregados no serviço, contendo 6.548 cabeças de uma e outra especie.

Municipio de Alemquer.—Dos principaes artigos de producção agricola e industrial do municipio forão exportados.

Cacáo	16.000	arrobas	80:000$000
Castanha	12.000	alqueires	30:000$000
Dita sapucaia	1.300	»	15:600$000
Peixe salgado	8.000	arrobas	24:000$000

Existem 55 Fazendas de creação de gado vaccum e cavallar com 80 braços livres e 30 escravos empregados no serviço, e 12 mil cabeças de gado de uma e outra especie, e 300 de cultura com 300 braços livres e 100 escravos.

Municipio de Obidos.—Os principaes artigos de producção agricola e industrial exportados forão os seguintes :

Cacáo	82.128	arrobas	410:000$000
Castanha			2:400$000
Peixe	4.200	arrobas	12:600$000

Existem 44 Fazendas de creação de gado vaccum e cavallar e 320 de cultura de cacáo e de café, contendo as primeiras 4.000 cabeças de gado vaccum e 145 do cavallar, com 120 braços livres e 88 escravos empregados no serviço, e as segundas 1,380 livres e 960 escravos.

A cultura do feijão, milho, arroz, algodão e fumo he feita nas mesmas fazendas de cultura de cacáo e café, só dá para consumo dos habitantes.

Municipio de Monte-Alegre.—Existe uma olaria com 4 braços empregados no serviço, que exportou alguns tijolos e potes no valor de 300$000 rs.

Dos principaes artigos de producção agricola e industrial forão exportados :

Cacáo	4.000	ar.	20:000$000
Peixe salgado	6.000	ar.	18:000$000

Existem 49 Fazendas de creação de gado vaccum e cavallar com 72 braços livres e 15 escravos, contendo 18.357 cabeças de gado comprehendidas ambas as especies.

Municipio de Faro.—Dos principaes generos de producção agricola e industrial forão exportados :

Azeite	100	potes	600$000
Breu	100	arrobas	200$000
Café	100	»	400$000
Cacáo	2.000	»	8:000$000
Castanhas	800	alqueires	1:600$000
Cumarú	120	libras	19$200
Estopa	150	arrobas	300$000
Farinha	100	alqueires	400$000
Feijão	50	»	100$000
Jutaissica	10	arrobas	20$000
Mel	100	potes	400$000
Milho	1.000	mãos	200$000
Madeiras			
Oleo de cupahiba	50	canadas	400$000
Peixe salgado	800	arrobas	3:200$000
Tabaco	100	»	$

Existem 65 Fazendas de creação de gado vaccum e cavallar e 45 de cultura de cacáo e mandioca, contendo as primeiras 4.536 cabeças de gado de uma e outra especie com 49 braços livres e 16 escravos ; e as segundas 45 livres e 8 escravos.

37

(1) Aqui se não contempla a producção das ilhas Caviana e Mixiana e outras da fóz do Amazonas, mui ricas em gomma elastica, cuja producção foi comprehendida na do municipio de Chaves, na ilha de Marajó.

(2) Contemplamos na industria da nova Provincia a do Municipio de Gurupá, por que nelle se comprehendem os ricos districtos de Arrayollos, Espozende, e Almeirim, exportadores de cacáo, castanha e gomma elastica.

OBRAS PROVINCIAES.

Obidos.— No pequeno valle formado pelo morro da Escama e pela terra alta, em que esta assentada a cidade de Obidos, existe um pequeno lago que desagua no Amazonas, quasi immediatamente; pois que muito proximo á margem do rio he que elle estreitando forma um pequeno igarapé.

Esta garganta que o liga ao Amazonas tem sido obstruida já por plantas, já por cascos de canôas velhas, que ali se achão a apodrecer, obstaculos estes que tem facilitado a accumulação de arêas que impedem os escoamentos do mesmo Lago, logo que o Amazonas desce abaixo de certo nivel, o que acontece annualmeute, tornando-se as aguas do Lago estagnadas e assim uma fonte perenne de exhalações paludosas.

Convém dár promptas providencias em ordem a remover esse mal, que póde concorrer para insalubridade do lugar, desobstruindo-se a garganta do Lago e escavando-a até o nivel necessario para o facil escoamento das aguas.

Esta obra creio que poderá ser feita com 2:000$000 réis, havendo boa vontade da parte das pessôas, que forem encarregadas de sua execução.

MOVIMENTO DA POPULAÇAO EM 1861.

FREGUEZIAS.	BAPTISMOS.					CASAMENTOS.			OBITOS.				
	LIVRES.		ESCRAVOS.						LIVRES.		ESCRAVOS.		
	Masculinos.	*Femininos.*	*Masculinos.*	*Femininos.*	*Total.*	*Livres.*	*Escravos.*	*Total.*	*Masculinos.*	*Femininos.*	*Masculinos.*	*Femininos.*	*Total.*
Macapá	64	74	14	14	166	22	1	23	25	23	8	9	65
Mazagão	22	25	3	7	57	18	1	19	25	17	3	2	47
Arrayollos	18	12	..	1	31	3	..	3	16	5	..	1	22
Alemquer	45	43	5	2	95	3	..	3	22	16	3	4	45
Mont'Alegre	36	28	2	5	71	4	..	4	29	18	2	2	51
Prainha	14	18	..	..	32	..	..	..	3	3	..	..	6
Obidos	181	113	6	5	305	3	..	3	17	13	1	2	33
Somma	380	313	30	34	757	53	2	55	137	135	17	20	309
Somma geral	603		64			55			272		37		

EXCERPTOS DO RELATORIO DO MINISTERIO DA GUERRA DE 1870.

COLONIAS MILITARES.

Os meus antecessores desde 1865 têm constantemente chamado a vossa attenção sobre as Colonias militares. Estes estabelecimentos podem prestar serviços importantes, mas actualmente o seu estado não he prospero.

Em 5 de Maio de 1840 com grande empenho do Governo foi creada a primeira Colonia Militar, sob a denominação de *D. Pedro II* na margem direita do rio Araguary 550 braças acima da sua fóz. He facil de comprehender qual era o empenho do Governo com essa creação, e sobre esta fundação permittireis que chame a vossa attenção para o que está escripto á pagina 11 da *Memoria* annexa ao Relatorio do meu antecessor, apresentado na 1ª sessão da 13ª Legislatura.

Esta Colonia foi decahindo da sua importancia, mas em 1849 as circumstancias, que antes tinhão determinado a sua fundação, obrigárão a publicar-se o Decreto n. 622—de 22 de Dezembro, que approvou o Regulamento da mesma data para a fundação de Colonias Militares na Provincia do Pará *nos pontos das fronteiras*, e nos do interior, que mais apropriados parecessem para os *Estabelecimentos de posses e communicações de huns para outros lugares da mesma Provincia*; e ainda depois taes erão as circumstancias, que o Governo julgou conveniente publicar o Decreto do 1º de Junho de 1850 e Aviso de 12 de Agosto do mesmo anno, mandando repovoar a *Colonia D. Pedro II*, que havia sido estabelecida nas immediações do Araguary.

—

EXCERPTOS DA « MEMORIA » Á QUE SE REFERE O ARTIGO SUPRA.

Fundação das Colonias existentes, e seu estado.

PARÁ.

D. Pedro II.—Em virtude de recommendações do Governo Imperial sob a regencia do cidadão Pedro de Araujo Lima, hoje Marquez de Olinda, o Presidente da Provincia do Pará, João Antonio de Miranda, fundou a primeira Colonia Militar, que denominou *D. Pedro II*, a qual foi inaugurada em 6 de Maio de 1840, sobre a margem direita do Araguary ou Arauari, a uma legua de distancia do sitio do cidadão João Manoel Ferreira, e 36 leguas e 550 braças acima da fóz do mesmo rio, em terreno enxuto e fertil, proprio para a lavoura.

O seu primeiro Director foi o alferes de commissão Joaquim Manoel Bahia de Menezes, que a foi fundar com 27 praças casadas, formando ao todo, inclusive o Director, sua mulher e um filho, 76 pessôas.

O local foi escolhido pelo commandante da ilha de Bailique, o capitão de engenheiros Parreira, e o cidadão João Manoel Ferreira.

O Presidente da Provincia deu instrucções á Colonia, em data do 1º de Março de 1840; o alferes Director, emquanto o Governo não a provia com o necessario, offereceu ferramentas e instrumentos precisos para a cultura e serraria, e o Commandante das Armas offertou 25 novilhas com os seus competentes garrotes, para animar o estabelecimento.

Com a caravana acompanhou uma pequena botica.

Louvores pois ao Director e ao commandante das Armas.

O Director com todo o pessoal, trem e bagagem, embarcou no Pará a 19 de Março de 1840, e a 5 de Maio inaugurou a Colonia, como se vê do termo annexo n. 2.

Os fins, enunciados pela Presidencia em seu officio de 27 de Março de 1840 para a inauguração da Colonia, forão *povoar* os pontos da Provincia, que mais recursos podessem offerecer á especulação e á industria; mas pela localidade designada se conhece, que a intenção reservada foi defender e garantir a fronteira, o que se prova com o Officio n. 14—de 22 de Novembro de 1859, documento n. 3, sendo Presidente o cidadão Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, que assim se exprimio:

« A importancia daquella missão (referindo-se á Colonia Militar Pedro II) *em relação á sua situação confinante com territorios, que são disputados ao Imperio pela França, e aos individuos selvagens e civilisados, que os Francezes tem sempre se empenhado em attrahir aos seus interesses contra os nossos*, parece-me que não poderá ser apreciada por aquelle Sacerdote, que, segundo me consta, além de ser extremamente acanhado de intelligencia, não he dos mais zelozos pelo serviço publico. »

Quando a Colonia se inaugurava em 5 de Maio, Governo por Avisos de 4 e de 14 do mesmo mez a mandava fundar.

Na mesma occasião se projectou a Colonia—*Araujo Lima*—que não inaugurou-se.

Depois, querendo ampliar aquella disposição e darlhe estabilidade, tendo ouvido a respectiva secção do Conselho de Estado, publicou o Decreto n. 662—de 22 de Dezembro de 1849, que approvou o Regulamento da mesma data para a fundação de Colonias Militares na Provincia do Pará, ordenando ao Presidente que as estabelecesse para *o estabelecimento de posses, e communicações de huns para outros lugares da mesma ou diversa Provincia*.

O art. 2º desse Regulamento impôz ao Presidente que preferisse para o estabelecimento das Colonias Militares os lugares, para os quaes houvesse mais facil e prompta communicação, em que abundassem os productos, que fizessem o objecto do commercio da Provincia, e em terras ferteis, abundantes dos principaes productos do dito commercio, e que offerecessem pastagens para a creação de gados e outros animaes, que prestão valiosos serviços ao homem.

A este Decreto seguio-se o do 1º de Junho de 1850, e o Aviso de 12 de Agosto do mesmo anno, mandando repovoar a *Colonia de D. Pedro II*, que havia sido estabelecida nas immediações do rio Araguary!!

Em 27 de Março de 1840 o Presidente da Provincia officiava ao Governo, sendo ministro o C[illegible]de de Lages, que em virtude de ordens e recommendações do mesmo Governo mandara fundar a *Colonia de D. Pedro II*; em 4 e 14 de Maio o Governo ordenava a creação dessa Colonia; em 27 do mesmo mez a Presidencia remettia o

termo de inauguração; em 10 de Junho communicava que a Colonia prosperava, e recommendava á consideração do referido Ministro, os serviços do cidadão João Manoel Ferreira.

Bem se vê que em 1850 o estado da Colonia se não estava anniquilado, não era próspero; pois que, apezar das novas ordens, em 1850 dizia então o Director:

« O destacamento compõe-se de 20 praças e 11 familias.

« Ha o commandante Director, hum Capellão e hum Almoxarife. Não ha enfermaria nem laboratorios (botica). »

Em 1859 dizia o Presidente da Provincia, « o Sacerdote está abaixo da sua esphera « além de ser extremamente acanhado de intelligencia, não he dos mais zelosos pelo serviço publico. »

Em 1860 dizia o Director:

« Que tinha reedificado a casa do Capellão, feito alguns melhoramentos na do Director, dado começo a huma canôa para servir de correio, não havendo feito outras obras, como fosse o quartel para o destacamento, pelo seu diminuto numero de praças, e por não ter pedreiro e nem carpinteiro. »

Obidos.—Esta Colonia foi creada sobre a margem esquerda do rio Solimões (1) por Decreto n. 1363—de 8 de Abril de 1854 e Instrucções de 10 de Julho do mesmo anno, na villa de Obidos, para recebimento de Colonos Portuguezes, devendo reger-se pelos Regulamentos de 12 de Setembro de 1851, e quanto aos vencimentos dos empregados pelo de 22 de Dezembro de 1849.

Nesse ponto se mandarão fazer obras militares, sendo o Director da Colonia encarregado dellas com a gratificação especial de 800$ por anno.

Consta de documentos officiaes, que a Colonia assenta na garganta do lago Arapucú, e que o seu primeiro Director foi o Capitão de mar e guerra Pedro da Cunha, a quem para o serviço das obras forão dadas Instrucções em 17 de Maio de 1854.

Em 30 de Outubro do mesmo anno expedirão-se instrucções ao Barão de Mauá para mandar contractar 500 Dolonos Portuguezes.

Em 2 de Novembro, ainda do mesmo anno, o Governo mandou medir e demarcar duas leguas de terras, para serem distribuidas aos ditos Colonos em lotes de 500 braças por aforamento perpetuo.

Nas ordens expedidas pelo Governo se determinou que os terrenos devião apresentar as melhores condições de salubridade, combinadas quanto fosse possivel com as de fertilidade e facilidade de meios de transporte.

Estando feita parte da medição, se reconheceu, que os terrenos da Colonia devião ficar comprehendidos entre os lagos Sucurijú (2) e Kirikiry, tendo pouco mais de duas leguas, o que foi approvado por Aviso n. 14—de 15 de Novembro de 1854.

Em 11 de Janeiro de 1855 participou a Presidencia estar concluida a medição com 8300 braças sobre a margem esquerda do Amazonas na fóz do rio das Trombetas, confinando a L. com o lago Sucurijú ou Sucuribú (3) e a O. com Kirihiry, abrangendo os lagos Arapucú, Araçá ou Aracaepana.

Por Aviso de 23 de Outubro de 1854 permittio o Governo que alguns moradores daquellas paragens se fossem estabelecer na Colonia, assim como concedeu-se abrirem-se casas de commercio, sujeitas ao regimento e regulamento da Colonia.

Em 12 de Agosto do mesmo anno participou o Director ter comprado huma olaria por 1:500$, que era de grande proveito e utilidade para o estabelecimento, por quanto toda a telha e tijolo, de que precisava ia da Capital por preços muito elevados, e pedia que se lhe mandasse huma machina para o fabrico de tijolo, e outra para montar a serraria, annunciando que ia estabelecer huma carpintaria e ferraria.

Por Aviso de 10 de Outubro se fez encommenda ao Barão de Mauá das duas machinas, devendo a de tijolo seguir pelo vapor do dia 20 desse mez, e solicitarão-se alguns operarios de entre os condemnados ou africanos livres da Caza de Correcção.

O Director no seu Relatorio de 3 de Março de 1855 dizia que certos empregos da Colonia estavão vagos por não ter pessoal habilitado para elles, e ainda menos para os de responsabilidade, e que os vencimentos, inferiores aos de qualquer trabalhador, erão tão insufficientes, que a ninguem convidavão, e que da falta de bons empregados se resentião os interesses da Colonia.

Dava conta de muitas edificações importantes e de outras de menos custo O estado da Colonia era próspero e lisongeiro, e augurava bom futuro.

No Relatorio de 27 de Julho constava ter a Colonia, além do Director, Sub-director e Almoxarife, hum destacamento de 19 praças, inclusive o Alferes commandante do mesmo, e 210 Colonos.

« Os salarios porque vierão contractados são excessivos á vista do seu trabalho, e certas regalias, que lhes dá o contracto, lhes favorece a indolencia. »

Isto e outras informações do Director provão exuberantemente contra a Colonisação assalariada.

Neste anno concluio-se a Capella, e a primeira missa foi celebrada pelo Arcipreste da Sé do Pará José Caetano de Almeida Tavares, director do Collegio de S. Luiz Gonzaga da cidade de Obidos, e a Capella tomou a invocação de Nossa Senhora das Dôres.

Preparava-se o Director para montar hum cortume, annexando-lhe huma officina de sapateiros.

Ainda em 27 de Julho pedia a machina para a olaria.

A salubridade era excellente.

Sobre a agricultura escrevia elle.

« A agricultura aqui longe de progredir atraza-se.

« Bem poucos são os lavradores que merecem este nome.

« Em geral cada hum planta para si, sem systema na cultura, e escolha na especie, e disto provém a escassez, que ha de legumes.

« Tenho a convicção de que no districto da Colonia se póde cultivar o chá, a batata e a diversidade de feijões que produz a Provincia do Rio de Janeiro, e porisso achava conveniente que me fosse remettida a porção sufficiente de feijões de differentes qualidades, para plantar, assim como da semente do chá.

« Toda a cal, que se está gastando na edificação desta Colonia, he aqui fabricada, resultado da exploração, que fiz das minas de casca de marisco. »

Não seria estranho, á vista da opinião manifestada pelo Director, que os Colonos se insubordinassem.

Foi o que aconteceu em 5 de Outubro de 1855 e em 15 de Novembro seguinte.

A' reclamação, que dirigiu á Presidencia solicitando augmento da força, teve em resposta que recorresse á Guarda Nacional, porque na Capital não havia força para mandar-lhe!

Em 10 de Novembro informava ao Governo que o terreno era fertil para todo o genero de cultura do paiz, e instava para que se lhe remettesse duas machinas para arrancar raizes, como já havia solicitado.

Declarava mais, que já existia parte de 500 cabeças de gado, para cuja compra a Presidencia o autorisára.

Do Relatorio de 20 de Dezembro constou que na Colonia existião 368 habitantes, sendo 181 Brazileiros e 187 Portuguezes; e que ella, apezar de alguns entraves, prosperava.

A alguns respeitos o Director dizia:

Estado da Colonia.

« He o mais esperançoso possivel, attento ás vantagens da sua localidade, quando sejão aproveitadas.

Os preconceitos da nacionalidade, adrede incutidos na população por alguns individuos mal intencionados, vão extinguindo-se; e se os Colonos existentes fossem morigerados e trabalhadores, esta Colonia seria em pouco tempo talvez a mais florescente do Imperio; comtudo ella progride.

Situação.

« A sua situação he magnifica, collocada na margem esquerda do Amazonas, quasi na embocadura do rio Trombetas, contendo em seu districto 3 lagôas, Arapucú, Araçá e Curumú; o seu terreno he fertil e o clima benigno, pois desde o cholera nenhuma outra molestia tem apparecido com caracter grave.

---

(1) *Solimões.*

Aqui ha engano. O rio Amazonas só he chamado—*Solimões* depois de passada a barra do Rio Negro para cima.

(2) *Sucurijú.*

Ha engano: o nome he *Surubihú.*

(3) Vide nota precedente.

« A povoação está situada sobre huma collina, que se vai elevando progressivamente da margem para o centro em forma de hum plano inclinado, com espaço sufficiente para nelle se estender uma grande cidade, banhada pela frente pelo rio Amazonas, e pelo lado do nascente pelo aprazivel lago Arapucú.

Systema e estado agricola.

« He em geral o que resulta da combinação dos Regulamentos de 22 de Dezembro de 1849, de 9 de Novembro de 1850 e de 12 de Setembro de 1851, por isso que ainda não tem regulamento especial : quanto ao trabalho agricola não ha systema, por que dos Colonos que têm vindo, nenhum he lavrador propriamente dito, e são taes, que nos trabalhos de lavoura, em que os tenho empregado, nada adiantão; seguem o mesmo costume dos naturaes do paiz, de incendiarem as matas em lugar de fazerem as derrubadas e formarem as cuivára, a cujo systema os tenho obrigado.

« *Já fiz pedido de duas machinas de arrancar raizes*, a fim de facilitar mais este trobalho, e desta fórma pôr o terreno em estado de se poder trabalhar com o arado ou charrua (machinas que pretendo serem aqui mesmo feitas), e dest'arte não só tirar mais partido da lavoura nesta Colonia, como ensinar aos naturaes do paiz a ligarem a industria humana com a natureza, fazendo uso dos modernos melhoramentos, que a civilisação tem introduzido, e assim obter todas as vantagens de hum terreno tão productivo, que goza do extraordinario bem de ser regado por infinitos rios. »

No Relatorio de 12 de Outubro de 1856 insta o Director por machinas, insiste nas medidas propostas anteriormente, profliga o trabalho assalariado e de parceria, e dá conta do augmento da fazenda de crear.

Nessa occasião a Colonia tinha 299 habitantes.

No Relatorio de 8 de Janeiro de 1858 expõe o Director o augmento que tiverão os edificios, e as obras, que se fizerão; a inaudita decadencia da agricultura, queixa-se da falta de machinismo para a Olaria, e observa o pequeno prejuizo que soffreu a fazenda de crear, em consequencia de grande cheia.

Sobre a agricultura, assim se exprime :

Agricultura.

« Existe quasi em completo abandono, não só aqui como em todo o interior desta Provincia, e bem assim todos os ramos de industria, não obstante os grandes esforços empregados, afim de ter aqui algum desenvolvimento.

« Dos 223 Colonos Portuguezes que para esta Colonia vierão, e que delles apenas existem nellas 11 engajados, sendo 5 destes menores, e 4 desengajados tambem hum menor, nas obras do Forte de Obidos, como serventes 9 engajados, por terem uns desertado, outros fallecido, e outros desengajados, não consta que hum só destes esteja empregado na lavoura, porém sim commerciando em canôas.

« Os nacionaes, cuja indolencia he reconhecida, estão tambem, com raras excepções, completamente afastados do trabalho agricola, e nem de tal se lembrão, visto como encontrão elles, quer no rio, quer nas mattas, que estão proximas á suas habitações e com a maior facilidade, o sustento diario, aos quaes poder-se-ia sem muita difficuldade acostumar a este serviço, *se para isso concorressem todas as autoridades policiaes.* »

A Colonia nesta época tinha 285 habitantes.

Em 13 de Setembro de 1859 o director Pedro da Cunha foi substituido pelo capitão de mar e guerra Lourenço da Silva Araujo Amazonas, que a seu turno foi substituido pelo major graduado João Francisco Cattete, o qual entrou em exercicio a 5 de Maio de 1860.

Com data do 1º de Outubro de 1859 appareceu a primeira conta de receita e despeza, verificando-se hum *deficit* de 504$966.

Em officio n. 11—de 25 de Maio de 1859 a Presidencia submetteu ao conhecimento do Governo o risco de hum engenho para fazer azeite das fructas da Provincia.

O novo director Cattete, em seu Relatorio de 30 de Junho de 1860, confirma a belleza, salubridade e uberdade do sólo, faz a apotheose da Colonia ; mas estygmatisa a administração de Pedro da Cunha; e eis o que diz sobre as construcções :

« Existem nesta Colonia 52 casas, sendo seis cobertas com telhas e as mais de palha; dez do Governo, huma dellas já desabou, e outras duas estão para isso, e incapazes de qualquer reparação, por serem feitas de madeiras de pessima qualidade; e igual sorte terião as casas do Director, Sub-director e Facultativo, a não serem promptamente reedificadas, levantando-se, em lugar das madeiras podres de sua construcção, paredes de tijolo; taes erão os edificios construidos, »

O novo Director reclama ainda machinas para a olaria ; insistio em medidas já propostas, e continúa, como seu antecessor, a lastimar o estado decadente da agricultura.

Declara mais, que a Assembléa Provincial, abolindo os corpos de trabalhadores, entregou os Indios á preguiça e á estupidez: e conclue, em referencia ao seu antecessor, « que huma bôa administração, e sábia direcção dada á Colonisação, são os unicos meios capazes de a conduzir ao caminho util, que assignalou, e não, excedendo-se huma autoridade despotica, se poderá attingir o *desideratum*, que se tem em vista. »

A Colonia nesta época tinha 307 habitantes, inclusive a força do destacamento, que então se compunha de 23 praças.

Desde 30 de Junho de 1860, até 9 de Fevereiro de de 1863, nada mais consta da *Colonia Militar de Obidos*.

A ultima data he a do Relatorio do Director interino, Capitão Carlos Antonio Pereira de Macedo.

Este Relatorio he hum perfeito contraste com todos os anteriores.

Os predios estão todos a cahir. A Igreja precisa ser coberta. Ha extrema necessidade de hum Capellão. A escripturação está demaziadamente atrazáda. O destacamento he insufficiente. Não existem meios de transporte. Os Colonos não se importão com a lavoura ; todavia começava a cultura do algodão, mas era necessario anima-la.

E pergunta-se. quaes forão as causas desta decadencia subita ?

Depois do Relatorio de 9 de Fevereiro, nada mais consta desta Colonia.

Em officio n. 28—de 23 de Agosto do anno passado (1866) propõe a Presidencia transferir a *Colonia de Obidos* para outra localidáde, em lugar que iria prestar serviços á navegação do Tocantins, retirando-a do Amazonas, onde depois da navegação por vapor sua inutilidade era intuitiva, sobretudo indo ella definhando, e decahindo a ponto que hoje he tão sómente Colonia no nome, e nas despezas.

Mas a Presidencia não se lembrou que quando foi creada a *Colonia de Obidos*, já havia a navegação á vapor, que as fortificações militares, que com a denominação de Colonia Militar de Obidos determinarão a chave do Amazonas, são hum ponto estrategico de defeza. Este he hum dos negocios que está pendente.

EXCERPTOS DA OBRA

REGIÃO OCCIDENTAL DA PROVINCIA DO PARÁ;

POR

D. S. FERREIRA PENNA.

DE OBIDOS A FARO.

SUMMARIO.—Obidos, seu aspecto, posição, clima, salubridade e população; estado de sua industria em geral.—Cacoal imperial —Extincta Colonia Militar, —Recordações historicas.—Viagem a Faro.

Quando depois de deixar-se Santarem e as barreiras de Paricatuba, navega-se para o Poente até além da ponta Sul da pequena ilha do Amador, quasi encostada á ilha grande dos *Printes*, a que Tardy de Montravel deu em 1844 o nome de *Boulonnaise*, e a Commissão de limites em 1864 o de *Mamaurú*, avista-se huma linha de collinas de pouca altura, em cuja extremidade meridional começão a apparecer grande numero de cazas que branquejão ao longe por entre as ramagens de mangueiras, larangeiras e outras arvores fructiferas que na Provincia formão o mais bello ornato das povoações.

Essas cazas são as da cidade de Obidos que se estende desde a margem do Amazonas, por hum terreno bastante inclinado até quasi ao alto de hum pequeno monte que a domina.

O primeiro edificio que se distingue de longe, he o Forte construido sobre huma especie de promontorio que, avançando em semi-circulo para dentro do rio, dá lugar, do lado oriental, a huma pequena enseada ou remanso que he o unico porto da cidade.

A posição do Forte he 1° 55' 23" de Lat. S. e 12° 21' 24" de long. (Rio de Janeiro).

O aspecto da cidade he, como já ficou indicado, aprasivel e mui pictoresco.

A sua situação sobre a face oriental da collina e os ventos quasi constantes que vindos de E. modificão os effeitos da sua elevada temperatura, a qual todavia guarda a média entre 28° e 30° dão-lhe condições vantajosas de salubridade, de que nas margens do Amazonas não se encontra outro exemplo senão em Mont'Alegre.

Em geral, á excepção das febres intermittentes e ás vezes dyarrhéas, não prevalecem outras molestias que, como na maior parte das povoações do Amazonas, affligem a população.

Obidos compõe-se de 151 predios habitados, estando 2 em construcção e 6 em ruinas; são dispostos em 2 praças e 9 ruas que se cortão em angulo recto quasi todas, sendo em geral estreitas e não calçadas.

Seus edificios publicos são poucos e constão dos seguintes:

A igreja matriz, inaugurada em 1827, tendo por orago Santa Anna; he hum bom templo, embora construido sem gosto.

Acha-se em bom estado, e o Vigario tem conservado com decencia e zelo os seus ornamentos e alfaias.

A capella do Bom Jesus, no alto da praça do mesmo nome não está acabada e não tarda a desabar.

Chegou quasi a concluir-se, tendo sido feita á custa de huma subscripção dos moradores no anno de 1855 em cumprimento de promessa que fizera o povo 20 annos antes por occasião da devastação dos Cabanos.

Informarão-me que já esteve coberta, mas que tirarão-lhe toda a telha e madeirame que foi applicada em proveito particular.

O Cemiterio he hum campo... não está cercado.

Este facto surprehendeu-me, porque reconheço em Obidos huma cidade bastante adiantada em civilisação, havendo alli não só bons catholicos e excellentes paes de familia, mas muitos homens intelligentes e instruidos.

He lamentavel que a Irmandade, sob cuja administração está o Cemiterio, o tenha deixado converter-se em pasto!

Pena he que a Camara Municipal não tenha procurado cumprir nestas circumstancias a disposição do artigo do seu Regimento que a obriga a cuidar dos Cemiterios.

A caza da Camara e a Cadêa não tem importancia alguma.

A primeira conserva-se, a segunda não offerece segurança, nem mesmo he uma prisão com accommodações convenientes.

O forte de Obidos he o principal estabelecimento da cidade.

Já dei uma idéa de sua posição, e em outra parte o descreverei mais minuciosamente.

He actualmente commandado por um Coronel reformado do exercito.

A população da cidade foi por mim avaliada em 1120 habitantes; mas segundo o arrolamento posteriormente feito pelo Collector das rendas provinciaes em virtude da lei n. 520, o numero de habitantes desceu a 965, divididos do modo seguinte:

Masculinos	436
Femininos	529
Brazileiros	897
Estrangeiros	68
Livres	703
Escravos.	262

A população do Municipio não he bem conhecida; vive dispersa por tão grande extensão de territorio, como acontece em todas as mais Comarcas da Provincia, que he quasi impossivel poder ser enumerada com acerto.

Creio que não ficarei muito longe da exactidão, dando a todo o Municipio 10.000 habitantes.

Em huma relação official, organisada por ordem da Policia, o total da população municipal não chegou a 6.000; mas este documento he huma boa prova do que acabei de dizer: he quasi impossivel obter-se huma enumeração exacta da população.

A *instrucção publica* da cidade está circumscripta a duas escolas de primeiras letras.

Em 1867 a do sexo masculino foi frequentada por 69 alumnos e a do feminino por 36.

No 1º trimestre do corrente anno tem sido frequentada a primeira por 54 e a segunda por 30.

Escola particular ha sómente uma.

Houve em Obidos um collegio de S. Luiz Gonzaga, especie de seminario, instituido pelo Rev. Bispo do Pará, o finado D. José Affonso de Moraes Torres; este util estabelecimento, por motivos que me não souberão ou não quizerão dizer, deixou de existir.

No seu predio funcciona hoje a escola primaria de meninos.

No interior da cidade existem as seguintes cazas de commercio: 2 lojas de fazendas, 25 ditas e tavernas conjunctas, 5 tavernas que vendem fructas e 2 drogarias.

Tem as seguintes officinas e cazas industriaes: 3 padarias, 2 açougues, 1 quitanda, 1 bilhar, 1 loja de sapateiro, 1 dita ourives, 6 ditas de alfaiates, 2 ditas de ferreiros, 1 dita de marcineiro, 1 dita de tamanqueiro e 1 olaria.

Fóra da cidade ha 14 cazas de commercio em que se vende conjunctamente seccos e molhados, comestiveis, joias etc.

Obidos tem huma typographia que em fins de 1867 e principios de 1868 deu á luz hum periodico com o titulo muito seductor de *Industrial*, que promettia ser de bastante utilidade; mas seus fundadores ou redactores não souberão manter-se firmes no terreno que com tanta nobreza escolherão: deixarão esse terreno, passarão-se para o da politica com o seu periodico que pouco depois desappareceu por falta de assignantes.

O seu porto, talvez o mais importante do commercio do Amazonas, he mui frequentado do commercio do Amazonas, he mui frequentado de canôas e barcos de véla; he escala dos vapores da 1ª linha da Companhia do Amazonas que nelle tocão quatro vezes por mez nas suas viagens redondas, e ponto terminal de huma linha mensal de navegação da mesma Companhia contractada ultimamente com a Provincia.

Trinta canôas, chamadas de *regatões*, além de outras menores, estão em gyro continuo pelos rios e lagos, empregando-se no trafico dos generos do municipio e dos de alguns districtos visinhos, ou navegando entre o seu porto e o de Belem.

Os Obidenses são activos e em geral laboriosos; não desprezão, antes aproveitão todos os productos naturaes que encontrão, mas applicão-se principalmente á cultura do cacáo e á creação de gado.

Habituados a trabalhos desta ordem, elles distinguem-se por sua affeição muito pronunciada ao solo natal.

São bons Brasileiros e bons Paraenses, porque o Brazil he sua patria e o Pará sua Provincia; mas ainda são melhores Obidenses.

Os agricultores reputão como huma fortuna o facto de se não haver até hoje descoberto bons *siringaes* no municipio, por que, dizem elles com razão, huma tal descoberta importaria o mesmo que hum gólpe mortal dado á industria agricola, a qual ficaria desde lógo privada dos poucos braços que ainda lhe restão.

A cultura do *cacáo* he a industria favorita e quasi exclusiva dos lavradores de Obidos, e creio que nenhum outro municipio do Amazonas possue tão grande numero de plantações deste genero.

As margens dos Paranámirins e as do Amazonas, desde os limites da Provincia até muito abaixo de Obidos, são, com poucos intervallos, extensas linhas de cacáoaes.

A producção tem sido sempre animadora, e he raro haver um anno como o presente

em que a sua colheita tenha sido mesquinha.

A exportação do cacáo de Obidos para Belem, no anno findo subio a 66.405 arrobas e 29 libras.

O *café* não he exportado; sua producção só chega para o consummo.

He cultivado em quasi todos os sitios e em muitos produz em quantidade animadora.

As plantações, porém, são muito limitadas, preferindo-se a cultura do cacáo por ser mais facil.

O *tabaco* he cultivado ainda em escala menor do que o café.

A maior quantidade e a melhor qualidade que apparece no mercado de Obidos, he *proveniente dos mocambos* do rio Trombetas.

O *algodão* produz perfeitamente bem em toda a parte, e como o café, ha em todos os sitios pequenas plantações que não dão productos em quantidade sufficiente ás necessidades dos moradores.

Milho, *feijão* e *arroz* achão poucos cultivadores, e esses mesmos não plantão senão em quantidades insignificantes.

Carás, *batatas* e *inhames*, alimentos tão sadios e agradaveis, não são conhecidos no municipio.

O *guaraná* figurou tambem na exportação com 26 libras.

Este producto he procedente do districto de Juruty, onde os descendentes dos Mundurucús introduzirão a sua cultura.

A *mandióca* he geralmente cultivada no municipio, e todavia a sua producção não he sufficiente para o fabrico da farinha necessaria aos habitantes que muitas vezes mandão compral-a em Belem.

Na ordem dos productos naturaes e extractivos, o municipio conta muitos de subido valor.

O peixe (*pirarucú*) de que se faz uso geral na Provincia como a principal base da alimentação do povo, apezar dos estragos que lhe fazem os pescadores semi-selvagens que o não sabem aproveitar, ainda existe em abundancia nos lagos.

A exportação em 1867 foi de 16.367 arrobas e 16 libras.

A *castanha* abunda em varios lugares de terra firme e nos valles de montanhas.

He o Trombetas que fornece a maior parte da que chega ao porto de Obidos.

A exportação de 1867 foi de 10.466 alqueires.

De *oleo de cupahyba* forão exportadas 160 canadas.

Este producto se encontra em numerosos lugares do municipio, mas a maior quantidade exportada he procedente do Trombetas.

A exportação da *salsa* no mesmo anno foi de 154 arrobas e 16 libras.

Provém tambem, pela maior parte das terras altas do Trombetas.

O *cumarú* apenas figura na exportação de 1867 com 30 libras.

Além dos artigos mencionados, exportou-se tambem huma porção de tóros de cedro e de falcas de itaúba.

No genero de madeiras, Obidos he hum dos mais ricos municipios, e o Trombetas só por si póde fornecer toda a madeira de que o Estado precise para as suas construcções durante longos annos.

Entre os productos da industria extractiva, figurão na exportação 1.267 arrobas de *gomma elastica*.

Não sendo semelhante genero abundante ou existente no municipio, he licito pensar que nos manifestos de cargas d'onde colhi os dados que acabo de exhibir, houve algum equivoco; deu-se provavelmente como procedente de Obidos o que devia ser classificado na exportação de Santarem, ou de outros pontos que envião aquelle genero ao mercado da capital.

A *creação de gado vaccum* he, depois da cultura do cacáo, a industria mais geral do municipio; mas he exercida por tantas pessôas, em relação ao numero dos habitantes, que se póde considera-la como ainda em experiencias.

Nem um dos principaes fazendeiros conta mais de 1.500 cabeças d'esta especie de criação.

No municipio ha 40 fazendeiros com 10.600 cabeças de gado, inclusive a producção que he calculada na proporção de 25 %.

Os campos ao SO. do Lago Sapucuá, os de Mary-apixy e os do Lago Grande, são os que contém maior quantidade de gado, por serem tambem os melhores pastos do municipio.

A especie, se não he de raça superior a da ilha de Marajó, tem-se pelo menos conservado sem degenerar, e em geral he igual ao melhor gado que fazendeiros zelozos e intelligentes crião naquella ilha.

Este ramo de industria rural he sem duvida muito vantajoso; mas nos districtos de Obidos, como nos de Fáro, Alemquer, Santarem, Villa-Franca e Monte-Alegre, tem sido muito contrariado no seu progresso por numerosas causas, entre as quaes se deve contar em primeiro lugar, as grandes cheias do Amazonas que dão em resultado a inundação total dos pastos, morrendo affogados centenares de animaes que não se teve cuidado ou tempo de retirar para as terras firmes.

A grande cheia de 1859 produzio tão grandes estragos no gado que fazendeiros, que então possuião 5 a 6.000 rezes, não contarão, depois d'ella, senão 100 a 300.

Foi, dizem os habitantes, um verdadeiro *diluvio* que cahio sobre os campos de criação. Muitos criadores abandonarão a indus-

tria, persistindo n'ella o maior numero, mas sempre com o temor da reproducção daquella clamidade.

A venda do gado em pé para fóra do districto he diminuta. O valor de um boi em boas condições he de 30$ a 40$.

Os fazendeiros, porém, preferem carnear o gado, e he em fórma de carne secca ou de moura que faz em a principal exportação.

O producto d'esta industria em 1867 deu na exportação :

Carne de moura e secca 5,810 arrobas ; sebo 412 ditas ; couros 1,700.

Aos ossos, chifres e unhas das rezes não se dá valor algum no municipio, porque não ha fabricas onde possão ser utilisados.

A criação de cavallos está ainda circumscripta as necessidades do costeio das fazendas. Em algumas d'estas, onde ha producção em maior escala, vão outros criadores supprir-se dos que lhes são necessarios.

Os cavallos de Obidos são estimados em Belém, por seu porte, figura, conformação e robustez, sendo n'isto iguaes, pelo menos aos de Santarem e Monte-Alegre.

A especie *muar* não he conhecida nos campos de criação.

O gado *miudo* não se propaga facilmente nas fazendas, por que he perseguido pelo Jaguara até dentro dos curraes, e pelo Jacaré, Sucurijú e outras feras.

Do *suino* não ha criação se não em escala imperceptivel. Subsiste entre o povo o prejuizo de origem hebraica e musulmana de que a carne do porco he muito perniciosa á saude, esquecendo-se assim que a boa ou má qualidade della depende só e simplesmente do alimento com que se cria e se engorda esse animal.

N'uma região em que a base da alimentação do povo he o peixe salgado e a farinha, tendo entre os succedaneos a carne de animaes silvestres (inclusive a anta), o vinho do assahy e da bacaba, causa surpreza aquelle escrupulo para uma carne que em outros paizes he apreciada como um alimento innocente e muito estimado.

Rendas publicas.—Devo dar uma idéa do estado das repartições por onde se arrecadão rendas publicas.

Correio.—Esta repartição não tem caza especial ; funcciona na do respectivo Agente, á cuja actividade e zelo intelligente se deve attribuir o augmento sensivel que se nota nas rendas d'esta procedencia, como o demonstra o quadro seguinte :

Exercicio de 1865 a 1866 . . .	340$180
1866 a 1867 . . .	431$380
1867 a 1868 . . .	549$890

Camara municipal.—Não tenho observação alguma a fazer a respeito d'esta Camara, que, como todas as Camaras do paiz, não tem uma organisação que faça d'ellas uma instituição util aos interesses dos habitantes ; he, como todas, o orgão politico dos municipes, sobre os quaes, em compensação, faz pezar muitos impostos ! Os defeitos da sua organisação são conhecidos em todo o paiz, e não ha agora opportunidade de discutir isto, mas sim de saber o estado das rendas da camara de Obidos.

Dou aqui um quadro da sua receita e despeza nos quatro annos decorridos de 1864 a 1867.

ANNO.	RECEITA.	DESPEZA.	SALDO.
1864—	2:761$076	—2:711$451—	40$625
1865—	8:772$017	—7:963$060—	808$957
1866—	6:080$686	- 5:891$543—	129$142
1867—	11:227$478	—9:381$690—	1:855$800
	1.° trimestre de		
1868—	7:091$469	—2:973$183—	4:118$286

D'este quadro se vê que a Camara tem sido zelosa na distribuição da sua receita. O Procurador da Camara, assim como outras pessôas de boa supposição em Obidos, informarão-me que o augmento notavel da renda municipal he, em boa parte, devido ao estabelecimento da agencia da Companhia do Amazonas n'aquella cidade em principios de 1867, pois que o Agente com o zelo com que desempenha seu cargo, auxilia a fiscalisação dos impostos no acto do embarque, dando-se a não pequeno trabalho na conferencia das cargas despachadas e embarcadas.

Collectoria provincial.— As Collectorias da Provincia e particularmente as do Amazonas, com rarissima excepção, não davão até o anno de 1848, vantagem alguma á Fazenda em vista do seu pouco rendimento, ou, para melhor dizer, em vista da falta de zelo e exactidão da parte dos arrecadadores.

Umas erão administradas e outras arrematadas ; mas em qualquer dos casos o negocio era sempre peor para a Fazenda do que para os seus procuradores.

As cousas andavão neste caminho quando o conselheiro Jeronymo Coelho tomou as redêas da administração.

Este homem, administrador pratico que tudo via, de tudo cuidava com aquelle grande zelo e robusta intelligencia que lhe valerão o justo titulo de primeiro administrador do Pará, e a merecida estima de todos os homens de bem, reconheceu desde logo a necessidade de reorganisar as Collectorias e tratou de colloca-las em condições mais uteis ao interesse da Fazenda.

Não póde isso se fazer de prompto, mas ficou-se conhecendo a necessidade da reforma que mais tarde se realisou, e depois da qual melhorou consideravelmente a arrecadação.

A Collectoria de Obidos marcha regularmente, e sem outro embaraço além da difficuldade de arrecadar-se os impostos em

lugares romotos, onde he facil illudir-se ás diligencias dos Collectores.

As rendas arrecadadas vão em augmento como se póde avaliar pelas dos annos seguintes tomadas ao acaso :

1847 a 1848	1:211$970
1848 a 1849	2:295$000
1851	2:638$420
1852	1:681$905
1853	1:880$412
1867	6:593$812

O augmento da renda em 1867 sobre o de 1851, que foi a mais avultada das constantes do quadro acima, importou em 3:955$392.

Não he um augmento animador, mas indica progresso ainda que lento.

A Collectoria das rendas geraes, no exercicio de 1866 a 1867 arrecadou a quantia de 7:268$417.

Obidos he a cabeça de uma nova Comarca creada em 1860 pela lei provincial n. ,comprehendendo em sua circumscripção judiciaria o seu municipio e o de Faro.

N'esta cidade tem sua residencia o Juiz de Direito da Comarca, e o Juiz Municipal que accumula as attribuições do dos Orphãos.

O Conselho dos Jurados, e a Camara Municipal reunem-se regularmente nas épochas marcadas.

O Jury tem em geral pouco a fazer por não haver muitos crimes a julgar.

Força publica.—Em Obidos ha um batalhão de Guardas Nacionaes do serviço activo e uma secção de companhia do da Reserva.

O batalhão acha-se organisado do modo seguinte :

Estado-maior,—com 1 official superior que he o Tenente-coronel commandante e 4 subalternos.

Estado menor—com 3 Officiaes inferiores.

Companhias 4, com 16 Officiaes, sendo 4 Capitães e 12 subalternos.

Agentes de ordens—48 cabos e 8 cornetas e tambores.

Guardas 1.089.

Todo o pessoal—1.185.

Todos os Guardas e Officiaes estão fardados e uniformizados. Pertencem ao Commando Superior de Santarem.

A Secção de companhia de Reserva compõe-se de

2 Tenentes.
1 Alferes.
4 Inferiores.
6 Cabos.
1 Corneta.
303 Guardas.
Ao todo 320.

A somma total do pessoal alistado no serviço activo e de reserva he pois de 1.505.

Do serviço activo achão-se actualmente destacados 72 praças que fazem a guarnição do Fórte, sendo commandados por um Capitão.

Para o serviço da guerra actual com o Paraguay, Obidos e seu municipio tem dado o seguinte contingente :

Guardas nacionaes designados. . .	57
Voluntarios.	42
Recrutas	22
Total . . .	121

Territorio.—Este municipio como todos os mais da Provincia, a excepção de alguns da Ilha de Marajó, não tem limites conhecidos e precisos, nem mesmo com os districtos visinhos.

Fóra das margens do Amazonas e da parte de alguns rios notaveis, ou da bôca de alguns lagos e igarapés, tudo mais he completamente desconhecido ; nem mesmo o regatão corajoso e atrevido tem penetrado muito longe, pois que suas excursões acabão onde começa o deserto.

He pois impossivel determinar a superficie do territorio, como o tem pretendido fazer alguns geographos sem um conhecimento mais avançado do que o que hoje temos desta, e de outras partes da Provincia.

Para não me arriscar a commetter erros que, mais do que a mesma ignorancia, podem ser prejudiciaes a aquelles que nas Escolas começão a apprender as cousas do paiz , prefiro guardar completo silencio sobre este assumpto.

Não quero introduzir notas falsas na circulação dos estudos scientificos.

Cacoal imperial.—Antes de deixar Obidos, devo fazer menção de uma propriedade que o Estado possue neste municipio.

Refiro-me ao Cacoal que existe junto a margem direita do Amazonas, muito abaixo da cidade.

Esta propriedade constante de hum extenso terreno com plantações de cacáo e com uma pequena casa coberta de palha, tem passado por diversas phazes.

Tendo ao principio pertencido a um particular, passou, não sei porque modo, a fazer parte dos bens d'uma aldêa de Indios administrada pelos Regulares da Companhia de Jesus, o que he o mesmo que dizer,— o Cacoal pertencia aos Jesuitas, que com os braços Indios delles colhião abundantes fructos.

Publicado o celebre Alvará de 7 de Junho de 1755, que tirou aos mesmos Jesuitas a administração temporal dos Indios das Aldêas Regias, e expedido o Alvará de 17 de Agosto de 1758, que creou o *Directorio* para as mesmas Aldêas, o Cacoal Real pas-

sou a fazer parte dos bens do *commum*, e, como tal, administrado pelo respectivo *Directorio*.

Tendo, porém, a Carta Regia de 12 de Maio de 1798, abolido os *Directorios* das Aldêas, o Cacoal foi encorporado aos proprios da Real Fazenda.

D'essa época até a Independencia, e ainda até o anno de 1830, deu-se ao Cacoal um administrador pago pelo Thesouro publico, devendo o administrador residir em Villa Franca, para melhor poder inspeccionar o estabelecimento, cujo producto era então vendido em hasta publica.

Em 1831 extinguiu-se a lugar de Administrador, e desde o anno seguinte começou-se a pôr em pratica o systema de arrematação dos fructos ou productos do Cacoal.

He o systema que ainda hoje se segue.

Depois de tantas vicissitudes porque tem passado o Cacoal, resta ainda dizer a ultima palavra a respeito do modo de tirar-se delle o melhor proveito possivel.

Em minha opinião essa ultima palavra he deixar-se o Estado do querer passar por competidor dos Agricultores; he vender-se o Cacoal a quem mais dér, mesmo porque o governo do Estado tem, como proprietario, dado exuberantemente provas de que he pessimo administrador.

A prova do acerto da minha opinião está no descrescimento constante do estabelecimento.

O Cacoal que dura ha mais de hum seculo, nunca foi replantado, nem melhorado; pelo contrario, tem perdido huma decima parte do que era: chegou a ter mais de 40.000 pés de Cacaoeiros e hoje não excede talvez de 4.000.

Os unicos documentos que tenho a respeito do valor das arrematações das colheitas do Cacoal são os que se referem aos dous triennios seguintes:

Triennio de Julho de 1862 a Junho de 1864: importancia da arrematação 1:100$, correspondendo a 366$666 em cada anno.

Triennio de Julho a de 1866 Junho de 1867: importancia da arrematação 1:700$000, que corresponde a 566$666 por anno.

Recordações historicas.— A cidade de Obidos teve uma origem toda militar; diria melhor, a sua existencia he devida ao facto de passar o Amazonas todo ali por hum estreito canal.

Quando em 1697 o Capitão General Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho subiu até o Rio Negro com o fim de inspeccionar e regular a administração no Sertão da Capitania, chegando a aquelle estreito achou a situação tão vantajosa para huma fortificação que immediatamente mandou ao superintendente das fortificações, Manoel da Motta e Siqueira, que, em vez do forte que este devia construir no Ituky « fosse fabrica-lo em outra paragem (diz o General em sua carta ao Rey) acima do Tapajós, no Rio das Amazonas, da parte do Norte, onde estreita de qualidade que qualquer peça alcança a outra parte, e fica pouco distante da bôca do rio das Trombetas. »

Manoel da Motta não se fez demorar nesta diligencia, e applicou toda a sua actividade na construcção do forte.

Por esta obra, como era costume, forão chamados os Indios que residião mais perto, e estes devião ser os que habitavão no lugar ou junto ao Lago que alli existe.

O nome de *Pauchys* dado a esses Indios que desde então formarão alli huma aldêa, parece huma corrupção de *Epaua-uchy* ou *Epauchy*, a palavra — *epaua*, significando *lago*.

Formada a Aldêa, á custa da Fortaleza, deu-se aos Indios *Pauchys* dous missionarios Capuchos da Ordem da Piedade, foi crescendo a povoaçao não só com os recursos da Fortaleza, mas com a addição de novas familias Indigenas que para alli se mandava.

O forte subsistiu mais de um seculo.

Delle porém já não existia senão o lugar, quando em 1854 se tratou de construir outro que he o actual.

Em 1758, a Aldêa dos Pauchys, quando menos esperava, foi elevada á cathegoria de Villa, com o nome de *Obidos*, pelo Capitão General Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que foi em pessôa instala-la com a solemnidade possivel.

Pouco tempo depois, sabendo que a Villa não apresentava indicios de progresso por falta de população, mandou transportar para ella todos os Indios *Barés* que se achavão aldeados e estabelecidos junto á bôca do Curuá do Norte, onde tinhão formado, sob a direcção dos seus dous Missionarios Capuchos, uma povoação que o mesmo Governador naquelle anno havia condecorado com o titulo do Lugar sob a denominação de *Arcozello*.

O titulo de cidade lhe foi dado em 1854 pela lei provincial n. 252.

Extincta colonia militar. — Dispostos com grande demora e difficuldades os arranjos de viagem para Faro e resolvido a visitar de caminho as principaes fazendas de creação, preparei-me para chegar áquella Villa passando pelo Trombetas, subindo pelo Jamundá, e parti de Obidos para a Colonia Militar, hoje extincta, que fica junto á boca septentrional do Trombetas.

Esta Colonia que parece ter sido creada sem os conselhos da experiencia, mal organisada e mal administrada, teve ainda para apressar a sua ruina, de experimentar desde logo a violação do unico artigo de seu regulamento que podia amparar sua existencia, áquelle que garantia ao soldado a proprie-

dade do terreno por elle cultivado e dos fructos que tirasse desse trabalho.

Em Obidos, como no Araguary, alguns soldados, logo que chegárão á Colonia, cuidarão de cultivar seu lote de terras; mas quando dous delles estavão em vespera de colher os fructos que plantaram, uma simples ordem os rendeu chamando-os á Capital.

Não foi preciso mais um exemplo para que os Soldados, vendo destruida a esperança de se fazerem proprietarios, se guardassem de formar novas plantações.

O desanimo foi geral, e, desde que este golpe foi desfechado, a Colonia não tinha outro elemento de existencia e permanencia se não sacrificando o Governo avultadas sommas com o seu pessoal e com os viveres, porque ellas o não produzião.

Effectivamente foi o que aconteceu.

A Colonia viveu emquanto o Governo a sustentou, dando-lhe tudo que era preciso á vida, posto que ella nem um serviço prestava.

As casas começarão á cahir em ruinas.

De 255 Colonos mandados vir pela Companhia do Amazonas e que para alli forão mandados em 1854, não restava um ao menos em 1863.

Em 1864, o Presidente deu-a por extincta, porque para isso tambem só faltava a declaração official.

Em um Relatorio, que apresentei ao Governo, mencionei que das casas da Colonia só rostava uma em pé, a Capella não concluida e o territorio.

Repito ainda aqui he necessario aproveitar-se esse pouco que resta, vendendo-se em hasta publica a quem mais der, por qualquer somma que seja, para se não perder de todo os 114:000$ que o Estado despendeu com essa inutil Colonia.

No estado em que se acha este estabelecimento, tudo que vier da venda dos bens restantes he lucro, e toda a demora, escrupulo ou formalidade de Repartição Publica, he prejuizo certo infallivel para o Estado.

A extensão do territorio da extincta Colonia he de cerca de 2 leguas de frente.

He limitado ao S. pelo Amazonas e Trombetas (passando a linha pelo Paranâmirim deste rio), a E. pelo lago Surubú, ao N. pelo Igarapé Cassambá comprehendendo o lago Curumú, e a O. pelo lago Kirikiry.

As terras são boas para cultura e contêm bôas pastagens, e penso que os bellos valles da serra Curumú hão de, cedo ou tarde, ser preferidos ás varzeas para a cultura do cacáo, café e mesmo da canna de assucar.

Ha no territorio da Colonia, como em todo o Municipio, mormente nas margens do Trombetas, madeiras as mais valiosas e estimadas para a toda sorté de obras, mas que não tem sido aproveitadas pelo Commercio porque uma Lei os prohibe!

Viagem a faro.—Partindo da Colonia, 5 minutos depois entrei no Trombetas pelo seu pequeno braço que tem o nome de Maria Thereza, sahi no *Rio Grande*, como dizem os Praticos, passei a fóz do Cuxuiry que he hum Paranâmirim do Amazonas, e mais acima deixei o Trombetas e entrei pelo rio Jamundá, seu affluente, que aqui chega com o nome mesquinho de Igarapé Sapucuá.

Jamundá acima até a bôca do lago Sapucuá a O.

Huma visita a este lago até suas cabeiras para admirar sua largura de 1 a 3 milhas e sua grande extensão de 15 a 18 milhas; para admirar sobre tudo o contraste de suas margens: campinas nivelas ao S.; terras altas, ao N., povoadas de sitios, aqui e ali, por entre cafezeiros, algodoeiros, laranjaes e mangueiras.

Atraz de tudo isso a serra Cunury que tem mais celebridade na fabula das Amazonas do que altura e importancia orographica.

Fazendas de gado de um lado, mas muito longe (3.000 cabeças); numerosos sitios de cultura do outro lado, mas em ponto pequeno.

Regresso ao Jamundá.

Jamundá acima; rio estreito (120 a 130 metros).

Correnteza de 1 1/2 a 2 milhas.

Agua cór da do Amazonas porque de lá vem bôa parte.

Sinuosidades e fitas do matô de um lado e de outro; lagos pequenos atraz do mato, acompanhando a margem.

Ao N. Igarapé Mari-apixy para o lago assim chamado, e para o Piraruacá, ambos rodeados de fazendas de gado.

Cacoaes á margem do rio.

Ao O. Furo da Paciencia que vem daquelle lago.

Ponto do Repartimento.

Aqui está, não o repartimento das aguas, como se devia deduzir do nome do lugar; mas sim a juncção das do Paranamirim do Amazonas que entra de E. com as do Jamundá que vem do S.

Jamundá, limpo, transparente e semi-ceruleo.

Paranâmirim, amarellado, lodoso e opaco.

Este, estreito (50 metros) pigmeu, arrebatado e violento, obriga aquelle outro, largo (300 metros), calmo, magestoso indolente e fraco, a desistir de entrar no Amazonas e arrasta-o para Trombetas.

Continua-se Jamundá acima; planicie sem fim, lagos por toda a parte (no inverno sómente) e sempre a fita de mato. Todo inundado.

Furos, e mais lagos, alguns destes muito extensos.

Fazendas de gado.

Emfim, terra firme e pedregosa; signal que Faro está perto.

Paranámirim a esquerda; he um emissariosinho do Amazonas que bem o denuncia a côr de suas aguas lodosas:

Defronte, ponta do continente. Adiante dous canaes largos, a esquerda e a direita.

Ilha grande e rochosa no meio; outra menor adiante.

Ahi está o *Lago Grande* de Faro. Terras altas ao N. e os montes que ao longe guardão o lago a O.

Duas milhas mais, a travez do lago, tem-se chegado a Faro.

DE FARO A' MARACA'-UASSU'.

Summario.—Villa de Faro, situação, aspecto. Clima e salubridade, seu estado actual e industria dos moradores do Municipio.—Producto de transferencia da Villa e navegação a vapor.—Recordações historicas. —Regresso; travessia do Amazonas; extincta freguezia de Juruty.

Na extremidade occidental de hum bello lago com 3 milhas de extensão e 2 de largura, rodeado de terras altas e pedregosas, excepto do lado do Sul; ahi onde o Jamundá, deixando os pequenos montes que bordão suas margens, desemboca n'uma vasta planicie inundada cada anno pela superabundancia das aguas do Amazonas, está situada a villa de S. João Baptista de *Faro* á margem esquerda daquelle rio sobre huma larga ponta que desce do Norte com inclinação commoda até a beira d'agua, onde termina em praia de arêa alva.

As duas linhas de montes que acompanhão o rio e que defronte e ao S. do lago se abaixão até confundirem-se com a planicie, o extenso lago com suas aguas aniladas; o contraste da planicie que ali perto começa com a serra fronteira á villa, e a entrada larga e magestosa do Jamundá dão á localidade um aspecto naturalmente aprasivel e, d'algum modo, grandioso.

O clima he muito calido, mas os ventos geraes modificão muito a intensidade do calor.

As noites são ordinariamente frescas.

Segundo estou informado não reinão na Villa molestias epidemicas a excepção das febres intermittentes que são *geraes* na Provincia.

Os habitantes, não obstante a má escolha de alimentação de que fazem uzo, são ordinariamente sadios.

A Villa compõe-se de uma praça, duas ruas, trez travessas, comprehendendo em seu perimetro uma igreja que he a Matriz, a casa da Camara e cadêa, 16 casas habitadas inclusive as 6 de commercio, e 34 que podem ser habitaveis, mas que pela maior parte não tem portas.

O numero total dos moradores he de 78.

A Villa teve outr'ora grande numero de casas que forão desabando, umas apóz outras, restando hoje sómente as que enumerei, ao passo que ninguem ha que edifique ou reedifique.

Tudo, portanto em Faro indica desanimo, desolação e decadencia patente.

Assim, apezar de achar-se collocada n'uma situação das mais agradaveis da Provinciá, presumo que a Villa difficilmente poderá reassumir sua tal ou qual prosperidade que fruira na época em que *abundavão Indios*, os quaes, obrigados pelos Missionarios e membros do Directorio, entregavão-se á agricultura e outras industrias uteis.

A Matriz, bem que velha e mal construida, vai sendo conservada, graças aos cuidados e zelo religioso de 4 ou 5 moradores e do seu velho e bom Parocho que faz tudo que lhe he possivel para ter sempre em maior decencia e aceio a sua igreja; ella porem não resistirá muito a ruina que a ameaça, devida a fraqueza de sua construcção e á acção do tempo.

A Cadeia não tem segurança nem aceio.

A casa da Camara que he adjuncta á Cadeia mal tem commodos para as sessões que são raras, e para a secretaria.

O seu archivo he pobre, mas nelle achei o precioso registro e acta da inauguração da Villa.

A Camara não tem rendas para preparar a casa de suas sessões.

Convem que o governo da Provincia preste-lhe os auxilios precisos para esse fim, assim como para reparos da igreja Matriz.

Na praça que tem o nome de S. João Baptista existe ainda o primeiro e unico monumento do tempo da installação da Villa; he o Pelourinho, pequena columna de itaúba que me affirmarão ser a mesma alli levantada em 27 de Dezembro de 1768.

Instrucção publica.— He escusado dizer que em Faro não ha outro genero de instrucção sinão o de primeiras letras, pois que o não tem outras localidades importantes, como Obidos, Santarem e Monte-Alegre.

A escola do ensino primario foi frequentada em 1867 por 41 alumnos, e actualmente o he por 50.

Industria.— Na Villa não ha industria alguma por falta de população; a que houve no seculo passado era a de fiação e tecidos de algodão, e uma olaria.

Nada disto hoje existe.

Fallarei portanto sómente do municipio.

A principal occupação do povo he a pesca do peixe-boi e pirarucú nos lagos, na epoca da vazante.

43

O pirarucú vale em primeira mão 4 a 5$000 por arroba e sua exportação regula 3 a 6.000 arrobas.

Estas differenças de valor ou quantidade dependem da maior ou menor abundancia de peixe, ou o que significa o mesmo, do maior ou menor crescimento do Amazonas. —*Grande enchente, verão abundante*,— tal he o adagio dos pescadores.

A exportação d'este producto no anno passado (1867) foi de 3.354 1/2 arrobas.

Cacáo não he cultivado como genero de commercio senão a beira do Amazonas, do Paranámirim do Bom Jardim, e em alguns pontos do Jamundá, a partir do Repartimento para baixo.

Em muitos sitios de terra firme vê-se tambem plantações, mas sem applicação ao commercio, ou fornecendo mui poucas arrobas.

Em 1867 a sua exportação foi de 1.372 arrobas.

Cumpre porém notar que a exportação d'este genero, como de muitos outros, confundem-se nas resenhas officiaes com a de Obidos.

Algodão foi outr'ora o genero mais cultivado e mais em voga ; os habitantes cuidavão da sua plantação com esmero ; a producção era a mais satisfactoria ; as Indias empregavão-se quasi todas na sua fiação e em tecer redes e pannos grossos.

Vendia-se assim o algodão em obra e em bruto, de modo que constituia ao mesmo tempo uma occupação util e um excellente recurso industrial do lugar.

Mas os Indios desapparecerão, e não ha hoje plantação de algodão em parte alguma, a não se considerar como tal alguns pés que vegetão n'um, ou n'outro sitio, mas como prova da propriedade maravilhosa do terreno para este artigo, do que como indicio de que a sua cultura he ainda estimada no paiz.

He tão sensivel essa differença do tempo passado para o presente, que hoje quem precisa de fios de algodão para uma rede, manda compra-los em Obidos, ou no Pará, porque ha aqui abundancia delles, *vindos dos Estados-Unidos* !

Cultiva-se algum *tabaco* que seria da melhor qualidade se no processo imperfeito de sua preparação não perdesse metade de sua estima. A quantidade produzida mal chega para o gasto dos moradores.

Café—vem optimamente, mas he só cultivado nos sitios para consummo de seus donos.

Arroz, milho e feijão não apparecem senão como amostras.

Carás, batatas, inhames, generos alimenticios tão nutritivos, como sadios e agradaveis são completamente desconhecidos na cultura do municipio.

Mandioca he cultivada em toda a parte, porque a *farinha* denominada *d'agua* he com o peixe a base da alimentação do povo.

Em todas as campinas alagadas vi extensos arrozaes selvagens, que não são aproveitados.

Informarão-me que a causa disto he o incommodo proveniente da colheita d'este cereal, porque tem a casca coberta de escamas aciculadas que a cada momento penetrão na pelle de quem vai apanhar ou preparar.

Em outros termos quer isto dizer : Em quanto houver peixe e farinha o povo não se alimentará d'outra cousa.

A respeito da *creação do gado*, o municipio de Faro está mais ou menos, nas mesmas condições do de Obidos. Grandes e uberrimas pastagens que no inverno se alagão, e grande numero de creadores ;mas nem hum grande creador.

A industria de creação he muito estimada no municipio, mas a formidavel inundação de 1859 que destruio a maior parte do gado, causando prejuizos consideraveis aos fazendeiros, trouxe-lhes tal desanimo que desde então se tem notado sensivel vacillação na marcha e progresso de tão bella industria.

Ella, todavia, tende a reanimar-se em vista da perseverança com que alguns fazendeiros intelligentes tem continuado a dar incremento e vigor a seus estabelecimentos ruraes.

Devo ao Sr. Tenente-coronel Meirelles, agente da Companhia do Amazonas em Obidos, huma relação nominal dos fazendeiros dos dous municipios de Obidos e Faro contendo o numero de cabeças de gado vaccum que cada hum possue.

Segundo esta estatistica que em geral está de accodo com as resenhas que colhi nos lugares por onde transitei, o municipio de Faro conta 16.830 cabeças de gado vaccum, incluindo-se n'este numero a producção, e 34 fazendeiros de creação, não se contando os que como taes se intitulão, e que tem menos de 100 cabeças de gado ou mesmo sómente 20.

Das 34 Fazendas nenhuma tem mais de 1.500 cabeças, e ha quatro que possuem mais de 1,200.

O districto de Faro exporta raros bois em pé. A exportação se faz em carne salgada, regulando annualmente 5.000 arrobas.

Não consta qual a exportação de 1867.

Com este producto exporta-se tambem couros seccos, salgados e verdes, cujo numero em 1867 foi de 293.

De sebo forão exportadas apenas 5 arrobas.

Por causa da difficuldade da exportação em pé, o gado tem no districto de Faro um preço relativamente baixo. Cada boi que no Pará valeria 60$, vende-se nas fazendas de Faro por 25$ e raras vezes 30$.

De Santarem, de Obidos e sobretudo de

Cametá affluem ao districto de Faro annualmente, pelo verão, numerosos negociantes ou especuladores que alli vão á salga e a compra, uns de carne secca, e de peixe salgado, outros de falcas de itaúba, regressando com seus barcos carregados, certos de que farão hum bom negocio, e realmente o fazem.

Nas fazendas cria-se tambem cavallos. Vi no retiro da fazenda *Paraizo*, propriedado do Sr. Dr. Marcos, Juiz de Direito de Obidos, alguns animaes desta especie que parecerão-me de bello porte e figura, iguaes aos de Obidos.

A quantidade produzida não he sufficiente senão para o costeio das fazendas.

Além dos productos mencionados, Faro exporta outros cujo valor e quantidade não figurão ordinariamente como seus, por serem embarcados em portos de outros municipios; taes são, entre os principaes, os seguintes:

Castanhas, de que uma boa parte procede do Trombetas. A exportação deste artigo em 1867 foi de 1.192 alqueires.

Oleo de cupahyba, procedente do Jamundá, e principalmente do Pratucú. No mesmo anno exportarão-se 1.320 libras.

Cumarú. A exportação foi quasi imperceptivel; sómente 32 libras. A producção dos fructos he sujeita a variações periodicas, havendo abundancia de trez em trez annos, em cujo decurso chega as vezes a faltar totalmente.

O municipio tem em abundancia hum producto capaz de enriquecel-o: *fallo das madeiras*, tão preciosas como diversas em qualidades, usos, consistencia e valor, para todo o genero de obras, desde a mais delicada peça de mosaico e de talha, até os pesados esteios, vigas e quilhas de embarcações.

Estas madeiras estão para Faro e para o paiz em geral, no mesmo caso do thezouro do avarento, que o não aproveita nem deixa os outros aproveital-o. Indico aqui algumas madeiras segundo huma relação que obtive no lugar.

A itaúba, tão estimada na navegação, fórma as vezes colonias no meio da floresta, facto mui raro na Provincia.

Guariúba, madeira vermelha, propria para mobilias e construções navaes.

Jubutipé, madeira marchetada ou pintada, propria para moveis delicados.

Cupahyba vermelha, para canôas e moveis.

Mata-matá, notavel por sua compacidade, solidez e incorrupção na agua ou em terrenos alagadiços.

Angelim, piquiá, páo d'arco, rosa e violeta, bacury, sapopira, humiry, macacaúba das varzeas.

A itauba não he convenientemente aproveitada por aquelles que costumão fabricar falcas, por que em vez de empregarem para isso a serra, só fazem uso do machado; do que resulta que, de um tronco, que daria boas doze falcas, apenas tirão duas.

Estragão assim a madeira, e a desperdição de hum modo que os selvagens não farião mais grosseiramente.

Cada par de falcas de trinta palmos he vendido em Faro por 3 até 4$, e em Obidos por 6 até 8$.

Transferencia da villa.— Alguns dos principaes fazendeiros, observando a decadencia progressiva da Villa, solicitarão e obtiverão da Assembléa Provincial em 1859 a lei n. 491 transferindo a sede da mesma Villa para a margem septentrional do Lago *Algodoal*.

Esta localidade tem a vantagem de achar-se quasi no centro do Municipio e nas proximidades das principaes fazendas de creação e sitios de cultura; se todavia attender-se a que o lago, talvez por causa da sua consideravel expansão, não he accessivel durante o inverno, mesmo á Embarcações que navegão no Jamundá, e, durante o verão, ás pequenas canôas, porque, nesta ultima estação, fica reduzido só quasi a pequenos poços, reconhecer-se-ha que a localidade, para onde a lei manda transferir a Villa, não melhora as condições desta, nem o commercio do Municipio.

He talvez por haverem conhecido isso que os promotores da transferencia não continuarão em seus esforços, e conservarão-se em silencio, com grande satisfação dos habitantes da Villa.

Navegação a vapor.—Em Faro, e principalmente nas fazendas e sitios, está a população toda desejosa de vêr um vapor navegando effectivamente nas aguas do Jamundá.

He huma pretenção muito justa a que convém attender-se com brevidade, afim de salvar-se do abandono em que vai cahindo aquella importante porção da Provincia.

Qualquer que seja a somma destinada a este fim, nunca será menos productiva do que outras que para serviços identicos se tem decretado.

Rendas publicas.—Na Villa não ha agencia de *Correio*. Quem quer remetter para ali huma carta ou jornaes, ou quem d'ali quer escrever para qualquer parte da Provincia, manda um expresso em montaria, quando não ha outra occasião de communicação.

O Governo e as Autoridades, quando tem de mandar para ali officios, ou quando querem que sua correspondencia chegue á Villa, pedem *por favor* a qualquer particular para conduzil-a.

Daqui resulta que muitas vezes a correspondencia ou he aberta e não chega a seu

destino, ou, quando he respeitada, lá chega com a demora de um mez e as vezes de um anno! Penso que anomalias iguaes não ha em outro paiz civilisado.

A *Collectoria Provincial* não tem tido augmento algum nas rendas. Para se conhecer isto, basta indicar as dos trez seguintes annos financeiros, unicos aliás de que pude obter resenhas, mas que são sufficientes para comparação.

Eil-os:

1857 a 1848.	538$666
1853	293$000
1867	529$400

Ao passo que em todas as outras villas e cidades as rendas hão tido augmento, ainda que lento, em Faro, em 20 annos, decahem; 538$666 em 1846 e 529$400 em 1867.

A Collectoria das *rendas geraes* não sei quanto arrecadou no exercicio de 1866 a 1867, e ainda menos no de 1867 a 1868, porque não consegui obter esclarecimentos alguns a este respeito.

Das *Rendas Municipaes* tambem não tenho noticias.

O Municipio não tem fôro civil; faz como de Obidos um só termo judiciario.

Até pouco tempo comprehendeu duas freguezias e districtos; a da Villa e a de Juruty. Esta ultima pertence ao Municipio de Obidos.

A sua *Guarda Nacional* forma uma secção de batalhão de infanteria, commandada por um Major, e uma secção de Companhia de reserva.

He toda subordinada ao commando superior da Comarca de Santarem.

A secção de batalhão tem o seu Estado-Maior, composto de 1 Major Commandante, e o estado menor de 3 Officiaes inferiores.

He dividido em trez Companhias, tendo cada uma.

1 Capitão.
1 Tenente.
1 Alferes.

Todas, reunidas, tem

9 Inferiores.
36 Cabos.
4 Cornetas.
484 Guardas.

O pessoal todo he de 546 officiaes e guardas.

A secção da reserva compõe-se de

1 Tenente.
1 Alferes.
4 Inferiores.
6 Cabos.
113 Praças.

Todo o pessoal—125.

Total do activo e da reserva 671 praças e officiaes.

Toda a Guarda Nacional está fardada, inclusive a reserva, segundo dizem os mappas.

Recordações historicas.—Faro, segundo as tradições e noticias que obtive de varios habitantes, teve sua origem em huma Aldêa dos Indios *Uabóys*, estabelecida abaixo da confluencia do Jamundá com o Pratucú, d'onde mais tarde, quando ali apparecerão os Revs. padres Capuchos da Piedade, foi, a conselhos destes dignos Missionarios, transferida para o lugar actual, junto do lago.

Ainda hoje os Praticos mostrão o lugar onde existiu a velha Aldêa dos *Uabóys* ou *Jamundás*, nome com que geralmente se designa os Indios que existião naquella região.

Aldêa dos *Jamundás*, *Nhamundás* ou *Nhiamundás*, segundo a orthographia de varios escriptores, foi a denominação que lhe derão os seus Missionarios, os Padres da Piedade.

Em 1758 o Governador e capitão general Francisco Xavier de Mendonça Furtado elevou aquella Aldêa á dignidade de Villa, dando-lhe o nome de *Faro*.

A sua installação, porém, só teve lugar 10 annos depois.

Esta solemnidade se fez no dia 21 de Dezembro de 1768. Estando presentes o Ouvidor Feijó, o Vigario, e outras pessôas, procedeu-se a pelouros para a eleição dos Juizes e Procuradores da Camara, que devião servir no 1º triennio de 1769 a 1771.

No dia 27, depois de levantado na praça o Pelourinho e de dar-se trez *Vivas a El-Rey Nosso Senhor*, que Deus Guarde (diz o auto da installação), abrirão-se os pelouros, e os que sahirão eleitos, tomarão logo posse do cargo da Republica.

Nas Posturas que forão promulgadas nesse mesmo dia, achão-se as seguintes disposições, que revelão o empenho com que, sob a administração daquelle General, se promovia os interesses da Republica.

« Ninguem (dizião as Posturas) fará casas senão segundo o risco deixado pelo Intendente Geral Luiz Gomes de Faria e Souza, tendo cada casa fundos para quintaes, em que são obrigados a plantar pacoveiras, mamoeiros, larangeiras, limoeiros e mais fructas para abundancia dos moradores.

« As casas serão cobertas de telhas, feitas na olaria da Villa. »

Isto se observava á risca, e quem o não observava, ia para a cadêa, ou perdia a obra começada, conforme o caso pedia.

Depois, a relaxação metteu-se de permeio, e com ella veiu a perda da Villa, que he quasi huma tapéra.

Rio Jamundá.— Tendo de tratar deste rio na segunda parte, limito-me a dizer aqui sómente o seguinte:

O Jamundá, confluindo com o Pratucú, corre para E., fórma depois huma larga curva, entra no lago de Faro, donde sahe

já estreito dirigindo-se geralmente a E. N. E.

Depois deixar varios lagos a sua margem, inclusive o ultimo que he o Acarakiçaua, volta-se para o Norte, e logo ahi, no ponto chamado *Repartimento*, encontra o Paranámirim, que vem do Amazonas, e com elle vai perder-se no Trombetas, seguindo a N E.

He deste *Repartimento*, cuja significação contraria ao nome já ficou determinada, que se deixa o Jamundá quando se quer ir ao Amazonas.

He necessario então ter os remeiros descançados ou bem dispostos, afim de poderem vencer a impetuosa correnteza do Paranámirim, a qual, todavia, em pleno verão, não oppõe muita resistencia a embarcação.

Descendo de Faro até o *Repartimento*, e, desejando examinar o ponto do Amazonas, onde as cartas mais conceituadas, como a recente da Commissão de Limites, collocão, sem razão, a fóz do Jamundá, deixei este rio, e entrando no Paranámirim, lutei muitas horas contra a correnteza até chegar ao Amazonas.

Depois de reconhecer este ponto e suas immediações, atravessei o Amazonas no rumo S. E., e alcancei a entrada do Paranámirim que vai formar o do *Balaio*.

Neste ultimo he que se acha a bôca do rio Juruty.

DE ALEMQUÉR A SANTAREM.

Summario.—Villa de Alemquér; sua situação, estado actual; producção, industria, commercio.—Recordações historicas:—Lagos e rio Curuá.—Recordações de Arcozello.—Descida a Santarem.

Alemquér está situada á margem oriental de huma pequena enseada, formada junto á fóz do Igarapé *Itacarará*, que alli entra do Norte no Paranámirim, chamado tambem Rio de Alemquér.

O seu aspecto não offerece cousa notavel.

O clima he sadio, posto que o calor seja muito intenso em certas horas do dia durante os primeiros mezes do verão.

Uma fileira de casas caiadas, cobertas de telha e bem conservadas, quasi todas ao rez do chão, prolongando-se quasi de S. a N; duas ruas paralellas, cortadas por curtas travessas em angulos rectos; a Igreja Matriz no meio de uma Praça; o Cemiterio Publico; eis ahi a *Villa de Alemquér*.

He ella uma das mais bem conservadas, e, posso dize-lo, a *segunda villa* da Provincia.

Ella consta de cerca de 100 casas, entre as quaes ha 5 de Commercio, onde se vende generos nacionaes e estrangeiros, de toda a sorte.

Tem tambem um açougue e uma padaria.

Fóra da Villa ha mais 6 casas de negocio.

Como succede em todas Cidades e Villas da Provincia, excepto em Santarem, a Casa da Camara he uma propriedade particular.

Tem a Villa uma boa Matriz, da invocação de Santo Antonio, fortemente construida de pedra, mas ainda não concluida por falta de recursos pecuniarios.

Seria conveniente que os Cofres Provinciaes auxiliassem a sua conclusão com a somma de 8 a 10 contos de réis, porque o povo, que a construiu a sua custa até o ponto em que ella se acha, não póde supportar mais essa despeza.

O Cemiterio he bem construido e acha-se em bom estado, dando testemunho da piedade dos habitantes da Villa.

Instrucção primaria.— As duas escolas de ensino elementar tiverão em 1867 a seguinte frequencia.

A do sexo masculino . 84 alumnos.
A do sexo feminino. . 18 alumnas.

No 1º trimestre do corrente anno a 1ª tem sido frequentada por 44 meninos e a 2ª por 17 meninas.

Rendas publicas.—Nos annos abaixo declarados tem a Collectoria do Municipio arrecadado as rendas provinciaes seguintes:

Exercicios	Quantias
1848 a 1849	575$408
1851	491$360
1852	509$470
1853	664$729
1867	3:422$468

Como se vê d'estes algarismos, as rendas em Alemquér estiverão estacionarias de 1848 até 1853, provavelmente por culpa dos encarregados da arrecadação; he pelo menos o que se póde inferir da comparação das rendas d'aquelles annos com as de 1867.

Não tenho conhecimento das *rendas municipaes*; o mesmo succede quanto as *rendas geraes*, das quaes não pude alcançar esclarecimento algum.

Não ha Agencia de Correios em Alemquér; esta Villa, está quanto a isto, no mesmo caso de Faro: o governo e as autoridades dependem do favor de particulares para fazerem alli chegar sua correspondencia.

O Municipio—limita-se com o de Obidos a O., de Mont'Alegre a E., de Santarem ao S. e com a Guayana Franceza ao N ignorando-se completamente a extensão do seu territorio por este ultimo lado.

Consta de terrenos baixos ou campinas de excellentes pastagens, de varzeas arvorejadas onde ha numerozos cacáoaes cultivados, e de terras altas que pertencem ex-

clusivamente ao lado do Norte, nas quaes se encontrão abundantes castanhaes.

O seu unico rio notavel, depois do Amazonas, he o *Curuá* do Norte, a que alguns chamão Curuá — *panema*, ou Curuá—*manema*.

He extenso, mas estreito, reduzindo-se ás vezes á poços, durante o verão; corre para S. O. até tocar ao pequeno povoado do seu nome, já ao pé da entrada das campinas, passa pelo Lago tambem do seu nome, communica-se com o Itacarará, depois perde-se no Paranámirim de Alemquér, acima da Villa.

As terras, na parte media do seu curso, são de notavel fertilidade, mas *mui doentias*, como são em geral todas as que se destinguem por aquella qualidade.

He mormente no principio do inverno que as febres intermitentes se pronuncião fortemente, degenerando, as mais das vezes em perniciosas, com cujo caracter faz grande estrago nos collectores de castanhas e drogas que abundão nas florestas.

O appellido que lhe dão de *Curuá manema* ou *panema*, palavra que indica em lingua indigena hum estado morbido, prostação, infelicidade, he justificado pela insalubridade de suas aguas, ou antes, das suas florestas miasmaticas e sombrias.

O igarapé *Itacarará*, a que já alludi, procede das terras altas, com quantidade mui diminuta d'agua; espalhando-se pelas campinas e reunindo-se depois com o furo *Jaburú*, braço do Curuá, banha a villa de Alemquér, e ahi perde-se no Paranámirim deste nome.

Os *Lagos* são: *Curuá* nas campinas, perto da margem esquerda do Amazonas.

Bôtos ao O do antecedente com o qual se confunde.

Macurá, ao N do dos Bôtos, já quasi junto ás terras altas e na foz do furo Mamaurú.

Tostão entre o Paranámirim de Obidos ao S., lagos Curuá e Bôtos ao N. e furo Mamaurú ao N O.

He o mais extenso de todos os Lagos do municipio; trez quartas partes delle pertencem ao districto de Obidos.

Fica totalmente secco no verão; no inverno communica-se com o Amazonas pelos furos da Arraia, do Cardozo e do Suisso.

Os lagos *Urucy*, *Curumú* e *Capintuba* ficão junto á margem esquerda do Paranámirim, abaixo da Villa.

O ultimo serve de limite entre o territorio de Alemquer e Santarem.

Não ha Lago algum com o nome de Surubijú, que tem sido creado por varios escriptores.

As *ilhas* principaes do municipio estão no Amazonas e são as seguintes:

Arapiry entre os ramos N. e central do Amazonas; he a mais occidental.

Juruparypucú a E. da antecedente e ao S. da do Surubijú.

Surubijú entre o Amazonas ao S. e o Paranámirim que a separa do continente.

O municipio de Alemquér não tem fôro civil; está reunido ao termo judiciario de Santarem.

A freguezia da Villa dá 5 eleitores que votão no collegio eleitoral de Santarem.

Alemquér entretem um commercio activo com a cidade cujo nome acabamos de mencionar, recebendo della generos estrangeiros e nacionaes e remettendo-lhe os productos do seu municipio.

No anno de 1861, segundo informações da Camara Municipal, a exportação de Alemquér constou do seguinte:

Cacáo	10:000	arrobas
Café	50	»
Fumo	50	»
Peixe	1000	»
Farinha de mandioca .	500	alqueires
Castanhas da terra . .	4000	»
Ditas de sapucaia . .	1300	»

Em 1864 a exportação regulou como se segue:

Cacáo	20:000	arrobas
Café	150	»
Fumo	40	»
Peixe	4000	»
Castanhas.	10:000	alqueires
Farinha de mandioca .	2000	»
Milho	200	»
Feijão.	30	»

Nesse mesmo anno havia alli 2 olarias pequenas, 1 engenhoca de moer canna que ainda existe, havendo outras iguaes.

O motor empregado he o cavallo.

Nella se fabricão algumas pipas de aguardente e alguns potes de mel, cujo numero não excede de 300.

Disto não ha exportação.

No anno findo (1867) a exportação constou do seguinte:

Cacáo	11:961	arrobas
Pirarucú	4069	»
Sebo	12	»
Castanhas da terra . .	2590	alqueires
Ditas de sapucaia. . .	18	»
Couros de boi. . . .	196	
Ditos de veado . . .	181	
Cumarú	13	libras.

Estes algarismos differem muito, quanto ao cacáo e castanha principalmente, da exportação de 1864, differença que sem duvida deve provir de se não ter classificado como procedente de Alemquér grande quantidade de generos que vão á cidade de Santarem, onde são embarcados conjunctamente com os desta cidade, sem distincção de procedencia.

Producções.—Do que deixei mencionado

se vê quaes os productos do Municipio; basta pois dizer mais duas palavras.

No *reino mineral* não se tem descoberto producto algum de merecimento no commercio, porque todas as excursões e operações da população ficão sempre circumscriptas as varzeas e campinas, onde taes productos se não póde encontrar; he provavel, porém, que existão nas altas regiões entre as terras brasileiras e as da Colonia Franceza.

Nas campinas ha muitas fazendas de gado bovino, mas todas com mui limitado numero de cabeças; he o que tambem se observa nos campos altos.

As terras altas do Curuá são abundantes de castanheiras, cupahibeiras, sapucaeiras, e mui provavelmente não faltará a salsa.

As varzeas, sobretudo as das ilhas, são notaveis por sua propriedade para a producção do cacáo.

A cultura deste genero he a principal industria dos moradores que a effectuão em escala relativamente maior do que em outros Municipios.

Elles são activos e diligentes, mas, como em toda a Provincia, afferrados á rotina, não procurão estudar os meios de melhorarem as plantações para colherem fructos mais abundantes.

A Villa de Alemquér não he ainda um porto visitado por vapores, e por esta razão os valiosos productos do seu Municipio não são bem conhecidos no commercio, confundindo-se no Pará com os de Santarem, para onde são remettidos em canôas.

Parece-me que seria de grande utilidade que o governo da Provincia désse execução quanto antes a Lei (pois he para isso que foi decretada) que o autorisa a contratar a navegação á vapor para aquella Villa, ou ao menos para um ponto proximo della, sendo n'este caso preferivel a confluencia do Paranâmirim de Alemquér com o rio Curuá, ponto importante que serve de centro entre ás villas e os lugares mais abundantes de cacáo, o rio Curuá, d'onde descem barcos carregados de castanhas, os lagos proximos onde abunda o peixe, e emfim as fazendas de gado, d'onde pode vir a carne de charque.

Guarda Nacional — No municipio ha hum batalhão do Guardas Nacionaes que he o 28º da Provincia, e cuja organisação he a seguinte;

1 Tenente-coronel commandante.
4 Officiaes do Estado-maior.
2 Do Estado-menor.
3 Companhias com:
3 Capitães.
6 Subalternos.
16 Inferiores.
30 Cabos, cornetas, etc.
272 Praças.
Ao todo 333.

Presentemente o corpo não tem Tenente-Coronel, nem Major, nem Ajudante.

Ha tambem uma Secção de companhia de reserva com dous subalternos, 6 inferiores, 6 cabos e 95 praças.

Ao todo 110.

Total da força activa e de reserva 443 praças e officiaes.

Do batalhão estão destacados 8 praças na villa, a disposição da autoridade policial.

Para o serviço da guerra, de Alemquér tem concorrido com o seguinte contingente:

Guardas nacionaes designados .	59
Ditos voluntarios	18
Ditos recrutados	7
Recrutas paizanos.	13
Total.	—
	96

Recordações historicas.—Os habitantes guardão a tradição de que a sua Villa não teve sempre assento no lugar que hoje occupa, mas sim muito acima, ao pé da boca do *Curuá-panema*, e apontão o pequeno povoado d'este nome como sendo o seu berço.

Os escriptores que tem tratado da geographia e historia da Provincia fallão sempre de hum lago *Surubiú* que os habitantes não conhecem.

Este desacordo he devido, segundo penso a uma simples confusão de nomes: o pretendido *Surubiu* dos geographos não he mais do que o mesmo lago *Curuá*.

Alemquér tinha com effeito originariamente o nome de *Aldêa de Surubiú* ou *Surubijú*, nome que pertence a uma ilha, e que o povo dá ainda a secção do ramo septentrional do Amazonas no curto espaço por elle percorrido entre a ponta oriental da ilha Arapiry e a occidental da do Juruparypucú.

Se a tradição dos habitantes he exacta a *Aldêa Surubiú* era a mesma dos *Barés*, na fóz do Curuá, rio que provavelmente não teve esta denominação senão muito mais tarde.

A Aldêa pertencia a administração dos reverendos Capuchos da Piedade, distinctos missionarios que, como os Carmelitas e Franciscanos, contrastavão com os Jesuitas, que deixarão com seus ultimos actos no Pará e Amazonas uma fama deploravel.

Não pude certificar-me da data em que a Aldêa foi transferida para a margem do Paranâmirim; deve porém têl-o sido muito antes de 1758, por isso que n'este anno foi ella, já no lugar em que se acha, elevada a cathegoria de Villa com o appellido de *Alemquér*.

Esta cathegoria foi-lhe cassada em 1832, mas esta injustiça foi reparada 16 annos depois, em 1843; pela Lei provincial n. 140 que lh'a restituio.

Arcozelo hoje *Curuá*. A excepção da Villa, a unica povoação que existe no municipio he a do Curuá, a que ha pouco alludi o velho berço de Alemquér.

Esta pequena povoação está encostada á ponta das terras altas e consta apenas de 19 casas, quasi todas cobertas de palha e dispostas em uma linha um pouco curva.

Cada uma das principaes tem um quintal ou terreno, coberto de cafeseiros, algodoeiros, macacheira, além de larangeiras, mangueiras e outras plantas taes como a cana de assucar, pacovas e limões.

Esta povoação data de 1849, em que um morador de Alemquér, o Sr. Raymundo Simões, que negociava para o Curuá, construio alli uma barraca que logo converteu em casa regular; outros á seu convite e exemplo fizeram em 1853 o mesmo, e assim formou-se a povoação.

He na chapada de terra firme, em cima da actual povoação que existia, até 1758, a velha Aldêa dos *Barés*, que nesse anno foi graduada com o titulo de *Logar de Arcozelo*, mas d'onde pouco depois forão seus moradores tirados por ordem superior para irem povoar a nova Villa de Obidos.

Desde então ficou extincto o velho *Arcozelo* que agora começa a renascer de suas cinzas.

Esta expressão he exacta, pois a esplanada, onde outr'ora existio a Aldêa, e onde se vê os restos dos alicerces de casas, pedaços de louça antiga e algumas sepulturas, tornou-se tão fertil que vai sendo quasi toda cultivada com plantações de algodão, café, tabaco etc., attrahindo assim para o lugar as vistas e attenção de muitas pessoas.

Ao O desta povoação, ao pé da fôz do Mamaurú, e tambem encostada á mesma terra alta, ha cerca de 12 casas, que não são separadas senão por plantações de cana, café, larangeiras, algodoeiros, constituindo outro nucleo de povoação, que pouco dista de Curuá, com a qual se communicão os habitantes em poucos minutos.

A fertilidade do terreno e a affeição dos moradores para a cultura, permittem esperar que estes dous grupos de casas se augmentem e venhão a formar brevemente uma boa e unica povoação.

——

MONTE-ALEGRE.

SUMMARIO. — Visita á Monte-Alegre; o porto e Villa; panorama esplendido . — Salubridade. Aspecto da Villa; Igreja Matriz, condições locaes. — Limites e descripção do Municipio; montanhas, rios e lagos. — Industria e commercio.

Regressando á Santarem, segui desta Cidade para Monte-Alegre, Villa situada na Guayana.

Para se chegar ao porto desta Villa, deixa-se o Amazonas em frente da ilha do *Frechal*, entra-se com a correnteza pelo Paranâmirim que segue ao N. até encontrar-se o rio Curupatuba, e subindo-se um pouco por este chega-se ao porto da Villa, que está na margem esquerda ou septentrional do mesmo rio.

O porto fórma uma povoação a parte, distante mais de uma milha do lugar da Villa, sendo necessario, para chegar a esta, subir por uma ladeira areenta e incommoda que vai quasi em linha recta até o alto d'uma chapada onde ella está situada.

O terreno do porto he constituido por uma praia de arêa solta originaria da montanha e augmentada cada anno, durante o inverno por novas camadas desse elemento que, arrastadas pelas enchurradas, descem pela ladeira em rôlos enormes, envolvendo tudo que encontrão, e pondo em perigo os moradores.

A povoação compõe-se de uma linha de casas que corre de S a N da praia para cima até á entrada da ladeira, e de outra fileira correndo de E a O, ao longo, e um pouco afastada da margem.

O rio tem ali defronte 260 metros de largura e muito fundo, para qualquer Navio.

Do porto para cima não se encontra mais casa alguma até chegar-se a Villa onde a ladeira vai desembocar; ha porém, a beira do caminho algumas fontes de excellente agua, precioso lenitivo para quem sóbe a ladeira.

MONTE-ALEGRE.—Apenas terminada a subida, tem-se entrado na praça da Villa, no meio da qual destaca-se o bello e ainda não concluido edificio da Igreja Matriz que, ao menos em presença das casas em geral mediocres que ficão aos lados, apresenta um porte magestoso que causa certa surpreza a quem pela primeira vez visita esta povoação.

He o unico monumento do Amazonas que representa pela arte, o que este grande rio representa pela natureza.

Monte-Alegre está junto á borda meridional de uma alta chapada, cerca de 300 metros sobre o nivel commum das aguas.

Tudo quanto ha de grandioso e bello nas margens e immediações do Amazonas resume-se no risonho quadro que do alto daquella esplanada se desenvolve ante os olhos do homem.

O volume collossal da montanha *Tauájury* que se levanta ao N da Villa, a serra de Ereré a O com sua fachada escabrosa quasi a prumo do lado N, o serro Maxirá e o Monte Grande que se erguem do meio do campo com gigantescas torres conicas, e o serro Paraizo que he o mais occidental, a vasta planicie cortada pelo Amazonas e a longiqua linha de montes do Curuá que mal se desenhão no horisonte do lado do Sul;

todos estes objectos de fórmas e aspectos variados constituem um magnifico panorama, o mais bello painel da natureza que he permittido admirar-se nas duas Provincias Brazileiras do Amazonas.

Passemos, porém, ao assumpto principal.

Monte-Alegre não he sómente um lugar alegre e enriquecido de panoramas graciosos; he sobretudo importante por sua temperatura menos elevada do que em qualquer outro ponto do Amazonas, por sua athmosphera pura, por sua salubridade emfim, concorrendo muito para isto a pureza de suas aguas nativas, circumstancia tanto mais préciosa quanto he isto um phenomeno raro nas margens do grande rio.

Condições locaes.—Os accidentes do terreno dão tambem um caracter especial ao lugar; quando se está em Monte-Alegre figura se que s'está n'uma região inteiramente opposta a do Amazonas.

Este precioso concurso de circumstancias locaes não póde deixar de exercer uma influencia benefica sobre os individuos.

A experiencia ensina que os habitantes dos lugares montanhosos differem sempre dos das planicies.

No pouco tempo que estive em communicação com os habitantes de Monte-Alegre, pude apreciar ainda que ligeiramente, algumas modificações, produzidas pela disposição do terreno, que aliás não são tão diversas do resto da região que dêm uma differença completa.

Notei nos moradores maior actividade do que em outros da Provincia, notei principalmente a sua destreza na arte, ou, para ser mais exacto, no habito da equitação, sua affeição muito pronunciada ao torrão natal, e uma altivez ou independencia pessoal que he, para assim dizer, como um typo do caracter local.

Desgraçadamente em Monte-Alegre não ha instrucção alguma para o povo.

Se lh'a dessem, aquellas qualidades se enobrecerião mais, tornar-se-ião mais sensiveis estendendo-se ao sentimento moral.

A Provincia teria então muito a ganhar com isso.

Reservas diversas.—A Villa contém um grande numero de casas, todas cobertas de telha e, em geral, bem tratadas, quer no exterior, quer no interior, onde não ha moveis de luxo, mas simplesmente decencia e asseio.

Não se vê porém isto nos pequenos casebres que se encontrão em alguns pontos da Villa, nem na Cadeia, pequeno quadrado com grossas grades de páo, em fórma e com aspecto de um curral de gado, ou jaula de feras.

Da Casa da Camara só vi a sala que está mobiliada com decencia, he acanhada que poderá difficilmente prestar-se ás sessões da Municipalidade, e sobretudo do Jury.

A Igreja Matriz, obra que faz muita honra aos Monte-Alegrenses e ao seu espirito religioso, não está ainda concluida; falta-lhe uma pequena parte do arco cruzeiro, a cobertura e as obras de ornato.

Desde muitos annos serve de Matriz uma pobre Ermida particular que tem na frente um alpendre maior do que ella, obstruindo uma parte da Praça.

O Cemiterio está no extremo Oeste da Villa; he espaçoso, e está bem fechado.

A *População* da Villa he calculada em 750 habitantes.

A *Instrucção Publica* consta de 2 escolas do ensino elementar da infancia.

No anno findo a Escola de Meninos foi frequentada por 22, e a de Meninas por 24.

A frequencia de ambas as Escolas no primeiro trimestre do anno corrente foi a seguinte:

Do sexo masculino. . . .	36
Do sexo feminino	20

As *Casas de Commercio* são 9. Nellas se vendem generos seccos e molhados, e, na maior parte dellas se achão ao mesmo tempo fazendas, liquidos, joias e viveres.

As *Rendas Publicas* são, como em todos os Municipios as municipaes, provinciaes e geraes.

Pela *Collectoria Provincial*, nos annos abaixo declarados, forão arrecadadas as seguintes rendas:

Exercicios.	Renda arrecadada.
1847 a 1848. . . .	88$177
1848 a 1849. . . .	430$500
1851	819$331
1852	1:016$762
1853	1:794$879
1867	1:330$290

Das *Rendas Geraes* arrecadadas pela respectiva Collectoria, não pude obter esclarecimento algum.

A *Agencia do Correio* arrecadou no exercicio de 1867 a 1868, a quantia de 172$110.

A Freguezia dá 12 *Eleitores*; estes e os 4 da Freguezia da Prainha, compõem 1 Collegio Eleitoral de 16 Membros que em occasião competente se reunem e votão na Villa.

O Municipio fórma um *Termo judiciario*, subordinado á Comarca de Santarem; he servido por um Juiz Municipal que accumula as funcções do de Orphãos.

Na Villa reune-se regularmente o Tribunal do Jury presidido pelo respectivo Juiz de Direito da Comarca.

A *Parochia* he subordinada á Vigararia Geral do Baixo-Amazonas. He servida por um Parocho Collado que he o unico Sacerdote da Freguezia.

A *Guarda Nacional* do Municipio fórma

um Batalhão, que he o 25º da Provincia, subordinado ao Commando Superior de Santarem.

A sua organisação he o seguinte:

Estado-maior:
1 Tenente-Coronel Commandante.
4 Officiaes subalternos.
Estado-menor:
2 Inferiores.

Compõe-se de 4 Companhias contendo todas:

4 Capitães.
7 Subalternos.
13 Inferiores.
34 Cabos.
4 Cornetas.
456 Praças.
Sommão 525 Praças e Officiaes.

Estão todos fardados.

A este Batalhão que he o 25º da Provincia, estão aggregados

2 Officiaes inferiores.
1 Cabo.
70 Praças, pertencendo todas ao serviço da reserva.

Ao todo o Batalhão tem 598 Praças e Officiaes.

A Guarda Nacional de Monte-Alegre, tem concorrido para o serviço da guerra actual do Paraguay, com o contingente seguinte:

Guardas designados.	78
» voluntarios.	39
» » para o Exercito.	1
» recrutado.	1
	119
Além destes tem ido Guardas Nacionaes	10
Total dos que forão mandadados para a guerra	129

O *Municipio* de Monte-Alegre limita-se:

Ao N com territorios pertencentes ás Colonias estrangeiras.

A E com os municipios de Gurupá e Porto de Móz.

Ao Sul com o municipio de Santarém e com a Provincia de Mato-Grosso.

Ao O com o municipio de Santarém e de Alemquér.

Estes limites não estão determinados por serem desertos os sertões, os quaes, por isso mesmo nunca forão explorados nem conhecidos.

O Municipio he pela maior parte montanhoso na Guayana, ou do lado do Norte, e plano, do lado do Sul do Amazonas.

As *serras* principaes, isto he, as conhecidas, são:

A montanha do Tauájury ao N, muito acima da Villa.

A do Ereré, e as já mencionadas que ficão a O da Villa.

A serra do Paytuna não he senão uma eminencia que surge na parte meridional da do Ereré.

Todas se achão na Guayana.

O *rio* principal do municipio, depois do Amazonas, he o *Maycurú*, cujas fontes não forão ainda exploradas; corre de NE ao SO até a ponta do serro do Paraiso ao pé do qual passa, seguindo até ahi por florestas virgens.

Da ponta do serro volta-se para o S, ainda no meio de florestas, depois corre entre varzeas a esquerda e geralmente terras firmes a direita, acompanhando campos de creação, torna-se muito sinuoso, e por fim perde-se na extremidade NO do Lago de Monte-Alegre.

As suas aguas são esbranquiçadas quasi como as do Amazonas, principalmente durante o inverno.

He bastante fundo, largura variando entre 160 a 200 metros, rapido no inverno, lento no verão, e, quando este he duradouro, chega a seccar hum pouco.

As margens na parte superior são abundantes de salsaparrilha, castanhas, cumarú, cacáo selvagem e oleo de cupahyba; e na inferior abundão as fazendas de gado.

Os moradores do Maycurú, observando que do campo, ao pé da margem esquerda, partia para SE hum igarapé de nome Paytuna pelo qual se podia incurtar e favorecer muito a navegação para o porto de Monte-Alegre, abrirão ali logo um canal de junção; á esse canal que fica pouco acima do um grupo de cazas chamado *Jauarary*, dá o povo o nome de *Cavado*.

O *Paytuna* he hum igarapé, ao principio, muito regular; mas desde que muda o seu rumo de SE para E torna-se tão sinuoso que he preciso ás vezes gastar-se uma ou duas horas para se chegar, por navegação, de um ponto ao outro cuja distancia póde ser vencida a pé em quatro até dez minutos. A agulha percorre durante esse tempo de navegação todos os rumos repetidamente. Este rio reune-se ao Ereré com o qual se perde no Curupatuba.

Entre o Lago de Monte-Alegre e o rio Paytuna ha hum igarapé,ou antes hum furo de nome *Igarapé-apára*.

Esta denominação que significa *rio torto*, exprime perfeitamente a disposição desta corrente que não he senão hum segundo desaguadouro do Lago, vindo da enseada onde entra o Maycurú, sempre para E, mas descrevendo extensas e enfadonhas curvas até lançar-se no Curupatuba.

O *Ereré*, de que ha pouco fallei, nasce ao NE da montanha Tauájury; corre, ao longo, mas affastado della, para OSO e no momento em que muda o seu curso para o S atravessa uma cachoeira de lages, passa

depois a E da montanha a que dá seu nome, tornando-se tambem muito sinuoso nas campinas, e por fim reunindo-se com o Paytuna, entra com este no Curupatuba.

Curupatuba.— Este rio he um desaguadouro dos antecedentes e do Lago de Monte-Alegre, donde sahe por duas correntes que se reunem em uma só com o nome de Cururuhy; recebendo a esquerda o Igarapé-apára, toma então o nome de Curupatuba e vai dahi direito para o N sempre largo, 300 a 400 metros.

Recebe do mesmo lado o Ereré que ahi chega com o Paytuna, continúa no mesmo rumo até chegar perto da montanha de Monte-Alegre, d'onde volta-se para E, estreitando-se, passa pelo porto da Villa, recebe defronte do sitio do *Pariçó* um paranámirim do Amazonas, curva-se para NNE, depois para ESE, e emfim para ENE, rumo com que entra no Amazonas.

Do lado da Guayana não ha outro rio notavel a não se considerar como tal o Urubuquára que, segundo as informações, he pouco extenso, e sahe no Lago do mesmo nome.

Na parte meridional ou á margem direita do Amazonas existem no municipio dous rios navegaveis: o Cuçary e o Uruará.

O *Cuçary* já está descripto na parte relativa ao Curuá do qual he apenas um braço.

Tem porém por affluente o Tamucury.

Este rio desce da terra firme atravessando uma região mui fertil, e ao chegar ás varzeas, fórma um lago que tem o seu nome, e antes de reunir-se ao Cuçary atravessa outro lago menor de nome Maracá.

O rio *Uruará* he tambem bastante extenso e percorre como o antecedente terras firmes e fertilissimas; deixa á esquerda o Lago *Camapú*, segue para E passa pela beira de um vasto Lago que tem por nome Tamatahy, quasi todo rodeado de terras firmes, toma o rumo NE, deixa á direita a entrada do Lago *Arurú* e emfim recebendo á esquerda um paranámirim do Amazonas, ramifica-se, indo seu braço oriental sahir no mesmo Amazonas, quasi defronte do serro da *Velha Pobre*.

Este rio he o limite oriental do municipio de Monte-Alegre com o de Gurupá.

Em sua margem ha muito cravo, castanhas, cumarú e outros generos.

Lagos.—Nas planicies ha um grande numero de Lagos, entre os quaes aquelle que por sua extensão chamão *Lago Grande*, que senão deve confundir com o Lago Grande de Villa Franca.

Elle se acha nas campinas ao SO da Villa, ao Sul e um pouco affastado das serras de Ereré, Maxirá e Monte Grande, acompanha a margem esquerda do Amazonas desde as immediações do Furo *Tapará-mirim* até á ponta septentrional da Ilha das *Barreiras do Cuçary*.

Sua extensão he cerca de 25 milhas com largura de 3 a 5.

Quasi no meio dessa extensão ha duas ilhas, a do *Toró* a E, e do *Muturá* a O.

A zona da varzea que separa a sua margem da do Amazonas, varia bastante, sendo muito estreita do lado oriental.

Durante o verão o lago fica reduzido a pequenas proporções, mas não secca.

Na parte occidental fórma varias enseadas e cabeceiras que tomão nomes especiaes, taes como:

Lago *Piracaba* a O da barra do Maycurú: he antes um grande igarapé coberto, em geral, de canarana ou de arrozaes. Muito abundante de peixe.

Lago *Jacaré-capá*, a SO do antecedente com o qual se communica. Este pertence hoje ao municipio de Santarem.

Uxiacá a SO do antecedente.

Todos estes lagos que não são senão dependencias ou partes do mesmo lago de Monte-Alegre, são extremamente fartos de peixe, e especialmente de pirarucú.

Aos lados dos furos e rios que descrevi, principalmente da margem direita do Curupatuba, ha muitos pequenos lagos mui piscosos.

Do mesmo lado da Guyana a E da Villa, o unico lago notavel he o do *Urubuquara* pouco acima da Prainha, muito importante pela abundancia de pirarucú.

Do outro lado nas planicies que se dilatão da Ponta do Pacoval ou da serra do Curuá para ESE ha no municipio um grande numero de lagos que já ficarão indicados na descripção dos rios d'esse lado.

Ilhas.—Propriamente ditas, tem o municipio sómente a do *Frechal* ou de Monte-Alegre, perto da entrada do paranámirim que vai encontrar o Curupatuba.

A ilha *Panema* que fica defronte da antecedente, ao pé da margem direita do Amazonas; tem junto a si duas outras menores.

A de *Muratuba*, abaixo das antecedentes e no meio do rio.

A ilha *Uruará*, que he a maior de todas, defronte da Prainha.

A ilha *Acaráuassú*, tambem muito extensa, abaixo da Prainha.

Producções.—No reino mineral o Municipio não tem productos valiosos; no animal os productos que avultarão na exportação em 1867 exceptuados os provenientes da creação de gado; constão somente de

546 libras de pelles de veado.
5.216 arrobas de pirarucú.

Uma boa quantidade de carne, couros seccos, etc.

Os productos vegetaes espontaneos ou provenientes da industria extractiva são va-

..ados e não poucos ; são os seguintes os principaes :

Castanhas, procedentes das terras firmes dos rios Maycurú, Curuá, Tamucury, Uruará e Tamatahy.

A exportação de 1867 pelo porto de Monte Alegre foi apenas de 20 alqueires, sendo a maior parte trazidas por via de outros portos.

Salsaparrilha : vem dos rios Maycurú, Curuá, Tamucury e Tamatahy.

Exportarão-se 15 arrobas em 1867.

Breu, proveniente dos rios acima indicados e do Cuçary.

Oleo de Cupahyba. Exportarão-se 45 libras. He extrahido das margens do Maycurù e Tamucury.

A *gomma elastica* figura na exportação com 498 1/2 arrobas : este producto deve ser procedente da parte oriental do municipio ou do rio Curuá.

Quanto aos generos de cultura, os principaes são :

Cacáo.—De que em 1867 houve uma exportação de 1.578 arrobas.

A cultura e, consequentemente, a exportação d'este genero tem muito diminuido ; nos tempos passados e ainda não ha muitos annos, a producção exportada regulava 6 a 7.000 arrobas ; hoje está reduzida á metade por falta de braços para a cultura.

Uma boa parte da producção do municipio he levada para Santarem, onde os productos achão melhor preço.

Café.—Com este artigo de que não ha producção senão a necessaria para o consumo, succede o mesmo que a respeito do cacáo.

De 1.000 a 2.000 arrobas que se colhia desceu a producção a 100 até 200 arrobas.

Cultiva-se nas margens do Tamatahy, Tamucury, Uruará e Maycurú, sempre em pequena escala.

Mandioca.—A cultura d'esta planta he geral, mas em menor escala nas margens do Cuçary, e do Uruará, onde igualmente se fabrica farinha para ser exportada para a Villa.

Creação de gado.—A principal industria dos habitantes de Monte-Alegre, aquella a que em geral se dedicão, he a creação do gado para o que ha no municipio, além dos extensos campos das serras e chapadas, os do Maycurú para onde affluem os creadores pela boa qualidade de pastos para o seu gado.

As campinas ao N do Lago de Monte-Alegre, percorridas pelos igarapés Paytuna e Ereré, tem tambem fazendas de creação.

Em todo o municipio ha 55 estabelecimentos desta ordem. D'estes ha 23 em que se contão cerca de 150 cabeças de rezes, para menos, tendo a maior parte 10, 20 ou 30 somente.

Dos Fazendeiros que possuem mais de 150 cabeças de gado ha 32, dos quaes ha só um que possue 2.500 ; d'ahi para baixo até 180 cabeças.

A proporção da producção do gado vaccum he de 40 %.

Calcula-se o numero total em 20.000 cabeças, inclusive 5.000 bezerros ou crias.

O gado não he sujeito á peste, e mesmo as cheias do Amazonas não lhe causão damno senão quando ha deleixo, como tem muitas vezes acontecido, da parte dos Fazendeiros, em não retiral-o em tempo para os pastos de terra firme.

N'este ponto o districto de Monte-Alegre tem superioridade sobre todos os outros do Amazonas.

A exportação do gado he feita em pé e esquartejado.

Os productos d'esta industria quasi não figurão na exportação de Monte-Alegre, a se regular por alguns dados officiaes, que dão sómente na exportação de 1867 pelo porto de Monte-Alegre o seguinte :

Gado em pé. . .	151 cabeças
Carne secca . . .	23 arbs. 16 lbs.
Sebo	24 «
Couros seccos salgados	4.344

Esta quantidade de couros parece indicar que a exportação da carne devia ser muito mais notavel do que a constante destas resenhas, que aliás forão baseadas sobre os manifestos existentes na Recebedoria Provincial.

Já notei em outro lugar que estes documentos são as vezes confusos ou incompletos.

Bem que muito fraco ou deficiente ce tamente a respeito de outros generos de industria, o municipio de Monte-Alegre tem todavia, uma pequena, mas digna de especial menção, a qual devia merecer dos poderes publicos da Provincia alguma protecção para se não perder, visto como está já hoje muito menos cultivada do que outr'ora, se estou bem informado.

Refiro-me ao fabrico e pintura de cuias feitas dos fructos da arvore denominada cuyeira (*crescentia cujete*).

Nesta industria o Fabricante emprega as mais finas tintas do paiz desenhando com gosto e delicadeza diversas flôres, folhas e figuras de objectos conhecidos, como corôas, as armas imperiaes, imagem do sol, etc., tudo executado com tão primorosa habilidade que admira que o faça sem o auxilio regular da arte.

Estas cuias são muito estimadas nas Provincias do Sul e em paizes estrangeiros.

A Villa de Monte-Alegre não tem nenhuma recordação historica notavel.

Foi ao principio uma Aldêa de Indios.

Não sei porém se forão estes o que indicarão á Pedro Teixeira em 1626 a existencia dos Indios do Tapajós com quem continuarão a negociar.

Essa Aldêa que tinha o nome de *Curupa-*

tuba, foi muito provavelmente estabelecida ao principio á beira do rio deste nome, donde depois os Revds. padres da Ordem da Piedade a passarão para o lugar em que hoje está a Villa.

A Aldêa foi em 1758 creada freguezia com o nome do padroeiro que tinha, S. Francisco de Assis, e á cathegoria de Villa com o nome muito apropriado de Monte-Alegre.

Fóra da Villa ha no municipio a freguezia da *Prainha*, a povoação do *Ererê* e alguns outros nucleos de povoações, taes como o de *Cussarú* e *Jauárary*.

A Freguezia da *Prainha* he huma pequena povoação situada na Guayana, á margem esquerda do Amazonas, 2 milhas abaixo da fóz do Urubuquára, e em uma pequena enseada, onde o Amazonas faz um remanso.

A sua Matriz he dedicada a N. S. da Graça; a Igreja deixou de existir, e trata-se da construcção de outra com melhores proporções.

Esta povoação substituio a que existia no interior ao principio com o nome de *Aldêa de Urubuquara*, depois com o de Lugar de *Outeiro*, situada á margem direita do rio Urubuquara, muito acima da fóz deste rio.

A Aldêa de *Urubuquara* era missionada pelos Revds. Padres de S. Antonio.

Em 1758 foi elevada á cathegoria de Lugar com o nome de *Outeiro*, nome apropriado ao lugar em que estava situada.

Hoje não existe esta povoação, mas a da *Prainha*, que, collocada á beira do Amazonas, tem podido conservar-se.

Prainha he um dos pontos de escala dos vapores da Companhia que ahi tocão regularmente 6 vezes por mez em sua viagem redonda.

Tem uma agencia de Correio que no exercicio de 1867 a 1868 rendeu 83$440.

Tem tambem uma escola de ensino primario para o sexo feminino, a qual em 1867 foi frequentada por 51 alumnos, e o estava sendo por 31 no primeiro trimestre do presente anno.

A povoação do *Ererê* está situada ao O da Villa de Monte-Alegre ao pé e ao N da serra que tem esse nome.

Compõe-se de 18 casas de palha e de uma Capellinha da invocação de Santo Antonio, mandada construir em 1867 pelo Sr. D. Manoel Onety, que foi nesse anno Juiz de uma festa muito applaudida que alli se faz cada anno.

Este lugar he muito aprazivel, muito fresco durante a noite, e muito saudavel.

Os grupos de casa a que alludi como pequenos nucleos de povoação, são os seguintes:

Jauaráry, á margem direita do Maycurú, em campo firme.

Cussarú, entre o rio Paytuna e a serra do Ererê, em huma larga ponta de terras altas que descem desta serra para as campinas no rumo SO.

Fóra dos pontos mencionados, os lugares onde as habitações se agglomerão em maior numero e mais proximas entre si são nas proximidades do baixo Maycurú, e nas terras firmes dos rios e lagos Tamatahy, Tamucury e Uruará, nos quaes a fertilidade das terras lhes facilita a producção da mandioca, do café, laranjas, mangas e outras fructas para sustento e regalo dos moradores.

RIO TROMBETAS.

(*Oriximina*, *Uruchimina ou*, *melhor*, *Uruchiuine*, *dos antigos Indigenas*).

De todos os tributarios que vem da Guayana ao Amazonas he o Trombetas o mais consideravel depois do Rio Negro (*o Guainia* dos Indigenas) que com o Orinoco e o Caciquiari limita aquella região pelo lado occidental.

Como todos os mais rios de igual procedencia, com excepção sómente do Rio-Branco, o Trombetas não he conhecido na geographia se não pelas informações que os Indigenas ministrarão aos primeiros geographos que d'elle se occuparão; e he notavel que nem mesmo a barra d'este rio tenha sido figurada com visos de exactidão nas cartas até hoje publicadas.

Os elementos de que disponho para ampliar o conhecimento que se tem d'este importante rio, constão apenas do seguinte:

Notas que tomei em viagem, da barra do rio até a confluencia do Jamundá.

Informações de regatões e de outros praticos que no interesse do Commercio tem avançado até as cachoeiras e mesmo além d'ellas.

Um mappa ou roteiro figurado (de que obtive cópia) da Secção fluvial desde a barra até o Lago do Mura, levantado pelo Sr. Capitão-tenente Francisco Parahybuna dos Reys por ordem da Companhia do Amazonas em 1854, e acompanhado de observações preciosas sobre a navegação do rio, productos e qualidades das terras adjacentes.

As cartas representão todos os rios da Guayana meridional, desde o Uatuman até o Jary, avançando suas fontes muito para o N. e descendo de NNO. ou, quando muito, de NO. até o Amazonas.

As noticias que tenho estão longe de confirmar esta disposição cartographica.

Sem confiar inteiramente n'aquellas informações, devo, comtudo observar que ellas concordão com direcção e rumo achados pelo Capitão-Tenente Parahybuna em sua exploração no Trombetas, sendo tambem certo que os pequenos rios Curuá, Ererê e Maycurú

correm, em geral de NE, e só tomão o rumo NS, ou mesmo SE, quando já muito proximos de suas bôcas.

Esta disposição das correntes secundarias em seu curso superior e à presença das pequenas serras nas immediações da margem do Amazonas, parecem indicios de que as montanhas ou chapadas que separão as fontes dos rios brazileiros das dos rios das Colonias guayanenses, avanção para o S. muito mais do que se tem imaginado, e que a direcção dos rios não he a mesma que as cartas figurão.

O *Trombetas* he formado, no seu curso inferior, de dous ramos principaes que se encontrão quasi em rumos oppostos, e do Jamundá de que tratarei em artigo separado.

O primeiro e o mais consideravel d'aquelles he o *Trombetas* propriamente dito; o segundo he o *Cuminá*.

O *Trombetas*, segundo conjecturo, deve ter suas fontes nas immediações das do *Anauaú*, affluente do Rio Branco e do Rupunury que vai ao Essequibo.

Desce no rumo de ESE, recebendo na margem esquerda, antes de chegar ás suas grandes cachoeiras, um affluente notavel que vem dos campos do Norte por onde os Indios e negros do mocambo se communicão com as malocas de negros que povoão as cabeceiras do *Saramaca* e do *Surinam*, na Colonia Hollandeza.

As cachoeiras occupão uma extensão de 14 a 16 leguas, geralmente coberta de florestas, percorrendo o rio um labyrintho de ilhas pedregosas de diversas dimensões, variando sempre de rumo nos canaes e alargando-se consideravelmente

N'esse trajecto recolhe um affluente á direita e outro á esquerda, e passando a ultima cachoeira que he tambem a mais notavel, recebe ahi mesmo e do lado do S, um Igarapé que não he mais do que um braço do rio Jamundá que o faz assim chegar ao Trombetas.

Passada esta ultima cachoeira, o Trombetas entra logo na planicie do Amazonas, torna-se gradualmente tranquillo, profundo, estreito e sinuoso até o lago do *Mura*, termo da exploração do Capitão-Tenente Parahybuna.

Continúa d'ahi para baixo com flexões iguaes, sempre no rumo geral de ESE, tendo aos lados numerosas bôcas de lagos, grande numero d'elles accessiveis á vapores, e encontra o *Cuminá* que confluc á esquerda vindo de E.

Este ultimo he ainda desconhecido mesmo dos intrepidos regatões, cujas excursões acabão onde começa o deserto; e o deserto aqui começa nas cachoeiras do rio.

baixo d'estas cachoeiras o *Cuminá*, que parece vir do N, reune-se com outro affluente que vem de ENE. Augmentado assim o seu volume e entrado na planicie, dirige-se a O, percorrendo uma região baixa e deprimida onde as suas aguas, como que estagnadas, anastomoseão-se repartindo-se em defluentes, ora estreitos, como o *Janauacá* e *Terra Preta*, ora tomando proporções de lagos extensos, como o *Arapicurú* e o *Salgado*, onde os ventos agitão a superficie levantando grandes ondas.

O *Cuminá* reune todos estes braços em um só, exactamente ao lançar-se no Trombetas.

Este toma então ahi o rumo SO, seguindo em uma linha recta de cerca de 20 milhas.

Por mais de metade d'este estirão estendem-se 2 ilhas estreitas e longas, chamadas *Caypurú* e *Jacitára*, ficando defronte da primeira, na margem esquerda, a bôca do rio que tem o seu nome.

Quasi ao S, da ponta inferior da ilha Jacitára na margem direita á fóz do rio Jamundá que, com suas aguas toldadas por defluentes do Amazonas chega ahi com o humilde nome de Igarapé de Sapucuá.

D'essa confluencia para baixo volta de novo ao rumo geral ESE, recebe á direita o Paraná-mirim Cachuiry, depois o Igarapé Arapicú e outros menores á esquerda, passa pela bôca de diversos lagos, lança á direita dous Paranás-mirins que mais adiante se confundem em um só, descreve uma ligeira curva para SE, depois para E, e com este rumo perde-se no Amazonas, cerca de uma milha á OSO, da extincta Colonia militar de Obidos.

O paraná-mirim menor segue á esquerda por um campinzal para E, reune-se ao Igarapé Curumú procedente do lago e serra deste nome, e encorpora-se com o 2.º que parte do mesmo lado e quasi o mesmo rumo.

Este que he denominado Paraná-mirim de *Maria Thereza*, logo que recebe o antecedente, inclina-se á ESE, e entra no Amazonas quasi junto da fóz do Trombetas de que se destacára.

O *Trombetas* he um rio notavel pela extensão do seu curso, pelo volume de suas aguas limpidas, pela fertilidade de suas terras e por sua importancia geographica.

« He um rio magestoso, diz o Capitão-Tenente Parahybuna, não só pela cópia de suas aguas, porém ainda pelo duplo scenario de suas margens ».

Este duplo scenario de que vi exemplos na secção inferior, abaixo da fóz do Jamundá, he representado por duas zonas de terrenos que constituem a margem esquerda do rio.

Quasi ao nivel d'agua está a primeira zona, revestida de uma vegetação pouco desenvolvida, quasi toda igual em altura: he o terreno recentemente formado que no paiz se conhece com o nome de *Igapó*,

matto alagadiço, por baixo do qual uma pequena canôa póde nevegar.

Este primeiro degrão de terreno he interrompido a cada momento por um Igarapé que vem de algum lago proximo.

A 2.ª zona, parallela á antecedente, he composta de terrenos que, por sua altura escapando completamente ás inundações, constituem a verdadeira margem do rio.

Uma vegetação possante e variada reveste toda a sua superficie.

Atraz deste segundo degrão do terreno avista-se, de espaço á espaço, a quem da confluencia do Cuminá, uma serra de chapada como o *Uaracy-tapéra*, ou composta de grupos terminando em cimos arredondados pela vegetação que a corôa, como as bellas montanhas do Curumú.

He nesta segunda zona, formada pelas terras altas, que em geral apparecem as castanheiras que fornecem as amendoas tão apreciadas no Commercio, as copahybeiras que produzem o oleo tão util á industria e á medicina; e em fim uma infinidade de madeiras estimadas para toda a sorte de obras de construcção, de marcenaria e das mais delicadas peças de moveis.

A salsa, o cacáo, a cana, a laranja, o café, mandioca, milho, tabaco, algodão, etc., produzem com facilidade nessas terras.

Duas palavras sobre os Indigenas:

Segundo os noticias que obtive, os Indios que habitão a bacia superior do Trombetas devem ser os restos ou descendentes da heroica nação dos *Caribas* que os velhos conquistadores Hespanhóes exterminarão e perseguirão á ferro e fogo, aviltando-os com o appellido de Canibaes.

Estes restos, sem duvida já degenerados, podião ser ainda uteis ao Paiz chamando-os á industria.

Em seu estado de miseria actual e longe do contacto da civilisação, grande numero desses infelizes são hoje *escravos dos escravos* refugiados nos Mocambos, e suas filhas lhes são arrancadas para amazias desses mesmos negros que dominão, como senhores absolutos, naquella região!

Quanto a importancia desta e de outra ordem que offerece o alto Trombetas, eu expuz ao Governo da Provincia em uma communicação reservada tudo quanto me pareceu necessario, e não posso reproduzir aqui o meu juizo sobre este assumpto.

RIO JAMUNDA'.

(*Cunury* dos Indigenas, *Nhiamundá* ou *Yamundá* dos Missionarios).

O conto das Amazonas Americanas, inventado por Orellana com tão feliz resultado para os fins que tinha em vista, tornou celebre o rio *Jamundá*, em cuja fóz, dizem, encontrara o audaz aventureiro com quem se batera aquellas famosas guerreiras.

O Padre Christovão d'Acunha que, com muitos outros historiadores Jezuitas, se distingue por pouco escrupuloso na investigação e exposição dos factos (1), e por uma mui pronunciada affeição a tudo quanto póde exaltar a imaginação, faz partir o rio de « uns montes de prodigiosa altura, chamados vulgarmente cordilheira da Guayana, nos quaes se achão as povoações das Amazonas, havendo entre elles um chamado *Yacamiaba* que se eleva extraordinariamente acima dos outros, e que he esteril por ser muito batido dos ventos.

« Na estação propria, os Guacaris, que he o povo feliz (continua o historiador Jezuita) que goza o favor das valorosas mulheres Amazonas, que lhes vem fazer a visita; logo que ellas os reconhecem vão todas de tropel ás suas canôas onde cada uma pega na primeira *itamaca* (rede) que encontra e vai prendel-a em sua casa para nella receber o dono. »

Destes pormenores, sufficientemente frivolos para a historia, seria forçoso concluir que os Guacarys subião em canôas até as povoações das guerreiras, sendo por conseguinte navegavel o rio mesmo até esses montes de prodigiosa altura!

Os primeiros Geographos adoptarão sem critica estas e outras indicações imaginarias das fontes do *Cunury* ou *Jamundá*, e he provavelmente por isso que figurarão o rio prolongando-se quasi de S a N até a problematica cordilheira oriental que divide as aguas de Guayana meridional das da septentrional.

Os Geographos, que vierão depois, em falta de dados melhores, respeitarão e conservarão tudo quanto os antecessores fizerão, e Condamine que de Junho a Setembro de 1743 voôu, por assim dizer, de *Tomependa* nos Andes a *Belém* no Pará, não fez mais, em relação ao Cunury, do que substituir este nome pelo de Jamundá, que talvez lhe fosse indicado pelos Missionarios.

Bem que nenhuma exploração regular se tenha feito no Jamundá, e que não seja permittido ter muita confiança nas indicações de pessoas em geral illiteratas, as unicas aliás que têm avançado mais para as cabeceiras do rio, e isso mesmo com o fim unico de colherem oleo de cupahyba e alguns outros productos naturaes, estou persuadido de que o Jamundá não póde tirar suas fontes das montanhas de Guayana.

Este rio deve vir da região central comprehendida no espaço entre o alto Trombetas ao N e o Uatuman ao S.

Descendo dahi o Jamundá ao principio corre provavelmente a ESE, por entre montes; recebe pequenos affluentes, dirige-se

(1) Este escriptor he em extremo parcial e injusto com os Jesuitas.

50

depois a SE, atravessando pequenas cachoeiras e entra n'uma planicie ou valle espaçoso densamente arvorejado, mais as vezes alagadiço.

Acompanhando a essa planicie, emitte de sua margem esquerda um braço que, com seu nome, a atravessa para lançar-se no Trombetas exactamente no ponto em que este rio, saltando a ultima cabeceira, entra tambem na planicie.

Em quanto atravessa esta região plana, o Jamundá he quasi obstruido por uma infinidade de ilhas que o acompanhão em suas sinuosidades até perto da confluencia do Pratucú, não excedendo a sua largura de 250 metros que, no verão, reduzem-se ainda a 150 e mesmo a 100, conforme a maior ou menor duração da estação secca.

Antes de encontrar o Pratucú, deixa a planicie, e então as suas margens tornão-se altas, e, as vezes, montuosas.

O *Pratucú*, que he hum ramo menor, corre mais ou menos parallelo por algum tempo ao Jatapú (tributario do Uatuman), segue á E. e reune-se ao Jamundá, cerca de 36 milhas acima de Faro.

Seu curso he bastante sinuoso e por entre montes e serras pouco altas, como quasi todas as desta região, e em sua barra no Jamundá divide-se em trez braços desiguaes por ter ahi de permeio duas ilhas.

No ponto da juncção dos dous rios, as aguas se dilatão consideravelmente formando uma vasta bahia, quasi toda rodeada de terras altas e montes ; um pouco abaixo está a extensa ilha *Capixauaramonha*, toda composta de terrenos pedregosos, mas cobertos de arvores.

Dous serros se erguem na margem direita defronte das duas pontas dessa ilha : o do *Dedal* fronteiro á ponta superior, e o do *Copo* em frente da ponta inferior ; este ultimo he hum alto rochedo que fica quasi a pique sobre o rio.

Deixando a bahia, o Jamundá dirige-se a E. em estirão consideravel, fazendo apenas ligeiras flexões ; depois de 18 a 20 milhas neste rumo, descreve hum vasto—S—inverso, no fim do qual entra com rumo de E. no *Lago de Faro*, deixando a Villa deste nome na ponta N. da sua entrada.

Desde a confluencia do *Pratucú*, o Jamundá he hum rio vasto e magnifico, de hum azul profundo, correndo quasi sempre por entre montes, revestidos de huma vegetação vigorosa, recortado de pontas e enseadas e bordado de praias de arêa alvissima, —accidentes constantes que o acompanhão até o lago de Faro.

Aqui terminão as serras ou collinas que o acompanhão ; aqui desapparecem as praias de arêa e a vegetação brilhante ; aqui acabão os terrenos accidentados e começa a planicie quasi nivelada do Amazonas ; aqui está emfim a *verdadeira fóz* do Jamundá.

Com effeito apenas se fecha o lago ao lado oriental, e o Jamundá recolhe-se a hum leito pouco largo, entra ahi logo na margem direita o Cabury, o primeiro braço ou Paranâmirim que o Amazonas lhe envia.

O rio perdeu então seu aspecto soberbo ; seu leito he acanhado, sua marcha torna-se vacillante, sua côr mesmo desbotou-se um pouco com o pequeno contingente de aguas esbranquiçadas do Cabury ; a vegetação perdeu todo o esplendor, e apenas as margens são orladas por uma estreita zona de arvores mediocres alternando com as gramineas, cyperaceas e outras plantas herbaceas que cobrem a vasta superficie do litoral.

O rio toma, não o rumo de N. a S., como se tem pretendido, mas o rumo geral de ENE. até o Paranâmirim do *Caldeirão*.

Nesta secção he acompanhado, proximamente á margem, de uma série de lagos, ou consideraveis, como o Carauary, Algodoal, e Arakiçâua, ou mediocres, como o Maracaná, Ubim, Abaucú, etc., em cujas praias apparecem numerosos sitios com pequenas plantações, como nas varzeas muitas choupanas de vaqueiros e capatazes das fazendas de gado.

A partir do lago Arakiçâua, que he o ultimo desta secção, o rio alarga-se até 300 metros, volta-se para o N. passando pelo lugar denominado *Repartimento*, onde recebe na margem direita, que agora he oriental, o Paraná-mirim do Caldeirão que vem do Amazonas.

Placido, largo e ainda crystallino, o Jamundá recebendo este contingente do Amazonas, muda totalmente de physionomia ; seu leito estreita-se e profunda-se muito ; a marcha he arrebatada, suas aguas tomão uma côr amarello-olivatica, perdendo logo toda a sua transparencia.

D'aqui em diante o seu rumo geral até perder-se no Trombetas he NE, fazendo, porém, numerosas flexões, ora para o N., ora para E, e raras vezes para NNO.

As margens continuão bordadas de uma estreita franja de arvores atraz da qual se vê sómente plantas herbaceas e varios lagos.

Nesse trajecto deixa á esquerda o furo da Paciencia que dá entrada para o lago Piraruacá, o de Caraná, Maryapixy e Sapucuá, que vem dos lagos de iguaes nomes.

Na margem direita ou oriental vê-se tambem alguns furos insignificantes que vem dos pequenos pantanos que a acompanhão.

Entra no Trombetas de fronte da Ponta Uruâ-tapéra com 100 metros de largura, ficando a N. de sua fóz a ilha Jacitára.

A extensão do curso de Jamundá nas planicies não he menor de 28 leguas, sendo 14 na 1ª secção de Fáro ao *Repartimento* e 14 na 2ª secção, do *Repartimento* ao Trombetas.

Vê-se que o Jamundá, ao contrario do

que se tem pretendido he actualmente um *tributario do Trombetas* e não do Amazonas.

Creio tambem já ter dito bastante para ficar patente que a corrente figurada nas cartas como fóz do Jamundá no Amazonas não he senão um defluente ou Paranámirim deste rio que vai lançar-se naquelle e conduzi-lo ao Trombetas.

Este facto e sobretudo o rumo seguido pelo Jamundá na planicie abaixo de Faro, —rumo inteiramente contrario ao que lhe emprestão as cartas e os livros,—não he um simples assumpto de interesse geographico, elle affecta tambem aos interesses das duas Provincias—*Pará* e *Amazonas*—de que esse rio he limite official,— limite absurdo devido a uma falsa supposição que tem subsistido até hoje por falta de conhecimento da geographia do paiz.

Eu reservo para outro lugar algumas observações sobre este assumpto de limites, já consignadas em uma communicação que ha pouco dirigi ao Governo da Provincia.

O FORTE DE OBIDOS.

Para se ter uma idéa clara do Forte de Obidos ou da importancia militar d'esta interessante posição do Amazonas, vou exhibir os esclarecimentos que obtive, quer adquiridos pelo estudo que fiz das localidades, quer das informações competentes em assumptos militares.

Em outra parte esbocei já a historia e origem da fundação do Forte e da cidade de Obidos,; não a repetirei agora.

O *Forte de Obidos*, que um relatorio do Ministerio da Guerra collocou no Solimões(1), acha-se situado junto á cidade do seu nome, cerca de 5 milhas abaixo da barra do rio Trombetas, e (segundo o mappa da Commissão Brazileira de limites) á 1° 55" 23" de latitude S, e aos 12ª 21" 24', de longitude O. do Rio de Janeiro e em altitude de 42 metros.

Ao aproximar-se da barra do Trombetas, o Amazonas alarga-se consideravelmente até deixar esse affluente, curvando-se pouco a pouco para E. a margem direita e para S. O. a esquerda ou septentrional, para a qual se encosta a correnteza que faz sobre ella grande pressão a ponto de desmorona-la frequentemente.

Esta margem que he quasi toda alta e, nas proximidades da cidade, constitue barreiras, as vezes como altas muralhas, descreve entre a extincta Colonia Militar, situada junto da barra do Trombetas, e a Ponta do Forte, uma extensa curva que he a linha percorrida pela correnteza.

Esta quebra-se ahi n'esse Promotorio e se dirige para o meio do rio com um murmurio e estrepito como si passasse por entre uma serie de rochedos.

Ahi, defronte, entre o Forte e a margem direita, limite septentrional de uma vasta planicie que se prolonga 30 milhas para o Sul, está a garganta do Amazonas por onde passão todas as suas aguas navegaveis.

A profundidade n'este estreito fluvial he consideravel, e por muito tempo se pretendeo que excedia de 500 e mesmo de 600 metros.

Montravel e seus officiaes, luctando com grande difficuldade para reconhecer essa profundidade, recorreo a um methodo especial pelo qual conseguio achar um fundo aproximado, não no meio da correnteza, ponto até hoje inexplorado e de extrema difficuldade a reconhecer com os instrumentos imperfeitos actuaes, mas á um lado d'ella, prumando ahi em 63 metros. Foi isto em 1844.

Mais ao menos no mesmo ponto, o mappa da Commissão de Limites (1862 a 1864) dá 26m 40 ou 120 palmos.

O Tenente da Marinha Americana, Herndon, que por ali passou em 1852, achou successivamente 46, 54 e 64 metros e em um ponto, ainda mais afastado da margem, não achou fundo com uma linha de 75 metros, concluindo, como Montravel, que he muito difficil obter-se um resultado aproximado no meio da correnteza porque ella desvia consideravelmeute o prumo.

Quanto a largura do rio neste estreito, ha calculos que mostrão certa uniformidade entre si, como os de la Condamine, em 1743, Montravel, em 1844, Bates em 1849, Herndon em 1852 e a Commissão de Limites em 1862 a 1864, sendo possivel que alguns só se dessem ao trabalho de reproduzir ou combinar os calculos anteriores.

Felizmente ha medidas exactas que fazem desapparecer toda a duvida e desconfiança.

Consigno aqui aquelles calculos aproximados e as medidas exactas Ei.l-os:

Montravel, 1 milha.

Herndon 1 1/2 milha.

Condamine 900 braças ou 1.980 metros.

Commissão de Limites, 880 braças—1.936 metros.

Medida trigonometrica antiga, citada pelo padre Dr. Noronha, 869 braças ou 1.911 metros.

Capitão d'Engenheiros Aguiar Lima, 860 braças ou 1.892 metros.

Este Official medio uma base e achou o resultado mencionado que he o mais aproximado possivel do de 869 braças, medidas ha mais de um seculo.

A differença de 9 braças póde provir do periodo da estação em que forão operadas as duas medições.

Eis aqui os resultados obtidos por aquelle

(1) Vide *supra* nota (1) á pag. 54.

51

Engenheiro segundo a communicação que d'elle recebi;

Do Reducto ou Fortim no lume d'agua á margem opposta em rumo 25° SO, 860 braças.

Do Forte no rumo 18° SO. ao mesmo ponto da margem, 860 braças.

Do Forte a outro ponto acima, no rumo 84° SO. 1.120 braças.

Do Porto de cima ao mesmo ponto antecedente no rumo 74° SO. 1.146 braças.

O commandamento do Fortim recentemente construido ao lume d'agua está 8m, 14 acima do nivel das mais baixas aguas do verão.

Tem 3m, 3 de altura.

No verão, o nivel das aguas mais baixas fica a 4m, 84 abaixo da base do Fortim.

As mais altas aguas do Inverno tocão a 1m, 76 ou 8 palmos acima da base do mesmo Fortim.

A differença do nivel das aguas he pois, de 6m, 38, ou 29 palmos, quasi trez braças.

Este nivelamento refere-se ao anno de 1867 em que o crescimento do Amazonas foi normal; e, como tal, pode servir d'ora em diante de ponto de partida para outras observações de igual natureza.

Agora alguns pormenores sobre o estado do Forte e de sua importancia.

O Forte he um reducto semi-circular, a barbeta, guarnecido por 10 peças, sendo 8 de 80, montadas em carretas de marinha e 4 de 32 em carretas á Onofre.

Foi ultimamente reparado accrescentando-se-lhe uma plataforma corrida de cantaria de Lisbôa.

No seu estado actual só póde servir para defeza do lado de E. e do Sul, ou do lado inferior do rio e da frente, porque do Oeste ou do lado de cima do rio, ha um monte de terra que occulta e embaraça os seus fogos nessa direcção.

Sem remover-se esse monte inutil de terra coberto de mato a fortificação será sempre incompleta.

O distincto Engenheiro a que já me refer, e que foi encarregado pelo Governo de proceder a aquelles reparos, fez construir ao lume d'agua junto a fralda da collina ou promontorio sobre que está o Forte, o reducto pentagonal, a Barbet, de que ha pouco tratei, com capacidade para montar pelo menos 3 peças que, segundo consta já forão, para ali remettidas da Capital.

Este reducto era um complemento indispensavel do Forte, e sua posição parece a melhor, pelo facto de poder fazer fogo até dentro do ancoradouro da Cidade no acto de desembarque do inimigo, ainda com a vantagem de poder não só communicar-se com o Forte de cima para os casos de reforço e de munições, como tambem, em caso de retirada, para ter apoio e o abrigo do Forte.

Demais; pela linha de communicação póde, neste caso extremo, dominar o reducto abandonado e bater o flanco a rua principal que, desde o porto, flanqueando a collina, vaiterminar no centro da Cidade.

O Forte não tem, ao menos por ora, importancia alguma militar: faltão artilheiros, faltão ballas razas, falta o mixto para o recheio das bombas ou ballas ôcas que são as que ha no Forte.

O ponto em branco das de calibre 80 fica áquem da distancia que mede a largura do rio e tanto basta para se conhecer a pouca efficacia, e o mal insignificante que os canhões do Forte podem produzir, como se vio em 1862.

Eu accrescentarei que ao Forte faltão tambem Officiaes habeis e destros no manejo de artilharia e proprios para o serviço importante de uma praça de guerra.

Assim, he licito dizer que o Forte de Obidos, aliás já tão pouco considerado que um dos nossos melhores Ministros da Guerra nem sabia em que ponto do Brazil se achava, he um titere de guerra que faz medo as crianças, apraz aos Officiaes bisonhos da Guarda Nacional e faz rir aos militares experimentados.

O Capitão de Engenheiros, Sr. Aguiar Lima, apresentou, segundo consta-me, ao Governo Imperial um plano ou systema de fortificação para Obidos que até hoje não foi aceito, nem rejeitado.

Bem que este Engenheiro por seus talentos, habilitações e zelo goze de mui merecido conceito, e seu plano seja talvez o mais digno de ser posto em execução, o Governo que aliás tem o habito de deixar tudo para a ultima hora, desta vez provavelmente procedeu bem não resolvendo cousa alguma, porque, segundo consta, o proprio Engenheiro assevera que para evitar-se a passagem de navios blindados no estreito de Obidos, toda a fortificação he insufficiente.

A passagem do *Alagôas* por Humaitá he um facto que por si só justifica a asserção daquelle Engenheiro.

LIMITES

Entre as Provincias do Pará e Amazonas: — conveniencia da creação de uma nova Provincia.

O erro geographico que até hoje tem prevalecido ácerca do curso inferior e da fóz do Jamundá, induzio o Governo Colonial a designar em 1757, embora particularmente, aquelle rio como limite entre a antiga Capitania do Pará, e a nova que então se havia creado com o nome de *S. José do Rio Negro*.

Quando em 1850 se creou a actual Provincia do Amazonas, foi declarado que os seus limites com a do Pará serião os mesmos daquella antiga Capitania, que, por um descuido inqualificavel, ou por empenhos do Pará, ficára em 1824 reduzida illegalmente a simples Comarca.

Esses limites forão assim designados por se ter gratuitamente supposto que o Jamundá corria de N. a S. entrando com este rumo no Amazonas, tal como ainda se vê figurado no recente Mappa official da Commissão Brazileira de limites com o Perú.

Eu creio ter já dito quanto he bastante para deixar ver esse erro que tem sua origem menos, talvez, na geographia systematica do que na falta de observação dos factos, quero dizer, na falta de estudo do regimen do Amazonas.

Entretanto o facto só (e he este aliás o mais importante) de não seguir o Jamundá o rumo de N a S, mas sim quasi o de SO a NE no seu curso inferior até perder-se no Trombetas, traz uma alteração notavel ao limite das duas Provincias, e com isso affecta ao interesse de ambas.

A Provincia do Amazonas hoje não exerce, he verdade, jurisdicção alguma sobre o seu territorio actual fronteiro á Villa de Fáro.

Os moradores da margem direita do Jamundá ou ignorão que pertencem á Provincia do Amazonas, como he mais provavel, ou são bastante condescendentes para pagarem impostos ao Pará e á Camara de Fáro, quando aliás a bom direito podião eximir-se desse onus.

Mas se até hoje assim tem sido, a Provincia do Amazonas póde em qualquer dia usar dos seus direitos mandando Collectores arrecadar impostos de todos os moradores da margem direita daquelle rio, caso em que elles, tomando á letra os limites designados, podem descer até a barra do Trombetas, arrecadando direitos dos sitios e dos cacoaes que por alli abundão.

A Camara da Villa Bella póde do mesmo modo incommodar a de Fáro, e he facil comprehender-se que desde então terão começado conflictos de jurisdicção entre as autoridades de uma e de outra Provincia.

Para se evitar taes conflictos que naquellas localidades remotas podem tornar-se graves pela pouca prudencia das authoridades, he indispensavel tomar-se quanto antes alguma providencia, qner designando-se provisoriamente uma nova linha de limites, quer *creando-se uma nova Provincia* entre as duas.

A disposição do terreno *offerece difficuldades* ao traço de uma linha de limites bem determinadas entre as duas Provincias.

Não ha alli na parte povoada senão uma extensa planicie quasi nivelada que inunda mais ou menos durante o inverno, planicie que o Jamundá atravessa, confundindo ás vezes de tal modo seu curso com os lagos e furos circumvisinhos, que fórma com elles um labyrintho donde se não sahe sem o auxilio de um Pratico.

Nestas circumstancias parece que a melhor providencia a tomar-se seria a *creação de uma nova Provincia*,—não como a indica um projecto apresentado á Camara temporaria em 1853 (1), porque era baseado sobre uma idéa exclusivamente politica que acha-se hoje profundamente alterada, e quasi desappareceu em presença da attitude das Potencias Americanas (2);— mas sim uma Provincia que tendo Santarem por Capital (3), se compuzesse da Comarca deste nome e das de Obidos e Parintins.

Emquanto, porém, o tempo não vem sanccionar esta opinião, e os poderes do Estado não estudão o assumpto, me parece que só se poderá remediar o caso traçando-se provisoriamente o limite seguinte:

Uma linha recta partirá da fóz do Paranámirim das Ciganas ao lago Adauacá, e deste (que pertencerá todo á Provincia do Amazonas) até a ponta meridional da pequena serra fronteira á Villa de Fáro, seguindo d'aqui para cima pelo primeiro destes dous rios, pertencendo ambas as suas margens aquella Provincia, assim como ambas as margens do Amazonas, de um lado, até a serra Parintins, e, de outro, até a Ponta do Jacaré, fronteiro á Ponta S. da ilha mais meridional das do Caldeirão.

Este limite terá a vantagem de evitar qualquer conflicto, porque he impossivel havê-lo nos desertos, da barra do Pratucú para cima, onde não ha habitantes e no Lago Adauacá, cujos pescadores e moradores, assim como os das duas margens do Amazonas na secção referida, ficarião pertencendo a uma unica Provincia.

---

(1) He o Projecto que se lê á pag. IX.

(2) As rasões politicas que então actuavão ainda hoje actuão; a que accrescem as commerciaes de summa importancia.

O author parece referir-se ás pretenções dos Americanos do Norte, em 1853, sobre o Amazonas, e que julga dissipadas, e nós um pouco amortecidas; as quaes de novo se levantarão se não nos occuparmos seriamente aquelle territorio.

O *Jornal do Commercio* n. 311 —de 18 de Novembro daquelle anno, no art. *Miscellanea* publica o seguinte curioso topico de que o Imperio tirará proveito, se o tiver muito em lembrança:

«*Patriotismo Americano* Um novo *Tratado de Geographia* assim s'exprime á respeito dos Estados-Unidos:

«Os Estados-Unidos são limitados á Leste pelo Sól no Oriente, á Oeste pelo Sól no Poente, ao Norte pelas expedições articas, e ao Sul pelo que nos convier.»

Attenda-se para as acquisições que estão fazendo da America Russa, ilha de S. Thomaz, e Republica Dominicana, etc.

(3) Todas as Provincias que se crearem no fundo do Amazonas são populares em Belém, menos se se fundar outro emporio commercial na fóz do Amazonas, capital de alguma Provincia.

11 S2

POPULAÇÃO.

Bem que a Estatistica Civil não tenha ainda sido n'esta Provincia um assumpto de legislação, e que só [illegible] 1867 a Assembléa Provincial d'ella tratasse, isso mesmo accidentalmente, de modo tão imperfeito que a sua deliberação tornou-se inexequivel, creio poder dar aproximadamente ás duas Comarcas occidentaes uma população de 38.000 habitantes, distribuidos pelos seguintes Municipios :

Faro	4,000
Obidos.	10,000
Alemquér	4,000
Villa-Franca	3,000
Itaituba	3,000
Santarem	9,000
Monte-Alegre.	5,000

A esta somma [illegible] que *não entra o elemento indigena*, pode [illegible] ajuntar a dos Mundurucús, povo tão numeroso que o Sr. Maugin Desencourt calculou poder pôr em armas 18 a 20 mil guerreiros, e que por sua industria e trafico de drogas aproximão-se mais da população civilisada do que das outras tribus indigenas.

Pessôas de instrucção vulgar ou de conhecimentos superficiaes, subindo ou descendo o Amazonas, e não vendo senão o que seus olhos pouco experimentados lhes mostrão nas margens, apressão-se a proclamar que o interior da Provincia he um deserto.

Como, por outro lado, não obstante a exageração, prejudicial com que se falla do Amazonas, as margens d'este rio são relativamente estereis e pouco proprias para habitações, se os inexpertos viajantes as deixassem por um momento e penetrassem pelos affluentes e igarapés, reconheceriâo logo, em presença de numerosas habitações e pequenos sitios, o erro do seu juizo.

He com effeito nessas localidades do interior que a população se condensa, porque he ahi tambem que ella encontra terras ferteis para cultura, livres de inundações e sobretudo, um mais seguro refugio contra o abuso das autoridades inferiores.

Trinta e oito mil habitantes he, sem duvida uma população diminuta em proporção do territorio ; mas não se deve esquecer que entre as causas que retardão o seu desenvolvimento he força contar em primeiro lugar, *os habitos anti-hygienicos do povo*, e em segundo lugar *as condições desfavoraveis do solo e do clima*.

Se não fôra o empenho natural com que todos procurão o bem geral do paiz, seria [illegible] vez uma fortuna para o homem sensivel a [illegible]encia quasi absoluta, na Provincia, de uma Estatistica dos nascimentos e obitos ; pois que esta, segundo as probabilidades, fóra das cidades e villas, apresentar-lhe-ia resultados, *não lastimosos, mas profundamente desagradaveis* (1).

Deixando, porém, estas considerações, que pódem mais facilmente ser criticadas do que combatidas, faço os mais ardentes votos para que com urgencia se cuide de crear na Provincia uma Estatistica da população, não só por que he o seu conhecimento um elemento indispensavel á administração publica, mas ainda para que, se effectivamente houver excesso de mortalidade sobre os nascimentos, se possa estudar as causas do mal e applicar-se-lhe os remedios que as circumstancias exigirem.

Em todo o caso, não he licito que a Provincia, sobre este assumpto de um interesse peculiar ao seu progresso, e altamente humanitario, permaneça como o cego que he tão indifferente ao horror das trevas, como ao esplendor da luz e á belleza das côres.

Venha pois, quanto antes uma Estatistica geral, se fôr possivel, da Provincia ; pois que he pelos elementos da Estatistica combinados com os da Geographia que o mundo real póde regular seus interesses e os governos conhecer a força, segurar a marcha e promover os progressos da sociedade.

Planicie littoral. — Da extremidade meridional dos montes que acompanhão o curso do Jamundá, começa —ou, antes, continua para ENE uma planicie geralmente nivelada,— *velho leito do Amazonas*, que este rio ora acompanha quando se encosta a terras altas, como em Obidos, ora atravessa, como nas secções entre o Lago Grande e Alemquér, e entre Monte-Alegre e Prainha.

Ella tem, como um pequeno mar mediterraneo, seus golfos e enseadas: o golfo principal he formado pelo littoral do baixo Trombetas, sendo a sua entrada limitada e, por assim dizer, guarnecida a O pela serra dos Cunurys á beira do lago Sapucuá, e á E pela do Curumú, cujas collinas, abaixando-se gradualmente, vem terminar junto á barra daquelle rio.

Tem tambem o seu estreito, determinado pela fóz do Tapajós para onde descem collinas da serra Irurá, e pelas barreiras do Tapará, dominadas em sua extremidade Norte pelo serro Curyquára, nas quaes começão as terras altas e campos que sobem até Monte-Alegre.

A partir deste estreito, de cerca de [illegible] milhas de largura e em grande parte occupado pelas ramificações do Amazonas, a planicie formando ainda uma enseada que termina entre Monte-Alegre e a juncção do Una com o Curuá, onde os montes deste ultimo nome desapparecem, dilata-se consi-

---

(1) Estes resultados são que [illegible] mortalidade naquellas regiões se não he superior, he igual aos nascimentos.

deravelmente para E e ESE alcançando deste lado as cachoeiras do rio Xingú que a limita por sua margem direita até Villarinho do Monte.

Daqui até o Oceano, retalhada por innumeraveis defluentes e braços do Amazonas e do Tocantins, não he senão um vasto e duplo estuario, apparecendo n'um ou n'outro ponto pequenas eminencias de terreno, como em Gurupá, Portel e Belem,—ou raras collinas, como perto do lago Marajohy (*Laguna*), onde se acha um pequeno outeiro abundante de pedras que os moradores aproveitão para amollar as suas ferramentas.

Paranámirins.—O Amazonas, bem que seja um rio quasi horizontal, adquire, com o enorme volume d'aguas accumuladas em seu leito, tanta celeridade que obriga todos os affluentes a se inclinarem na direcção que elle toma; nem mesmo os recebe sem lhes enviar primeiro um contingente seu, um braço, especie de emissarios, que lhes vão annunciar a sua approximação.

Estes emissarios são os *Paranámirins* (pequenos rios ou, mais propriamente, *filhos* do grande rio),—verdadeiros defluentes do Amazonas a que, depois de retalharem de diversos modos o littoral, restituem-se conduzindo as correntes tributarias que elles encontrão.

Esta anastomoses do Amazonas, produzida pela dispersão de suas aguas, mórmente nas proximidades dos affluentes, tem mais de uma vez dado origem a incorrecções nos mappas deste paiz.

He assim que o Jupurá tem sido representado como lançando-se no Amazonas por 8 bocas,— erro que o erudito Ouvidor Ribeiro de Sampaio demonstrou cabalmente ha 90 annos em seu *Diario de Viagem*.

He assim tambem que no excellente mappa de Tabatinga ao Oceano, organizado em 1863 pela Commissão brazileira de Limites com o Perú, vê-se ainda a boca do lago Saracá e a fóz do Jamundá transportadas, esta, da margem do Trombetas, e aquella, de 4 legoas do interior, para a margem do Amazonas que aliás, em vez de receber directamente essas aguas tributarias, expede dos pontos em que taes bocas vem figuradas, contingentes seus que as vão receber muito longe, no interior.

Os *Paranámirins* fazem, como se terá comprehendido, um importante papel na hydrographia do Amazonas; não será pois sem interesse uma noticia dos que existem nas duas Comarcas occidentaes do Pará para torna-los menos desconhecidos.

O *Cabury* he o primeiro destes defluentes da margem esquerda: deixa o Amazonas cêrca de 12 milhas acima de Villa Bella, vai a NE communica-se com o lago Adauacá e surge com 40 metros de largura na margem meridional do Jamundá, justamente no lugar em que este rio, deixando o lago de Faro, estreita-se, e entra na planicie.

O segundo he o do *Caldeirão* (80 metros de largura); desprende-se da mesma margem defronte da ponta-norte das ilhas do seu nome, vai ao N, bifurca-se, indo o braço direito ao Amazonas com o nome de *Bom Jardim*, emquanto o outro dobra para o S faz uma ligeira flexão para O e affluë no Jamundá, com o qual vai lançar-se no Trombetas.

Mais abaixo, defronte das Ilhas de Santa Rita, parte o *Caxuiry* que igualmente vai perder-se no Trombetas, com 60m de largura.

As suas margens estão cobertas de cacoaes cultivados.

Desse lado até Obidos não ha mais *Paranámirins*; mas na outra margem ha os seguintes:

O do *Juruty* com cêrca de 200 metros de largura ao principio; deixa a margem defronte das ilhas do Caldeirão, bifurca-se logo adiante indo o braço maior perder-se no Amazonas, e seguindo o menor a ESE até a boca do igarapé Juruty que vem do S. Daqui, com o nome de *Balaio* (1), volta de repente para N, depois a ENE, passa encostado a serra Juruty, e variando de 40 a 70m de largura, vai terminar quasi defronte da Ponta S das Ilhas de Maracáuassú.

O *Carapanin* com 70m de largura está abaixo da entrada do Furo Curumucury; segue a ENE e termina pouco abaixo do Furo Muiratuba *Grande*.

He em sua margem oriental que está o Furo *Irateua* ou *Iratuba*, que vai ter ás campinas do Lago Grande.

O terceiro e o ultimo he o chamado *Paranámirim de cima*, por ficar acima de Obidos 300m de largura.

Parte defronte da boca do Furo Muira-

---

(1) Sobre o Paranámirim do *Balaio* eis o que em outro lugar, diz o autor:

« Deixando a direita o rio de Juruty que retrocedia com grande força, segui pelo Paranámirim do *Balaio* que he pouco mais largo do que aquelle, tendo apenas 40 metros de largura ao principio, mas variando depois entre 70 e 100 metros.

« A sua velocidade he ao principio moderada a ponto de deixar crescer tranquillamente, junto a margem a soberba *Victoria-Regia*, tão conhecida e admirada por suas gigantescas folhas, em fórma de fôrno de farinha, que por isso tem o nome de *Uapéuassú* entre os Indigenas, e mais admirada ainda pelo explendor de suas magnificas flôres onde bellissimas côres se combinão de um modo o mais aprazivel.

«O Paranámirim, correndo parallelo á margem direita do Amazonas, passa successivamente por duas serras pouco elevadas, a do Juruty e a de Maracá-uassú, distante uma da outra 10 a 12 milhas.

« A corrente termina no Amazonas já perto e quasi defronte da parte meridional das ilhas de Maracá-uassú.

« Defronte deste grupo de Ilhas está situada a nova freguezia para onde foi transferida a séde da de Juruty. »

53

tuba Grande a NE, e antes de encorporar-se outra vez ao Amazonas, deixa a E. defronte da ilha Palmatoria, o Furo Muiratuba-mirim que como o Irateua e o antecedente, vai ás campinas do Lago.

Os defluentes que ficão a E de Obidos, são: o *de baixo*, o de Alemquér, o de Ituquy com o Maicá e o de Monte-Alegre.

O *de baixo* cujas margens são enriquecidas de numerosos cacoaes cultivados, he formado pela interposição da Ilha Grande ou dos *Printes* e pela da Capella ou do Meio, seguindo a costa Norte até defronte da ilha Arapiry, onde reune-se ao ramo Norte do Amazonas.

O *de Alemquér*, já descripto, desprende-se do ramo Norte do Amazonas, defronte da ilha Arapiry, recebe logo á esquerda, o rio Curuá, vai passar junto a Alemquér, volta a SE e reencorpora-se com o Amazonas defronte da ilha das Barreiras.

O do *Ituquy* começa abaixo da barra do Tapajós e do Furo Maicá que elle recebe, e com o qual pouco depois torna a entrar no Amazonas.

O *de Monte-Alegre* he um pequeno defluente que defronte da Ilha do Frechal segue a NNE e se reune logo adiante ao rio Curupátuba, cujo curso já foi descripto.

O Amazonas e seu pequeno estuario. —Devêra dar uma idéa da passagem deste rio pelas duas Comarcas; mas, além de que he elle mui sufficientemente conhecido, o mappa a que já tenho alludido he bastante para dispensar-me desta tarefa.

Basta sómente dizer algumas palavras como rectificação ou complemento desse mappa.

Approximando-se da barra do Trombetas, o Amazonas, já muito largo, dilata-se ainda até cêrca de 3 milhas ao passar por essa barra.

Encontrando ahi as altas terras do N, inclina-se para E e SE; começa gradualmente a contrahir as suas margens de tal modo que, descrevendo uma longa curva, da extincta Colonia militar até a ponta do Fórte de Obidos, não tem já entre este ponto e a margem fronteira senão 1.892 metros de largura.

Sahindo desta garganta em que as suas aguas passão com tal velocidade que produzem um continuo murmurio, o rio toma grande expansão, segue a SE, passa por entre Ilhas, acompanhando o grande ramo á costa meridional até a ilha Mari-marituba, onde se abre um pequeno estuario com a trifurcação do rio que ahi se opera.

Collocados em frente á ponta occidental da Ilha que acabei de nomear, vemos o rio seguir por trez ramos diversos: o meridional que contorna a Ilha passando pelas bocas do Lago Grande e Barreiras de Ecuipiranga e Paricatuba; o central ou o tronco que vai a E entre esta Ilha e a do Arapiry; e emfim o septentrional que, dirigindo-se a NE divide e contorna esta ultima, recebendo á esquerda o Paranámirim *debaixo*, e expedindo do mesmo lado o de Alemquér e aquelle que sepára ao N a ilha Juruparypucú.

Uma linha recta em rumo N tirada da Ponta da Barreira Paricatuba a ponta oriental da ilha Arapiry, marca a juncção dos trez ramos.

Mas o meridional separa-se de novo, seguindo a SE e acompanhando de um lado a grande ilha Aritapéra, e de outro a costa até a fóz do Tapajós que elle recebe.

O central encorporado com o septentrional segue a E tendo sempre, até encontrar o meridional, a ilha Aritapéra á direita; deixa á esquerda a de Juruparypucú, divide-se em dous braços para dar lugar a extensa ilha das Barreiras, em cuja extremidade oriental, tendo já recebido o Paranámirim de Alemquér, e encontrando em frente as Barreiras do Tapará, volta-se para o Sul, e logo adiante divide-se de novo em dous ramos; o da esquerda com o nome de Tapará, e o da direita com o de Urubuquacá.

Este ultimo que he muito mais consideravel inclina-se a SSO e depois, curvando-se para E, reune-se por uma soberba e larga barra com o ramo meridional, que já ali chegou com as aguas do Tapajós.

A E e logo adiante entra o ramo Tapará com semelhante, mas menor curva para E.

Entre os dous ramos fica a ilha do *Palhão*.

DIFFERENTES NOTAS ADDICIONAES ACERCA DO TERRITORIO DA NOVA PROVINCIA.

CABOS.

Existem dous: o do *Norte* e o *Raso*.
Excluimos o de *Orange* no territorio disputado pela França.

ILHAS.

Existem muitas. As mais notaveis são as seguintes:

Maracá, *Bailique* no archipelago do *Curuá*, *Caviana*, *Mixiana* e *Flores* na fóz do Amazonas. Notamos no rio á de *Gurupá*, por ser a mais extensa, e assignalada na historia do territorio.

Entre a margem esquerda do Amazonas e as ilhas do *Curuá*, e fóz do Araguary, he que se nota o celebre phenomeno da *Pororóca* ou *Macaréo*, tambem observado na fóz do rio Mearim, da Provincia do Maranhão, talvez com mais força pela estreiteza do canal; no rio Sena, em França, e no golpho de Cambaia, na India.

LAGOS.

Conta este territorio muitos, e alguns de importancia; taes são:

Os de *Nhamundá* ou de Faro, o de *Alemquér*, de *Monte-Alegre*, de *Urubúquara*, de *Tocré*, de *El-Rey* e do *Amapá*.

RIOS.

O rio mais caudaloso deste territorio, excluindo o Amazonas que o divide do do Grão-Pará, he incontestavelmente o *Trombêtas*, o antigo *Oriximina*.

Mas, além deste, pode-se apontar o *Nhamundá* ou *Jamundá* que o divide da Provincia do Amazonas, o *Maycurú*, *Curupatuba*, *Urubuquára*, *Uacarapy*, o *Parú*, o *Tocré*, o *Jary*, *Arauanápucú*, o *Araguary*, além do *Oyapock* no limite com a Guayana Franceza.

Estes rios offerecem facilidades para a navegação á vapor de 30 á 60 leguas, entre as cachoeiras e sua fóz, se he exacto o que declara o Relatorio da Presidencia de 1862.

MONTES.

Além da serra *Tumucuraque* que serve de divisa do lado do Norte, e cuja existencia parece problematica, podemos apontar as do *Parú*, os *Cunurys*, *Uaracy-tapéra*, *Curumú*, do *Tauájary*, do *Paytuna*, do e *Ereré*, outras de Monte-Alegre. Em geral o paiz conhecido he pouco montanhoso.

PRODUCÇÕES.

De todo o territorio da Provincia do Grão Pará, exceptuada a ilha de *Joanes* ou *Marajó*, he este o que produz mais gados, assim como a *gomma elastica* e o *cacáo*, isto he, os productos da industria extractiva que constituem a riqueza e força da exportação de Belém.

A estes productos accrescente-se as madeiras de variegadas especies que tem as suas matas, ainda intactas, pode-se dizer, e as que se poderião *pescar* no Amazonas, vindas do Madeira, e outros rios.

Outr'ora a Fazenda Nacional tinha em Monte-Alegre cinco fabricas de serrar madeiras, assim colhidas, que se finarão sob a indolente administração do Pará.

«As florestas do *Trombêtas*, diz Penna na *Região occidental da Provincia do Pará*, encerrão madeiras sufficientes para a maior esquadra que o Brazil possa ter nestes 80 ou 100 annos, mesmo quando sejão o ferro e o aço rejeitados e substituidos por madeira, nas construcções navaes. O mesmo succede quanto ás matas dos rios Jamundá, Jary, Parú, e outros muitos.»

São estes os productos de mais vulto; os de menor são os seguintes:

Peixe salgado (Pirarucú), *Castanhas*, *Cumarú*, *Salsa*, *Oleo de Cupahyba*, *Breu*, *Café*, *Tabaco*, *Baunilha*, e os cereaes cultivados no Brazil.

COMARCAS.

Hoje este territorio conta em seu seio duas Comarcas *Macapá* e *Obidos*; além de Municipios e Parochias, sujeitas ás Comarcas de Gurupá e Santarem.

51

POVOAÇÕES.

Contem este territorio duas cidades — *Macapá* e *Obidos*; quatro villas, *Mazagão*, *Mont'Alegre*, *Alemquér e Faro*; huma Colonia Militar, a de *Pedro II*; e povoações importantes que são Parochias como *Arrayollos*, *Esposende*, *Almeirim*, *Prainha*, *S. Anna de Cajary*, e *Jary* (Missão).

Outras ha que não são; como *Bailique*, *Ereré*, *Curuá* antigamente *Arcozélo*, *Jauárary*, *Cussarú*, *Tujujú-maily*, *Arimatápurú*, etc.

GUARDA NACIONAL.

Segundo o Relatorio do Ministerio da Justiça de 1870 a força da Guarda Nacional deste territorio eleva-se á perto de 6000 praças, que distribuimos no seguinte quadro.

Quadro da Guarda Nacional.

POVOAÇÕES.	COMMANDOS SUPERIORES.	BATALHÕES.	COMPANHIAS.	PRAÇAS ACTIVAS E RESERVA.	OBSERVAÇÕES.
Macapá.....	Do mesmo nome	Artilheria n. 2.	. . . .	957	Dec. n. 996—de 14 de Julho de 1852.
Mazagão.....		Infantaria n. 41	. . . .	900	
Arrayollos.....	De Gurupá....	Infantaria n. 23	1 Companhia.	100 ?	Dec. n. 3878—de 25 de Maio de 1867.
Esposende.....			1 Companhia.	100 ?	
Almeirim.....			1 Companhia.	100 ?	
Monte Alegre .	De Santarém..	Infantaria n. 25	. . . .	598	
Alemquér.....	»	Infantaria n. 28	Secção de Companhia de Reserva.	443	Dec. n. 1039—de 14 de Agosto de 1852.
Obidos.....	»	Infantaria n. 29	Secção de Companhia da Reserva.	1505	
Faro.....	»	Sec. de batalhão	1 Companhia da Reserva.	671	
				5374	

Em 1848 a Guarda Nacional deste territorio não excedia a 1937 praças, e a do territorio que hoje constitue a Provincia do Amazonas elevava-se á 2.133.

Portanto a nova Provincia apresentando-se com uma força de 5.374 praças, leva grande vantagem á da Provincia do Amazonas na epocha da sua creação, em 1850.

ELEITORADO.

O territorio da nova Provincia conta em seu seio tres collegios eleitoraes *Macapá*, *Monte-Alegre e Obidos*, e Parochias que votão em collegios da margem direita do Amazonas como *Gurupá* e *Santarem*.

O numero dos votantes não excede de 4.167, cifra inferior ao da força da Guarda Nacional, e correspondente á 69 Eleitores, distribuidos conforme o Quadro *infra*.

Quadro do Eleitorado da nova Provincia.

PAROCHIAS.	ORAGOS.	VOTANTES.	ELEITORES.	COLLEGIOS ONDE VOTÃO.
Macapá. . . .	S. José.	1.384	11	Macapá.
Mazagão . . .	N. S. da Assumpção.	590	9	»
Cajary	Sant'Anna.			»
Arrayollos . .	N. S. do Rosario.	106	1	Gurupá.
Espozende . .	N. S. da Conceição.			»
Almeirim . .	N. S. da Conceição.	150	3	»
Prainha. . . .	N. S. da Graça.	227	4	Mont'Alegre.
Monte Alegre .	S. Francisco de Assis.	420	12	»
Alemquér. . .	Santo Antonio.	424	5	Santarém.
Obidos	Sant'Anna.	1.157	18	Obidos.
Faro.	S. João Baptista.	412	6	»
		4.867	69	

Na epocha da elevação do alto Amazonas á Provincia contava o respectivo territorio 58 Eleitores, com 2.500 votantes pouco mais ou menos; e ainda hoje pouco dista do territorio da nova Provincia, pois conta 6.075 votantes, com 120 Eleitores.

Este numero já podião dar os habitantes do territorio da nova Provincia, feita a distribuição dos votantes confórme a lei, não tendo havido augmento desde 1860, em que pela ultima vez se fixou o numero dos Eleitores

da Provincia do Pará, pelo Decreto n. 2.622 —de 22 de Agosto daquelle anno.

EXPORTAÇÃO.

A exportação do territorio da nova Provincia na importancia de 880:528$200 em 1862 deve hoje attingir á 1.000:000$000, e he muitissimo superior a da Provincia do Amazonas no seu começo em 1850, a qual então não excedia de rs. 240.000$000.

Hoje vai além de 1.200 contos de réis.

Eis em um quadro a exportação deste territorio distribuida pelos seus Municipios e Parochias no anno de 1862, afim de que melhor possa ser apreciada.

QUADRO DA EXPORTAÇÃO

do territorio da nova Provincia em determinada epocha.

PORTOS	EPOCHA	IMPORTANCIA	OBSERVAÇÕES.
Macapá.....	1862	184:449$000	Aqui não entra o que se exporta da Colonia de S. Pedro II, da povoação do Bailique, e das outras ilhas da fóz do Amazonas, que directamente vai á Belem.
Mazagão	»	67:000$000	Neste computo não se contempla o que se exporta de Santa Anna do Cajary e Missão do Jary, porque tudo vai directamente a Belem.
Cajary			
Jary.....			
Arrayollos			A exportação destes trez povoados comprehende-se no districto de Gurupá, e vai quasi sempre directamente á Belem.
Esposende			
Almeirim			
Prainha.....			
Mont'Alegre.....	1862	38:000$000	Nesta somma falta o que exporta a importante povoação da Prainha.
Alemquer.....	»	149:600$000	
Obidos.....	»	425:640$000	
Faro.....	»	15:839$200	
		880:528$200	

INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Ainda neste ponto está o territorio da nova Provincia mais adiantado que o da Provincia do Amazonas, na epocha da sua creação.

Presentemente conta o territorio da nova Provincia, abandonado e esquecido como tem sido pela administração do Pará, 391 alumnos do sexo masculino, e 92 do feminino; ao passo que a do Amazonas apenas contava em 1848 numero muito inferior áquella cifra, 135 alumnos de ambos os sexos.

Eis o quadro da Instrucção Primaria nas Parochias do territorio da nova Provincia.

Quadro da Instrucção Primaria em 1862.

PAROCHIAS	ORAGOS.	ALUMNOS.	
		SEXO MASCULINO.	SEXO FEMININO.
Macapá.	S. José.	51	12
Mazagão.	N. S. da Assumpção.		
Cajary	Santa Anna.		
Arrayollos	N. S. do Rosario.	29	
Esposende	N. S. da Conceição.		
Almeirim	Idem.	21	
Prainha.	N. S. da Graça.	51	
Monte Alegre. . .	S. Francisco de Assis.	36	20
Alemquér	Santo Antonio.	84	18
Obidos	Sant'Anna.	69	36
Faro.	S. João Baptista.	50	
		391	92

55

Pe'o que respeita á Instrucção secundaria, parece que nenhum vestigio existe ainda nas importantes cidades de Macapá e de Obidos.

O Seminario de S. Luiz Gonzaga creado em Obidos pelo Bispo D. José Affonso de Moraes Torres desapparecêo; assim como a cadeira de Grammatica Latina de Macapá, que em 1848 contava ainda 13 alumnos.

RENDA.

A renda deste territorio fracamente fiscalisada não deixa de ser importante, basta attender-se aos algarismos lançados no Quadro *infra*. Se se fizer uma conveniente arrecadação tanto a Renda publica geral como a provincial, e municipal, darão ao Estado outro proveito, que até hoje não tem tido, pela deficiente administração de uma Provincia immensa como he a do Grão-Pará.

Escusamos apontar uma Alfandega em Macapá como uma palpitante necessidade.

A renda geral da Provincia do Amazonas ainda em 1857 era de 15.653$000, isto he, sete annos depois de creada a Provincia, a deste territorio actualmente já excede, mal arrecadada como he, á 16.208$817. Contemplando a do Correio de 1.376$780, vai muito além de 17 contos, pois sem as lacunas que existem sôbe á 17.585$597.

A Provincial, contemplada a que falta no Quadro *infra*, deve alcançar a 20.000$.

A Municipal excluidas as lacunas, approxima-se de 9.000$000.

Eis o Quadro já acima notado, onde a renda do territorio se acha distribuida mais em detalhe.

Quadro da renda da nova Provincia.

COLLECTORIAS.	DEPENDENCIAS.	RENDA PROVINCIAL. ANNOS 1828	1848	1867	RENDA GERAL. 1867—68	MUNICIPAL. 1860	CORREIO. 1868—69
	Macapá	80$000	625$970	. . . .	1:745$170	1:327$170	178$090
Macapá . . .	Mazagão. . . .	80$000	338$120		406$060	293$480	42$200
	Cajary.						
	Arrayollos . . .	5$000					
Gurupá . . .	Esposende . . .	4$000			351$700	1:154$800	179$120
	Almeirim . . .	10$000					
	Outeiro	16$000					
Mont'Alegre .	Prainha	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	87$160
	Mont'Alegre . .	150$000	430$000	1.330$290	869$904	1:246$300	199$310
Alemquér . .	Alemquér . . .	80$000	578$408	3.122$468	1:401$247	964$920	
	Curuá						
Obidos		40$000	2:295$000	6.593$812	11.012$080	3:603$200	720$860
Fáro		40$000	. . . .	529$400	422$656	. . . .	. . . .
Total . .		305$000	4.267$490	11.575$970	16.208$817	8.589$870	1.376$780

Cumpre notar que a cifra relativa ao anno de 1828 envolve toda a renda geral e provincial, nessa epocha ainda não descriminada.

POPULAÇÃO.

A população deste territorio mal apreciada pelos dados que existem, se não alcança a cifra de 60.000 almas, pouco faltará, comprehendendo-se as Tribus Indigenas, e os Negros amocanbados.

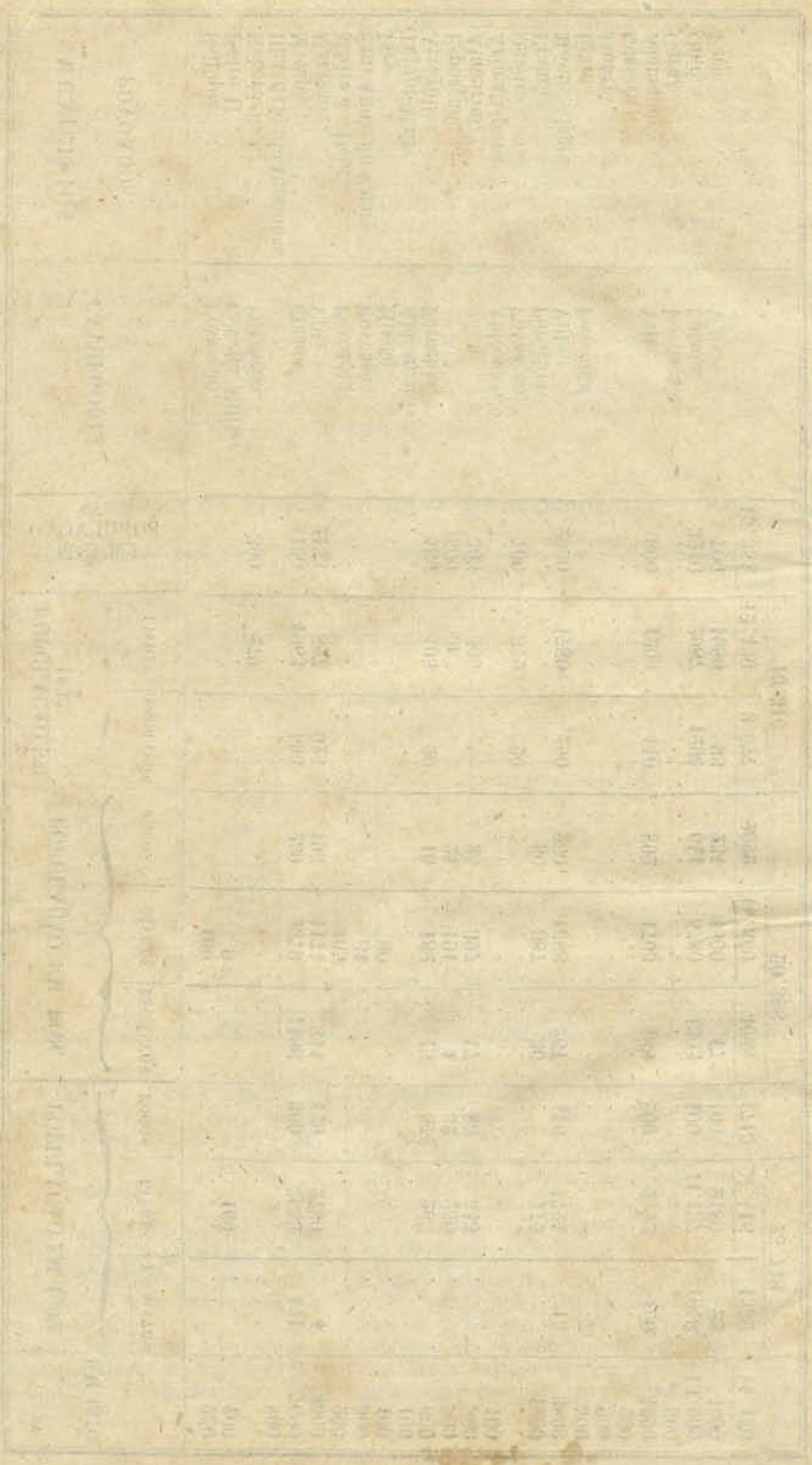
A que existe sujeita as leis excede á 40.000 almas, população superior a da Provincia do Amazonas na epocha de sua creação em 1850, pois não excedia de 22.692 almas, segundo o mappa estatistico do Relatorio da Presidencia do Pará de 1848, comprehendidos 710 escravos; ou, conforme o de 1851, 29.904 habitantes, inclusive 750 escravos; ou fazendo concessões mais largas 40.584, como opina Araujo Amazonas no seu *Diccionario Topographico*.

Eis o Quadro da população do territorio da nova Provincia, distribuindo-se por Parochias tanto a população livre, como a escrava. He imperfeito pela insufficiencia dos dados existentes, mas para o fim da these deste opusculo parece satisfazer.

População da nova Provincia, excluidos os Indigenas e escravos em Mocambos

MUNICIPIOS E POVOADOS.	CATHEGORIA.	POPULAÇÃO EM 1828.	POPULAÇÃO EM 1833.		POPULAÇÃO EM 1848.			POPULAÇÃO EM 1862.			EM 1870.
			LIVRES	ESCRAVOS	FOGOS	LIVRES	ESCRAVOS	FOGOS	LIVRES	ESCRAVOS	
Bailique	Povoação.	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	100	. . . .	. . .	. . . .	. . . .	250
Pedro II.	Colonia Militar.	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	8	. . . .	. . .	160	. . . .	200
Rebordello	Povoação.	300	279	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . .	. . . .	. . . .	. . .
Ilhas da foz do Amazonas		. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . .	. . . .	. . . .	800
Macapá	Cidade.	4100	1963	595	259	2379	1488	300	3653	141	7500
Mazagão.	Villa.	2153	827	325	195	1174	344	120	2780	4	4500
Madre de Deos.	Povoação.	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	105	. . . .	. . .	. . . .	. . . .	200
Sant'Anna do Cajary	Povoação.	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	84	. . . .	. . .	. . . .	. . . .	500
Jary	Missão.	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	80	. . . .	. . .	. . . .	. . . .	100
Tujujú-Maity.	Aldêamento.	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . .	. . . .	. . . .	100
Arrayollos	Parochia.	486	405	20	19	182	15	57	265	. . . .	600
Esposende	»	600	363	. . . .	24	191	4	32	250	. . . .	300
Almeirim.	»	305	305	. . . .	25	397	17	85	543	. . . .	800
Arimatá-purú	Aldêamento.	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . .	. . . .	. . . .	100
Outeiro	Povoação.	700	342	20	. . . .	. . . .	. . . .	. . .	. . . .	. . . .	. . .
Prainha	Parochia.	. . . .	. . . .	. . . .	50	587	36	. . .	772	. . . .	1200
Monte Alegre	Villa.	2000	1780	290	250	1688	267	416	1724	15	3800
Ereré.	Povoação.	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . .	. . . .	. . . .	500
Jauáry.	»	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . .	. . . .	. . . .	200
Cussarú	»	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . .	. . . .	. . . .	200
Alemquér	Villa.	800	1208	440	392	1763	488	200	2932	100	4500
Curuá.	Povoação.	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . . .	. . .	. . . .	. . . .	500
Obidos	Cidade.	3210	2987	1294	644	5780	1302	400	11.137	1048	13.000
Faro	Villa.	700	1980	93	234	1500	47	100	2180	24	4300
		15.354	12.439	3.077	2092	16.360	4028	1710	24.416	1332	44.150
			15.516			20.388			25.748		

N. B. Calculando os Indigenas e Negros amocanbados em 15 ou 20,000 almas, a população deste territorio póde ser avaliada em 60 ou 65.000 almas.



03-01-R08

26

5/0486

FAbi